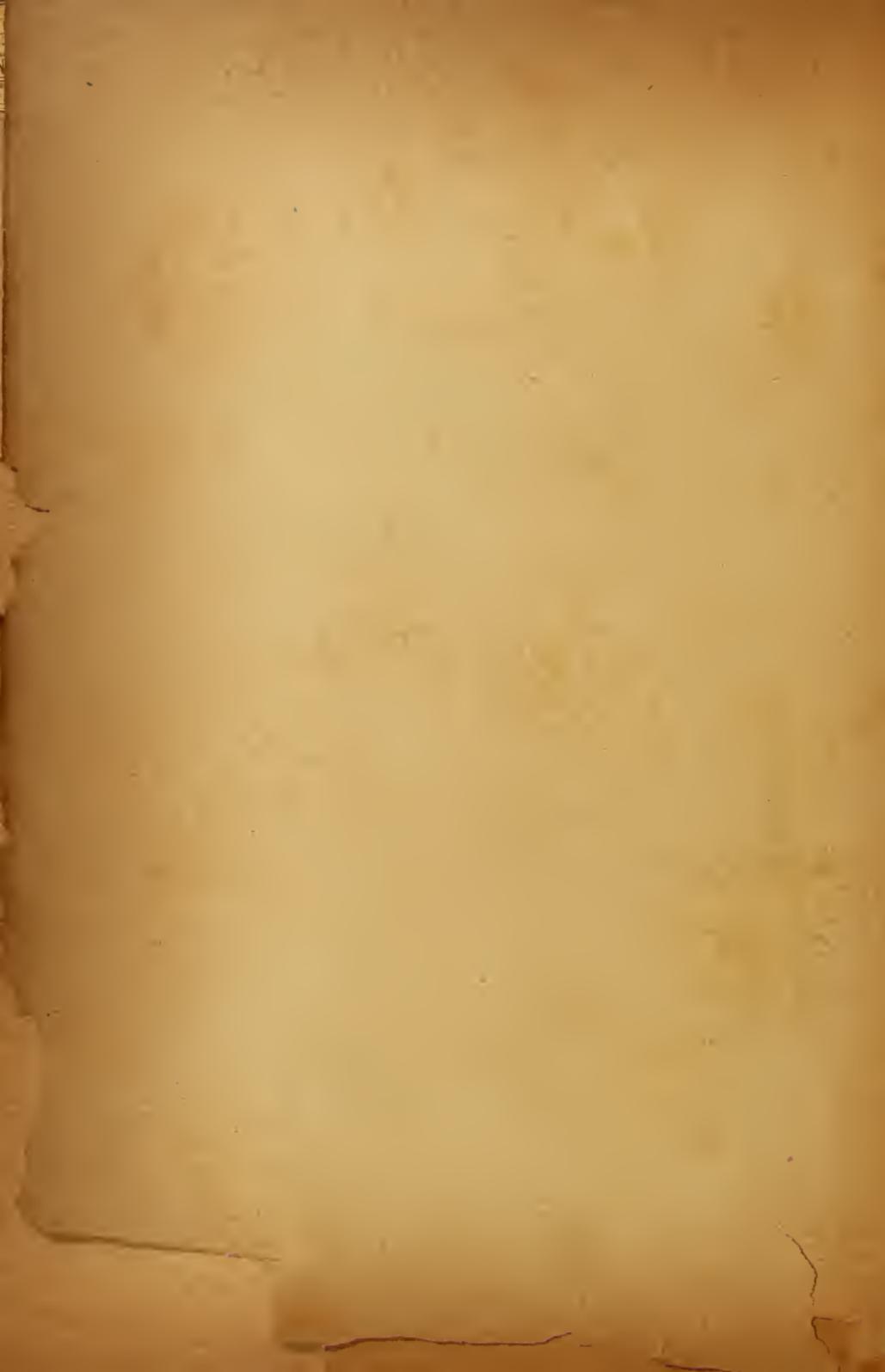


OFFICINA DE ENCADEIRACAO
DA
IMPRESA NACIONAL
RIO DE JANEIRO

28.5.21



53812
R382



ESTADO DO MARANHÃO

RELATORIO

APRESENTADO AO EXMO. SR.

Dr. Raul da Cunha Machado

2.º VICE - GOVERNADOR DO ESTADO, EM EXERCICIO

pelo secretário da fazenda

JOSÉ CARNEIRO DE FREITAS

EXERCICIO ECONOMICO - FINANCEIRO DE
JULHO DE 1917 A JUNHO DE 1918



□ □ MARANHÃO □ □

TIPOGRAVURA TEIXEIRA

1919

5660 22 11 46

Exmo. Sr. Dr. Governador

Nomeado secretario dos negocios da fazenda dêste Estado, por acto de 2 de Maio dêste anno, do honrado 1.º vice-governador então em exercicio e já fallecido, o exmo. sr. dr. J. J. Marques, de respeitosa e venerada memoria, tive a honra de merecer a confiança do eminente e preclaro exmo. sr. dr. Urbano Santos da Costa Araujo, e posteriormente a de V. Exa., sendo conservado á frente dos negocios desta secretaria

E' no desempenho dessa função que, de accôrdo com a lei, venho apresentar a V. Exa., detalhadamente, o quadro da actividade dêste departamento, no decurso do exercicio findo em 30 de Junho do corrente anno.

No curto periodo de pouco mais de seis mezes, em que, nesta dependencia administrativa, venho exercendo a minha acção dirigente, bem pequeno ainda é o resultado da tarefa que me propuz da reorganização dos mais serios serviços a cargo desta secretaria.

Multiplos teem sido os embaraços que se me teem antolhado na directriz que me tracei, ao assumir o cargo de secretario da fazenda. Não fosse completa a confiança que sempre me foi dispensada pelos dignos antecessores de V. Exa., confiança essa que me continúa a ser assegurada pelo recto e esclarecido espirito de V. Exa., ha muito que teria desistido de levar por diante as reformas dos diversos serviços que já tenho realizado e de innumerous outros que ainda é necessario emprehender.

Assumir a direcção de um departamento importante, como é a secretaria da fazenda, nos seus differentes aspectos de fiscalização, arrecadação, dispendio, contabilidade e estatistica, e permanecer nas velhas praxes encontradas, e conservadas com um fetichismo descabido, sem procurar inquirir se ellas acompanham a evolução que as idéas do tempo e do trabalho e as exigencias da clareza impõem a todos os ramos do serviço publico, é simples obra de conservação, que se não compadece com os modernos processos administrativos. O criterio a seguir do bom administrador, conscio da sua missão, é procurar innovar, para melhorar, em parte, a feição anachronica do mechanismo da nossa administração.

Reformar, apenas pelo espirito de reformar, não é meu intuito.

O que desejo e espero fazer, se continuar a dirigir os serviços da secretaría da fazenda, é reformar sempre com utilidade, de accôrdo com as necessidades do nosso progresso economico, além da presteza e simplificação que devem existir e que se devem exigir das repartições destinadas a servir o publico e principalmente as classes productoras, que são a lavoura, a industria e o commercio.

Grandes teem sido as difficuldades que se me teem deparado para aquelle desiderato, torno a dizê-lo, e maiores seriam ellas, se não contasse com o apoio do governo do Estado, robustecido pelo auxilio efficaz que tenho encontrado da parte de alguns funcionarios desta secretaría.

As reorganizações emprehendidas, por mim, no pequeno espaço de tempo em que venho dirigindo os serviços dêste departamento publico, teem consistido, especialmente, na reforma da contabilidade do Estado, que não encontrei executada de accôrdo com a lei votada, de que fui autor, quando deputado ao Congresso Legislativo; na criação de diversos livros auxiliares, para o bom andamento daquella; na organização do serviço das capatazias; na ampliação da estatística; na tomada de contas dos exactores e, finalmente, na maior fiscalização possível das despesas publicas, a qual preciza deixar de ser apparente, para se tornar verdadeira, em obediencia ao novo character, dado ao processo de contabilidade.

De todos estes serviços tratarei mais circumstanciadamente, quando entrar em pormenores sobre a sua organização, conforme a exposição dos factos administrativos a relatar.

Deixando, pois, para o momento opportuno, o relato das reformas feitas e a fazer, passarei a tratar das condições economicas e financeiras do Estado.

Antes, porém, de entrar na exposição dos diversos e importantes aspectos que offerece esse magno e inesgotavel assumpto, sinto-me no dever de dar uma pequena explicação sobre a feição que vou imprimir a este relatorio.

De ha muitos annos que é sentida a lacuna de relatorios circumstanciados sobre os negocios publicos do Estado.

Ainda hoje, representam um repertorio de informações seguras e imprescindiveis, a que não podem eximir-se de consultar todos os que se interessam pelas cousas do Maranhão de outrora, os relatorios dos então presidentes da provincia Eduardo Olimpio Machado e Antonio Candido da Cruz Machado, publicados nos annos de 1854 e 1856.

Este ultimo, particularmente, pela maneira por que está redigido e pelas informações que apresenta, sobre qualquer das fórmulas por que se queira estudar a vida agricola, commercial e

financeira do Maranhão daquelle tempo, representa um documento valioso e raro, guardado com carinho por todos quantos o possuem.

Por algum tempo, ainda que sem o mesmo brilho e minuciosidade dos acima citados, mas como que revelando o desejo de não se deixarem ficar totalmente em plano inferior, os relatorios apresentados á Assembléa, pelos presidentes da provincia, não deixavam de trazer minuciosas referencias á vida economica e financeira do Maranhão.

Do anno de 1870 para o fim do regimen monarchico, já aquelles relatos presidenciaes passaram a apresentar cada vez menos informações, sobre os principais assumptos da vida publica de um povo, que são a importação, a producção e a exportação.

Esse mal, porém, mais se aggravou depois da proclamação da Republica, cujas primeiras mensagens, apresentadas ao Congresso do Estado, que me perdoem os seus autores, não revelam o minimo interesse, limitando-se a graphar, em meia duzia de páginas burocraticas, o movimento das diversas repartições publicas, acompanhadas de resumidos relatorios dos seus chefes.

De 1914 para cá, quando o serviço administrativo do Estado foi dividido em tres secretarias, principiaram felizmente os gestores daquelles departamentos publicos a descrever minuciosamente a vida administrativa, de accôrdo com as repartições subordinadas á sua direcção.

Apezar dos ultimos relatorios dos secretarios da fazenda, entre os quaes merece menção honrosa o do exercicio passado, feito pelo meu competente e illustre antecessor dr. Alberto Corrêa Lima, apresentarem dados minuciosos sobre o movimento productivo e commercial do Estado, ainda assim julgo insufficientes os que nelles são consignados, para um perfeito esclarecimento, quanto á vida completa do nosso systema economico e financeiro.

Desejava publicar informes completos sobre o assumpto debatido. Infelizmente, a gripe que assolou esta cidade, e o meu precario estado de saude actual, impediram-me de conseguir os subsidios necessarios áquelle fim.

Procurei, entretanto, fazer o que me foi possivel, o peço desde já a V. Exa. desculpas do me não poder desempenhar á altura do cargo que exerço, não só porque para isso me falta a competencia necessaria, como tambem por motivo das causas que acabo de citar.

Exordio ás condições economicas e financeiras

Desde os memoraveis tempos em que Raimundo José de Souza Gaioso escreveu o «Compendio historico-politico dos priu-

cípios da lavoura do Maranhão», até ha breves annos, bem poucos foram aquelles que, com excepção de Cesar Marques e outros dos maiores filhos desta terra, se dedicaram a estudar as condições economicas desta fertil região brasileira.

Não só entre os homens de estudo e, quiçá, entre os mais letrados, reinou essa criminosa indiferença pelo futuro das nossas riquezas e consequente impulso do nosso desenvolvimento economico. Entre politicos e governantes, maior foi esse descaso pelas nossas energias productivas.

A' politica, mas somente á politica de posições e caprichos, votavam elles a preciosa attenção, pois que de outros meios de actividade não cuidavam, ou, se da sua existencia sabiam, maior valia lhes não davam, por mesquinhos e ignobeis, só dignos de gente pouco limpa e menos culta.

De alguns annos, porém, a esta parte, como que um resurgimento se vai operando entre a gente da terra maranhense, num reflexo, sem duvida, do exemplo assombroso que nos proporcionam outras paragens da America e os proprios estados do sul do paiz.

A' imitação do professor Ribeiro do Amaral, do operoso sr. Fran Paxeco e dos illustrados drs. Justo Jansen e Achilles Lisboa, outros vão despertando da inercia em que jaziam e já se lhe vão juntando, na campanha pela imprensa e pelo livro, em prol do nosso progresso economico.

E se, no campo da intellectualidade, o despertar já começou, não menos se vai transformando tambem o systema politico e governativo do nosso Estado.

Num contraste frisante de outras éras, em que o partidatismo estreito e ferrenho não dava guarida ao adversario, ainda que este, honesto e trabalhador, fosse um pioneiro intransigente do nosso desenvolvimento, ahí está a politica ampla e sã, dirigida pelo dr. Urbano Santos, em que os maranhenses de todos os credos se congregam para um só fim e um unico resultado: O PROGRESSO DO MARANHÃO.

Assim que a acção de S. Exa. principiou a se fazer sentir em todos os ramos da vida dêste Estado, quer como chefe da sua politica, quer como chefe do seu governo, os moldes administrativos são outros e outras são as normas por que se regem os serviços publicos.

Desde o anno de 1914, quando o eminente politico patrio nos visitou, para reformar o mechanismo administrativo do Estado, descortinou-se uma promissora fase economica aos nossos olhos.

Não é que, antes da ingestão de S. Exa. na politica maranhense, os nossos governantes tivessem sido deshonestos ou improbos, antes, pelo contrario, sempre foram honestos como melhor o podem ser os mais honrados; mas, presos pelas malhas de

um partidariſmo tacanho, em que desde o principio da Republica vinha dividido o Estado, sentiram-se coactos na sua acção administrativa.

Sem a menor previsão do futuro, e esquecidos de operar pelo desenvolvimento das nossas forças productivas, deixaram o interior do Estado entregue á sua propria iniciativa, sem instrucção e sem meios de transporte.

A lavoura, no seu estado primitivo, rotineira e atrazada, a maioria do commercio nas mãos do ignorante, vivendo do abuso do credito, como vivia o proprio Estado, os fertilissimos sertões e as nossas uberrimas várzeas no mais completo abandono da acção protectora dos governos, foi o quadro que se desenhou aos olhos do dr. Urbano Santos, ao assumir a chefia da politica maranhense.

Foi quando principiou a obra regeneradora de S. Exa., com o proveitoso quadriennio do dr. Herculano Parga, o ECONOMISADOR.

Delineados por S. Exa. os moldes da administração a seguir, principiou o dr. Herculano Parga a politica economica que conhecemos. Não lhe foi estranha a politica da terra, como denomina Christiano Luz o interesse pelo desenvolvimento da producção agricola, e o cultivo do solo se fez em maior escala, ainda que na sua maioria rotineiramente.

E' de inteira justiça registrar, aqui, que já anteriormente se tinha iniciado nos negocios do Estado um regimen de economias. Começou com o governo do inolvidavel e honrado maranhense, que foi o dr. Benedicto Leite, para ainda mais se accentuar na curta, mas fecunda administração interina do dr. Arthur Q. Collares Moreira, que, na qualidade de 2.º vice-governador, substituiu aquelle illustre maranhense, no seu impedimento forçado, pela molestia que o victimou mais tarde.

Após aquelle periodo governamental, assumiu as redeas do Estado o brilhante e talentoso parlamentar Luiz Domingues, que, se não adoptou, no seu governo, as mesmas normas economicas, ha pouco iniciadas na administração publica, entanto não se descurou de tentar o incentivo das forças productoras do Estado, já adquirindo novos vapores para a sua navegação costeira e fluvial, já incrementando a lavoura com emprestimos hipotecarios.

E diga-se, de passagem, não só á custa de grandes economias se consegue a prosperidade de um povo. Esta é muitas vezes obtida com surtos de audacia e talento administrativo. Ahi está S Paulo como um exemplo frisante. O grande Estado não tem conseguido a sua prosperidade por meio de economias. São systemas differentes, a que o temperamento dos governantes imprime o preciso impulso. O economico dá resultados certos e positivos; mas, como sempre, é moroso e lento. O outro falha

algumas vezes, mas, em todo o caso, tem a vantagem da rapidez.

Data porém do patriótico e honesto período governamental do dr. Herculano Parga o começo do desenvolvimento economico do Maranhão. Após o governo do cel. Bricio de Araujo e o do dr. José Joaquim Marques, dignos continuadores dessa obra meritoria, assumiu o dr. Urbano Santos a direcção dos negocios publicos do Estado, como seu governador, para, em pessoa, proseguir a ingente obra de desenvolvimento economico e regeneração financeira, a que de ha muito se vinha dedicando.

Não quiz, porém, o destino que S. Exa. continuasse á testa dos nossos negocios administrativos, pois que interesses superiores da nossa patria o obrigaram a sair, para ir prestar, em cargo de superior destaque, serviços de maior valia.

Chamado a exercer o logar de ministro do interior do governo Rodrigues Alves, deixou S. Exa., depois de um mêt apenas de reconstituidôra e proficua administração, as redeas do governo do Estado, que passaram ás boas mãos do dr. Raul da Cunha Machado, o qual, pelo seu honroso passado e renome illustre, offerece aos maranhenses inteira garantia da continuação da obra iniciada pelo seu eminente antecessor.

E daqui a annos, se o esmorecimento não nos avassalar e se as lutas estereis não nos dividirem, quando o Maranhão vencer as etapas das actuaes difficuldades, para respirar mais livremente no goso das rendas que lhe conseguirão os modestos trabalhadores de hoje; quando o solo cultivado desta uberrima região produzir as colheitas abundantes e compensadoras do arduo e exaustivo esforço dêste momento de preparo e de esperanças, é possivel que os vindouros, que serão mais felizes e portanto mais justos, possam bemdizer a obra grandiosa desta época, que tem o dr. Urbano Santos á frente, como seu principal gestor e maior factor.





PRIMEIRA PARTE
SITUAÇÃO ECONOMICA



A guerra européa surpreendeu todo o Brasil desprovido e baldado de recursos, após um período de estagnação económica e um quadriennio de bem condemnáveis lutas políticas. Não fôra isso, e muito maiores teriam sido as vantagens auferidas, pelo paiz, dêsse estádio guerreiro, que avassalou todo o mundo.

Ainda assim, grande se mostrou a modificação trazida pela guerra ao commercio internacional do Brasil, intensificando as exportações do assucar e dos couros, dando azo a novas transacções com o exterior, como sejam as das carnes congeladas, do feijão, arroz, milho, banha, mamona, farinhas, tapiócas.

No Maranhão, se não fosse a crise de transportes, ultimamente aggravada, optimos teriam sido os lucros obtidos pela nossa pequena, mas variada lavoura.

Assim é que neste momento, quando os estados do extremo norte, o Pará e o Amazonas, lutam com a profunda crise de um grande decrescimo de rendas, por se haverem dedicado quasi exclusivamente á industria extractiva da borracha, nós, no Maranhão, vimo-nos ha mais de um triennio, modesta, mas galhardamente, desempenhando de todos os nossos compromissos, além de dispormos em cofre de um regular saldo em dinheiro, para enfrentar as occorrencias inesperadas.

E não se diga que, neste período de prosperidade económica, este estado encontrasse uma completa facilidade para tanto desenvolvimento.

Bem ao contrario. Depois de um trabalho exaustivo de regeneração financeira, feito á custa de grandes, immensos sacrificios, sem recursos para multiplicar as nossas forças productivas, por meio de uma cultura racional e mechanica, ainda tivemos de lutar com as cheias dos centros mais activos.

E não ficaram ahí os males que nos acommetteram, porque, após a inundação, o impaludismo dizimou e dizima ainda as populações de grande numero dos nossos nucleos ribeirinhos, impedindo dêsse modo o augmento da nossa producção, como era

de esperar das magnificas cotações, se normais houvessem corrido os tempos aos nossos pequenos lavradores.

Grande, porém, ainda assim, foi a modificação que se deu no nosso commercio exportador, com as novas exportações da tapióca do Maranhão, (conhecida tambem por tapióca do Pará), do milho, farinha, côco babassú e do crescendo havido na dos couros, arroz e algodão.

Como é natural, tem sido principal factor do nosso diminuto incremento economico a exportação dos nossos melhores productos, de que passâmos a tratar.



CAPITULO I

EXPORTAÇÃO

O Brasil, que era conhecido, no começo da sua vida, pelo paiz do assucar e do fumo, passou a ser olhado exclusivamente como um grande productor de ouro, para posteriormente pesar apenas, na balança do commercio internacional, como exportador de café e de borracha.

No auge dos lucros, que lhe proporcionavam essas duas rendosas riquezas nacionaes, descurou-se o nosso paiz de desenvolver outras fontes productivas do seu privilegiado solo e variado clima, como era dado aguardar da iniciativa dos seus governos, e da providencia dos seus apregoados estadistas.

Depois da guerra, como que despertado do sonho deslumbrante de uma riqueza a todo o instante proclamada, mas nunca convenientemente explorada, apresentando aos olhos dos demais povos esse estranho espectáculo, descripto por um dos nossos escritores, de um paiz fabulosamente rico, habitado por uma população enormemente pobre, sente-se, porventura, que um sopro de vida nova e refortalecedora percorre o paiz, do norte ao sul.

De facto, devido á alta dos preços dos productos, a nossa situação vai-se modificando para melhor. Assim é que a nossa exportação, quasi restricta a dois productos de moroso desenvolvimento e consumo, o café e a borracha, extraordinariamente tributados pelos paizes consumidores, como verdadeiras especiarias, tende a generalizar-se por um maior numero de productos.

Do ampliamto da nossa exportação, dependerá todo o nosso futuro economico, pelo que precisámos de desafogar esse factor maximo do nosso progresso dos entraves que o atrofiam, entre os quaes destacaremos, por demais asphixiantes, o das tarifas de fretes e o do sistema tributario.

O serviço das tarifas de fretes, no Maranhão, infelizmente, ainda se baseia no principio mechanic do pêsô por percurso, quando, conforme pensam diversos economistas, os fretes deviam variar com o valor das mercadorias, das quaes representam uma percentagem, e de accôrdo com as conveniencias commerciaes, e nunca variarem com a distancia a percorrer.

Quanto ao sistema tributario, se não o temos melhorado, como era de desejar, em todo o caso temo-lo conservado sem alteração para peor, visto que, ha muitos annos, os legisladores maranhenses não alteram as taxas criadas sobre os generos

exportáveis, e grande numero delles ainda se mantem livres de onus, entre os quaes alguns dos mais compensadores, como sejam o algodão, o arroz, os tecidos, e outros.

Exportação em geral

A exportação do Brasil, que se ativera a 40.622 mil libras, em 1901, e que se foi pouco a pouco elevando, até chegar, em 1912, a 74.649 mil libras, caiu, no anno seguinte de 1913, para 65.457 mil libras, diminuindo ainda mais no anno de 1914, cuja exportação attingiu, nesse anno, só a somma de 46.803 mil libras, devido ao grande abalo produzido em todo o mundo pela guerra européa.

Esse disequilibrio extraordinario, na balança commercial do Brasil, concorreu bastante para a grande crise economica que soffremos no princípio do quadriennio Venceslau, devendo ser levado a conta da depreciação e da menor exportação da borracha e do café.

Felizmente, do anno de 1915 para cá, tem-se accentuado, ainda que muito vagarosamente, o augmento da nossa exportação para o estrangeiro, de fórma que, restabelecido o serviço de transportes maritimos, devemos esperar um grande desenvolvimento do nosso commercio para o exterior, do que podemos certificar-nos pelo quadro seguinte do movimento geral da exportação brasileira, nos annos de 1901 a 1917:

ANNOS	PESO BRUTO EM 1.000 TON.	EM CONTOS DE RÉIS PAPEL	EQUIVALENTE EM LIB. 1.000
1901	1415	860.827	40.622
1902	1402	735.490	36.437
1903	1266	742.632	36.883
1904	1110	776.367	39.430
1905	1224	685.457	44.643
1906	1394	799.670	53.059
1907	1549	860.891	54.177
1908	1293	755.791	44.155
1909	1707	1.016.590	63.724
1910	1286	939.413	63.092
1911	1280	1 003.925	66.839
1912	1301	1.119.737	74.649
1913	1382	981.767	65.451
1914	1310	755.247	46.803
1915	1808	1.042.298	53.951
1916	1869	1.136.888	56.462
1917	1959	1.136.455	59.875

Fazendo um pequeno estudo retrospectivo, verificaremos,

pelo quadro a seguir, que o progresso da exportação brasileira tem sido este:

No anno de 1833.....	33.011	contos de réis, papel
» » » 1860.....	112.958	» » » »
» » » 1899.....	954.467	» » » »
» » » 1915.....	1.022.634	» » » »
» » » 1917.....	1.136.455	» » » »

Vejâmos, agora, qual foi a exportação brasileira para o estrangeiro, por valores e por procedencias, nos annos de 1916 e 1917, onde o MARANHÃO occupa o 11.º lugar:

RESUMO pelos estados, em mil réis, papel:

	1916	1917
S. Paulo.....	489 632:425\$	422.334:512\$
Capital Federal.....	196.675:704\$	267.154:973\$
Bahia.....	106.467:517\$	102.599:442\$
Pará.....	79.302:945\$	79.829:417\$
Amazonas.....	77.706:449\$	71.739:107\$
Pernambuco.....	25 565:950\$	52.333:239\$
Rio Grande do Sul.....	49 277:232\$	36.576:371\$
Paraná.....	35.969.900\$	26.210:016\$
Espirito Santo.....	22 864:122\$	19.082:543\$
Ceará.....	18.409:455\$	17.437:936\$
Maranhão (1).....	11.830:168\$	13 216:756\$
Santa Catharina.....	6.420:062\$	10.279:503\$
Mato Grosso.....	7.616:367\$	8.947:192\$
Alagoas.....	3.948:411\$	3.887:798\$
Parahiba.....	3 795:176\$	2.923:135\$
Rio Grande do Norte.....	1 305:443\$	1.902:835\$
Total.....	1.136.888:335\$	1.136.454:775\$

QUADRO da mesma exportação nos annos de 1916 e 1917, mas por tonelagem, onde o MARANHÃO se acha colocado tambem no 11.º lugar:

PROCEDENCIA	TONELAGEM		DIFFERENÇAS
	1916	1917	
Rio de Janeiro.....	720.043	788.040	Para mais
S Paulo.....	685 503	618 615	» menos
Bahia.....	83.474	127 132	» mais
Pernambuco.....	48.990	97 764	» »
Paraná.....	128.158	78.758	» menos
Rio Grande do Sul.....	62.857	54.788	» »
Pará.....	27 441	42 659	» mais
Espirito Santo.....	34.548	35 043	» »
Santa Catharina.....	16 008	30.196	» «
Amazonas.....	21 109	23.287	» »
Maranhão (2).....	14.999	25.598	» »
Ceará.....	7.890	14 793	» »
Alagoas.....	4.234	10 855	» »
Mato Grosso.....	5 311	5 530	» »
Parahiba.....	6.758	3.924	» menos
Rio Grande do Norte...	2.043	1 913	» »

Depreende-se dêste quadro que tiveram, proporcionalmente, maior augmento de exportação, de um anno para o outro, na tonelagem exportada, os estados de Alagoas em 1.º lugar, Pernambuco em 2.º, Ceará em 3.º, Santa Catharina em 4.º e o MARANHÃO em 5.º.

NOTA:—(1) Esta exportação foi feita pelos seguintes portos:

Em 1916	Em 1917	
3.580:599\$	6 080:108\$	pelo porto de S. Luiz
8.249:569\$	7.136:648\$	pela ilha do Cajueiro
<u>11 830:168\$</u>	<u>13 216:756\$</u>	

(2) Idem	idem	
Em 1916	Em 1917	
7.837 tons.	14.737 tons.	pelo porto de S. Luiz
7.162 »	10.861 »	pela ilha do Cajueiro
<u>14.999 »</u>	<u>25 598 »</u>	

Exportação do Maranhão

Principiaremos explicando que a estatistica economica do Maranhão tem, até agora, acompanhado o movimento financeiro

dos exercicios, que vão de julho de um anno a junho do outro, motivo por que, ao tratar especialmente da exportação dêste estado, o faremos por exercicio, em vez de o fazer pelo anno civil, como quando tratámos da exportação em geral.

Não só se torna isso necessario, em virtude dêste relatorio se referir ao exercicio findo em junho dêste anno, como porque precisámos de fazer o confronto da expansão dos productos exportados, no ultimo período financeiro, com os dos exercicios preteritos.

No annuario, porém, que muito breve deverá publicar a secção de estatistica, annexa á secretaria da fazenda, recentemente criada, o movimento economico do estado apurar-se-á e dividir-se-á pelos annos civis.

Ainda nos resta explicar que, na parte allusiva á exportação em geral, só fizemos menção do valor e quantidade dos productos maranhenses, exportados para o estrangeiro, porque, amparando-nos á teoria em voga, só pôde e deve ser considerada exportação, propriamente dita, aquella que se despacha para fóra do paiz, de accôrdo com o movimento do comercio internacional.

Agora, porém, que vamos tratar minuciosamente da exportação do Maranhão, fa-lo-emos sob todas as suas fórmãs e aspectos, isto é, não só quanto aos productos exportados para o estrangeiro como tambem daquelles remetidos para os outros estados da União.

Como já affirmámos anteriormente, apesar de todas as difficuldades, obices e transtornos, que se depararam nestes ultimos annos, aos nossos pequenos productores, apesar de tudo, a exportação dêste estado tem obtido um regular accrescimento, como passaremos a demonstrar.

O valor official da exportação maranhense, no exercicio findo, attingiu a optima somma de **Rs. 27.108:557\$338**, ou seja mais um terço do valor da exportação no período financeiro de 1916 a 1917, o qual, por sua vez, já vinha accrescido de quasi um terço, comparado ao anterior exercicio, conforme veremos dos quadros abaixo:

Essa exportação discrimina-se assim :

Pelo porto da capital.....	23 024:998\$005
Pelos municipios do interior.....	4.083:559\$333
Total.....	<u>27.108:557\$338</u>
Livre de impostos.....	9.468:194\$785
Onerada.....	17.640:362\$553
Total.....	<u>27.108:557\$338</u>
Para o estrangeiro.....	5 399:982\$470
Para os outros estados.....	21.708:574\$868
Total.....	<u>27.108:557\$338</u>

QUADRO comparativo do valor official da exportação, nos quatro ultimos exercicios:

EXERCICIOS	VALORES OFFICIAES
1914 a 1915.....	7.741:272\$273
1915 a 1916.....	16 253:424\$290
1916 a 1917.....	21.475:341\$977
1917 a 1918.....	27.108:557\$338

QUADRO comparativo da exportação, no mesmo periodo, pelos portos de origem, segundo os valores officiaes:

EXERCICIOS	PORTO DE S. LUIZ	PELOS MUNICIPIOS	TOTAL
1914 a 1915	6 601:174\$457	1.140:097\$816	7.741:272\$273
1915 a 1916	12.639:318\$290	3.614:105\$470	16.253:424\$290
1916 a 1917	17.435:988\$845	4.039:353\$132	21.475:341\$977
1917 a 1918	23.024:998\$005	4.083:559\$333	27.108:557\$338

QUADRO comparativo da exportação, no mesmo periodo, pelos portos de destino, segundo os valores officiaes:

EXERCICIOS	ESTRANGEIRO	Outros estados e destino ignorado	TOTAL
1914 a 1915	1 528:909\$290	6.212:362\$983	7.741:272\$273
1915 a 1916	2.077:258\$325	14 176:165\$865	16 253:424\$290
1916 a 1917	4.759:460\$280	16.715:881\$697	21.475:341\$977
1917 a 1918	5 399:982\$470	21.708:574\$868	27.108:557\$338

(NOTA)—A exportação para o estrangeiro, constante dêste quadro, é somente a feita pelo porto de S. Luiz, pois que a estatística ainda não apanha o destino da exportação feita pelos municipios do interior do estado, e uma boa parte dos productos exportados pela ilha do Cajueiro (Tutoia) pertencem ao Piauí, como se poderá verificar das publicações da Directoria de Estatística Commercial.

Diagramma do "Algodão em pluma" exportado nos quatro ultimos exercicios de 1914 a 1915 até 1917 a 1918

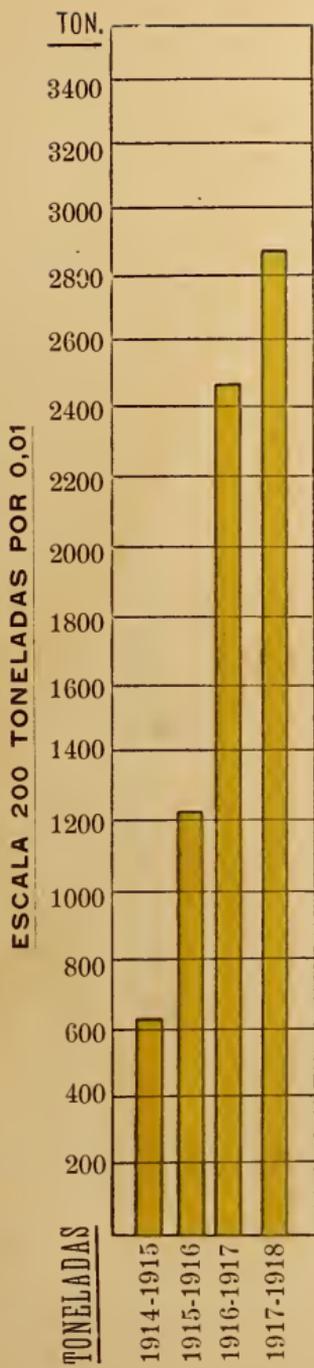
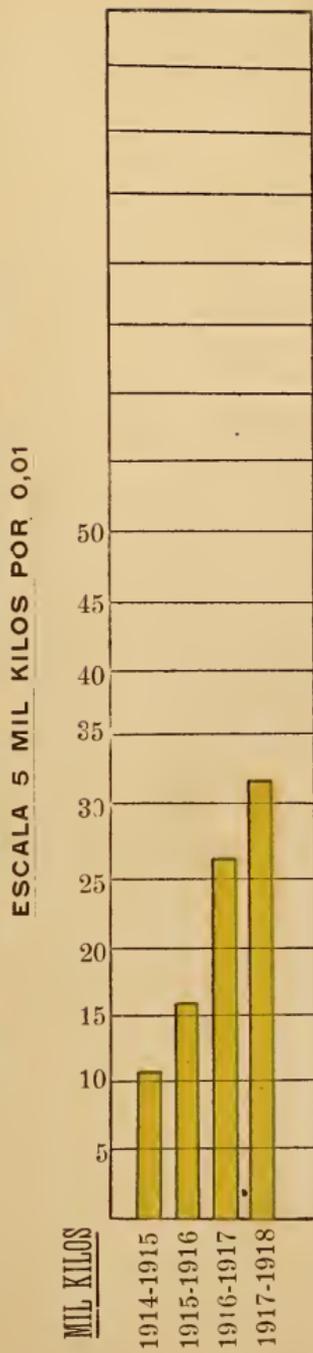


Diagramma do "Algodão hydrophilo" exportado no mesmo periodo



Secretaria da Fazenda do Estado do Maranhão.



QUADRO comparativo da exportação, no mesmo período, onerada e livre de impostos, segundo os valores officiaes:

EXERCICIOS	ONERADA	LIVRE DE IMPOSTOS	TOTAL
1914 a 1915	2.458:034\$506	5 283:237\$767	7.741:272\$273
1915 a 1916	7 609:783\$000	8.643:641\$290	16.253:424\$290
1916 a 1917	12 218:890\$812	9 256:451\$165	21.475:341\$977
1917 a 1918	17.640:362\$553	9.468:194\$705	27.108:557\$338

QUADRO comparativo do total da exportação e dos impostos sobre a mesma, no dito período dos quatro ultimos exercicios:

EXERCICIOS	IMPOSTOS	VALORES OFFICIAES
1914 a 1915	187:924\$697	7 741:272\$273
1915 a 1916	328:761\$363	16.253 424\$290
1916 a 1917	452:771\$679	21.475:341\$977
1917 a 1918	683:004\$799	27 108:557\$338

Principaes productos exportados

Os principaes productos maranhenses, exportados no exercicio passado, foram estes:

Algodão e seus derivados.....	12.680:730\$152
Arroz pilado.....	2.496:375\$988
Côco babassú.....	2.348:080\$450
Couros.....	3.281:710\$820
Cêra de carnaúba.....	244:763\$320
Farinha de mandiôca (sêcca).....	908:360\$215
Milho.....	451:329\$498
Mamona.....	155:824\$910
Tapiôca do Pará.....	1.816:275\$980

Damos, a seguir, alguns quadros comparativos, por onde se poderá fazer o confronto do aumento ou decrescimento d'esses principaes productos, exportados nos quatro ultimos exercicios:

	<u>Exercicios</u>	<u>Quantidades</u>	<u>Valor official</u>
ALGODÃO EM PLUMA	1914 a 1915	626.454 kls.	728:672\$333
	1915 a 1916	1 202.163 »	2.634:872\$630
	1916 a 1917	2.473.334 »	4.461:560\$654
	1917 a 1918	2.879.766 »	6.664:955\$284
ALGODÃO HIDRÓFILO	1914 a 1915	10 286 kls.	10:286\$000
	1915 a 1916	15 905 »	20:379\$000
	1916 a 1917	26 481 »	51:412\$000
	1917 a 1918	32 885 »	88:318\$250
ARROZ	1914 a 1915	6.418.954 kls.	1 891:976\$656
	1915 a 1916	6.978.186 »	3 116:866\$100
	1916 a 1917	6.193.970 »	2.251:562\$375
	1917 a 1918	5.736 750 »	2.496:375\$988
CÔCO BABASSÚ (amendoas)	1914 a 1915	1.774.374 kls.	429:177\$310
	1915 a 1916	2.462 894 »	690:384\$400
	1916 a 1917	2.163.052 »	853:307\$680
	1917 a 1918	5 553.718 »	2.848:080\$450
COUROS DE GADO (vaccum)	1914 a 1915	86.962 unids.	1 152:311\$600
	1915 a 1916	204.690 »	3 465:516\$180
	1916 a 1917	184.509 »	3.963:533\$700
	1917 a 1918	140.699 »	3 281:710\$820
CÊRA DE CARNAÚBA	1914 a 1915	96.576 kls.	100:278\$800
	1915 a 1916	196.645 »	198:508\$600
	1916 a 1917	102 766 »	172:659\$800
	1917 a 1918	106.386 »	244:763\$320
FARINHA DE MANDIÓCA (sêcca)	1914 a 1915	1.384 025 kls.	186.216.790
	1915 a 1916	6.335.561 »	1.188.445 100
	1916 a 1917	4.712.953 »	756.233.420
	1917 a 1918	6 375.340 »	908.360.215
MILHO	1914 a 1915	2,263.194 kls.	216:794\$690
	1915 a 1916	5 198.686 »	479:362\$325
	1916 a 1917	5 971.626 »	718:542\$874
	1917 a 1918	3.046.562 »	451:329\$498

	<u>Exercicios</u>	<u>Quantidades</u>	<u>Valor official</u>
MAMONA (carrapato)	1914 a 1915		\$
	1915 a 1916	116 298 kls.	19:137\$460
	1916 a 1917	352 789 »	83:019\$000
	1917 a 1918	340.594 »	155.824\$910
TAPIÓCA DO MARANHÃO (PARÁ)	1914 a 1915	46.574 kls.	8:715\$560
	1915 a 1916	26 676 »	7:334\$200
	1916 a 1917	415.712 »	153:652\$890
	1917 a 1918	2.201.990 »	1.816:275\$980
TECIDOS DE CA- NHAMO	1914 a 1915	225 830 kls.	351:924\$600
	1915 a 1916	74 622 »	145:958\$000
	1916 a 1917	375.111 »	1.016:651\$000
	1917 a 1918	231 578 »	826:295\$000
TECIDOS DE AL- GODÃO	1914 a 1915	5 611 310 mts.	1.920:406\$000
	1915 a 1916	7.008.953 »	2 823:784\$620
	1916 a 1917	8.565:603 »	4 200:312\$675
	1917 a 1918	8.839:014 »	5.732:297\$698

QUADRO comparativo da exportação do principal producto maranhense, o ALGODÃO, inclusive os seus derivados, como sejam—algodão em pluma, algodão hidrófilo, fio, rezíduos, caroço e tecidos:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1914 a 1915.....	2.865:857\$833
1915 a 1916.....	5 707:591\$020
1916 a 1917.....	9.660:931\$549
1917 a 1918.....	12.680:730\$152

Verifica-se dos quadros apresentados que o ALGODÃO e os seus derivados constituiram quasi a metade do valor de toda a exportação, o que bem demonstra as attenções que deve despertar este producto dos poderes publicos, como principal factor da nossa vida economica.

Veem, logo depois, os COUROS DE GADO VACCUM, que evidenciaram um grande decrescimo, em comparação com os dois derreiros exercicios.

Occupa o terceiro logar o CÔCO BABASSÚ, cuja exportação augmentou dum exercicio para o outro, em mais da metade da quantidade exportada e quasi quatro vezes mais, no valor official do producto.

Em quarto logar, vem o ARROZ, cuja saída, contra toda a espectativa, tem diminuido bastante.

Após este producto, galgou o quinto degráu da nossa exportação a TAPIÓCA DO MARANHÃO, tambem conhecida por PARÁ, que, do exercicio anterior para o ultimo dos findos, deu um salto extraordinario de seis vezes mais, na quantidade, e de doze vezes, no valor official. Esse hoje importante genero do commercio maranhense precisa de ser protegido pelos poderes publicos, com providencias que evitem as falsificações e a ganancia dos máus productores.

Em seguida, figura a FARINHA DE MANDIÓCA, que, apezar da grande falta de vapores para o seu transporte, ainda conseguiu um pequeno augmento de exportação.

Em setimo logar, está collocado o MILHO, que apresenta um regular decrescimo, se o confrontamos ao anterior exercicio, devido tambem á crise de transportes.

A MAMONA, que apparece em oitavo logar, não conseguiu o augmento de exportação que era de esperar do excellente preço por que se tem mantido nos mercados.

Sucedem-se outros productos de menor importancia, cujo augmento ou decrescimo estão elucidados nos quadros infra.

Demonstraram augmento de exportação, do exercicio anterior para o de 1917 a 1918, os seguintes productos:

Algodão em pluma....	de	406.432	kilos
» hidrófilo.....	de	6.404	kilos
Côco babassú (amendoas).....	de	3.390.666	kilos
Cêra de carnaúba.....	de	3.620	kilos
Farinha de mandioca.....	de	1.662.687	kilos
Tapióca do Maranhão.....	de	1.782.202	kilos
Tecidos.....	de	262.411	metros

Apresentaram decrescimo, por causas imprevistas e pela falta de transportes, os seguintes productos:

Arroz.....	de	457.220	kilos
Couros de gado vaccum.....	de	43.810	unidades
Milho.....	de	2.925.064	kilos
Mamona.....	de	12.195	kilos
Tecidos de canhamo.....	de	143.533	kilos

Os productos maranhenses, exportados para o estrangeiro,

tiveram estes compradores, pela ordem em que estão collocados: —Portugal, Inglaterra, Espanha, Estados Unidos e França.

Os principaes generos exportados para esses paizes, pelo porto de S. Luiz, no exercicio precitado, foram:

	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros de gado vaccum	53.965 unids.	1.897:587\$000
Algodão em pluma.....	469 561 kilos	1.165:254\$920
Côco babassú (amendoas)...	1.224 500 kilos	725:910\$200
Farinha de mandiôca.....	2 826 644 kilos	518:591\$190
Milho	2.553,450 kilos	395:785\$740
Arroz pilado.....	430.140 kilos	199:021\$200
Tapiôca do Maranhão	194.310 kilos	119:398\$700
Tapiôca de gomma.....	183.194 kilos	96:405\$650

Os nossos productos, remettidos para os outros estados, tiveram os seguintes freguezes, pela ordem em que vão collocados: Rio de Janeiro, Ceará, Pará, S. Paulo, Amazonas, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Piauí, Alagoas, Espirito-Santo e Paraná.

Esses estados, apesar de comprarem grande variedade de artigos da produção maranhense, especializam-se, porém, na compra em maior quantidade destes productos:

Rio de Janeiro.. . . .	Algodão em pluma, arroz pilado, tapiôca do Maranhão, amendoas de côco babassú, mamona, tecidos diversos.
Ceará.....	Tecidos e arroz.
Pará.....	Tecidos, arroz, carnes, banhas e assucar.
S. Paulo	Côco babassú, tecidos e tapiôca.
Amazonas.....	Arroz, tecidos, sabão e carnes.
Bahia.....	Tecidos, arroz, algodão e côco babassú.
Pernambuco.....	Tecidos, arroz, tapiôca e côco babassú.
Parahiba.....	Tecidos e arroz.
Rio Grande do Sul..	Tecidos e fios.
Rio Grande do Norte	Tecidos e arroz.
Piauí	Tecidos, sabão e fios.
Alagoas.....	Tecidos.
Espirito-Santo	Arroz.
Paraná	Algodão hídrófilo.

Para maior esclarecimento, quanto aos principaes consumidores nacionaes e estrangeiros dos nossos productos, portos de origem e destinos, valor e quantidade de todos os artigos exportados, inserimos, nas paginas immediatas, quadros bastante elucidativos, que dispensam quaesquer outros commentarios.

S. LUIZ

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Livre de impostos.....	6.501.055 kls.	
» » »	8.147.734 mts.	
» » »	980 unids.	9.468:224\$785
Onerado... ..	15.291.020 kls.	
»	54 349 unids.	13.556:773\$220
Total.....		23.024:998\$005
Para portos nacionaes.....	13.528.016 kls.	
» » »	8.147.734 mts.	
» » »	1.364 unids.	17.625:015\$535
Para portos estrangeiros.....	8.264.059 kls.	
» » »	53 965 unids.	5 399:982\$470
Total.....		23.024:998\$005

PARA O AMAZONAS

Exportação livre de imposto :

Arroz pilado.....	1.790.390 kls.	810:464\$200
Araruta	721 »	1 065\$700
Algodão hidrófilo.....	625 »	1.612\$750
Aguardente de mandiôca.....	200 »	130\$000
Azeite de andiróba.....	1.410 »	1.183\$000
Idem de côco.....	30 »	42\$000
Idem de carrapato.....	1.080 »	1:296\$000
Banha de porco.....	3.668 »	5.719\$200
Carôço de algodão.....	1 960 »	176\$400
Carne de porco.....	3.200 »	2:713\$000
Carne sêcca.....	11.943 »	18:253\$000
Cognac	552 »	1.290\$000
Siris	910 »	63\$000
Dôces.....	30 »	60\$000
Drogas.....	7.695 »	28:989\$600
Fiapos.....	200 »	240\$000
Fio do algodão.....	945 »	4:157\$500
Palha de arroz.....	500 »	9\$500
Peixe sêcco.....	180 »	140\$400
Rêdes.....	890 unids.	11:605\$000
Sabão	38.980 kls.	33:822\$000
Toucinho.....	1.640 »	1:467\$000
Tecidos de canhamo.....	4.854 »	16:989\$000
Tecidos crus.....	4.800 mts.	2.400\$000
Tecidos brancos.....	260.360 »	170.419\$260
Tecidos tintos.....	178.614 »	107 281\$140
		1.221.588\$650

Exportação onerada:

Algodão em pluma.....	73	kl.	219\$000
Arroz em casca.....	1.630	»	326\$600
Camarão sêcco.....	4.812	»	6.044\$400
Carrapato.....	590	»	236\$000
Farinha d'agua.....	90	»	27\$000
Farinha lavada.....	5.100	»	348\$000
Gergelim.....	469	»	251\$360
Milho.....	3.245	»	483\$800
Tapióca de gomma.....	5.027	»	2.873\$200
Tapióca do Pará.....	38	»	41\$800

RESUMO da exportação para o Amazonas:

Exportação livre.....	valor	1.221:588\$650
Exportação onerada.....	»	10:851\$160
		<u>1.232:439\$810</u>

PARA O PARÁ

Exportação livre de impostos:

Arroz.....	989.800	kl.	444:500\$000
Algodão hidrófilo.....	3.385	»	8:938\$000
Alabastrina (producto quimico)..			252\$000
Assucar branco.....	37.300	»	25:900\$000
Banha de porco.....	23.064	»	34:804\$400
Carôço de algodão.....	10.000	»	600\$000
Carne de porco.....	26.583	»	21:744\$900
Carne sêcca.....	74.745	»	99:542\$000
Cacáu.....	55	»	44\$000
Dôces.....	150		262\$000
Drogas.....	8.346	»	39:711\$900
Embira.....	280	»	112\$000
Fiapos.....	800	»	480\$000
Fio de algodão.....	1.586	»	6:472\$500
Impressos.....	100	»	100\$000
Peixe sêcco.....	580	»	544\$000
Rêdes.....	90	unids.	1:800\$000
Sabão.....	1.955	kl.	1:896\$500
Toucinho.....	5.680	»	4:899:500
Tecidos de canhamo.....	27.300	mts.	96:488\$500
Tecidos crús.....	182.200	»	96:180\$000
Tecidos brancos.....	390.774	»	263:566\$400
Tecidos tintos.....	664.518	»	450:176\$600
Tinta.....	2.000	kl.	2:000\$000
			<u>1.601:015\$200</u>

Exportação onerada :

Camarão sêcco.....	800 kls.	1:014\$000
Castanha de andiróba.....	118 >	42\$480
Feijão.....	5.907 >	2:528 000
Gado suino.....	100 unids.	3:500\$000
Gado vaccum.....	284 >	22:720\$000
Milho.....	2.950 kls.	442\$500
Tapióca de gomma.....	1.800 >	1:256\$000
		<u>31:502\$980</u>

RESUMO da exportação para o Pará:

Exportação livre.....	valor	1 601:015\$200
Exportação onerada.....	>	31:502\$980
		<u>1.632:518\$180</u>

PARA O PIAUHI

Exportação livre de impostos :

Algodão hidrófilo.....	100 kls.	270\$000
Cigarros.....	30 >	240\$000
Drogas.....	955 >	3:372\$000
Fio de algodão.....	2.811 >	12:096\$000
Sabão.....	12.517 >	11.405\$300
Tecidos de canhamo.....	7.764 >	27:652\$500
Tecidos crús.....	7.140 mts.	3:864\$000
Tecidos brancos.....	23.760 >	14:586\$000
Tecidos tintos.....	103 909 >	68:110:360
Vinagre.....	80 litros	16\$000
Vinho de frutas.....	50 >	35\$000
		<u>141:647\$160</u>

Exportação onerada :

Camarão sêcco.....	150 kls.	180\$000
--------------------	----------	----------

RESUMO da exportação para o Piauí :

Exportação livre.....	valor	141:647\$160
Exportação onerada.....	>	180\$000
		<u>141:827\$160</u>

PARA O CEARÁ

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado	286.600	kls.	131:588\$000
Algodão hidrófilo.....	1.095	»	2:761\$500
Banha de porco	240	»	360\$000
Carôço de algodão.....	18 000	»	1:620\$000
Carne de porco	360	»	432\$000
Carne sêcca	2.212	»	3:042\$600
Drogas	9.832	»	37:394\$930
Fiapos	7.600	»	2:040\$000
Fío de algodão.....	2.245	»	9:099\$000
Fumo em corda	480	»	1:680\$000
Impressos	30	»	60\$000
Pacopaco (fibras).....	7.300	»	4:380\$000
Peixe sêcco.....	2.342	»	2:169\$200
Sabão	15.609	»	10:763\$000
Sola	40	»	1:200\$000
Tecidos de canhamo.....	40.431	»	144:934\$000
Tecidos crus.....	70.220	mts.	40:976\$000
Tecidos brancos.....	391 655	»	267:938\$000
Tecidos tintos	2.342.874	»	1.628:537\$175
Tinta em pó.....	450	kls.	252\$000
			<u>2.291:239\$405</u>

Exportação onerada:

Camarão sêcco.....	36	kls.	57\$600
Cêra de carnaúba.....	800	»	2:400\$000
Farinha sêcca	14.750	»	2:802\$500
			<u>5:260\$100</u>

RESUMO da exportação para o Ceará:

Exportação livre	Valor	2.291:227\$405
Exportação onerada.....	»	5:260\$100
		<u>2.296:487\$505</u>

PARA O RIO GRANDE DO NORTE

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado	98.400	kl.	43:788\$000
Algodão hidrófilo.....	275	»	718\$000
Carne sêcca	4 340	»	5:896\$000
Drogas.	1 160	»	2:710\$000
Fio de algodão	775	»	2.700\$000
Tecidos de canhamo	57.168	»	130 391\$000
Tecidos crús	10.200	mts.	5:100\$000
Tecidos brancos.....	39.600	»	24:035\$000
Tecidos tintos	184.530	»	118:725\$700
Vinho de frutas	1.200	lts.	1:500\$000
			<u>335:663\$700</u>

Exportação onerada:

Arroz em casca.....	590	kl.	129\$800
Camarão sêcco.....	280	»	336\$000
			<u>465\$800</u>

RESUMO da exportação para o Rio Grande do Norte:

Exportação livre	Valor	335:663\$700
Exportação onerada	»	465\$800
		<u>336:129\$500</u>

PARA A PARAÍIBA

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado.....	139.920	kl.	65:544\$000
Algodão hidrófilo.....	50	»	125\$000
Carne sêcca.....	4.500	»	10:500\$000
Drogas.	1.150	»	3:200\$000
Tecidos de canhamo.....	107.573	»	387:270\$000
Tecidos brancos.....	27 500	mts.	18:480\$000
Tecidos tintos.....	127 382	»	90:156\$940
			<u>575:275\$940</u>

Diagramma da "Mamona" exportada nos quatro ultimos exercicios de 1914 a 1915 até 1917 a 1918

ESCALA 50 MIL KILOS POR 0,01

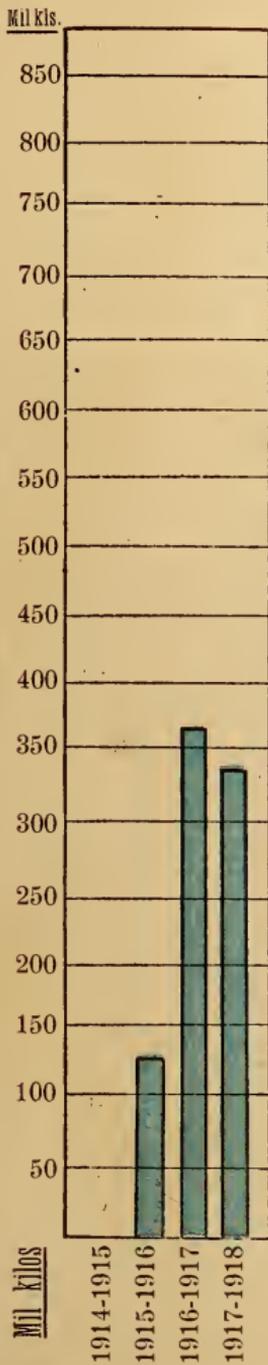
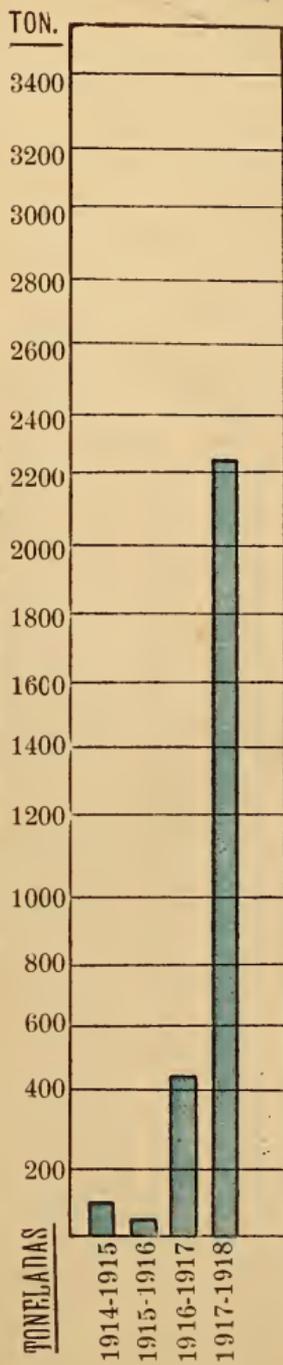


Diagramma da "Tapioca do Pará" exportada no mesmo periodo

ESCALA 200 TONELADAS POR 0,01



Secretaria da Fazenda do Estado do Maranhão.

CARNEIRO DE FREITAS—SECRETARIO

PARA PERNAMBUCO

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado.....	253.500	kl.	108:630\$000
Algodão hidrófilo.....	3.580	»	9:522\$000
Alabastrina.....			269\$000
Azeite de côco.....	800	»	800\$000
Carne de porco.....	60	»	54\$000
Drogas.....	6.915	»	17:770\$600
Fio de algodão.....	300	»	900\$000
Malva branca.....	120	»	72\$000
Tecidos brancos.....	152 700	mts.	100:585\$000
Tecidos tintos.....	879.599	»	575:938\$030
Tinta.....	500	kl.	300\$000
Tinta em pó.....	1.500	»	900\$000
			<u>815:741\$130</u>

Exportação onerada:

Arroz em casca.....	4.000	kl.	210\$000
Camarão sêcco.....	2.320	»	3.197\$000
Côco babassú.....	161.467	»	88 737\$500
Tapiôca do Pará.....	134.191	»	117.872\$000
			<u>210.016\$500</u>

RESUMO da exportação para Pernambuco :

Exportação livre.....	valor	815:741\$130
Exportação onerada.....	»	210:016\$500
		<u>1.025:757\$630</u>

PARA ALAGOAS

Exportação livre de impostos:

Algodão hidrófilo.....	615	kl.	1:674\$000
Drogas.....	500	»	1:000\$000
Fio de juta.....	3 050	»	12:200\$000
Tecidos de canhamo.....	6.448	»	22:568\$000
Tecidos tintos.....	6 230	mts.	4:046\$820
Tinta em pó.....	200	kl.	120\$000
			<u>41:608\$820</u>

Exportação onerada:

Camarão sêcco	36 kls.	43\$200
---------------------	---------	---------

RESUMO da exportação para Alagoas:

Exportação livre.....	valor	41:608\$820
Exportação onerada.....	»	43\$200
		<u>41:652\$020</u>

PARA A BAHIA

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado.....	597.150 kls.	256:971\$000
Algodão hidrófilo.....	1 245 »	3:413\$500
Drogas	1 777 »	5:503\$000
Fio de algodão.....	15.325 »	56:075\$000
Tecidos crús.....	14.250 mts.	7:494\$000
Tecidos brancos.. ..	138.807 »	85.412\$500
Tecidos tintos.	681.512 »	462:238\$080
		<u>877:107\$080</u>

Exportação onerada :

Algodão em pluma... ..	33.707 kls.	101:121\$000
Côco babassú.... ..	280 000 »	68:000:000
		<u>169:121\$000</u>

RESUMO da exportação para a Bahia:

Exportação livre.....	valor	877:107\$080
Exportação onerada.....	»	169:121\$000
		<u>1.046:228\$080</u>

PARA O ESPIRITO SANTO

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado.....	285.600 kls.	127:812\$000
Fio de algodão.....	1.080 »	4:020\$000
Tecidos brancos.....	28.000 mts.	19:000\$000
		<u>150:832\$000</u>

Exportação onerada:

Arroz em casca.....	11.800 kls.	2:124\$000
---------------------	-------------	------------

RESUMO da exportação para o Espirito Santo:

Exportação livre.....	Valor	150:832\$000
Exportação onerada.....	»	2:124\$000
		<u>152:956\$000</u>

PARA O RIO DE JANEIRO

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado.....	477.820 kls.	207:002\$400
Algodão hidrófilo.....	17.615 »	47:242\$200
Azeite de andiróba.....	1.000 »	1:200\$000
Caroço de algodão.....	163.100	10:022\$000
Cacáu.....	2.700 »	1:620\$900
Doces.....	118 »	228\$000
Drogas.....	1.893 »	7:405\$000
Embira.....	400 »	80\$000
Fiapos.....	9.200 »	2:760\$000
Fio de algodão.....	8 500 »	32:025\$000
Impressos.....	300 »	400\$000
Sabão.....	12 000 »	6:000\$000
Tecidos brancos.....	285.400 mts.	191:330\$000
Tecidos tintos.....	181 567 »	120:578\$580
		<u>627:893\$180</u>

Exportação onerada:

Algodão em pluma	1.827.722	cls.	4 548:371	\$670
Camarão sêcco.....	565	»	486	\$400
Carrapato	306.325	»	141:640	\$730
Cêra de carnaúba	5 113	»	11:703	\$600
Côco babassú.....	566.603	»	295:141	\$300
Crina animal	3.174	»	3:808	\$800
Farinha d'agua	310	»	96	\$200
Farinha sêcca	72 860	»	9:806	\$980
Farinha lavada.....	2.160	»	194	\$400
Gergelim	50 580	»	23:375	\$800
Milho	60	»	9	\$600
Pennas de ema.....	313	»	3:756	\$000
Tapióca de forno	20 650	»	12:596	\$500
Tapióca de gomma	570	»	307	\$800
Tapióca do Pará.....	1.727.320	»	1.504:413	\$580
			<u>6 545:709</u>	<u>\$360</u>

RESUMO da exportação para o Rio de Janeiro :

Exportação livre	Valor	627:893	\$180
Exportação onerada	»	<u>6 545:709</u>	<u>\$360</u>
		<u>7 173:602</u>	<u>\$540</u>

PARA S. PAULO

Exportação livre de impostos:

Algodão hidrófilo	1.050	cls.	2 890	\$000
Carôço de algodão.....	3.000	»	210	\$000
Drogas	37	»	480	\$000
Tecidos brancos.....	73 900	mts.	45:280	\$000
Tecidos tintos	305 180	»	191:596	\$700
			<u>240:456</u>	<u>\$700</u>

Exportação onerada:

Carrapato	23 550	cls.	10:717	\$500
Cêra de carnaúba.....	780	»	1:716	\$000
Côco babassú.....	2.305 240	»	1.334:079	\$600
Gergelim.....	19 370	»	10:709	\$600
Tapióca do Pará.....	58.000	»	40:600	\$400
			<u>1.397:822</u>	<u>\$700</u>

RESUMO da exportação para S. Paulo

Exportação livre.....	valor	240:456	\$700
Exportação onerada.....	»	<u>1 397:822</u>	<u>\$700</u>
		<u>1 638 279</u>	<u>\$400</u>

Diagramma da "Farinha seca de mandioca" exportada nos quatro ultimos exercicios de 1914 a 1915 até 1917 a 1918

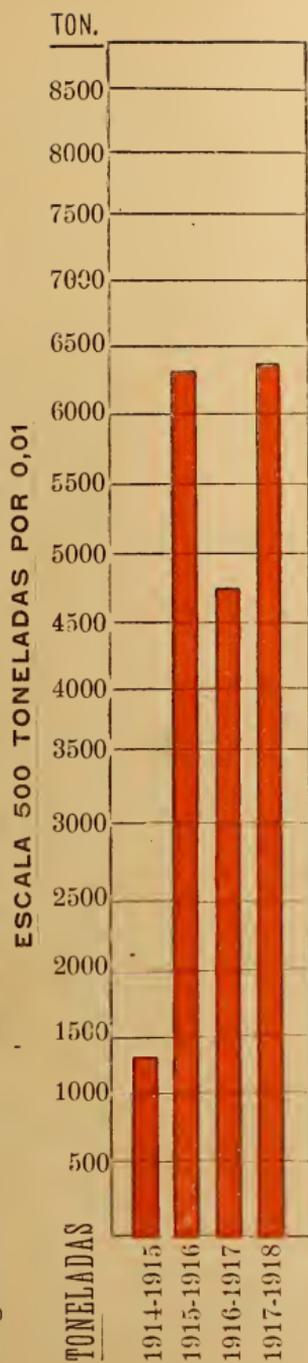
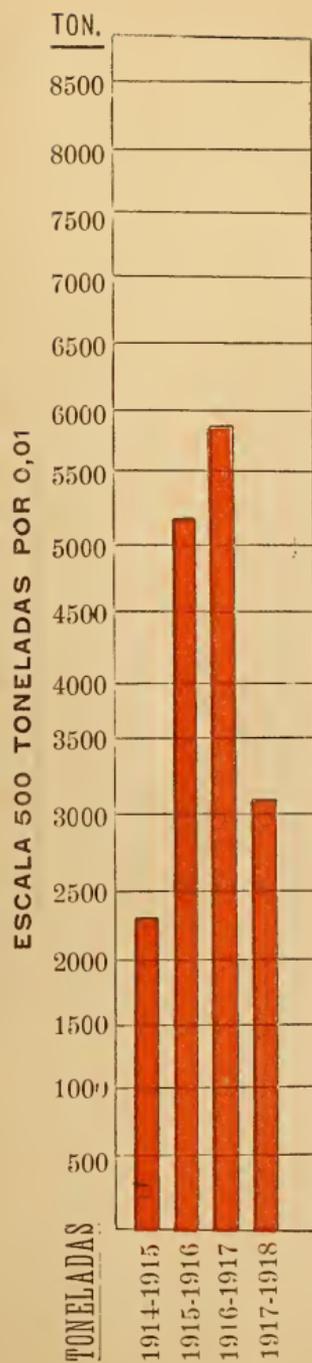


Diagramma do "Milho" exportado no mesmo periodo



Secretaria da Fazenda do Estado do Maranhão.



PARA O PARANÁ

Exportação livre de impostos:

Algodão hidrófilo.....	50 kls.	120\$000
------------------------	---------	----------

PARA O RIO GRANDE DO SUL

Exportação livre de impostos:

Algodão hidrófilo.....	3.205 kls.	8:991\$300
Drogas.....	52 »	576\$000
Fio de algodão.....	7.313 »	26:327\$000
Tecidos crus.....	4 200 mts.	2:100\$000
Tecidos brancos.....	248 610 »	175:217\$200
Tecidos tintos.....	138 723 »	96 806\$800
		<u>310:018\$300</u>

PARA OS ESTADOS UNIDOS

Exportação livre de impostos:

Azeite de andiróba.....	1.800 lts.	2:160\$000
Cacáu.....	4 980 kls.	2:934\$000
Côco babassú com casca.....	1 800 »	50\$000
		<u>5:144\$000</u>

Exportação onerada:

Cêra de carnaúba.....	3 840 kls.	8:448\$000
Couros de cabra.....	483 »	2:654\$000
Couros de veado.....	33.202 »	128:005\$500
		<u>139:108\$000</u>

RESUMO da exportação para os Estados Unidos:

Exportação livre.....	valor	5:144\$000
Exportação onerada.....	»	139:108\$000
		<u>144:252\$000</u>

PARA PORTUGAL

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado.....	311.640	kl.	149:131\$200
Aguardente de canna.....	30	»	16\$000
Assucar branco.....	360	»	252\$000
Carço de piquí.....	400	»	40\$000
Sirí.....	600	»	60\$000
Dóces.....	180	»	385\$000
Pello de corotá.....	200	»	200\$000
			<hr/>
			150:084\$400

Exportação onerada:

Algodão em pluma.....	380.198	kl.	986:140\$920
Camarão sêcco.....	130	»	156\$000
Carrapato.....	6.354	»	2:548\$680
Cêra de carnaúba.....	5.097	»	11:203\$400
Côco babassú.....	34.800	»	20:880\$000
Côco de tucum.....	1.940	»	596\$800
Couros de gado vaccum.....	46:768	unids.	1-645:692\$000
Cravo em lasca.....	120	kl.	144\$000
Farinha sêcca.....	702.076	»	110:123\$290
Milho.....	38.300	»	6:511\$000
Tapióca de forno.....	30	»	11\$400
Tapióca de gomma.....	171.691	»	90:764\$930
Tapióca do Pará.....	11:730	»	9:378\$900
			<hr/>
			2:884:151\$320

RESUMO da exportação para Portugal:

Exportação livre.....	valor	150:084\$400
Exportação onerada.....	»	2:884:151\$320
		<hr/>
		3.034:235\$720

PARA A INGLATERRA

Exportação livre de impostos:

Arroz pilado.....	118.500	kl.	49:890\$000
Assucar branco.....	12.000	»	10:800\$000
Carço de algodão.....	181.364	»	16:828\$520
Carueira de farinha.....	400	»	60\$000
Embira.....	100	»	50\$000
Malva branca.....	148	»	110\$000
Oleo de copahiba.....	74	»	296\$000
Reziduos de carço de algodão..	60.000	»	4:200\$000
Raizes.....	1.080	»	\$
Raizes de mandioca.....	2.300	»	510\$000
			<hr/>
			82:744\$520

Exportação onerada:

Algodão em pluma...	89.363	kls.	179:114\$000
Buxo de peixe.....	3 428	»	10:284\$000
Borracha de caucho.....	5.861	»	19:050:000
Borracha entrefina	613	»	1:961\$600
Borracha de mangabeira.....	2.260	»	2:730\$000
Borracha de maniçóba.....	1.725	»	2:840\$000
Borracha de sarnambí.....	500	»	750\$000
Cêra de carnaúba.....	3.861	»	8:384\$200
Côco babassú....	548.700	»	320:430\$200
Couros de gado vaccum.....	7.197	unids.	251:895\$000
Crina animal	2.662	kls.	3:194\$400
Feijão	7.600	»	2:584\$000
Farinha d'agua	43.393	»	4.344\$670
Farinha lavada.....	38.700		3:534\$000
Farinha sêca	2 060 568	»	391:187\$900
Milho	2.515.150	»	388:674\$740
Oleo de copahiba.....	7.410	»	30:260\$000
Tapióca de gomma	11 503	»	5:637\$720
Tapióca do Pará.....	150 500	»	69:662\$000
			<u>1 696:518\$430</u>

RESUMO da exportação para a Inglaterra:

Exportação livre	Valor	82:744\$520
Exportação onerada.....	»	<u>1.696:518\$430</u>
		1.779:262\$950

PARA A FRANÇA

Exportação onerada:

Farinha sêca.....	64.000	kls.	17.280\$000
Tapióca do Pará.....	32.080	»	40.351\$800
	<u>96.080</u>		<u>57:631\$800</u>

PARA A ESPANHA

Exportação onerada:

Côco babassú.....	641.000	»	384:600\$000
-------------------	---------	---	--------------

ARAIOSZES

Exportou no exercicio de 1917 a 1918.

Kls. 1.219.600
 Unids. 1.256 Valor official 416:212\$358

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama	49.618 kls.	71:324\$858
Arroz em casca	221 520 »	40:392\$000
Apáras de mandioca	11.880 »	874\$000
Algodão em carôço.....	1.275 »	510\$000
Couros gado vaccum	885 unids.	18:325\$000
Couros de cabra.....	461 kls.	1:789\$000
Couros de carneiro	31 »	120\$000
Cêra de carnaúba	61.868 »	153:328\$500
Côco de tucum	240 »	40\$000
Farinha	812.330 »	82:510\$500
Feijão	8.400 »	1:876\$000
Gado vaccum.....	283 unids.	19:940\$000
Gado muar.....	3 »	500\$000
Gado lanigero	5 »	25\$000
Gado caprino	9 »	53\$000
Gado cavallar	3 »	300\$000
Gado suino.....	68 »	2:460\$000
Gergelim	1 140 kls.	120\$000
Milho	118.500 »	12:648\$500
Mamona	12 266 »	2:506\$000
Tapióca	2 070 »	6:570\$000

ALTO PARNAHIBA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918.

Kls. 147
 Unid. 4.951 Valor official 93:686\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Borracha	144 kls.	144\$000
Couros de gado vaccum.....	4.944 unid.	92:678\$000
Gado vaccum.....	14 »	840\$000
Pennas de ave	3 kls.	24\$000

BREJO

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls..... 1.177.489
 Unids..... 1.418 Valor official..... 304:006\$520

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Arroz pilado.....	158.730 kls.	47:118\$000
Algodão em rama....	49 632 >	79:85\$3000
Borracha.....	570 >	640:000
Barrotes.....	3 unids.	9\$000
Couros de gado vaccum.....	1.531 >	32:454\$000
Couros de cabra.....	1.025 kls.	4:240\$000
Crina animal.....	21 >	10\$000
Côco babassú.....	138.370 >	39:707\$000
Carôço de alpodão.....	6.025 >	430\$000
Cêra de carnaúba.....	1.380 >	5:511\$620
Esteios.....	13 unids.	26\$000
Farinha.....	709.740 kls.	71.262\$500
Gado vaccum.....	3 unids.	150\$000
Milho.....	74.760 kls.	6:752\$000
Tapióca.....	37.236 >	15:743\$000
Taboas.....	48 unids.	100\$000

BARRA DO CORDA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls..... 40
 Unids..... 2.149 Valor official..... 36:750\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros de gado vaccum.....	2.149 unids.	36.600\$000
Couros de veado.....	40 kls.	150\$000

BURITI

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls..... 167.072
 Unids. 7.701 Valor official..... 112:276\$600

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama	32.203 kls.	53:638\$100
Algodão em carôço.....	40 >	40\$000
Arroz em casca	17.550 >	2:457\$000
Azeite de côco	25 lts.	20\$000
Couros gado vaccum	577 unids.	11:540\$000
Couros de cabra.....	403 kls.	80\$600
Côco babassú.....	110 683 >	42:283\$200
Côco de tucum	3.763 >	741\$200
Caibros	120 unids.	120\$000
Cêra de carnaúba	205 kls.	205\$000
Farinha	720 >	276\$000
Feijão	180 >	120\$000
Gado vaccum.....	3 unids.	240\$000
Gado suino.....	1 >	20\$000
Lenha	5.000 >	50\$000
Milho	280 kls.	25\$500
Rapadura	300 >	180\$000
Ripas	2.000 unids	80\$000
Tapióca	520 kls.	160\$000

BARREIRINHAS

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls..... 222.604
 Unids. 73 Valor official 44:247\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	1.480 kls.	1:580\$000
Arroz em casca.....	42 300 >	5:640\$000
Couros de gado vaccum	73 unid.	1:170\$000
Farinha	170.754 kls.	33:512\$000
Milho.....	8.070 >	2:345\$000

BARÃO DE GRAJAHU

Exportou no exercício de 1917 a 1918:

Kls.....	143.602		
Unids.	4.266	Valor official.....	204:760\$834

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	65.637 kls.	73:858\$000
Arroz em casca.....	1.400 »	224\$000
Arroz pilado.....	850 »	253\$334
Borracha	20 283 »	21:916\$800
Couros de gado vaccum.....	4.254 unids.	86:200\$000
Couros de cabra	3.368 kls.	7:084\$000
Couros de veado	14 »	28\$000
Cêra de carnaúba.....	3.754 »	3:754\$000
Crina animal.....	227 »	227\$000
Carrapato	137 »	27\$400
Côco babassú	27:922 »	8:095\$500
Côco de tucum.....	1.900 »	190\$000
Farinha	11.930 »	890\$000
Feijão	80 »	8\$000
Gado vaccum.....	12 unids.	72\$000
Tapióca	6.100 kls.	1:932\$800

CURURUPU

Exportou no exercício de 1917 a 1918:

Kls.....	1.575		
Unids.	89	Valor official.....	2:059\$500

<u>CENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Farinha	900 kls.	150\$000
Gado suino.....	89 unids.	1:815\$000
Milho	675 kls.	94\$500

CAXIAS

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls..... 66 508
 Unids..... 10.401 Valor official..... 637:270\$069

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	20.145 kls.	50:765\$400
Assucar.....	20.004 »	11:623\$900
Aguardente.....	10.730 »	3:062\$000
Carrapato.....	1 560 »	270\$000
Couros de gado vaccun.....	8 697 unids.	266:340\$000
Couros de cabra.....	5 381 kls.	22:840\$000
Couros de veado.....	2.471 »	10:388\$000
Crina animal.....	568 »	416\$000
Cêra carnaúba.....	5.464 »	10:928\$000
Camarão.....	25 »	25\$000
Milho	160 »	16\$000
Tecidos (181.600 mts).....	1.704 fars.	260:595\$769

CODÓ

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls..... 96 Valor official..... 192\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros de cabra.....	8 kls.	16\$000
Couros de veado.....	88 «	176\$000

CURRALINHO

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	234.928		
Unids.....	469	Valor official.....	213:606\$729

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	51.465 kls.	114 208\$929
Côco babassú.....	111 677 »	84:074\$800
Couros de gado vaccum.....	469 unids.	9:180\$000
Couros de cabra.....	561 kls.	1:118\$000
Cêra de carnaúba.....	225 »	225\$000
Farinha.....	15.000 »	2:000\$000
Milho.....	56 000 »	2:800\$000

CAROLINA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Unids	3.173	Valor official.....	46:561\$000
-------------	-------	---------------------	-------------

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros de gado vaccum.....	3.008 unids.	45 120\$000
Gado vaccum.....	165 »	1.441\$000

CARUTAPÉRA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	45 098		
Unids.....	143	Valor official.....	14:464\$700

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Arroz em casca	990 kls.	96\$000
Camarão.....	1.229 »	983\$200
Feijão	14 640 »	3:170\$000
Favas.....	1 020 »	192\$000
Gado suíno.....	116 unids.	2:030\$000
Gado vaccum.....	27 »	2:515\$000
Gergelim	60 kls.	8\$000
Milho.....	20.520 »	1:379\$000
Peixe sêcco.....	6.639 »	4 091\$500

CHAPADINHA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls..... 1.480 Valor official..... 1:580\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	1.480 kls.	1:580\$000

CURUCÁUA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls 5.050
Unids. 47 Valor official..... 4:250\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Arroz em casca.....	3.300 kls.	240\$000
Cacau.....	550 "	220\$000
Gado vaccum.....	40 unids.	2:905\$000
Gado cavallar.....	7 "	780\$000
Milho	1.500 kls	105\$000

FÓZ DO BALSAS

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls 36.762
Unids..... 2.979 Valor official..... 69:982\$400

<u>CENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	500 kls.	500\$000
Couros de gado vaccum.....	2.938 unids.	58:760\$000
Couros de cabra	824 kls.	1:648\$000
Crina animal.....	186 "	1:063\$500
Côco babassú	23 602 >	4:820\$400
Carrapato	40 >	4\$000
Farinha	11.070 kls.	922\$500
Gado vaccum.....	37 unids.	2:040\$000
Gado suino.....	4 "	80\$000
Tapióca	540 kls.	144\$000

FLÔRES

Exportou no exercicio de 1917 a 1918 :

Kls.....	188.126		
Unids.....	4.734	Valor official.....	112:893\$196

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	22.963 kls.	32:974\$500
Arroz em casca.....	25 230 >	3:329\$438
Algodão em carôço.....	1.950 >	4.000:000
Borracha.....	72 »	144\$000
Camarão.....	441 >	350\$800
Couros de gado vaccum.....	4.630 unids.	25:685\$000
Couros de cabra.....	2.614 kls.	3:918\$800
Côco babassú....	104.596 >	28:112\$800
Cêra de carnaúba.....	4.600 >	3 600\$000
Carrapato.....	30 >	5\$000
Côco de tucum.....	1.800 >	180\$000
Farinha.....	9 200 >	4:678\$675
Gado vaccum.....	75 unids.	3.750\$000
Gado suino.....	22 >	660\$000
Gado caprino.....	7 >	35\$000
Milho.....	14.540 kls.	1:403\$583
Tapióca.....	90 unids.	65\$600

GRAJAHU

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Unids.....	33.609		Valor official..... 522:860\$000
------------	--------	--	----------------------------------

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros de gado vaccum.....	33.609 unids.	522 860\$000

GUAJERUTUIA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	18.637		
Unids.....	18	Valor official.....	12:436\$200

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Camarão.....	18.637 kls.	11.866\$200
Gado vaccum	7 unids.	370\$000
Gado lanigero	2 »	20\$000
Gado suino.....	9 »	180\$000

IMPERATRIZ

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Unids.	272	Valor official.....	6:970\$000
-------------	-----	---------------------	------------

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros de gado vaccum.....	31 unids.	1:350\$000
Gado vaccum.....	238 »	5:120\$000
Gado cavallar	1 »	100\$000
Gado muar.....	2 »	400\$000

LORETO

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	13.875		
Unids.....	2.784	Valor official.....	58:305\$500

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros gado vaccum.....	2 784 unids.	51:745\$500
Couros de gado caprino.....	625 kls.	3:370\$000
Côco babassú.....	13 250 »	3:190\$000

NOVA YORK

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	91.005		
Unids.....	3 952	Valor official.....	130:342\$779

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	11.080 kls.	28:171\$429
Arroz pilado.....	1.000 >	258\$000
Couros de gado vaccum.....	3.891 unids.	77:460\$000
Couros de cabra.....	1.964 kls.	3:410\$000
Côco babassú.....	52.107 >	14:479\$350
Crina animal.....	68 >	68\$000
Cêra de carnaúba.....	1.451 >	1:451\$000
Carôço de algodão.....	22.500 >	450\$000
Farinha.....	825 >	75\$000
Gado vaccum.....	55 unids.	4.400\$000
Gado suino.....	6 >	120\$000

PORTO DA REPARTIÇÃO

(Herculanopolis)

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	491.617 1/2		
Unids.....	2.069	Valor official.....	151:963\$850

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	19.190 kls.	34:247\$800
Borracha.....	550 >	550\$000
Couros de gado vaccum.....	2.069 unids.	21 060\$000
Couros de cabra.....	2.220, 5 kls.	9:058\$000
Côco babassú.....	172.096 >	50:034\$800
Cêra de carnaúba.....	4 381 >	8:689\$000
Farinha.....	228.110 >	19 762\$750
Milho.....	54 700 >	4:484\$500
Tapióca.....	10 370 >	3:077\$000

REDONDO

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	5-895		
Unids	34	Valor official.....	3:356\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Arroz em casca.....	30 kls.	30\$000
Camarão.....	325 >	140\$500
Feijão	3.030 >	690\$500
Gado vaccum	19 unids.	1:930\$000
Gado suino.....	15 >	320\$000
Milho.....	2.240 kls	245\$000

PASTOS BONS

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Unids.....	40	Valor official.....	800\$000
------------	----	---------------------	----------

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros de gado vaccum.....	40 unids.	800\$000

S. BERNARDO

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	664.196 1/2		
Unids.....	1 019	Valor official.....	162:325\$260

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	30.624 kls.	58:579\$200
Couros de gado vaccum.....	1.018 unids.	17:151\$500
Couros de cabra.....	556, 5 kls.	2:078\$000
Cêra de carnaúba.....	1.507 kls.	14:809\$000
Côco de tucum	28 129 >	2:828\$560
Côco babassú.....	21.530 >	5:392\$000
Farinha.....	556 890 >	57:647\$000
Gado vaccum.....	1 unid.	50\$000
Milho.....	19.020 kls.	2:235\$000
Tapióca	940 >	755\$000

S. JOSÉ DOS MATÕES

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	266 375 1/2		
Unids.....	1.748	Valor official.....	115:124\$078

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	31.900 kls.	36:214\$278
Algodão em carôço.....	3.300 »	1:180\$000
Arroz em casca.....	8.250 »	1:609\$375
Borracha.....	26 »	41\$600
Couros de gado vaccum.....	1.748 unids.	34:960\$000
Couros de cabra.....	489, 5 kls.	978\$000
Côco babassú....	159.495 »	33:659\$000
Farinha.....	51.650 »	5 322\$500
Milho.....	10.520 »	692\$125
Tapióca.....	745 »	467\$200

PORTO FORMOSO

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.	26.646 1/2		
Unids.....	247	Valor official.....	10:249\$500

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	1 391 kls.	2:086\$500
Cêra de carnaúba.....	222 »	222\$000
Couros de gado vaccum.....	247 unids.	4:390\$000
Couros de cabra.....	508, 5 kls.	1:957\$500
Côco de tucum.....	3 885 »	388\$500
Farinha.....	8.640 »	605\$000
Milho.....	12.000 »	600\$000

S. FRANCISCO

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls	219.147		
Unids.....	2 943	Valor official.....	191:665\$200

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	63 780 kls.	93:099\$000
Borracha	3 141 »	4:031\$500
Couros de gado vaccum.....	2.873 unids.	59:377\$000
Couros de cabra.....	1 601 kls.	6:479\$100
Carrapato.....	360 »	72\$000
Côco babassú.....	67.930 »	18:822\$000
Côco de tucum.....	26 607 »	3:605\$900
Cêra carnaúba.....	649 »	684\$000
Carôço de algodão.....	51 000 »	1:020\$000
Crina animal.....	269 »	322\$800
Farinha	1.920 »	318\$000
Feijão.....	150 »	30\$000
Gado vaccum.....	38 unids.	2.730\$000
Gado suino.....	32 »	753\$000
Milho.....	1 440 kls.	122\$500
Tapióca.....	300 »	198\$400

STO. ANTONIO DO BALSAS

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	7.635		
Unids.....	39	Valor official.....	2:550\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Côco babassú.....	7.500 kls.	1 500\$000
Couros de gado vaccum.....	39 unids.	780\$000
Couros de gado caprino.....	135 kls.	270\$000

Diagramma do "Arroz pilado" exportado nos quatro ultimos exercicios de 1914 a 1915 até 1917 a 1918

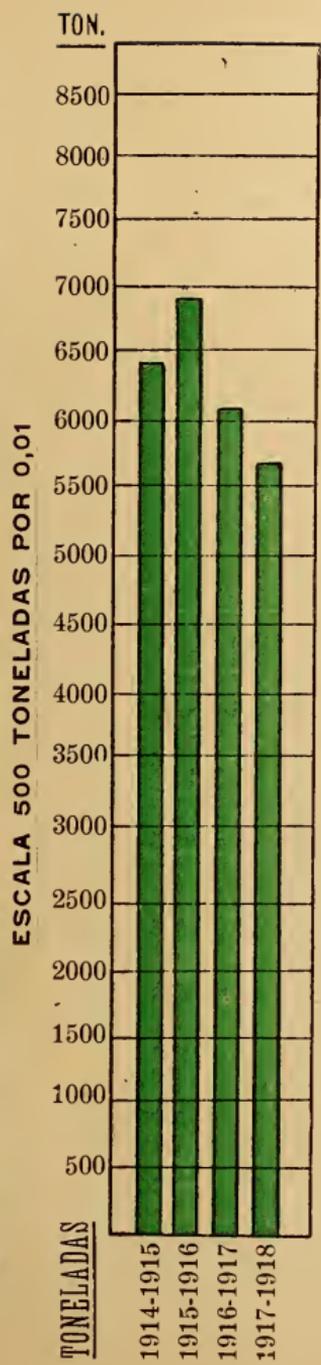
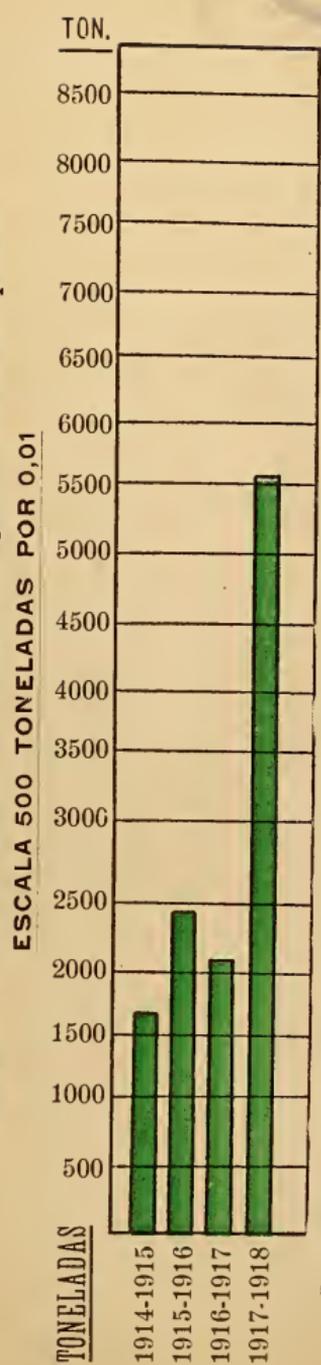
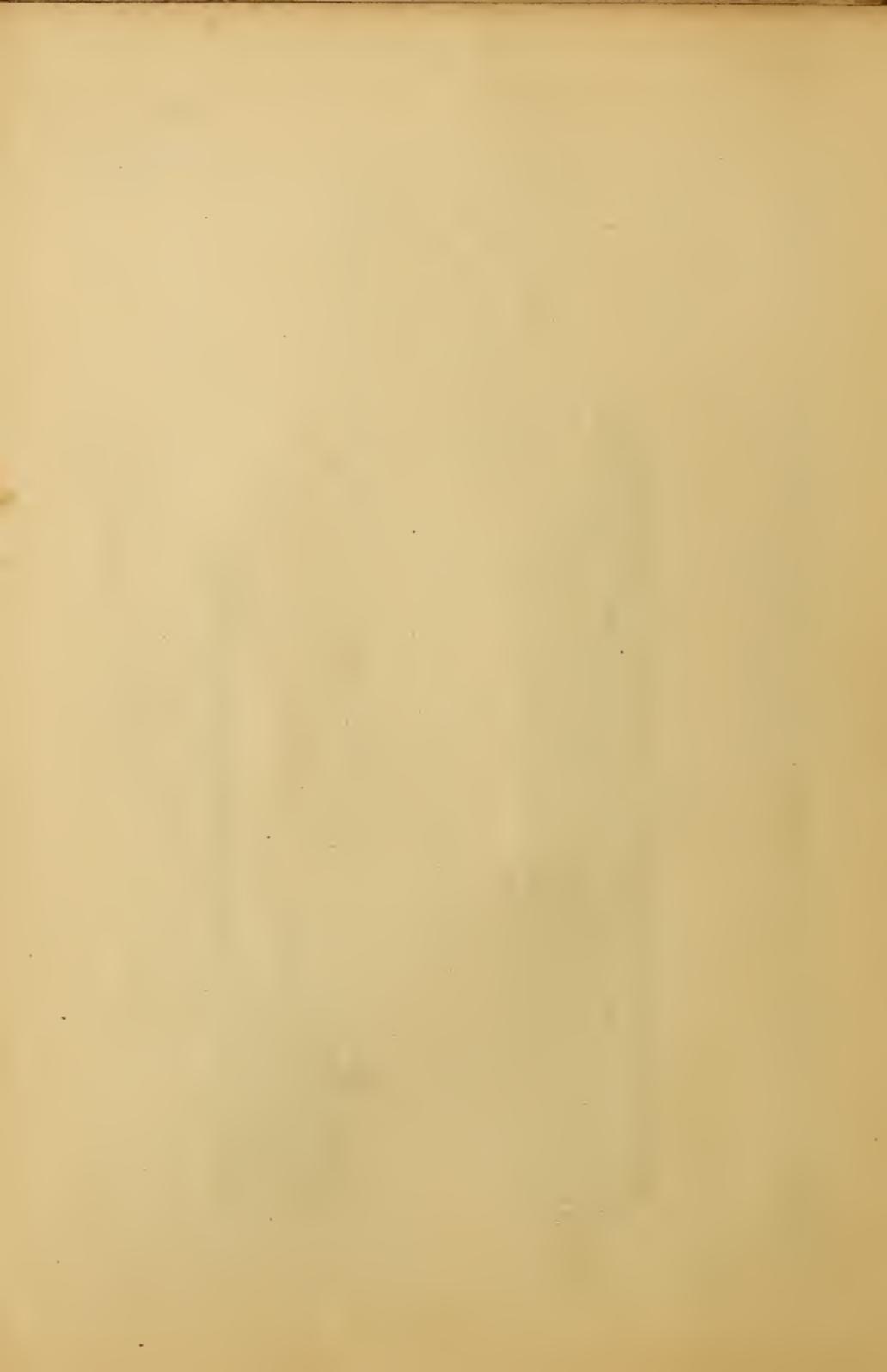


Diagramma do "Coco Babassú em amendoas" exportado no mesmo periodo



Secretaria da Fazenda do Estado do Maranhão.



SANTA QUITERIA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	402 654 1/2		
Unids.....	15 510	Valor official.....	84:781\$560

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama	9.623 kls.	19:945\$600
Arroz em casca.....	6.960 »	1:142\$000
Couros de gado vaccum.....	507 unids.	10:391\$600
Couros de cabra.....	400, 5 kls.	1:378\$400
Couros de veado	1 kl.	3\$000
Côco babassú.....	3.690 kls.	1:461\$000
Côco de tucum.....	59.099 »	8:891\$460
Cêra de carnaúba.....	278 »	516\$000
Côco de burití.....	5.800 »	174\$000
Carrapato	126 »	25\$200
Farinha.....	202 857 »	23:746\$300
Gado suino.....	3 unids.	300\$000
Milho	104 920 kis.	12:501\$500
Madeira.....	15.500 unids.	75\$000
Tapióca.....	8.900 kls	4.230\$500

S. JOÃO DOS PATOS

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	88.138		
Unids.....	3.523	Valor official.....	168:333\$500

<u>CENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em rama.....	86 001 kls.	96:359\$100
Borracha.....	650 »	578\$000
Couros de gado vacuum.....	1.523 unids.	70:460\$000
Couros de cabra.....	105 kls.	210\$000
Carrapato.....	382 »	126\$400
Côco babassú.....	1 000 »	600\$000

TUTOIA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	713.798		
Unids.....	1.017	Valor official.....	122:024\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Couros de gado vaccum.....	544 unids.	10:900\$000
Couros de cabra.....	410 kls.	913\$000
Carrapato.....	120 »	22\$000
Couros de carneiro.....	3 »	60\$000
Cêra de carnaúba.....	555 »	584\$000
Crina animal.....	42 »	42\$000
Farinha.....	667.380 »	74:158\$750
Feijão.....	7.680 »	1:604\$000
Gado vaccum.....	391 unids.	27:060\$000
Gado muar.....	10 »	2:000\$000
Milho.....	35.580 kls.	3:664\$250
Peixe sêcco.....	70 »	42\$000
Resina.....	98 »	98\$000
Tapióca.....	1.860 »	756\$000
Taboas.....	72 unids	120\$000

TURIASSU

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	67.213		
Unids.....	379	Valor official.....	18:810\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Camarão.....	2.305 kls.	1:541\$500
Favas.....	540 »	108\$000
Feijão.....	9 210 »	1:768\$000
Gado vaccum.....	91 unids.	6:630\$000
Gado suino.....	278 »	5:184\$000
Gado caprino.....	7 »	105\$000
Gado lanigero.....	3 »	30\$000
Milho.....	55.158 kls.	3:443\$500

TAPÉRA

Exportou no exercicio de 1917 a 1918:

Kls.....	6.400		
Unids.....	12	Valor official.....	5:863\$000

<u>GENEROS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Camarão	6:340 kls.	5:273\$000
Gado suino.....	10 unids.	380\$000
Gado vaccum.....	2 »	180\$000
Peixe sêcco.....	60 kls.	30\$000

NOTA :—Os valores officiaes dos productos exportados pelas estações fiscaes do interior do estado são, em geral, inferiores aos consignados no quadro da exportação pelo porto de S. Luiz. Estes valores são directamente fiscalizados pela Recebedoria.

Além dessa inferioridade, variam muito, de localidade para localidade.

A secção de estatistica desta secretaria está empregando esforços para uniformisar os valores, nos quadros que publicará.

QUADRO sintético da exportação pelas estações fiscaes de origem, no exercicio de 1917 a 1918, segundo os valores officiaes:

Rs. 27.108:557\$338

<u>PROCEDENCIAS</u>	<u>VALORES OFFICIAES</u>
Caxias.....	23.024:998\$005
S. Luiz.....	637:270\$069
Grajahú....	522:860\$000
Araioses.....	416:212\$358
Brejo.....	304:006\$520
Currallinho.....	213:606\$729
Barão de Grajahú.....	204:760\$834
S. Francisco.....	191:665\$200
S. João dos Patos.....	168:333\$500
S. Bernardo.....	162:325\$260
Porto da Repartição.....	151:963\$850
Nova-York....	130:342\$779
Tutoia.....	122:024\$000
S. José dos Matões.....	115:124\$078
Flôres.....	112:893\$196
Burití.....	112:276\$600
Alto Parnahiba.....	93:686\$000
Santa Quiteria.....	84:781\$560
Fóz do Balsas.....	69:982\$400
Loreto.....	58:305\$500
Carolina.....	46:561\$000
Barreirinhas.....	44:247\$000
Barra do Corda.....	36:750\$000
Turiassú.....	18:810\$000
Carutapéra.....	14:464\$700
Guajerutua.....	12:436\$200
Porto Formoso.....	10 249\$500
Imperatriz.....	6 970\$000
Tapéra.....	5 863\$000
Curucáua.....	4:250\$000
Redondo.....	3 356\$000
Sto. Antonio do Balsas.....	2:550\$000
Cururupú.....	2:059\$500
Chapadinha....	1:580\$000
Pastos Bons.....	800\$000
Codó.....	192\$000

QUADRO sintético da exportação, pelos portos de destino, no exercício de 1917 a 1918, segundo os valores officiaes:

Rs. 27.108:557\$338

<u>DESTINOS</u>	<u>VALORES OFFICIAES</u>
Portos nacionaes:	
Rio de Janeiro	7.173:602\$540
Ceará.....	2.296:487\$505
S Paulo.....	1.638:279\$400
Pará.....	1.632:518\$180
Amazonas.....	1.232:313\$810
Bahia.....	1.046:228\$080
Pernambuco.....	1.025:757\$630
Parahiba.....	575:375\$940
Rio Grande do Norte.....	336:129\$500
Rio Grande do Sul.....	310:018\$300
Espirito Santo.....	152:956\$000
Piauhi.....	141:827\$160
Alagôas.....	41:652\$020
Paraná	120\$000
	17 603:166\$065
Países estrangeiros:	
Portugal.....	3 034:235\$720
Inglaterra.....	1 779:262\$950
Espanha.....	384:600\$000
Estados Unidos.....	144:252\$000
França	57:631\$800
	5.399.982\$470
Destino ignorado:	4.105:408\$803

NOTA:—A exportação com destino ignorado é a feita pelos municipios do interior, cujas collectorias não especificaram, nos mappas, os destinos dos productos despachados.

Exportação geral do estado do Maranhão

EXERCICIO DE JULHO DE 1917 A JUNHO DE 1918

R\$. 27.108:557\$338

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
CLASSE 1.^a		
ANIMAES e seus productos:		
Banha de porco.....	26 972 kls.	40:983\$600
Buxo de peixe.....	7.594 »	22:004\$000
Carne de porco.....	30.213 »	24:943\$900
Carne sêcca.....	100.740 »	137:233\$600
Camarão.....	38 331 »	31:694\$800
Siris.....	1 510 »	123\$000
Crina animal.....	7.217 »	9:152\$500
Couros de gado vaccum.....	140.857 unids.	3.465:104\$820
Couros de cabra.....	24.153, 5 kls.	76:290\$900
Couros de veado.....	35.816 »	138:750\$500
Couros de carneiro.....	34 »	180\$000
Gado vaccum.....	1.785 unids.	105:083\$000
Gado suino.....	753 »	17:802\$000
Gado muar.....	15 »	2:900\$000
Gado cavallar.....	11 »	1:180\$000
Gado lanigero.....	14 »	150\$000
Gado caprino.....	19 »	118\$000
Peixe sêcco.....	9 871 kls.	7:020\$700
Pennas de ave.....	3 »	24\$000
Pennas de ema.....	313 »	3:756\$000
Sabão.....	81.061 kls.	63:886\$800
Sola.....	40 »	1:200\$000
Toucinho.....	7.320 »	6:366\$500
CLASSE 3.^a		
VEGETAES e seus productos:		
× Arroz em casca.....	242.720 kls.	57:950\$113
× Arroz pilado.....	5 509 900 »	2 442:950\$134
× Algodão em pluma.....	2 879.866 »	6.664:955\$284
× Algodão em carôço.....	6.565 »	5:730\$000
× Algodão hidrófilo.....	32 885 »	88:318\$250
× Araruta.....	721 »	1:065\$700
× Aguardente de canna.....	10 760 »	3:078\$200
× Aguardente de mandiôca.....	200 »	130\$000
× Assucar (diversos).....	20.004 »	11:623\$900
× Assucar branco.....	49.360 »	36:952\$000
× Apáras de mandiôca.....	11.280 »	874\$000

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Azeite de andiróba.....	4.210 »	4:543\$000
Azeite de côco.....	855 »	862\$000
× Azeite de carrapato.....	1.080 »	1:296\$000
Alabastrina.....		521\$500
× Borracha (diversas).....	25.436 »	28:045\$900
× Borracha de cáucho.....	5.861 »	19:050\$000
× Borracha entre fina.....	613 »	1:961\$600
× Borracha de mangabeira.....	2.260 »	2:730\$000
× Borracha de maniçóba.....	1.725 »	1:840\$000
× Borracha de sernambí.....	500 »	750\$000
Barrotes.....	3 unids.	9\$000
× Carôço de algodão.....	456.949 kls.	31:356\$920
Carôço de piqui.....	400 »	40\$000
× Cacáu.....	8.285 »	4:318\$000
Carueira de farinha.....	400 »	60\$000
Cognac.....	552 »	1:290\$000
Cuim de arroz.....	310 »	11\$000
Cigarros.....	30 »	240\$000
× Côco babassú (amendoas)....	5.553 177 »	2.844:910\$450
Côco babassú em casca.....	1.000 »	50\$000
× Côco de tucum.....	127.363 »	17:462\$420
× Côco de burití.....	5.800 »	174\$000
× Cêra de carnaúba.....	111.000 »	248:363\$320
Castanha de andiróba.....	118 »	42\$480
Cravo em lasca.....	120 »	144\$000
Caibros.....	120 unids.	120\$000
Drogas.....	40 312 kls.	148:113\$030
Dôces.....	478 »	935\$000
Embira.....	780 »	242\$000
Esteios.....	13 unids.	26\$000
Fiapos.....	17.800 kls.	5:520\$000
× Fio de algodão.....	41.030 »	153:872\$000
× Fio de juta.....	3.050 »	12:200\$000
× Fumo em corda.....	480 »	1:680\$000
× Feijão.....	56.877 »	14:378\$500
× Farinha (diversas).....	3.459 016 »	377:687\$475
× Farinha d'agua.....	44.793 »	4:440\$870
× Farinha sêcca.....	2 914.254 »	531:200\$640
× Farinha lavada.....	45.960 »	4:076\$400
Favas.....	1.560 »	300\$000
× Gergelim.....	71.619 »	34:464\$760
Impressos.....	430 »	560\$000

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Lenha.....	5.000 unids.	50\$000
Malva branca.....	268 kls.	182\$000
x Mamona.....	351 902 »	158:200\$910
x Milho.....	3.150.292 »	451:679\$098
Madeiras.....	15.000 unids.	75\$000
Oleo de cupahiba.....	7.484 kls.	30:556\$000
Palha de arroz.....	500 »	9\$500
Pello de (coroatá).....	200 »	200\$000
x Pacopaco.....	7 300 »	4:380\$000
Rêdes.....	980 unids.	13:405\$000
Raizes (diversas).....	1.080 kls.	
x Raiz de mandiôca.....	2 300 »	510\$000
Resíduos de carôço de algodão	60.000 »	4:200\$000
Ripas.....	2.000 unids.	80\$000
Rezinhas.....	98 kls.	98\$000
Rapaduras.....	300 »	180\$000
x Tapiôca (diversas).....	88.671 »	34:099\$900
x Tapiôca de forno.....	20 680 »	13:607\$700
x Tapiôca de gomma.....	190.691 »	100:839\$650
x Tapiôca do Pará.....	2.113.859 »	1 782:320\$080
Tecidos (diversos).....	1.704 fsd.	263:125\$549
Tecidos de canhamo.....	231.578 kls.	826:295\$000
Tecidos crús.....	303 010 mts.	158:114\$600
Tecidos brancos.....	2 061.066 »	1 375:849\$360
Tecidos tintos.....	5.793.638 »	3.914:192\$925
Tintas.....	2 500 »	2:300\$000
Tinta em pó.....	2.150 »	1:272\$000
Táboas.....	120 unids.	220\$000
Vinagre.....	80 kls.	16\$000
x Vinho de frutas.....	1 250 »	1 535\$000

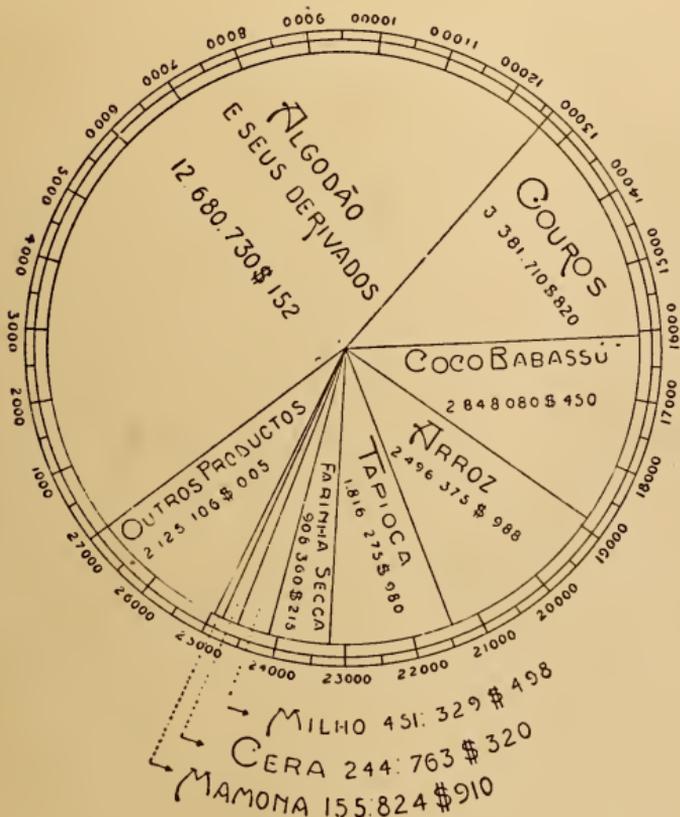
RESUMO:—ANIMAES e seus productos....	Rs. 4.155:948\$620
VEGETAES e seus productos....	Rs. 22.952:608\$000
Total.....	Rs. 27.108:557\$338

NOTA:—Representa este quadro a exportação geral do Maranhão, no valor total de rs. 27.108:557\$338. Considerando, porém, que os valores officiaes, consignados neste quadro, são inferiores aos verdadeiros, num terço, pelo menos, pode-se affirmar, sem receio de erro, que a exportação d'êste estado, no exercicio de 1917 a 1918, se aproximou do valor de rs. 36.144:000\$000.

DIAGRAMMA DO VALOR OFFICIAL DA EXPORTAÇÃO REALISADA

NO EXERCICIO DE 1917 A 1918

Valor official—27.108:557\$338



SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO DO MARANHÃO

CARNEIRO DE FREITAS

Secretario



CAPITULO II

IMPORTAÇÃO

O Brasil, ainda que apto a viver economicamente dos seus proprios recursos, isto é, da producção do seu solo fertilissimo e variado clima, foi, e continúa a ser, um grande importador de productos estrangeiros.

Depois de uma importação, no começo, limitada a objectos de luxo e a alguns generos europeus de alimentação, passámos, obrigados pelo desenvolvimento das grandes industrias, a importar em grande escala o carvão de pedra e os artefactos de ferro e aço.

A adopção dos costumes de outros povos forçou-nos tambem á compra de tecidos caros, perfumes, trigos, vinhos e outras especiarias européas.

Ultimamente, porém, o paiz tem importado menor numero de objectos manufacturados, encommendando ao estrangeiro maior quantidade de materia prima, e de maquinismos, proprios para a sua agricultura e industria.

Assim é que, pelas publicações officiaes, se verifica um augmento de 8 %., sobre o total da importação brasileira, para os maquinismos, de 5 %. para o carvão, de 3 %. para o ferro e aço e um decrescimo de 7 % para os vinhos e bebidas.

Entre os generos alimentícios, a importação de alguns continúa a subir, como seja a do trigo, do bacalháu e das conservas, ao contrario do xarque, queijo, manteiga e presuntos, que está declinando cada vez mais.

Dos tecidos, só importamos os finos, que ainda se não fabricam bem no Brasil.

Importação em geral

A importação do Brasil, segundo as publicações da Dire-

ctoria de Estatística Commercial, foi a seguinte, nos annos de 1901 a 1917:

ANNOS	PESO BRUTO EM 1.000 TON.	EM CONTOS DE RÉIS PAPEL	EQUIVALENTE EM LIB. 1.000
1901	2270	448.553	21.377
1902	2794	471.114	23.279
1903	2191	486.489	24.208
1904	2325	512.588	25.915
1905	2597	454.995	29.830
1906	2871	499.287	33.204
1907	3270	644.938	40.528
1908	3300	567.272	35.491
1909	3414	592.876	37.139
1910	3965	713.863	47.872
1911	4255	793.716	52.822
1912	5207	951.370	63.425
1913	5873	1.007.495	67.166
1914	3478	591.853	35.473
1915	2799	582.996	30.088
1916	2641	810.759	40.369
1917	1986	837.738	44.570

Procedendo a um pequeno estudo retrospectivo, certificâmo-nos, pelo quadro a seguir, de que a importação brasileira, em diversos annos afastados, foi a seguinte:

Em 1840.....	52.358 contos de réis, papel
» 1871.....	144.700 » » » »
» 1900....	434.000 » » » »
» 1913.....	1.007.495 » » » »
» 1916.....	810.758 » » » »
» 1917.....	837.738 » » » »

Vejâmos, agora, qual foi a importação brasileira do estrangeiro, por valores e por destinos, nos annos de 1916 e 1917, onde o MARANHÃO occupa o 10º lugar:

IMPORTAÇÃO—Resumo pelos estados, em mil réis, papel:

	1916	1917
Capital Federal.....	358.008:946\$	465.125:903\$
S. Paulo.....	215 572:013\$	227.546:877\$
Pernambuco.....	49.492:604\$	65.358:856\$

	1916	1917
Rio Grande do Sul.....	51.710:605\$	53.688:900\$
Bahia.....	38.909:004\$	36.286:680\$
Pará.....	36.272:600\$	33.901:195\$
Amazonas.....	18.096:208\$	14.208:139\$
Alagoas.....	8.880:313\$	8.504:918\$
Paraná.....	8.170.224\$	7.431:027\$
Maranhão	5.387:605\$	7.424:558\$
Ceará.....	5.692:059\$	5.546:880\$
Parahiba.....	2.738:034\$	3.514:889\$
Santa Catharina.....	6.285:718\$	2.937:476\$
Mato Grosso.....	2.790:869\$	2.916:705\$
Piauhi.....	796:586\$	1.093:525\$
Rio Grande do Norte.....	1.348:395\$	1.002:127\$
Espirito Santo.....	663:921\$	730:975\$
Sergipe.....	543:268\$	518:321\$
Total	810.758:972\$	837.737:951\$

QUADRO da mesma importação acima, nos annos de 1916 e 1917, mas por tonelagem, onde o MARANHÃO está collocado no 10º lugar:

PROCEDENCIA	TONELAGEM		DIFFERENÇAS
	1916	1917	
Rio de Janeiro.....	1.379.758	1.007.385	Para menos
S. Paulo.....	571.661	412.572	» »
Pernambuco.....	162.677	159.075	» »
Rio Grande do Sul.....	157.585	130.891	» »
Pará.....	107.339	99.214	» »
Bahia.....	107.120	69.749	» »
Amazonas.....	34.694	25.502	» <
Paraná.....	27.581	15.767	» »
Alagôas.....	17.674	12.976	» »
Maranhão	11.197	12.639	» mais
Ceará.....	15.219	9.998	» menos
Mato Grosso.....	10.574	9.498	» »
Parahiba.....	8.363	7.180	» »
Santa Catharina.....	19.981	5.910	» »
Rio Grande do Norte...	5.273	3.822	» »
Piauhi.....	1.238	1.344	» mais

Inferese dêste quadro, em que este estado se acha no 10º

logar, que, com excepção do Maranhão e do Piauí, todos os outros estados tiveram decrescimento, nas suas importações, de 1916 para 1917.

Importação do Maranhão

Passando a tratar da importação exclusivamente d'este estado, teremos de usar do mesmo criterio que adoptámos para a exportação, isto é, só o poderemos fazer por exercicios financeiros, que vão de julho de um anno a junho de outro, e não pelo anno civil, como quando tratámos da importação em geral.

A importação maranhense, nestes ultimos annos, tem sido, na sua maioria de artigos nacionaes, e uma grande parte dos productos estrangeiros, recebe-se por intermédio dos outros estados do sul.

Os valores officiaes da importação dos productos nacionais e estrangeiros, feita por cabotagem, nos quatro ultimos exercicios, foram estes :

1914 a 1915.....	6.816:652\$497
1915 a 1916.....	11.335:427\$272
1716 a 1917.....	13.933:424\$525
1917 a 1918.....	20.698:943\$901

Principaes productos importados

Os principaes productos, importados por cabotagem, no ultimo exercicio de 1917 a 1918, foram os abaixo mencionados:

Tecidos diversos.....	7.637:117\$750
Fumos.....	1.396:965\$000
Café.....	1.781:167\$800
Assucar.....	1.014:501\$274
Bebidas diversas.....	916:937\$590
Calçados.....	167:372\$630

Damos a seguir alguns quadros comparativos, por onde se poderá fazer o confronto do augmento ou decréscimo d'esses principaes productos, importados nos quatro ultimos exercicios:

	<u>Exercicios</u>	<u>Valor official</u>
TECIDOS DIVERSOS	1914 a 1915	1.968.939\$125
	1915 a 1916	2.940.500\$000
	1916 a 1917	4.396.124\$990
	1917 a 1918	7.637.117\$750
FUMOS DIVERSOS	1914 a 1915	938.866\$510
	1915 a 1916	1.073.046\$000
	1916 a 1917	1.224.461\$680
	1917 a 1918	1.396.965\$000
CAFÉ	1914 a 1915	879.573\$660
	1915 a 1916	1.154.956\$000
	1916 a 1917	1.531.559\$300
	1917 a 1918	1.781.167\$800
ASSUCAR	1914 a 1915	367.245\$900
	1915 a 1916	1.131.466\$000
	1916 a 1917	1.192.409\$839
	1917 a 1918	1.014.501\$274
BEBIDAS DIVERSAS	1914 a 1915	333.785\$045
	1915 a 1916	503.776\$000
	1916 a 1917	691.623\$410
	1917 a 1918	916.937\$590
CALÇADOS	1914 a 1915	155.686\$300
	1915 a 1916	153.428\$000
	1916 a 1917	118.433\$200
	1917 a 1918	167.372\$630

Importação directa do estrangeiro

Não nos é possível tratar aqui, como desejavamos, da importação dos productos estrangeiros, recebidos directamente dos portos de origem.

Ha muitos annos que a alfandega não organiza os dados estatísticos da importação directa, allegando falta de numero sufficiente de empregados.

Por sua vez, a Directoria de Estatistica Commercial, nas

suas publicações, faz os seus mappas por anno civil, conforme se poderá verificar do quadro já inserto neste relatorio, na parte referente á importação em geral. Dessa fórma, não poderemos effectuar o confronto necessario com os dados da exportação e da importação maranhenses, que são apanhados, pelas nossas repartições, por exercicios economico-financeiros.

Tencionâmos, porém, dentro de pouco tempo, sanar essas difficuldades com a publicação do Annuario das nossas secções de estatística.

Não estando ainda, como é natural, impressos pela Directoria de Estatistica Commercial do Rio, os dados da importação estrangeira dêste estado, relativos ao anno de 1918, limitar-nos-hemos a repetir os dados estatísticos da referida Directoria, quanto aos cinco ultimos annos, já conhecidos.

Em 1913.....	8.581:000\$000
« 1914.....	5.080:000\$000
« 1915.....	4.996:000\$000
« 1916.....	5.387:605\$000
« 1917.....	7.424:558\$000

Sem dar os algarismos do findo anno de 1918, podemos entretanto, desde já affirmar que a importação estrangeira, em tal periodo, foi muito inferior a qualquer dos dois ultimos annos acima aludidos.

Para maior clareza, quanto ao total da nossa importação por cabotagem, portos de origem, valor e quantidade dos productos recebidos, apresentâmos a seguir diversos quadros, que elucidarão qualquer consulente a respeito do assumpto.

QUADRO dos generos nacionaes e estrangeiros, importa-
dos por cabotagem, no exercicio de 1917 a 1918:

Rs. 20.698:943\$901

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
CLASSE 1.^a		
ANIMAES e seus productos:		
Banha de porco.....	540 kls.	648\$000
Bonets de cachemira e seda ..	18 dzs.	396\$000
Cachemiras de lã.....	10.456 mts.	131:257\$600
Couros de cabra.....	1.624 unids.	4:373\$200
Calçados.....	134.135 pares	167:372\$630
Chapéus de sol c/cob. de seda..	68 unids.	1.700\$000
Chapéus de sol de seda c/cabo de ouro ou prata.....	12 »	480\$000
Chapéus de feltro, castor e lebre.....	894 »	10:221\$000
Chapéus de lã e baeta.....	22.110 »	108:320\$000
Carnes ou peixes em conserva	2.981 kls.	6:558\$200
Gravatas de seda.....	275 dzs.	7:718\$000
Graxa ou sebo refinado.....	6.917 kls.	12:871\$600
Graxa para calçado.....	14.424 latas	1:659\$360
Manteiga.....	80.412 kls.	241:228\$600
Pentes ou atracadores ord..	5 096 dzs.	17:697\$000
Peixe sêcco.....	427 kls.	458\$300
Queijo.....	19.446 »	78:411\$000
Raspa de sola.....	4 630 meios	30:564\$000
Sêbo.....	18.521 kls.	20:407\$900
Sabão.....	129.932 »	109:011\$600
Sola.....	28.932 »	98:517\$300
Toucinho.....	58 »	127\$600
Vellas de stearina.....	51.344 »	89:144\$000
Vaquetas.....	636 »	2:795\$400
Xarque.....	15.860 »	24:218\$100
CLASSE 2.^a		
MINERAES e seus productos:		
Aguas mineraes.....	13 692 lts.	15:318\$300
Artigos de ferro.....	213.611 kls.	160:022\$700
Artigos de ferro esmaltado..	8 860 »	13:197\$100
Chumbo para caça.....	56.844 »	68:212\$800
Carbureto.....	107.690 »	111:102\$000
Filtros para agua.....	88 unids.	4:560\$000
Kaolim.....	9.743 kls.	1:169\$160
Pedra marmore.....	8 unids.	340\$000

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
CLASSE 3.^a		
VEGETAES e seus productos:		
Aguardente de canna.....	609.502 lts.	341:709\$740
Alcool....	104.795 »	105:441\$000
Arroz pilado.....	358 kls.	106\$740
Assucar branco de 1. ^a	652.573 »	450:694\$631
Assucar branco de 2. ^a	172 024 »	111:899\$990
Assucar somenos.....	557.314 »	313:280\$397
Assucar mascavo.....	136.055 »	68:246\$050
Assucar bruto.....	178.448 kls.	70:380\$206
Azeite.....	25.101 lts.	25:815\$450
Batatas.....	88 016 kls.	54:240\$100
Bengalas inferiores.....	8 dzs.	250\$000
Bengalas para crianças.....	9 »	136\$000
Biscoutos.....	3.103 kls.	7:757\$500
Bonets de várias fazendas..	339 dzs.	4:956\$000
Bolachas.....	2 023 kls.	2:661\$520
Cassinetas.....	2.169 mts.	6:544\$400
Cacáu.....	222 kls.	177\$600
Cerveja e outras bebidas....	480.355 grfs.	506:576\$050
Colchas de algodão.....	1.315 unids.	6:179\$000
Cognac.....	10.129 grfs.	35:921\$500
Collarinhos diversos.....	2.399 dzs.	19:701\$000
Ceroulas de algodão.....	308 »	7:958\$000
Carteiras para cigarros.....	1.261 milh.	6:836\$000
Camisas de tecidos de meia..	1.996 dzs.	24:654\$353
Camisas diversas.....	1.561 »	69:628\$333
Chapéus de sol c/ cob. diversas	3 504 unids.	26:231\$000
Chapéus de sol para crianças	360 »	1 620\$000
Chapéus de palha ord.....	25.959 »	104:421\$000
Chapéus de palha sup.....	5 270 »	39:172\$000
Chapéus de carnaúba.....	151.500 »	41:204\$000
Cebôlas.....	73.816 kls.	64:584\$000
Chocolate.....	8 413 »	15:598\$000
Cabo de manilha.....	25.614 »	82:764\$300
Castanhas do Pará.....	2.351 »	1:165\$500
Café.....	1 688.572 »	1.781:167\$800
Charutos c/ sello até 10 rs...	8.745 centos	73:213\$500
Charutos c/ sello de 20 rs...	319 »	4:182\$000
Charutos c/ sello de 30 rs...	374 »	7:136\$000
Cigarros.....	506 milh.	3:965\$750
Cigarrilhas.....	63 »	1:280\$000
Cartas para jogar.....	1 572 dzs.	10:117\$000

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Carrapato (mamona).....	1.256 kls.	655\$450
Dóces.....	37 487 »	41:646\$000
Drogas.....	1.942 vol.	23:5909\$525
Esteiras para acondicionamen- to.....	19.600 unids.	2:169\$000
Espartilhos de algodão sup..	213 »	3:762\$000
Espartilhos de algodão inf...	1.017 »	7:710\$000
Fumo em folha.....	215.130 kls.	473:236\$000
Fumo em corda.....	207.270 »	725:295\$000
Fumo desfiado.....	40.969 »	198:411\$000
Feijão.....	79 594 »	42:260\$875
Fôrmas para calçado.....	155 pares	322\$500
Fio de juta.....	6.976 kls.	36:845\$800
Farinha sêcca.....	252 914 »	64 026\$360
Guardanapos de algodão.....	233 dzs.	1:741\$000
Gravatas de algodão.....	1.033 »	17:113\$500
Gravatas de algodão ord.....	1 457 »	12:771\$000
Gergelim.....	120 kls.	62\$400
Legumes em conserva.....	269 »	279\$200
Massa de tomate.....	38.009 »	31:522\$500
Mate.....	832 »	998\$880
Macarrão.....	3.320 »	5:062\$000
Meias de algodão sup.....	260 dzs.	6:431\$000.
Meias de algodão inf.....	4.196 »	71:389\$500
Meias de algodão ord.....	9.771 »	77:703\$940
Madeiras diversas.....	1 411 vol.	11:711\$850
Milho.....	153.520 kls.	23:026\$400
Oleo de cupahiba.....	5.400 lts.	27:000\$000
Pompões.....	36 dzs.	100\$000
Perfumarias.....	564 vol.	126:109\$875
Phosphoros.....	43.655 grozas.	315:440\$000
Punhos para camisa.....	103 dzs.	1:345\$000
Rapé.....	582 kls.	1:980\$000
Suspensorios inferiores.....	407 dzs.	5:333\$000
Saccos de papel.....	248 milh.	2:278\$200
Tecidos crús.....	741.930 mts.	387:601\$990
Tecidos brancos.....	1 472.512 »	986:697\$630
Tecidos tintos.....	4.803.473 »	3 176:803\$860
Tecidos estampados.....	3.256.556 »	3 084:379\$270
Tecidos de linho.....	750 »	1:575\$000
Tecidos de canhamo.....	99.073 kls.	361:084\$400
Toalhas grandes de algodão, a- colchoadas, para o rosto....	135 dzs.	4:892\$000

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Toalhas pequenas, idem, id..	672 dzs.	10:087\$500
Toalhas grandes de algodão, para o rosto.....	1 dz.	18\$000
Toalhas pequenas, idem, id..	140 »	900\$000
Táboas aparelhadas para as- soalho.....	680 »	26:557\$662
Táboas não aparelhadas....	83 »	2:425\$000
Táboas para fôrro.....	67 »	1:697\$500
Táboas inferiores.....	406 »	9:502\$080
Tapióca de gomma.....	8.650 kls.	4:410\$980
Tapióca de fôrno.....	21.694 »	10:012\$980
Tapióca do Pará.....	6 600 »	3:744\$000
Vinho.....	11.176 lts.	13:411\$200
Vinho de uva.....	15.668 »	19:319\$100
Vinagre.....	4 151 »	2:352\$880
Vassouras.....	81 dzs.	376\$000
Mercadorias não especificadas	57.332 vols.	3.990:276\$994

NOTA:—Os valores officiaes, constantes dêste quadro, extraimo-los das notas dos despachos, entregues pelos recebedores dos volumes viajados por cabotagem, pelo que representam quantia muito inferior á verdadeira. Assim é que, sommando o valor total dêste mappa, rs. 20.698:943\$901, se verifica, pelo quadro a seguir, a somma de rs. 23.735:766\$652 para a mesma importação, ou seja uma differença para mais de rs. 3 036:822\$751.

Não figuram nêste quadro os artigos importados pelo porto da Tutóia, que não são ainda apurados pela estatística, e sim só os desembarcados no porto de S. Luiz.

QUADRO da importação por cabotagem, segundo os portos de origem, numero de volumes e valor official, no exercicio de julho de 1917 a junho de 1918:

PORTOS	VOLUMES NACIONAES	VALOR OFFICIAL	VOLUMES ESTRANGEIROS	VALOR OFFICIAL
Pelotas.....	388	10:347\$800	.	\$
Florianopolis..	95	10:212\$000	.	\$
S. Francisco...	55	2:245\$000	.	\$
Antonina	44	2:010\$000	.	\$
Paranaguá.....	802	38:960\$000	.	\$
Porto Alegre..	3.548	391:756\$100	.	\$
Santos.....	1.305	111:786\$950	136	42:385\$000
Rio Grande...	2.949	45:445\$200	.	\$
Rio de Janeiro	84.793	9 385:494\$171	14.261	4.414:306\$000
Victoria.....	13.364	375:780\$240	.	\$
Bahia.....	10.496	693:071\$910	2.057	273:306\$200
Maceió	260	65:231\$740	29	9:700\$000
Recife.....	28.901	2.762:496\$150	5.236	708:714\$315
Cabedello.....	357	38:797\$000	1	3:000\$000
Natal.....	13.590	274:183\$000	3	1'558\$000
Aracatí.....	165	38:510\$700	.	\$
Camocim.....	15.299	280:554\$000	1	\$
Fortaleza.....	3.441	512:237\$600	618	267:243\$700
Amarração....	2.009	66:234\$400	111	12:420\$000
Tutóia.....	4.591	171:709\$700	.	\$
Pará.....	61.462	876:109\$880	11.169	1.763:703\$835
Manáus.....	102	12:200\$000	211	69:947\$000
Itacoatiara....	3.646	4:000\$000	.	\$
Obidos.....	1	\$.	\$
Itajahi	1	200\$000	.	\$
	251.664	16.169:573\$541	33.833	7 566:193\$111

RESUMO :

251 664	Volumes nacionaes.....	16 169:573\$541
33.833	« estrangeiros...	7 566:193\$111
Total		23 735:766\$652

S. LUIZ

Importou por cabotagem, no exercicio de 1917 a 1918:

Volumes nacionaes	251.664	Valor official	16.169:573\$541
' estrangeiro	<u>33.833</u>	' '	<u>7.566:193\$111</u>
Total	285.497	Total	23.735:766\$652

PROCEDENCIA	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Rio de Janeiro.....	99.055 vol.	13.799:909\$232
Pernambuco.....	34.137 »	3.471:210\$465
Pará.....	72.631 »	2.639:813\$715
Ceará.....	19.524 »	1.098:546\$000
Bahia.....	12.553 »	966:378\$110
Rio Grande do Sul.....	6 885 »	447:549\$100
Espirito Santo.....	13.364 »	375:780\$240
Rio Grande do Norte.....	13.593 »	275:741\$000
Tutoia.....	4.591 »	171:709\$700
S. Paulo.....	1.441 »	154:171\$950
Amazonas.....	3.960 »	86:147\$000
Piauhi.....	2.120 »	78:654\$400
Alagoas.....	289 »	74:931\$740
Parahiba do Norte.....	358 »	41:797\$000
Paraná.....	846 »	40:970\$000
Santa Catharina.....	150 »	12:457\$000

CAPITULO III

CONFRONTO ENTRE A EXPORTAÇÃO E A IMPORTAÇÃO

Julgámos necessario organizar alguns quadros comparativos da exportação nacional com a importação, por cabotagem, do estado, nos quatro ultimos exercicios, demonstrando os *deficits* e os saldos obtidos a favor da economia estadual :

A exportação e a importação nacional

Exercicio de 1914 a 1915—Exportação nacional	6.212:362\$983
Importação nacional	6.816:652\$497
DEFICIT contra a economia estadual	604:289\$514
Exercicio de 1915 a 1916—Exportação nacional	14.176:165\$865
Importação nacional	11.335:427\$272
SALDO a favor da economia estadual	2.840:738\$593
Exercicio de 1916 a 1917—Exportação nacional	16.715:881\$697
Importação nacional	13.933:424\$325
SALDO a favor da economia estadual	2.782:457\$325
Exercicio de 1917 a 1918—Exportação nacional	21.708:574\$868
Importação nacional	20.698:943\$901
SALDO a favor da economia estadual	1.009.630\$967

Verifica-se dos mappas expostos que o Maranhão alcançou, nos tres ultimos exercicios, saldos a favor da sua economia, uo confronto estabelecido entre o que vende e compra dos portos nacionaes, apesar de ter feito, nos referidos annos, quasi toda a sua importação por intermédio dos outros estados da União.

Resolvemos tambem inserir aqui os seguintes dados comparativos do intercambio com as praças exteriores, nos ultimos cinco annos:

A exportação e a importação estrangeira:

Anno de 1913—Exportação para o estrangeiro	9 888:000\$000 (")
Importação do estrangeiro	<u>8.581:000\$000</u>
SALDO a favor da economia estadual	1 307:000\$000
Anno de 1914—Exportação para o estrangeiro	7 875:000\$000 (")
Importação do estrangeiro	<u>5.080:000\$000</u>
SALDO a favor da economia estadual	2.795:000\$000
Anno de 1915—Exportação para o estrangeiro	10.198.000\$000 (")
Importação do estrangeiro	<u>4 996:000\$000</u>
SALDO a favor da economia estadual	5.202:000\$000
Anno de 1916—Exportação para o estrangeiro	11.830:168\$000 (")
Importação do estrangeiro	<u>5.387:605\$000</u>
SALDO a favor da economia estadual	6.442:563\$000
Anno de 1917—Exportação para o estrangeiro	13.216:756\$000 (")
Importação do estrangeiro	<u>7.424:558\$000</u>
SALDO a favor da economia estadual	5.792:198\$000

(") NOTA :—Nestas exportações, estão incluídos os productos embarcados pela ilha do Cajueiro (Tutoia), por onde tambem saem os generos piauienses.

As importações, porém, comprehendem apenas os productos entrados pelo porto de S. Luiz.

Os nossos clientes e fornecedores nacionaes

Fazendo um confronto entre os nossos principaes clientes e fornecedores nacionaes, isto é, entre os estados da União a quem

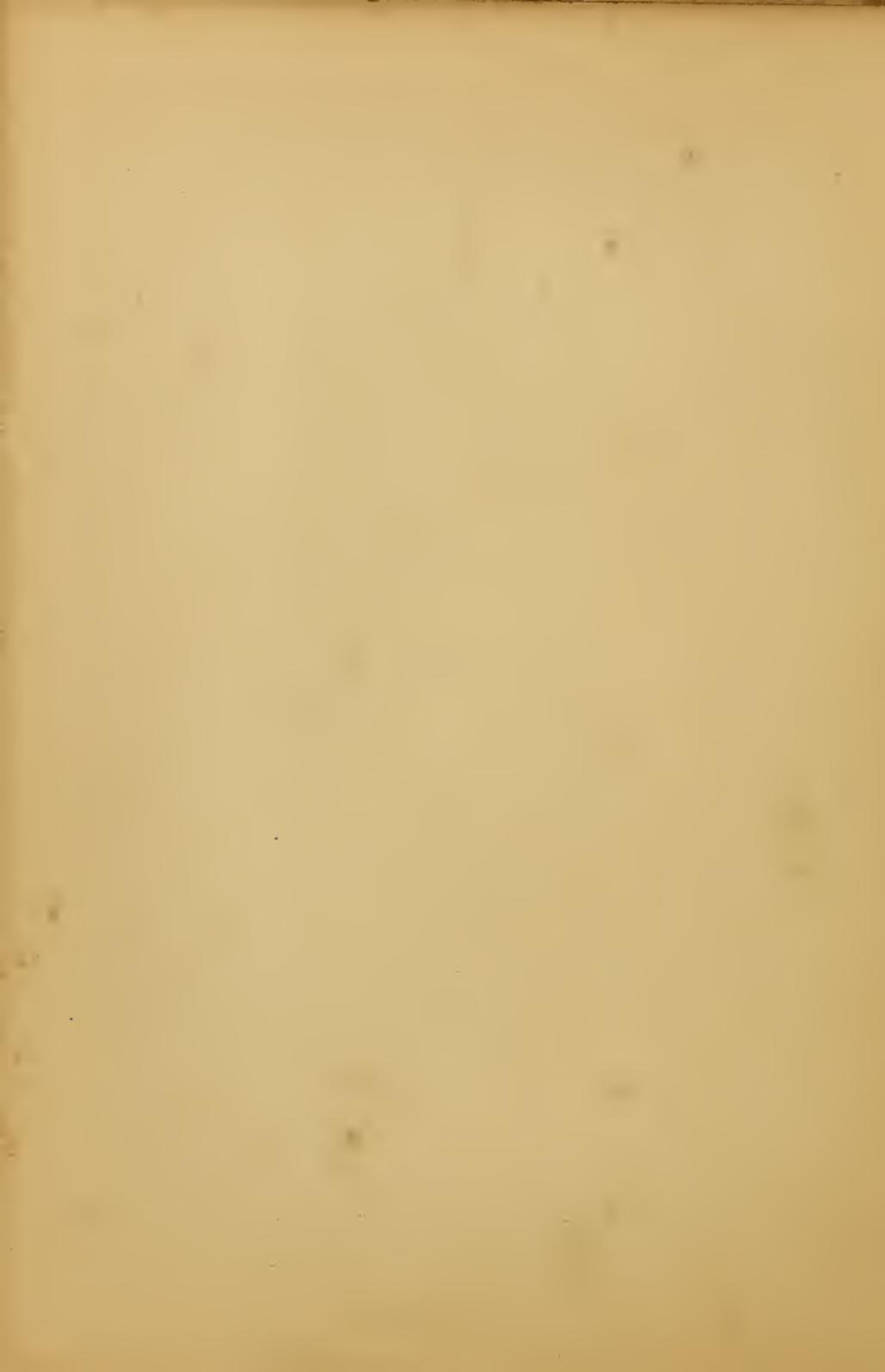
vendemos os nossos productos e de quem comprámos os artigos da industria nacional, chegámos ao seguinte resultado, quanto ao equilibrio da nossa balança commercial:

ESTADOS	COMPRAMOS	VENDEMOS	Saldo contra nós	Saldo a nosso favor
Rio de Janeiro . . .	9.385:649\$171	7.173:602\$510	2.212:046\$631	\$
Pernambuco . . .	2.762:496\$150	1.025:757\$630	1.736:738\$520	\$
Pará	876:109\$880	1.632:518\$180	\$	756:408\$300
Ceará	831:302\$300	2.696:487\$505	\$	1.465:185\$205
Bahia	693:071\$910	1.046:228\$080	\$	353:156\$170
Rio Grande do Sul .	447:549\$100	310:018\$300	137:530\$800	\$
Espirito Santo . . .	375:780\$240	152:956\$000	222:824\$240	\$
Rio Grande do Norte .	274:123\$000	336:129\$500	\$	61:946\$500
S. Paulo	111:786\$950	1.638:279\$400	\$	1.526:492\$450
Piauí	66:234\$400	141:827\$160	\$	75:593:240
Alagoas	65:231\$740	84:808\$820	\$	19:577\$080
Paraná	40:970\$000	120\$000	40:850\$000	\$
Parahiba	35:797\$000	575:275\$940	\$	536:478\$940
Amazonas	16:200\$000	1.232:313\$810	\$	1.216:113\$810
Sta. Catharina . . .	12:457\$000	\$	12:457\$000	\$

Neste quadro, não figura o valor official das mercadorias estrangeiras, compradas por intermédio de outros portos nacionaes, isto é, importadas dos outros estados da União, entre os quaes se salientam o Rio de Janeiro, com **4.414:215\$061**, e o Pará, com **1.763:703\$835**, como se observará no quadro da importação por cabotagem, segundo os portos de origem, já anteriormente publicado.

De facto, essa importação de artigos estrangeiros não deve pesar na balança do commercio interestadual, por ser toda transitoria, visto que, ao restabelecer-se o serviço de transportes maritimos, o Maranhão passará a realizar directamente a sua principal importação.

Tambem não consta do referido quadro a exportação que fizemos pelos municipios do interior do estado, cujas collectorias não especificam os destinos dados aos productos remetidos, no valor de Rs. **4.062:252\$003**, de accôrdo com o quadro da exportação por portos de origem, já inserido neste relatório.



SEGUNDA PARTE
A PRODUÇÃO DO ESTADO

CAPITULO I

A PRODUÇÃO

O Maranhão, estado do nordeste brasileiro, dispondo de um vasto territorio, privilegiada flora, magnifico clima e fertilissimo solo, estaria de ha muito collocado no numero dos maiores productores, entre as demais circunscipções dêste admiravel paiz, se dispuzesse de um porto regular, de boas vias e meios de comunicação e transporte.

Infelizmente, como parte integrante do norte desamparado, vae vivendo dos seus proprios recursos, e, se as suas condições não são invejaveis, em todo o caso, não são desesperadoras. A sua produção, que é sobretudo a agricola, tem tido um regular acrescimo, nos quatro ultimos exercicios economicos.

Não ha duvida que essa ascensão deveria evidenciar-se mais avultada, dadas as condições do momento, pelas cotações extraordinariamente compensadoras por que se teem mantido os preços dos principaes productos da nossa lavoura.

Momento extraordinario e unico, esse da conflagração mundial, deveriamos tê-lo aproveitado para o desenvolvimento economico do estado, afim de se conseguir o maximo da produção e a sua consequente riqueza.

Diversas, porém, foram as causas que influiram para esse quasi estacionamento productivo do Maranhão.

Entre ellas, como principaes, citaremos as tres seguintes:

A escassez de transportes e de meios de comunicação

A maior lacuna do nosso aparelhamento economico está na completa escassez das estradas de ferro e de rodagem e nos embarços que a todo o momento se nos deparam na nossa navegação maritima e fluvial.

Em materia de estradas ferreas, ainda continuamos nos 78 kilometros que vão de Caxias a Cajazeiras, ha muitos annos inaugurados, e na perenne promessa do tráfego da estrada dos TRILHOS DE OURO, que deverá ir de S. Luiz a Caxias.

Quanto a estradas de rodagem, permanecemos exclusiva-

mente na posse das construídas rotineiramente, ha mais de meio seculo, de que nos falam os relatorios daquella epoca, e nos antigos caminhos de boiada, abertos pelos habitantes que palmilharam primitivamente o solo desta fertilissima terra.

Todas essas vias de comunicação, deficientes, e em mau estado de conservação, offerecendo um penoso percurso, marcadamente na estação invernosá, constituem mais um obice ao progresso d'este estado, que arterias por onde se deveriam escoar os productos da nossa riqueza e do nosso trabalho.

E' um problema sério a encarar, de vital interesse para o Maranhão, a construcção de estradas para caminhões-automoveis, iniciadas com proveito, nos estados do sul.

A falta de credito

Já dizia Demosthenes que o credito é «o maior capital, entre todos os que nos proporcionam a riqueza». Entre nós, o credito é muito limitado. Só o conhecemos através dos bancos de depositos e descontos por taxas onerosas. Precisamos de incrementar a fundação dos bancos agricolas com a caução dos semoventes e frutos pendentes, em vez de prosseguirmos na criação de bancos hypothecarios, que só emprestam sobre os immoveis muito valorisados.

Além disso, deveriamos criar, nas diversas praças do estado, pequenos bancos populares, para o desconto de saques da pequena lavoura sobre os seus commissarios.

A rotina agricola

Outro grande mal, que nos entorpece o desenvolvimento economico, é a pouca diffusão do ensino profissional e agricola. A nossa lavoura continúa entregue ao pequeno lavrador, sem capital e sem cultivo.

Tratando de tão importante assumpto, não posso deixar de transcrever aqui o que dizia, em 1856, no seu relatorio daquelle anno, apresentado a assembléa provincial, o presidente Antonio Candido da Cruz Machado, sobre o atraso da nossa agricultura naquella epoca:—«O uso immoderado da foíce e do machado, com que, compellidos ao trabalho, abrem os escravos, todos os annos, novos roçados, faz um perfeito contraste com a indolencia de uma grande parte da população livre, que vive entregue á ociosidade, e aos vicios resultantes desta.

«O tempo, aqui empregado, em roçar e nas derrubadas, é o que decorre de agosto a dezembro; preparados os roçados, queimam-se, e encoivara-se depois o terreno, que, em janeiro, deve ser plantado, se a queima foi por ventura favoravel, pois

não poucas vezes o roçado fica em parte, senão todo, perdido, por se não vencerem as coivaras. Para este serviço, que abrange bom espaço do anno, é escolhida a melhor gente, que, durante as derrubadas, corre o risco de ficar esmagada pelos pesados troncos das arvores. Por esta breve descripção do sistema geralmente empregado pelos lavradores da provincia, pode-se calcular o terreno aproveitado de uma extensão immensa, que se prepara, pois fica sempre atravancado de tocos e de grandes madeiros, o que, difficultando o passo aos trabalhadores, e roubando parte do terreno ás sementeiras, impede o lavrador de recolher tudo quanto a terra produziu, em retribuição das suas fadigas. Além do cuidado, que acompanha o escravo, no tempo da novidade dos generos de cultura, para satisfazer a tarefa que se lhe marca, outros cuidados o assaltam durante o trabalho, que elle faz, procurando sempre desviar-se dos tocos e dos espinhos, que, ao menor descuido, lhe rasgam as roupas e as carnes. Os mesmos serviços se repetem annualmente e, no breve espaço de tres e mesmo de dois annos, é o lavrador obrigado a abandonar o logar, a fazer novas eiras, ranchos novos, e finalmente novas estradas.

«Em resultado do exposto e do mais que ainda poderia dizer, e do que, com tanta illustração, fizeram alguns dos meus predecessores, para levantar a lavoura desta provincia da decadencia em que se acha, e torna-la prospera, e em não mui longos annos, parecem-me meios mais efficazes os seguintes:

«1.º—Traçar um vasto sistema de vias de communicação, fluviaes e terrestres, entre os centros mais importantes de produção e o litoral, e não poupar sacrificios para realiza-lo, sacrificios que serão abençoados pela população, quando começar a entrar no goso das vantagens, que delles hão de necessariamente provir, e que serão prodigamente recompensados por estas;

«2—Abandonar o actual methodo de cultura, que fica descripto em ligeiros traços, filho da ignorancia dos primeiros colonos que ha tres seculos povoaram esta terra, e da cega rotina dos que os seguiram, que exaure as forças do homem, para obter uma somma de productos evidentemente inferior á que conseguiria, se as empregasse segundo a pratica dos paizes mais adiantados nos conhecimentos agricolas, embora de uma maneira menos perfeita.

«3.º—Derramar a instrucção profissional, que deve, no meu entender, limitar-se, por ora, a ser toda pratica e exemplar, adiantando-se para tempos que hão de vir a explicação e o conhecimento das theorias».

—Ao ler os topicos acima trasladadas, parece-nos que foram traçados para a época que atravessámos, de tal modo ainda são praticados, na nossa lavoura de hoje, os usos nelles descrip-

tos. De facto, faça-se omissão da palavra ESCRAVOS, que ali se encontra, e, em tudo mais, a descripção feita da lavoura daquelle tempo, com raras excepções, se enquadra nos habitos do lavrador maranhense da actualidade.

E no entanto são passados 62 annos!

Ent e as causas que, neste momento, contribuem para a rotina agricola, entre nós, está a desconfiança do capitalista, que não se mexe em prol do desenvolvimento do trabalho da terra entre nós. Cinge-se a obter lucros, como intermediario commercial, e a empregar os proventos obtidos, na compra de titulos publicos.

Existem, felizmente, excepções a essa regra, e assim é que ahí está a empreza fundada pelo capitalista da nossa praça, sr. Manoel Alves de Barros, de sociedade com o sr. engenheiro agronomo William Wilson Coelho de Souza, para a cultura intensiva do algodão, no municipio de Guimarães, e as das companhias norueguesas The Oversea Company of Brazil e Uniter Lumber of Veneer Co., para a exploração de madeiras e plantios diversos, no municipio do Turiassú, e algumas outras iniciativas em menor escala.

Citando as causas provaveis do Maranhão não ter conseguido o grande augmento de producção, que era de esperar das condições anómalas, em que se mantiveram os mercados mundiaes, não podemos furtar-nos a transcrever para aqui os motivos expostos no relatorio do então presidente da provincia dr. Eduardo Olimpio Machado, impresso em 1855, sobre o pequeno incentivo da lavoura naquella época:

«Reduzida aos seus verdadeiros termos a questão da decadencia do Maranhão, que não é tamanha, como geralmente se pensa, nem tão pouco devida a causas extraordinarias, ou que lhe sejam especiaes, rectificado esse facto, que não podia deixar de comprometer o credito da provincia, aliás indispensavel ao commetimento de empresas de utilidade e progresso, procurarei explicar as causas a que se prende o abatimento da nossa lavoura. Essas causas podem reduzir-se ás seguintes:

1ª--FALTA DE VIAS DE COMUNICAÇÃO—, porquanto é inquestionavel que não possuímos nem estradas, nem navegação fluvial, que possam offerecer aos productos da lavoura facil sahida para a capital, que é o seu unico mercado. O preço do transporte de varios generos oscilla entre 10 e 30 % do seu valor.

2ª--FALTA DE BRAÇOS.—Além de que, muito antes da cessação definitiva do tráfico, não entravam mais braços para esta provincia, accresce que o alto preço, a que teem chegado os escravos nas provincias do sul, tem excitado por tal fórma a cobiça dos especuladores, que, não obstante as despezas dos transportes, e os embaraços que encontram na fiscalisação das

transferencias, remetem mensalmente, para o Rio de Janeiro centenas e centenas de escravos.

3^a—FALTA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL.—E' incontestavel e reconhecida a ignorancia dos nossos feitores, administradores, mestres de fabrica e vaqueiros. Ao passo que os outros paizes productores de generos similares procuram aperfeçoar o seu sistema de lavoura, nós temos, até hoje, permanecido quasi no estado em que pararam os nossos primeiros lavradores.

4^a—FALTA DE CAPITAES.—Ainda quando os nossos lavradores, desprendendo-se afinal do espirito rotineiro, que tanto damno tem feito á agricultura do paiz, se propuzessem a melhorar os seus estabelecimentos, não poderiam fazê-lo, visto lhes falarem os meios para isso indispensaveis, ou fa-lo-hiam com enormes sacrificios e mediante contractos ruinosos.

—Ainda perduram, actualmente, no nosso meio productor, algumas das causas acima expendidas. Mas outras já desappareceram, e todas se acham explanadas neste relatorio.

O porto de S. Luiz

Preciso se torna, porém, que se destaque, entre todos os óbices existentes para o nosso desenvolvimento economico, aquelle que maior vulto assume e mais de perto nos deve preoccupar, a construcção do nosso porto, dia a dia peorado nas suas condições de ancoradouro solido e amplo.

Já em 1848 o presidente da província Herculano Ferreira Penna, falando do commercio maranhense, dizia:—«A navegação soffre tropeços, além dos riscos da entrada do porto, por falta de fundeadouro seguro e commodo. Ha 30 annos, pouco mais ou menos, fundeavam os navios no rio Bacanga, quasi defronte da igreja das Mercês, e hoje ficam mais de cem braças para a parte da fóz: então, podia o porto admittir um grande numero delles, porque fundeavam tres a tres em uma só linha; mas hoje não cabem mais de doze a quinze, e mui poucos logares ha proprios para os de mais de 500 toneladas».

O estado do porto de S. Luiz, que, naquelles longinquos tempos, já inspirava sérios cuidados, tem ultimamente chegado ao ponto de afastar das nossas aguas a navegação de vapores de alto bordo, que antigamente frequentavam amiude o nosso amarradouro.

Agora, o nosso porto dá difficil accesso, aos grandes vapores, usados na navegação dos mares, e só num unico ponto do seu ancoradouro offerece guarida a um limitado numero de vapores de certo porte.

Mas, graças aos esforços do illustre sr. Urbano Santos, parece que se vae realizar essa secular e justa aspiração dos ma-

ranhenses, pois foi, nos ultimos dias dêste anno, assignado um contracto, entre o governo federal e o governo estadual, passando para este o serviço das obras do nosso porto.

Faz parte do projecto dessa construcção uma obra de relevante importancia e real necessidade, a escavação do:

Canal do Arapapahi

«A abertura dêste canal, diz Cruz Machado, no seu relatório de 1856, tinha por fim communicar as aguas do Bacanga com as do Arapapahi, ou antes as aguas da bahia de S. Marcos com as que circumdam a ilha de S. Luiz, afim de evitar os perigos do passo do Boqueirão».

Hoje, além dêsse objectivo, affirmam os tecnicos que a sua abertura facilitará a remoção dos varios bancos de areia, que entulham o nosso porto.

Essa obra foi delineada em 1742, tendo começo em 18 de julho de 1776. Nesse tempo, denominava-se passagem de S. Joaquim. Depois, não se sabe por que motivo, foram suspensas as obras, mas o certo é que continuaram a cobrar o imposto criado para esse serviço, de 160 réis por cada arrôba de algodão, que, tinha produzido, até ao anno de 1808, a somma de 621:463\$533.

Planeada e orçada pelo engenheiro civil João Nunes de Campos, teve novamente principio em 1 de fevereiro de 1848. Os trabalhos prosseguiram até 21 de agosto de 1858, quando os suspenderam definitivamente.

Cremos que influiram para essa paralisação os relatorios de alguns presidentes de província, que, sem o menor descortino do futuro, não avaliaram convenientemente a importancia de tal obra.

Assim é que Magalhães Taques, no seu relatório de 1857, ponderava:—«Depois do que deixo relatado, parecerá, senhores, que da mesma sorte que o tonel, que fabulava a antiguidade, nunca se enchia, este canal nunca se acaba, ou que os seus operarios desfazem a noite quanto executaram durante o dia».

Foi, porém, o presidente Paes Barreto, no relatório com que passou o governo ao sr. João Pedro Dias Vieira, e que este apresentou á assembléa em 1858, que lhe lançou a ultima pá de cal, afirmando:—«Na época em que se projectou a abertura do canal do Arapapahi (1742), de certo que de grande utilidade era essa obra, que tinha por fim, como v. exa. sabe, communicar interiormente o porto desta cidade, por intermédio do rio Bacanga, com as aguas que inundam a ilha de S. Luiz, afim de que as embarcações que veem do interior da província, pelos rios Monim, Mearim, Itapecurú, Pindaré, etc., pudessem evitar a pe-

rigosa passagem do Boqueirão, onde se tem perdido muito cabedal e muitas vidas. Mas, depois da navegação a vapor, os perigos do Boqueirão, que só existem para os pessi-mos barcos, empregados nos transportes nos generos remetidos do interior para esta capital, não podem assustar ninguem, e eu duvido muito de que o canal de que se trata, ainda depois de concluido, tenha outro prestimo que não seja o de dar passagem a pequenos cascos, que conduzem fructas e outros objectos de pouco valor.

«Não faltará quem observe que, parando por uma vez a obra, se terá dispendido em pura perda 560:000\$000; mas ninguem dirá que, para não se perder essa quantia, se deva gastar mais 200 ou 300:000\$000, sem uma utilidade correspondente. Demais, não é minha opinião que se abandone inteiramente o canal, que se espere pela navegação a vapor, que deve começar em setembro dêste anno, afim de se conhecer se ella satisfaz o fim que se tinha em vista, quando se emprehendeu a sua construcção».

No relatorio do mesmo presidente, vinha este quadro, quanto ao estado das obras no anno em que foram suspensas:

Obra feita, util	600 000 metros cubicos
Desmoronamento e atêrro	220.000 » »
Obra a fazer	202 000 » »

A quantia despendida attingiu 560:000\$000, tendo o governo imperial concorrido com 104:000\$000. A somma precisa para conclui-la foi, então, avaliada em 200:000\$000.

E' esta obra talvez uma das mais importantes do estado, a qual, se a levarem ao cabo, como esperâmos, muito concorrerá para o barateamento dos fretes dos productos oriundos dos municipios do interior.

E' nosso pensamento que uma quadra melhor e mais promissora nos aguarda, num futuro proximo, que depende só das nossas proprias iniciativas e do auxilio dos poderes publicos.

E' facto que poderiamos e deviamos achar-nos em plano superior ao em que nos encontrâmos, pois não produzimos de accôrdo com as condições especiaes da terra que habitâmos. Mas, se não galgâmos ainda o logar que de ha muito se nos reserva, podemos no entanto affirmar que a nossa decadencia não é tanta como se alardeia.

A riqueza ahi está, senão accumulada nas mãos de poucos,

como antigamente, maior e mais disseminada pela população, que demonstra maiores recursos pecuniarios.

A lavoura permanece primitiva e rotineira. A produção, porém, augmenta e novos generos garantem um grande desenvolvimento.

Para assegurar, num breve futuro, a nossa posição de destaque, no meio economico do paiz, basta que não nos faltem as realizações de um bom porto, do tráfego da estrada de ferro de S. Luiz a Caxias, da construção de estradas de rodagem e do saneamento das nossas zonas productoras e dos nossos sertões, com que nos acenam os nossos representantes politicos, que teem a orientá-los o vulto eminente do sr. dr. Urbano Santos.



CAPITULO II

O VALOR E A QUANTIDADE DA PRODUÇÃO

Como já dissemos, a maior produção maranhense é a agrícola e, quaesquer que sejam os dados apresentados, sobre a mesma, não exprimem a realidade.

Só podemos conhecer o total dos productos que entram na capital, em transitio, pelos armazens da recebedoria do estado, e os que são exportados por esta e pelas collectorias. Dos consumidos no interior, apenas sabemos daquelles que são cobrados, por lançamentos pelas estações fiscaes.

A grande produção, consumida pelos proprios productores nos nucleos e fazendas de lavoura, e isenta de impostos, fica inteiramente desconhecida e ignorada, pelo que, como accentuou o meu illustre antecessor, no relatorio do ultimo exercicio, só podemos demonstrar a produção dos generos que *passam pelas malhas da fiscalisação*.

O valor official da nossa produção tem tido um regular accréscimo, em particular no derradeiro triénnio economico.

Regista-se, nos anteriores relatorios da secretaría da fazenda, a produção de rs. 25.242:938\$726, para o exercicio de 1915 a 1916, e a de rs. 28.117:317\$934, para o de 1916 a 1917. Ambas estas cifras estão incompletas, não só pelas causas já citadas, da falta de estatistica agricola, mas porque tambem deixaram de lhes addicionar o valor da exportação directa dos municipios, que não deixa de ser uma parte integrante da produção dos mesmos.

Rectificando aquellas publicações, damos abaixo os Algarismos exactos, apanhados pelo fisco, daquelles exercicios:

Exercicio de 1915 a 1916

Produção do interior e da capital, entrada nos armazens da recebedoria.....	20.273:903\$366
Idem, cobrada pelas estações fiscaes e consumida no interior.....	4.969:035\$360
Idem, exportada directamente pelos municipios do interior.....	3 614:105\$470
Total.....	28.857:044\$196

Exercício de 1916 a 1917

Produção do interior e da capital, entrada nos armazens da recebedoria.....	24 111:946\$580
Idem, cobrada pelas estações fiscaes e consumida no interior.....	4 005:411\$354
Idem, exportada directamente pelos municipios do interior.....	4.032:316\$450
Total.....	<u>32 149:674\$384</u>

Exercício de 1917 a 1918

Produção do interior e da capital, entrada nos armazens da recebedoria.....	32.822:378\$253
Idem, cobrada pelas estações fiscaes e consumida no interior.....	6.252:121\$665
Idem, exportada directamente pelos municipios do interior.....	4.083:559\$333
Total.....	<u>43.158:059\$251</u>

Monta, como acabâmos de verificar, a rs. 43 158:059\$251 o valor official da produção conhecida no exercicio passado.

Comparando a produção do triennio, encontrâmos estes accrescimos, de uns para os outros:

Do de 1916 a 1917 para o de 1915 a 1916	3.292:630\$188
Do » 1917. a 1918 » » » 1916 » 1917	11.008:384\$867

Cálculo do total da produção

Podemos asseverar que o valor official dos productos maranhenses é inferior ao verdadeiro num terço, pelo menos, pelo que não temos duvida em garantir que a nossa produção conhecida, no exercicio findo, attingiu a somma de 25 MIL CONTOS DE RÉIS. Repetindo neste relatorio o que já externâmos num trabalho sobre as condições economicas e financeiras do Maranhão, publicado na *Revista de Commercio e Industria*, de S. Paulo, e admittindo, como pensa o illustre sr. Fran Paxeco, no seu livro «O Trabalho Maranhense», que os municipios remetem, para a capital, um quarto do valor dos productos que consomem, deveria calcular-se que o interior consome, da sua propria produção, 130 MIL CONTOS DE RÉIS, ou seja, para todo o Maranhão, um total de 175 MIL CONTOS DE RÉIS

Cremos, porém, que se não devem incluir nesse cálculo de

produção, elevada ao quádruplo, os valores de certas mercadorias expedidas para S. Luiz, como sejam — couros de gado vacum, borracha, côco babassú, em amendoas, tapióca do Pará e outros, que não são quasi consumidos no interior.

Retirando, pois, dêsse cálculo, a quantia de 10 mil contos de réis, valor mais ou menos dos productos acima citados, pode-se elevar ao quádruplo o restante da produção remetida para a capital, que deve subir a uns 34 mil contos de réis, para conferir, convindo na exactidão do referido cálculo, ao exercicio findo, o total de 135 MIL CONTOS DE RÉIS.

Essa produção, computada sobre o valor completo, que deve ser superior ao official, repita-se, num terço pelo menos, deverá dividir-se assim:

Exportada pelo porto de S. Luiz	30.600:000\$000
Exportada pelo interior.....	5.400:000\$000
Consumida na capital.....	13.040:000\$000
Consumida no interior.....	85.960:000\$000
	<u>135 000:000\$000</u>

Calculando, porém, a produção pelo valor official, constante dos mappas annexos, e adoptado o criterio de levar ao quádruplo do conhecido o valor dos productos vindos do interior para a capital, totalizaremos a nossa produção em rs. 105.373:072\$345, que, distribuida pela fôrma acima, dá o seguinte resultado:

Exportada pelo porto de S. Luiz	23 024:998\$005
Exportada pelo interior.....	4 083:559\$333
Consumida na capital.....	9 797:380\$248
Consumida no interior.....	68 467:134\$759
	<u>105.373:072\$345</u>

Cálculo da produção por habitante

Admitindo, para o Maranhão, o numero de 600.000 habitantes, e dividindo por estes o valor da produção estadual, achâmos este resultado para cada habitante:

Produção, segundo o valor commercial ou verdadeiro, de rs. 135.000:000\$000, adoptado o criterio de elevar o consumo do interior ao quádruplo do remetido para a capital.....	por habitante	225\$000
Idem, segundo o valor official de rs. 105.373:072\$345, adoptado o criterio de elevar o consumo do interior ao quádruplo do remetido para a capital	por habitante	165\$621
Idem, conhecida e discriminada nos mappas annexos, segundo o valor official de rs. 43.158:059\$251.....	por habitante	71\$931

Os principaes artigos da nossa produçãõ

No exercicio findo, foi esta a nossa produçãõ conhecida, pelos mais valiosos artigos agricolas e industriaes:

PRODUCTOS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Algodão em pluma.....	5.002.425 kls.	12.308:057\$514
Algodão em carôço.....	209 238 »	146:161\$600
Arroz em casca.....	11.098 074 »	2.438:380\$749
Arroz pilado.....	801.022 »	219:887\$256
Carne sêcca.....	224 573 »	306:917\$100
Carôço de algodão.....	456.949 »	31:356\$920
Cêra de carnaúba.....	111 000 »	248:363\$320
Côco babassú em amendoas..	5.781.253 »	2:998:764\$150
Côco babassú em casca.....	4 339.152 »	187:416\$644
Couros de gado vaccum.....	140.857 unids.	3.465:104\$820
Couros de cabra.....	24.153 kls.	76:290\$900
Couros de veado.....	35.816 »	138:750\$500
Farinhas de mandiôca.....	9.073 241 »	1.717:614\$875
Fio de algodão.....	40 965 »	161:530\$000
Gado vaccum.....	33.916 unids.	2 521:350\$000
Gado suino.....	10.246 »	321:756\$000
Madeiras diversas.....	179 765 unids.	158:771\$979
Mamona.....	356.638 kls.	159:022\$560
Milho.....	4 453.682 »	696:328\$786
Sabão.....	748.505 kls.	609:301\$300
Sêbo.....	92.356 »	99:735\$500
Tapióca do Pará.....	2.784.199 »	1 782:320\$080
Tapióca de gomma.....	381 603 »	247:818\$725
Tapióca de fôrno.....	125.949 »	75:366\$347
Tapióca diversas.....	333.013 »	105:765\$280
Tecidos de algodão.....	9.941.162 mts.	6.684:959\$534
Outros productos.....	.	4 950:966\$812
Total.....	Rs.....	43.158:059\$251

Nas paginas immediatas, publicãmos diversos outros mapas elucidativos, sobre os productos entrados nos armazens da Recebedoria, os consumidos e cobrados nos municipios do interior, pela ordem dos valores officiaes e tambem da differença existente, entre o total da produçãõ e a exportaçãõ, feita no exercicio de 1917 a 1918.

MAPPA comparativo do total dos principaes generos do estado, produzidos e exportados, pelas suas quantidades, no exercicio de 1917 a 1918:

GENEROS	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO	Saldo para consumo
Algodão em pluma	5.002.425 kls.	2.879.866 kls.	2.122.559 kls.
Algodão em carôço	209.238 »	6.515 »	202.673 »
Arroz em casca (*)	11.098.074 »	242.720 »	10.855.354 »
Arroz pilado	801.022 »	5.509.900 »	.
Carne sêcca	224.573 »	100.710 »	123.833 kls.
Caroço de algodão.	456.949 »	456.949 »	.
Cêra de carnaúba	111.000 »	111.000 »	.
Côco babassú em amendoas	5.781.253 »	5.553.177 »	228.076 »
Côco babassú em casca	4.339.152 »	1.000 »	4.338.152 »
Couros de gado vaccum	140.857 unids.	140.857 unids.	.
Couros de cabra	24.153 kls.	24.153 kls.	.
Couros de veado	35.816 »	35.816 »	.
Farinhas de mandiôca	9.073.741 »	6.464.023 »	2.609.218 »
Fio de algodão.	40.965 »	41.031 »	.
Gado vaccum	33.916 unids.	1.785 unids.	32.131 unids.
Gado suino	10.426 »	753 »	9.673 »
Madeiras diversas	179.765 unids.	17.253 unids.	162.512 unids.
Mamona	356.638 kls.	351.902 kls.	4.736 kls.
Milho	4.453.682 »	3.150.292 »	1.303.390 »
Sabão	748.505 kls.	81.061 kls.	667.444 kls.
Sebo	92.356 »	.	92.356 »
Tapiôca do Pará	2.784.199 »	2.113.159 »	670.340 »
Tapiôca de gomma	381.603 »	190.691 »	190.912 »
Tapiôca de forno	125.949 »	20.680 »	105.269 »
Tapiôcas diversas	333.013 »	88.671 »	244.342 »
Tecidos de algodão	9.941.162 mts.	8.757.714 mts.	1.783.448 mts.

(*) NOTA :—O saldo para o consumo, de 10.855.354 kls. de arroz em casca, demonstrado neste mappa, deduzido de um têrço para quebras no descascamento, fica reduzido a 7.236.903 kls. de arroz pilado, dos quaes se exportaram 5.509.915 kls., ficando o saldo para o consumo em 1.726.988 kls.

MAPPÁ estatístico da produção do estado, entrada nos armazens da Recebedoria, durante o exercício de 1917 a 1918

RS. 32.822:378\$253

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
CLASSE 1.^a		
ANIMAES e seus productos:		
Banha de porco.....	45.068 kls.	76:229\$900
Buxo de peixe.....	4.543 »	11.509\$000
Camarão sêcco.....	102 993 »	122.472\$800
Carne sêcca.....	215 854 »	299:085\$100
Carne de porco.....	57.589 »	55.714\$200
Chifres	3.775 unds.	304\$000
Couros de gado vaccum.....	54.430 unds.	1.934:472\$000
Couros de veado.....	14.379 kls.	60:682\$500
Couros de cabra.....	370 »	1:875\$500
Couros de anta.....	19 »	158\$500
Couros de carneiro.....	26 »	143\$000
Couros de onça.....	1 »	20\$000
Couros de porco.....	4 »	22\$000
Couros de guaxini.....	1 »	5\$500
Crina animal.....	5.710 kls.	8:052\$000
Fato sêcco.....	19.200 »	5:760\$000
Gado vaccum.....	12 909 unds.	1.091:020\$000
Gado suino	6 093 »	208:590\$000
Gado lanigero.....	108 »	1:295\$000
Gado caprino.....	118 »	1:640\$000
Leitões	290 »	1:143\$000
Linguças.....	35 kls.	75\$000
Mel de abelha.....	55 lts.	55\$000
Peixe sêcco.....	74.429 kls.	71:370\$500
Queijo.....	570 »	2:367\$000
Sêbo.....	91.906 »	99:835\$500
Sola.....	1.327 »	3:981\$000
Sabão.....	486.496 »	443:553\$100
Toucinho.....	8.921 »	14:465\$600
CLASSE 2.^a		
MINERAES e seus productos:		
Bilhas	1.344 unds.	452\$300
Canos de grez.....	1.460 kls.	4:380\$000

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Cal hydraulica.....	1.000 kls.	100\$000
Filtros para agua.....	2 unids.	30\$000
Jarros para plantas.....	180 »	155\$000
Potes.....	2.403 »	2.961\$000
Quartinhas.....	1 226 »	212\$600
Sal.....	596.621 kls.	82:425\$200
Telhas.....	126.450 unids.	17.830\$000
Tijolos.....	352.220 »	33:846\$800
CLASSE 3.^a		
VEGETAES e seus productos		
Arroz em casca.....	10 186.299 kls.	2.272:879\$015
Arroz pilado.....	84.610 »	36:785\$264
Araruta.....	3.585 »	3:353\$500
Algodão em pluma.....	3.972.829 »	10.459:234\$540
Algodão em carôço.....	202.158 »	144:525\$600
Aguardente de canna.....	98 615 lts.	54:771\$470
Aguardente de mandiôca.....	13.407 »	10:037\$130
Assucar superior refinado....	141.362 kls.	119:169\$575
Assucar branco de 1. ^a	1 450 »	1:232\$500
Assucar branco de 2. ^a	192 201 »	60:217\$082
Assucar somemos.....	77.201 »	40:129\$912
Assucar mascavo.....	12 596 »	5:613\$365
Assucar bruto.....	461.447 »	169:012\$570
Azeite de carrapato (mamona)	428 lts.	459\$400
Azeite de andirôba.....	18.186 »	22:853\$800
Azeite de côco.....	2 095 »	2:813\$000
Azeite de peixe.....	23.288 »	22:675\$000
Achas de lenha para combust..	1.089 507 unids.	10:895\$070
Achas de acapú.....	4 350 »	1:012\$500
Achas de apituruna.....	350 »	65\$000
Barrotões.....	153 »	2:770\$000
Barrotes.....	1.935 »	14:670\$000
Borracha fina.....	16.490 kls.	51:840\$000
Borracha de maniçôba.....	5 350 »	9:484\$000
Borracha de câucho.....	400 »	1:203\$000
Braços para cavernas.....	17 unids.	85\$000
Carrapato (mamona).....	337 765 kls.	154:877\$527
Carôço de algodão.....	2.194.075 »	196:590\$780
Carôço de piquí.....	300 »	30\$000
Carôço de bacurí.....	240 »	24\$000
Cacáu.....	8:940 »	7:485\$925
Côco babassú em amendoas..	4 585 550 »	2.653:051\$000

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Côco babassú em casca.....	4.399 152 kls.	187:416\$644
Côco de tucum.....	1.140 »	154\$800
Castanha de andiróba.....	600 »	120\$000
Castanha do Pará.....	1 800 »	1:800\$000
Cravo em lasca.....	60 »	72\$000
Cavernas.....	89 unids.	335\$000
Caibros.....	5:436 »	5:436\$000
Cambotas.....	160 »	137\$600
Cêra de carnaúba.....	5.250 kls.	11:548\$000
Chaprões.....	1 834 unids.	18:240\$000
Cascos para canôas.....	2 »	60\$000
Dormentes.....	3 »	3\$000
Esteios em bruto.....	1.244 »	1.757\$000
Esteios lavrados.....	61 »	122\$000
Estacas.....	17.902 »	2:284\$380
Farinha d'agua.....	1.752 370 kls.	454:827\$500
Farinha sêcca.....	3 867 463 »	890:306\$500
Farinha lavada.....	644 875 »	54 044\$375
Feijão e favas.....	253.278 »	102:686\$175
Fibras.....	240 »	240\$000
Fumo em corda.....	1.575 »	4:725\$000
Fumo em mólho.....	218 »	336\$000
Favas de cumarú.....	1 800 »	1 800\$000
Pio de algodão.....	40.965 »	161:530\$000
Gengibre.....	570 »	255\$000
Gergelim.....	117.347 »	92:071\$450
Grades até 25 palmos.....	2.794 unids.	16:382\$000
Grades de mais de 25 palmos.....	20 »	80\$000
Linhas até 25 palmos.....	19 »	95\$000
Linhas de mais de 25 palmos.....	370 »	2:067\$000
Mangue em tóros.....	9 653 416 »	289:602\$480
Mangue em achas.....	3.150 unids.	31\$500
Mastros para canôa.....	5 »	240\$00
Moirões.....	7.020 »	3:055\$600
Milho.....	3 452 000 kls.	610:345\$625
Pranchões.....	17 »	180\$000
Peça para mais de uma ca- verna.....	3 »	30\$000
Pernas mancás.....	2 »	24\$000
Plumas de corroatá.....	85 kls	1:020\$000
Quilhas para canôa.....	8 unids.	480\$000
Ripas.....	25 534 »	6:371\$000
Retrancas.....	2 »	20\$000

GENEROS	QUANTIDADE	VALOR OFFICIAL
Tapióca do Pará.....	2.784 199 kls.	1.711:486\$145
Tapióca de forno.....	125 949 »	75:366\$347
Tapióca de gomma.....	381.603 »	247:818\$725
Táboas de bacuri.....	2.497 unds.	12:746\$353
Táboas de umerim.....	81 »	305\$000
Táboas para costado.....	1 »	10\$000
Táboas de cedro para soalho..	9 880 »	41:233\$430
Táboas de cedro para fôrro...	30 »	125\$000
Táboas de paparaúba para asoalho.....	4 063 »	13:657\$366
Táboas de paparaúba para fôrro.....	1 086 »	2.765\$000
Táboas de sucupira.....	315 »	1:590\$000
Táboas de guanandí.....	294 »	760\$000
Táboas de bruto.....	12 »	26\$000
Táboas de uruçurana.....	468 »	780\$000
Táboas de limão.....	108 »	305\$000
Táboas de angelim.....	6 »	30\$000
Táboas de pé de gallinha....	18 »	30\$000
Táboas de camassari.....	72 »	240\$000
Táboas de taruman.....	24 »	100\$000
Táboas de louro.....	72 »	300\$000
Táboas de páu d'arco.....	12 »	70\$000
Táboas de flôr de rosa.....	18 »	56\$000
Táboas de cravo.....	54 »	180\$000
Táboas de tatajuba.....	36 »	240\$000
Táboas de tamaquaré.....	18 »	75\$000
Táboas de piqui.....	7 »	47\$025
Talos.....	1.800 »	84\$000
Tecidos alvejados.....	2.082.650 mts.	1 340:133\$000
Tecidos crús.....	398.240 »	207:466\$400
Tecidos tintos.....	5 460 272	3.905:930\$777
Tecidos de canhamo.....	312.806 kls.	1.246:110\$150
Tóros lavrados de 25 palmos	25 unds.	365\$000
Tóros lavrados de 14 palmos	47 »	300\$000
Tóros lavrados de 10 palmos	57 »	370\$000
Tóros cilindricos de 24 palmos	6 »	60\$000
Tóros cilindricos de 14 palmos	159 »	1:766\$000
Tóros cilindricos de 10 palmos	53 »	350\$000
Varas.....	92.995 »	2:233\$300
Vigas.....	15 »	580\$000
Vigotas.....	86 »	1:720\$000
Vêrgas.....	10 »	100\$000

MAPPA dos municípios produtores, segundo os valores officiaes do total da producção do estado, entrada nos armazens da Recebedoria, no exercicio de 1917 a 1918, Rs. 32.822:378\$253:

MUNICIPIOS	VALOR OFFICIAL
S. Luiz.....	5.699:092\$090
Caxias.....	4.190:717\$425
Pedreiras.....	3.231:605\$291
Cururupú.....	1.493:802\$003
S. Luiz Gonzaga.....	1.462:284\$730
Codó.....	1.446:058\$374
Morros.....	1.442:019\$207
Guimarães.....	1.382:980\$514
Coroatá.....	1.219:273\$486
Victoria.....	1.141:485\$060
Vianna.....	1.025:017\$088
Pinheiro.....	818:163\$150
Arari.....	722:304\$375
Rosario.....	694:401\$446
Monção.....	687:265\$226
Barreirinhas.....	565:729\$141
São Bento.....	564:161\$220
Turiassú.....	559:119\$149
Anajatuba.....	417:055\$150
Cajapió.....	370:933\$166
Alcantara.....	353:143\$554
Mangal (*).....	289:633\$980
Itapecurú.....	283:771\$972
S. Vicente Ferrer.....	278:317\$380
Icatú.....	253:921\$462
Miritiba.....	241:678\$663
Interior da ilha.....	208:827\$148
Carutapéra.....	151:707\$438
Penalva.....	145:132\$944
Tutóia.....	108:384\$300
Axixá.....	96:528\$250
Vargem Grande.....	84:193\$650
Mirador.....	27:498\$000
Barra do Corda.....	16:401\$200
S. José de Ribamar.....	6:758\$850
Chapadinha.....	2:769\$800
Barão de Grajahu.....	1:584\$000
Brejo.....	1:282\$500
Grajahu.....	1:220\$400

(*) NOTA:—Mangal não é municipio. Representa apenas o lugar onde são extraídos os tóros de mângue para combustivel, que innumeradas canôas conduzem para S. Luiz.

QUADRO demonstrativo da produção consumida e cobrada, nos municípios do interior do estado, durante o exercício de 1917 a 1918:

RS. 6.252:121\$665

ESTAÇÕES FISCAES	VALOR OFFICIAL
Caxias.....	1.938:152\$707
Codó.....	778:554\$655
Alcantara.....	310:489\$878
Rosario.....	182:314\$760
Anil.....	166:452\$050
Arari.....	143:989\$750
Axixá.....	139:354\$800
Tutoia.....	132:500\$667
Brejo.....	124:122\$221
Araiozes.....	117:668\$800
Cururupú.....	117:082\$951
Miritiba.....	102:418\$600
Vianna.....	95:840\$675
Pinheiro.....	94:591\$300
Guimarães.....	88:813\$900
S Bento.....	88:295\$884
Flôres.....	88:140\$618
Pedreiras.....	87:327\$657
Grajahú.....	81:608\$168
Penalva.....	68:218\$700
Anajãtuba.....	66:552\$131
Picos.....	63:975\$217
Sta. Quitéria.....	62:426\$950
Barra do Corda.....	61:992\$800
Guajerutiua.....	60:733\$800
Coroatá.....	57:702\$000
Itapecurú.....	54:140\$500
S. Bernardo.....	46:364\$000
Morros.....	45:628\$500
S. Vicente Ferrer.....	45:357\$100
Turiassú.....	43:064\$000
Curralinho.....	40:292\$017
Engenho Central.....	33:820\$000
S. João dos Patos.....	32:411\$752
Cajapió.....	31:552\$400
Carolina.....	30:583\$000
Icatú.....	30:306\$721
Primeira Cruz.....	30:290\$000
Porto da Repartição.....	29:804\$333

Burití.....	29:094\$067
S. Luiz Gonzaga.....	28:777\$817
Mearim.....	27:923\$500
S. Francisco.....	27:776\$250
Paço do Lumiar.....	26:872\$450
S. José de Ribamar.....	25:737\$641
Passagem Franca.....	24:445\$959
Vargem Grande.....	24:119\$867
Barreirinhas.....	23:408\$000
Barão de Grajahú.....	20:540\$484
Carutapéra.....	19:424\$000
Sto. Antonio e Almas.....	18:911\$550
Macapá.....	18:016\$500
Monção.....	17:335\$667
Nova York.....	17:267\$000
Sta. Helena.....	14:936\$267
Imperatriz.....	14:159\$150
Tapéra.....	13:114\$650
Mirador.....	8:722\$500
Alto Parnahiba.....	8:185\$600
Piquí.....	5:742\$000
Ponte Nova.....	4:724\$000
Redondo.....	4:031\$500
Fóz do Balsas.....	3:808\$334
Bacanga.....	2:743\$300
Porto Formoso.....	2:439\$000
Pastos Bons.....	2:350\$000
Sto. Antonio de Balsas.....	2:196\$000
Riachão.....	2:162\$500
Curucáua.....	220\$000

CAPITULO III

OS NOSSOS PRINCIPAES PRODUCTOS

O ALGODÃO

O algodão no Brasil

A primeira noticia que ha sobre o algodão, no Brasil, vem de 1560, data em que Duarte Albuquerque Coelho herdou a capitania de Pernambuco.

Antes de tomar incremento, nos estados do norte, a cultura do algodão, já esta malvacea era conhecida sob o nome de *manih*, pelos naturaes do paiz, que a applicavam no fabrico das suas rêdes e utensilios de pesca.

A zona privilegiada, para o plantio do algo-loeiro, vae do Maranhão até Alagôas, ainda que esta cultura se possa fazer, como se faz, com successo, em outros estados.

Até 1875, o nosso paiz occupava o terceiro logar entre os productores do algodão. Agora, estamos muito abaixo, na escala dos grandes productores dêste genero. Teem concorrido para esta collocação em plano inferior varias causas, das quaes avultam— a falta de selecção de fibras, de accôrdo com o aperfeiçoamento dos maquinismos modernos, máu trato na época da colheita, pessimo acondicionamento e emprego de descaroçadores de infima qualidade.

O Brasil consome, com a sua industria fabril, a maior parte do seu algodão. Annos ha em que o nosso paiz não exporta mais de 5 % ou 10 % do total da sua producção.

Precisâmos, porém, de ir comprehendendo que a exporta-

ção do algodão pode constituir uma immensa fonte de riqueza para o Brasil, o que se comprova pelo seguinte quadro da produção mundial, que transcrevemos de um trabalho sobre «A lavoura e o commercio de algodão no Brasil», publicado pelo dr. J. A. da Costa Pinto, na «Revista Commercio e Industria», em dezembro de 1917:—«A safra algodoeira do mundo, em 1914-1915, elevou-se a 5 055.665.000 kls., assim discriminados:—ESTADOS UNIDOS, 16 740.000 fardos m/m 225 kls., cada um—3.766.500.000 kls.; INDIA—5.233.000 fardos m/m 180 kls., cada um—941.940 000 kls. (6.347 000 cantars); EGITO—869.000 fardos m/m 325 kls., cada um—282.425.000 kls. (m/m 810.000 saccas de 80 kls.); BRASIL—360.000 fardos m/m 180 kls., cada um—64 800.000 kls. A RUSSIA tambem produz algodão, mas ali não ha estatistica a tal respeito. Não havia, em 1915; imagine-se actualmente.

Assim, pois, era esta, em 1914-1915, a situação dos diversos paizes productores de algodão, relativamente á produção universal dessa materia prima:

Estados Unidos.....	74, 6 %
India	18, 6 %
Egito.....	5, 6 %
Brasil.....	1, 2 %

Bem sabemos que o Brasil tem tido safras mais felizes do que a de 1914-1915, mas a differença dellas para esta ultima não modificaria a situação do nosso paiz, em face da produção mundial».

Ainda sobre as condições do algodão brasileiro, na Inglaterra, julgamos necessario trasladar o seguinte trecho de uma noticia inserta na *British & Latin American Trade Gazette*, de Londres:—«A produção annual do Brasil variou, em annos recentes, entre 300.000 e 425.000 fardos, e é curioso notar que, desde que rompeu a guerra, tem sido menor. Parece que a maior difficuldade, no Brasil, tem sido a falta de previsão scientifica, na escolha da semente e cultura da planta. Em geral, a pratica ali adoptada é a de cultivar pequenas áreas, aos talhões. Não ha o sistema de plantação em larga escala, como na America do Norte, e parece que ha tambem certa falta de trabalhadores ruraes. A cultura e o enfardamento são ainda feitos por meios bastante primitivos. O tratamento do floco é tambem antiquado, e o aparelho dentado para a limpeza causa muitos damnos á rama. O Brasil tem, todavia, demonstrado possuir terrenos perfeitamente adaptaveis á cultura do algodão, nos estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e ao norte da Bahia. As fabricas nacionaes consomem

uma grande percentagem do algodão ali culttvado, possuindo as suas 125 fabricas um total de 1.500.000 fusos e 50 000 teares, e empregando cêrca de 320.000 fardos de 500 lbs cada um. O saldo da produçção é exportado principalmente para Liverpool».

As ultimas exportações de algodão em rama, effectuadas nos annos de 1916 e 1917, segundo os dados da Directoria de Estatistica Commercial, foram estas: — Em 1916, 1 070 947 kilos, no valor de 2.399.963\$000; em 1917, 5 941.116 kilos, no valor de 15.090.621\$000.

O algodão no Maranhão

Mercadoria primordial da nossa lavoura, já teve a sua idade de ouro, na historia agricola da então provincia do Maranhão Produzido em larga escala, pelas nossas fertilissimas terras, no começo do seculo passado, foi-se pouco a pouco descurando, entre nós, a cultura dessa preciosa malvecea, até ao ponto de chegarmos ao resultado de uma colheita insufficiente, para supprir as necessidades da nossa industria de tecidos, que foi obri-gada a importar, durante alguns annos, algodão de outros pontos do nordéste brasileiro, afim de não paralizar o trabalho das fabricas.

Por felicidade, nos ultimos annos, nota-se um certo incremento, na cultura do ouro branco, como denominam este producto, devido ao alto preço que alcançou.

O algodão tem sido e será ainda o primeiro e o mais rico genero dêste estado. e o seu principal ramo de negocio. Necessario se torna, porém, que os poderes publicos voltem as suas vistas para este artigo da nossa lavoura, dotando a sua cultura e o seu beneficiamento de leis e medidas protectoras.

No governo do dr. Herculano Parga, por projecto de que me ufano de ter sido o autor, no congresso legislativo, foram adquiridos os antigos armazens de propriedade da Companhia Alliança, onde ha muitos annos se armazenava, por um contracto, então existente, todo o algodão entrado nesta capital. Esses immoveis foram comprados pelo preço de 125 contos de réis, despeza essa já inteiramente coberta com o rendimento da armazenagem dos tres ultimos annos

Achavam-se, nos referidos depositos, duas prensas a vapor, que ha muitos annos não funcionavam. Mandou o governo de então concertar as referidas maquinas e, adquirindo uma nova caldeira, fe-las trabalhar.

Reconheceu-se, porém, mais tarde, que o serviço prestado pelas ditas prensas não resolvia o problema do barateamento

dos fretes do algodão, pois que ellas se limitavam a comprimir duas ou tres saccas num só volume, mas sem diminuir-lhes o comprimento demasiado, que as mesmas apresentam, devido ao pessimo ensaccamento do interior. Precisava-se, antes, de uma prensa que reenfundasse, de fórma a apresentar o fardo um pequeno volume, com o maximo do peso possivel. E isto conseguiu-se no governo interino do dr. J. J. Marques.

Na impossibilidade de se comprar, no estrangeiro, uma nova prensa, por causa da guerra, o governador encarregou o dr. William Coelho de Souza de fazer nas antigas prensas uma adaptação de caixas, construidas de madeira forte, para o reenfundamento ou prensagem do algodão destinado á exportação.

Este serviço está dando um optimo resultado, ainda que, como se deve comprehender, seja todo provisório.

Graças a essa utilissima e intelligente adaptação, o commercio exportador do algodão obteve o frete de \$080 por kilo no Loide Brasileiro, quando anteriormente pagava o de \$200. Além dessa vantagem, o serviço de reprensagem tem trazido para o estado alguma renda, o que sempre acontecerá com qualquer quantia applicada pelo governo em beneficio do algodão, tal é a sua importancia e a sua utilidade.

Servindo os interesses geraes, deverá o futuro congresso legislativo decretar leis que autorizem o governo a empreender certas reformas urgentes, que são precisas ao trabalho dos armazens reservados ao deposito do primeiro producto maranhense. Entre ellas, citaremos as seguintes :

1.º—Acquisição de duas novas prensas hydraulicas ou a vapor.

2.º—Acquisição de um apparelho para beneficiar e separar as fibras

3.º—Cimentação do solo dos referidos armazens.

4.º—Nomeação de um perito classificador.

A exportação do algodão

Anteriormente ao anno de 1760, o nosso estado não exportava nenhum algodão, cuja cultura se limitava ao necessario, para o fabrico dos vestuarios grosseiros dos nossos primitivos habitantes.

O fio do algodão representava, nesse tempo, o papel de moeda, valendo tres novelos um tostão.

Veem daquelle anno as primeiras exportações dêste producto, feitas pelo Maranhão, e o seguinte quadro demonstrará o progresso do nosso commercio internacional do algodão, pelo porto de S. Luiz:

MAPPA retrospectivo do algodão exportado pelo porto de S. Luiz

ANNOS	SACCAS	ANNOS	SACCAS
1760	130	1817	71.132
1761	385	1818	73.730
1762	436	1825	77.369
1763	731	1830	78.324
1764	709	1833	60.839
1765	1.504	1834	50.484
1766	2.245	1839—1840	20.547
1767	2.541	1840—1841	44.195
1768	4.762	1841—1842	53.220
1769	5.094	1842—1843	39.903
1770	3.115	1843—1844	46.025
1771	811	1844—1845	50.629
1776	3.602	1845—1846	52.751
1777	6.290	1846—1847	45.433
1778	7.296	1847—1848	46.204
1779	7.329	1848—1849	50.694
1780	7.414	1849—1850	63.635
1781	8.674	1850—1851	53.990
1782	9.914	1851—1852	37.868
1783	9.046	1852—1853	41.662
1784	9.543	1853—1854	61.056
1785	9.252	1854—1855	50.879
1786	12.145	1855—1856	43.390
1791	12.735	1856—1857	41.611
1792	14.783	1857—1858	42.154
1794	19.920	1858—1859	35.356
1795	27.187	1859—1860	36.580
1799	30.497	1860—1861	33.853
1802	43.319	1864	39.545
1807	38.979	1865	48.718
1809	76.484	1866	45.247
1810	52.460	1867	50.217
1812	40.570	1868	64.937
1813	60.173	1869	64.247
1816	63.527		

Como já affirmámos no começo deste relatório, e se verifica pelos dados acima expostos, dos relatórios de 1870 em diante desaparecem as informações sobre as exportações feitas por este estado, salvo no do desbr. José Manoel de Freitas, com que pas-

sou o governo ao dr. Carlos Fernando Ribeiro, em 1883, onde encontrámos os seguintes dados:

<u>ANNOS</u>	<u>SACCAS</u>	<u>ANNOS</u>	<u>SACCAS</u>
1872	52.069	1877	29.453
1873	37.902	1878	31.693
1874	32.392	1879	35.805
1875	41.149	1880	44.393
1876	35.997	1881	41.169

Daquella fase em diante, só na mensagem de 1899 se nos deparam diversas notas sobre a producção e a exportação maranhense, organisadas pelo Serviço Geral de Estatística, que pouca vida teve, visto que poucos annos depois foi extinto, deixando todavia algum trabalho, comprehendendo o periodo de 1891 a 1903. De então até 1914, novamente desaparecem, por completo, quaesquer informações, ficando, neste interregno, todo o movimento da nossa vida economica e commercial submerso nas trevas do ignorado.

Motivou essa falha, por demais prejudicial, a extinção do pequeno serviço de estatística, que funcionava no estado. Podemos, entanto, asseverar que, após a criação da industria fabril aqui, pouco algodão exportámos, por se tornarem, como já dissemos, insufficientes as colheitas dêsse producto para o seu proprio consumo. Não temos conhecimento do tempo em que se reencetou essa exportação, porque depois de 1914, quando se fundou o serviço de estatística estadual, passou a ser conhecido o *quantum* dos productos exportados.

Em todo o caso, damos a seguir várias cifras sobre a exportação dêsse producto, colhidas em diversas fontes.

Do extinto Serviço Geral de Estatística, apanhámos os seguintes dados sobre as remessas do algodão, nos annos de 1897 a 1903 :

1897	1 169 027	cls. ou	9.742	saccas de	120	cls.
1898	1 186.683	»	9.889	»	»	»
1899	883 552	»	7.363	»	»	»
1900	1 447.065	»	12.060	»	»	»
1901	1.359.603	»	11.330	»	»	»
1902	2.414 417	»	20.120	»	»	»
1903	2.001.529	»	16.671	»	»	»

Do estudo do sr. Costa Pinto, sobre «A lavoura e o commercio do algodão no Brasil», a que já nos referimos, extrahi-

mos alguns informes, sobre a exportação do algodão, feita pelo Maranhão, nos annos seguintes:

<u>ANNOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>ANNOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>
1901	1.150.116 kls	1909	407.998 kls.
1902	2.810.507 »	1910	67.746 »
1903	2.835.770 »	1911	245.726 »
1904	1.706.778 »	1912	122.723 »
1905	1.447.622 »	1913	905.197 »
1906	2.874.816 »	1914	813.327 »
1907	61.817 »	1915	166.216 »
1908	523.356 »		

Depois, segundo a estatística do estado :

Exercício de 1914-1915	626.454 kls.	ou	5 220	saccas de 120 kls.
» » 1915-1916	1.202.163 »	»	10.018	» » » »
» » 1916-1917	2.473.334 »	»	20.611	» » » »
» » 1917-1918	2.879.766 »	»	24.000	» » » »

A produção algodoeira

A produção dos algodões deste estado tem sido, nos annos mais proximos, enormemente prejudicada pelo «Pink bollworm». No ultimo anno, o prejuizo attingiu, conforme os dados do Serviço de combate á Lagarta Rosea, uma proporção de 60 a 70 %.

Este artigo representa quasi a metade do valor official do totum da produção maranhense. Assim é que, elevando-se esta, no exercício findo de 1917-1918, ao total de rs 43.158:059\$251, o concurso exclusivo do algodão e dos seus derivados somma rs. 19.424:583\$868, contra a quantia de rs. 14.155:704\$341, no exercício anterior de 1916-1917.

Aquelle algarismo, referente ao periodo findo, representa-se assim:

	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Algodão em pluma.....	5 002.426 kls.	12.308:057\$514
Algodão em carôço.....	209 238 »	146:161\$600
Algodão hidrófilo.....	32.885 »	88:318\$250
Carôço de algodão.....	111.000 »	31:356\$920
Fio de algodão.....	40 965 »	161:530\$000
Tecidos de algodão.....	9.941 162 mts.	6.684:959\$584
Resíduos de carôço.....	60 000 kls.	4:200\$000
	Rs.	19 424:583\$868

A produção propriamente do algodão, isto é, apenas do algodão em pluma, nos ultimos periodos economico-financeiros, tem sido:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1915—1916	4.704.789 kls.	6.394:894\$220
1916- 1917	4.392.314 »	8.601:158\$761
1917—1918	5.002.425 »	12.308:057\$514

Ainda sobre a produção dêste primacial artigo da lavoura maranhense, juntámos abaixo algarismos, que respigámos do antigo Serviço Geral de Estatística do Estado, quanto ao periodo de 1891 a 1903:

<u>ANNOS</u>	<u>PRODUCCÃO CONHECIDA</u>						
1891	4 682 400 kls.	ou	39.020 saccas	de	120 kls.		
1892	2 977.920 »	»	24.816 »	»	»	»	»
1893	3.651 240 »	»	30.427 »	»	»	»	»
1894	1 746.480 »	»	14.554 »	»	»	»	»
1895	1.635.960 »	»	13.633 »	»	»	»	»
1896	1.641 890 »	»	13.674 »	»	»	»	»
1897	1 104.800 »	»	6.207 »	»	»	»	»
1898	1.863.800 »	»	15.115 »	»	»	»	»
1899	2.853.520 »	»	23.780 »	»	»	»	»
1900	2.749.939 »	»	21.991 »	»	»	»	»
1901	2 515.417 »	»	20 962 »	»	»	»	»
1902	3 567.354 »	»	29 720 »	»	»	»	»
1903	3.074.200 »	»	25 620 »	»	»	»	»

Depois, conforme a actual estatística:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>PRODUCCÃO CONHECIDA</u>						
1915—1916	4.704 789 kls.	ou	39.207 saccas	de	120 kls.		
1916—1917	4.392.314 »	»	36 603 »	»	»	»	»
1917—1918	5 002.425 »	»	41.687 »	»	»	»	»

As diferenças achadas entre a produção e a exportação dos principaes artigos da cultura algodoeira, pelos seus valores officiaes, no exercicio findo, segundo os algarismos infra, devem-

se levar á conta de saldos para o novo exercicio ou do consumo feito no estado :

<u>GENEROS</u>	<u>PRODUÇÃO</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>	<u>CONSUMO</u>
Algodão em pluma	12.308:052\$574	6.664:955\$284	5 643:092\$230
Algodão em carôço	146:161\$600	5:730\$000	140:431\$600
Fio de algodão....	161:530\$000	153:872\$000	7:658\$000
Tecidos de algodão	6.684:959\$584	5.448:156\$285	1 236:803\$299

A exportação total do algodão em pluma, no ultimo periodo financeiro de 1917 a 1918, conforme os quadros anteriores, attingiu a cifra de—2 879 766 kls., no valor de rs. 6.664:955\$284, sendo:— pelo porto de S. Luiz, 2 326.054 kls., no valor de rs. 5.814:969\$590; pelos municipios do interior, 553 712 kilos, no valor de réis 849:985\$694. Totaes, 2.879.766 kls. e rs. 6 664:955\$284.

A titulo de curiosidade, reproduzimos aqui os preços por que, em diversas épocas, se negociou o algodão neste estado:— Desde 1796 a 1806, regulou de 4.500 a 5\$000 o preço da arrôba. Em 1808. oscilou entre 3\$800 a 4\$500. De 1815 a 1819, deu 9\$000 a 10\$000, para baixar, de novo, em 1820, para 4\$000. Em 1863, chegou aos preços altamente compensadores de 24\$000 e 28\$000 a arrôba. Depois dessa época, conservou-se ao preço normal de \$800 a 1.400 o kilo, até que alcançou, nos recentes annos, as fabulosas cotações de 3\$000 a 4\$500 cada kilo.

Ainda assim, esses extraordinarios preços não conseguiram dos algodoeiros a grande produção que era de esperar, devido ás numerosas causas já sufficientemente conhecidas, e sobretudo a uma, que muito nos prejudica, a falta de distribuição, pelos lavradores, de sementes seleccionadas por especie e rigorosamente expurgadas da celebre e damninha lagarta rosea. Esse utilissimo serviço ha muito devêra estar dando francos resultados, se não desviassem a Estação Experimental do Coroaá das funcções que lhe eram inseparaveis.

Mas, ao que nos consta, vamos ter á testa daquelle serviço o espirito culto e altamente capaz dêsse abnegado trabalhador pelo progresso dêste estado, que é o dr. Achilles Lisbôa. Parabens ao Maranhão.

Terminâmos estas ligeiras informações sobre o algodão maranhense pelo quadro a seguir, onde se registam as saccas entradas nesta capital, dêsse genero, desde 1852 a 1918, conforme dados extrahidos dos relatorios dos então presidentes da provincia e posteriormente dos balanços dos armazens da Companhia

Alliança, convertidos actualmente em depositos da Recebedoria do estado:

ANNOS	SACCAS	ANNOS	SACCAS
1852—1853	50.434 saccas	1888	41.548 saccas
1853—1854	52.618 »	1889	39.865 »
1854 - 1855	48.812 »	1890	41.629 »
1855—1856	38.329 »	1891	57.981 »
1856—1857	47.076 »	1892	39.490 »
1857—1858	38.603 »	1893	48.810 »
1858—1859	38.846 »	1894	39.099 »
1859—1860	34.591 »	1895	34.616 »
1860 - 1861	31.097 »	1896	21.369 »
1861—1862	30.304 »	1897	14.975 »
1862—1863	32.820 »	1898	22.612 »
1864	40.914 »	1899	24.137 »
1865	43.327 »	1900	34.106 »
1866	43.831 »	1901	28.993 »
1867	52.630 »	1902	34.644 »
1868	59.510 »	1903	36.380 »
1869	66.224 »	1904	28.869 »
1871—1872	47.795 »	1905	31.744 »
1872—1873	38.201 »	1906	43.874 »
1876	40.295 »	1907	31.111 »
1877	35.884 »	1908	24.110 »
1878	37.552 »	1909	26.373 »
1879	42.139 »	1910	23.185 »
1880	49.554 »	1911	21.852 »
1881	51.344 »	1912	26.350 »
1882	58.709 »	1913	37.719 »
1883	46.599 »	1914	27.728 »
1884	47.358 »	1915	25.441 »
1885	44.948 »	1916	30.602 »
1886	41.622 »	1917	39.301 »
1887	57.155 »	1918	24.565 »

Os tecidos de algodão

Dos productos derivados da cultura algodoeira, os tecidos merecem especial menção, pelo seu valor e importancia.

De facto, a industria de tecidos de algodão é a segunda mercadoria de todo o paiz, tendo-se agigantado, attingido, em 1915, até ao valor de 275 MIL CONTOS DE RÉIS, contra uma importação pouco superior a 25 MIL CONTOS DE RÉIS. Em 1916, a importação

de tecidos de algodão alteou-se a 49 MIL CONTOS DE RÉIS, mas o valor da produção nacional deve ter subido além de 300 MIL CONTOS DE RÉIS.

O progresso desta industria no Brasil, durante este decennio, foi vertiginoso, bastando citar que, do numero de 110 fabricas, que a nação possuia em 1905, se acham hoje elevadas ao de 240, com uns 95.562 cavallos de força, empregando 82 257 operarios no trabalho de 51.134 teares e 1.512 126 fusos, maquinofacturando 474 301.984 metros com um consumo de 60 milhões de kilos de algodão.

Damos abaixo um quadro demonstrativo das fabricas de fiação e tecidos de algodão existentes neste paiz, segundo um volume do Centro Industrial do Brasil:

<u>ESTADOS</u>	<u>FABRICAS</u>	<u>CAPITAL</u>	<u>PRODUÇÃO</u>
S. Paulo.....	51	84.899:000\$000	78 374:000\$000
Distrito Federal....	23	59 500:000\$000	66.270:000\$000
Estado do Rio....	23	31 140:000\$000	32 760:000\$000
Minas Geraes.....	53	24 949:000\$000	23 491:000\$000
Pernambuco.....	7	18.700:000\$000	15 830:000\$000
Bahia.....	13	11 981:000\$000	15 060:000\$000
Alagôas.....	11	11 290:000\$000	8.140:000\$000
Maranhão.....	12	9.820:000\$000	8.680:000\$000
Rio Grande Sul....	4	7.250:000\$000	10.050:000\$000
Sergipe.....	8	5.750:000\$000	8.856:000\$000
Rio Grande Norte..	1	3.500:000\$000	700:000\$000
Ceará.....	7	3 190:000\$000	3.097:000\$000
Sta. Catharina....	15	2.356:000\$000	2 506:000\$000
Espirito Santo.....	4	1 220:000\$000	880:000\$000
Piauí.....	1	1.100:000\$000	1.100:000\$000
Paraná.....	6	1.035:000\$000	572:000\$000
Parahiba do Norte	1	800:000\$000	1.200:000\$000
Totaes.....	240	278.780:000\$000	275.566:000\$000

Os tecidos no Maranhão

Foi talvez o Maranhão um dos primeiros estados do Brasil a criar a industria fabril do algodão, com a montagem da Fabrica de Fiação e Tecidos Maranhense, cuja primeira pedra se lançou a 15 de abril de 1888.

Após a installação dêsse estabelecimento fabril, muitos outros se fundaram neste estado, tendo-se, nos primeiros annos da republica, a impressão de que nos transformavamos num

estado verdadeiramente industrial, pelo que se chegou a denominá-lo *Manchester Brasileira*.

Estabelecidas as 11 fabricas de fiação e tecidos de algodão, de que dispomos, motivos multiplos e importantes, que não podemos estudar aqui, influíram para que essa industria não pudesse progredir, a ponto de, por diversas vezes, se acharem algumas dessas fabricas paralizadas e outras trabalhando a custo.

Emquanto isso acontece no Maranhão, noutros estados da republica ellas multiplicam-se e desenvolvem-se constantemente. Assim é que, no periodo de 1905 a 1915, em que o numero de fabricas brasileiras de tecidos de algodão se dobrou, não houve, no Maranhão, o minimo passo naquelle sentido.

Causa estranheza tal facto, que absolutamente não abona a iniciativa dos industriaes maranhenses.

A produção de tecidos

A produção de tecidos de algodão, nos tres ultimos exercicios, unicos de que existem mappas da produção estadual, foi a seguinte :

<u>EXERCICIOS</u>	<u>METROS</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1915—1916	—»—	4.041:459\$390
1916—1917	8.642 561	5.550:986\$760
1917—1918	9.941 162	6 684:959\$534

A produção de 1917-1918 foi esta, conforme as suas especies :

ENTRADOS E FABRICADOS NA CAPITAL :

	<u>METROS</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Tecidos crus.....	398.240	207:466\$400
Tecidos brancos.....	2.082.650	1.340:133\$000
Tecidos tintos.....	5.460.262	3.905:930\$777

COBRADOS E FABRICADOS NO INTERIOR

Tecidos não classificados.....	mts.	1.231:429\$357
--------------------------------	------	----------------

A exportação de tecidos

A exportação de tecidos, no exercício findo, discrimina-se d'êste modo :

Tecidos crús.....	303.010 mts.	158:114\$000
Tecidos brancos.....	2 061.066 »	1 375:849\$360
Tecidos tintos.....	5.793.638 »	3.914:292\$925
Tecidos não especificados...	1.704 fds.	284.141\$413

Publicâmos abaixo um quadro comparativo da produção e exportação dos tecidos de algodão, por valores officiaes, cuja differença, verificada entre esta e aquella, se deve levar á conta do consumo feito no estado, ou de saldo para o novo exercício:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>PRODUÇÃO</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>	<u>CONSUMO</u>
1914—1915	— « —	1.920:406\$000	— « —
1915—1916	4.041:459\$390	2.823:784\$620	1.217:674\$770
1916—1917	5.550:986\$760	4.200:312\$675	1.350:674\$085
1917—1918	6.684:959\$534	5 732:297\$698	952:661\$836

Damos a seguir um quadro comparativo entre a nossa exportação de tecidos, já constante do antepenultimo quadro, e a importação que fizemos, no mesmo espaço de tempo, pelos seus valores officiaes, devendo, porém, ficar entendido que os nossos tecidos exportados são somente os de algodão, ao passo que os importados são de todas as qualidades:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>	<u>IMPORTAÇÃO</u>
1914—1915	1.920:406\$000	1.968:939\$125
1915—1916	2.823:784\$620	2.490:500\$000
1916—1917	4 200:312\$675	4 396:124\$990
1917—1918	5.732:297\$698	7.637:117\$750



O GADO BOVINO

O brasileiro não teve, como os demais povos, a evolução habitual que nos descreve a historia em geral. Sem nunca se haver dedicado á criação de rebanhos, foi lavrador e mercador, principalmente, antes de ter sido pastor.

A sua criação de gado foi, no principio, um exclusivo supplemento da lavoura do assucar. Inportados do Alemtejo e do Minho, os primeiros espécimens bovinos. apparelharam-se as primitivas fazendas de gado no estado de Pernambuco. Por muitos e longos annos, a criação de gado fez-se, em todo o Brasil, como ainda se faz no norte, á lei da natureza, sem estimulos e sem cuidados.

Producto destinado unicamente ao consumo e ao trabalho interno do paiz, o boi não representava, aos olhos dos nossos criadores, o problema vital que hoje realiza. Engordaram o grande rebanho bovino, de que hoje nos utilisâmos, as grandes zonas pastoris de campos nativos e variados, que possuímos. Producto, portanto, da nossa natureza prodigiosa, auxiliada pelo pequeno consumo de carne, que fazia dantes a nossa população, assim se operou esse quaze incrível milagre de estarmos actualmente collocados no terceiro logar, entre os paizes criadores.

De ha muitos annos que, no sul do paiz, se trabalha intensamente para a melhoria do rebanho nacional. Minas, importando o zebú, aliás combatido por S. Paulo e o Rio Grande do Sul, que preferiram, aquelle o gado hollandez, e este o gado inglez Dewon e Jersey, teem sido os estados onde mais se labuta pelo aperfeicoamento das raças nacionaes.

Graças a esses esforços, o Brazil pôde fornecer, após a declaração da guerra européa, carnes aos paizes europêus, tornando-se um seu razoavel abastecedor.

Assim, o nosso paiz, que, até ao anno de 1914, não exportava carne de nenhuma especie, passou a vender para a Europa carnes congeladas, nas seguintes proporções:

Em 1915	6.000	contos de réis			
» 1916	28.000	»	»	»	
» 1917	60.000	»	»	»	
» 1918	32.000	»	»	»	no 1º semestre

As industrias pastorís vão, cada vez mais, tomando incremento naquelles estados do sul, quer pela installação de grandes frigorificos, destinados á congelação de carnes para exportação, quer pela fundação de estabelecimentos de lacticinios. O queijo, a manteiga e outros productos do leite já constituem, naquellas regiões, uma industria effectiva, que nada fica a dever aos similares estrangeiros, na qualidade e preparo.

Em 1912 e 1917, publicaram-se estimativas dos nossos rebanhos, organizadas pela Directoria Geral de Estatistica, obedecendo a ultima a um extremo rigor tecnico. Segundo essas estimativas, a população bovina do Brasil é esta:

	<u>1912</u>	<u>1917</u>
Acre.....	6.610	13.210
Alagôas.....	259.800	277.500
Amazonas.....	242.440	133.210
Bahia.....	2.682.920	2.850.310
Ceará.....	1.161.900	529.580
Distrito Federal.....	16.390	17.430
Espirito Santo.....	161.440	176.230
Goiaz.....	1.872.500	1.934.830
Maranhão.....	639.600	706.700
Mato Grosso.....	2.550.450	2.717.550
Minas Geraes.....	6.861.100	6.342.600
Pará.....	540.980	578.620
Parahiba.....	717.600	371.310
Paraná.....	540.240	578.890
Pernambuco.....	870.600	599.600
Piauhi.....	1.163.250	894.870
Rio de Janeiro.....	518.870	556.310
Rio Grande do Norte...	536.900	362.750
Rio Grande do Sul.....	7.249.200	6.657.940
Santa Catharina.....	521.450	562.300
S. Paulo.....	1.322.390	1.792.880
Sergipe.....	<u>268.770</u>	<u>298.560</u>
Somma.....	30.705.400	28.962.180

Tambem de accôrdo com a mesma estatística, o rebanho mundial de bovídeos, antes da guerra européa, não incluindo a Índia, com os seus 137 milhões de zebús, era este :

Estados Unidos.....	63.617.000
Russia	34.547.343
Brasil.....	28.962.150
Argentina.....	25 866.763
Allemanha.....	20.326 943
Austria-Hungria.....	17.648 787
França.....	12 723.946
Gran-Bretanha.....	12 131 370

Calculam peritos de reconhecida competencia que o rebanho bovino da Europa, antes da guerra, se elevava a 90 milhões de cabeças, estando hoje reduzido a 19 milhões. Ha, portanto, um decrescimo de 71 milhões, que as nações européas não poderão readquirir em menos de 20 a 30 annos. Quer isto dizer que, nestes annos, as industrias pastoris se manterão prosperas para os paizes criadores, em cujo numero o Brasil occupa o terceiro logar.

O gado no Maranhão

O presidente da provincia Eduardo Olímpio Machado computou a producção maranhense de gado bovino, no anno de 1855, em 45.000 cabeças annuaes, sendo 30.000 da propria producção e 15.000 importadas do Piauí.

Em 1856, o presidente Cruz Machado divergiu dêsse cálculo dando-nos uma producção de 85.000 cabeças, consumidas em cada anno. No que, porém, ambos estiveram de pleno accôrdo, foi em avaliar a producção inferior ao consumo, devido a diversas causas, como sejam,—a da criação ser feita sem trato algum, disseminada por vastos campos, sob a direcção de pequeno numero de vaqueiros e pastores, que não podem exercer os cuidados necessarios, e das constantes e rigorosas sêccas, que occasionam a falta de pastagens, apesar do territorio maranhense conter mais de um terço de campos apropriados á criação, pois não ha comarca que não possua maior ou menor extensão delles.

Infelizmente, a criação de gado, no Maranhão, ainda hoje se acha sob as mesmas condições acima descriptas.

E' a industria pastoril uma das grandes riquezas dêste estado, o que, apesar do abandono em que vive, concretiza uma das melhores fontes de renda para o governo e um dos grandes negocios do nosso commercio sertanejo.

Segundo os dados estatisticos, anteriormente impressos, e os

organizados pelas estações fiscaes, o gado bovino e os seus derivados contribuíram com a optima cifra de rs. 6.393:207\$420, para a producção do exercicio de 1917 a 1918 :

Gado entrado na capital.....	12.909 unds.	1.091:020\$000
Gado abatido e consumido no interior do estado	21.007 »	1 430:330\$000
Carne sêcca, entrada na capital	215.854 kls.)	306:917\$100
Dita, consumida no interior...	8.719 »)	
Couros de gado entrados na capital e exportados.....	54.430 unds.)	3 465:104\$820
Ditos exp. pelos municipios...	86.420 »)	
Sêbo entrado na capital.....	91.906 kls.	99:835\$500
		<u>6.393:207\$420</u>

Esta quantia, podemos affirmá-lo, é muito inferior á verdadeira, pois o algarismo allusivo ao gado consumido no interior talvez não represente a quarta parte do numero de bois abatidos para o consumo publico, visto que só estão incluídos na estatística os que foram conhecidos do fisco, ficando ignoradas as cabeças de gado mortas sem o pagamento de impostos, porque as occultaram do fisco, e aquellas que são de facto isentas de direito, como as abatidas para o consumo proprio dos criadores e das fazendas de lavoura.

Assim, tambem a quantidade de carne sêcca, consumida no interior, é muito maior do que a constante dos dados acima, indicando estes o numero de kilos cobrados ao arbitrio do collector, por meio de lançamentos.

Como um registo elucidativo, e para bem demonstrar o quanto é inferior ao verdadeiro o consumo de gado abatido nas localidades do interior do estado, publicâmos abaixo um mappa, onde se encontra especificado o numero de bois cujos impostos os exactores fiscaes cobraram:

Alcantara.....	112 bois	Bacanga.....	22 bois
Ararí.....	1.383 »	Coroatá.....	361 »
Axixá.....	4 »	Codó.....	903 »
Anil.....	91 »	Currallinho.....	184 »
Anajatuba.....	372 »	Carutapéra.....	49 »
Araiozes.....	458 »	Cajapió.....	303 »
Alto Parnahiba.....	130 »	Caxias.....	3 306 »
Barreirinhas.....	170 »	Cururupú.....	356 »
Barra do Corda.....	663 »	Carolina.....	544 »
Brejo.....	431 »	Fóz do Balsas.....	56 »
Buriti.....	259 »	Flôres.....	387 »
Barão de Grajahú..	110 »	Guimarães.....	376 »

Grajahú.....	875 bois	S Bento.....	701 bois
Imperatriz.....	184 »	Sto. Antonio e Almas	110 »
Icatú.....	64 »	S. Bernardo.....	114 »
Itapecurú.....	352 »	Sta. Quitéria.....	202 »
Lorêto.....	71 »	S. Luiz Gonzaga....	127 »
Mirador.....	241 »	S. Francisco.....	183 »
Morros.....	107 »	S. José de Ribamar	98 »
Miritiba.....	63 »	S. João dos Patos...	164 »
Monção.....	32 »	Sto. Antonio de Balsas	49 »
Mearim.....	188 »	Tutoia.....	214 »
Nova-York.....	153 »	Turiassú.....	178 »
Penalva.....	513 »	Vargem Grande.....	39 »
Picos.....	661 »	Vianna.....	935 »
Passagem Franca...	181 »	Redondo.....	43 »
Pinheiro.....	668 »	Primeira Cruz.....	49 »
Pedreiras.....	372 »	Macapá.....	256 »
Paço do Lumiar.....	57 »	Engenho Central....	117 »
Pastos Bons.....	43 »	Porto Formoso.....	8 »
Rosario.....	778 »	Porto da Repartição	2 »
Riachão.....	36 »	Tapéra.....	20 »
Sta. Helena.....	29 »	Ponte Nova.....	22 »
S. Vicente Ferrer....	293 »	Piquí.....	43 »
S. José dos Matões..	16 »		

S. LUIZ..... 12.909 BOIS

Pelo quadro acima, verifica-se que se abateram, em todo o estado, 33.916 cabeças de gado vaccum, ou 3.916 acima do cálculo de Olimpio Machado, em 1855, para uma população de 200.000 habitantes, ou menos 51.084 do cálculo de Cruz Machado, no anno seguinte. Conclue-se dahi que o consumo de todo o Maranhão, presentemente, não pode ser inferior a 100.000 cabeças de gado, o que bem revela haver grande matança clandestina, a occultas do fisco.

Vem comprovar esta asserção o facto de se ter feito, no referido exercicio, uma exportação de 140 850 couros contra um consumo conhecido de 33.916 rêzes. Admitindo que um grande numero desses couros venham de estados visinhos, que os exportam por intermedio do Maranhão, ainda assim, não podemos calcular, para essa exportação em transitio, tão grande differença. Esta deriva, como já affirmámos, da má fiscalisação, que deixa de receber impostos sobre um consumo de 50 mil cabeças de gado, seguramente.

Seria irrisorio julgar que todo o estado consome apenas 33 916 rêzes, com uma população de 600 mil habitantes, quando num quadro estatistico, publicado em 1861, por Ovidio Gama Lobo, no relatorio do presidente Souza Aguiar, se consignam

dados que conferem ao Maranhão um rebanho bovino de 294.700 cabeças, dividido por 1.457 criadores, com uma produção annual de 74.675 rêzes. E nesse tempo o Maranhão não tinha população superior a 300 mil habitantes.

E' conveniente, entretanto, registrar que o consumo do gado bovino, nesta cidade de S. Luiz, não tem tido augmento nenhum. Pode-se antes asseverar que decresceu bastante, pois que, nos annos de 1854 a 1864, e 1891 a 1900, quando a população da cidade era muito menor que a actual, o numero de rêzes entradas nesta capital era quasi o mesmo que como nos certificaremos pelos seguintes algarismos:

1854—1855	11.362 rêzes		1892	14.544 rêzes
1855—1856	10.741 »		1893	14.563 »
1856—1857	10.298 »		1894	15.366 »
1857—1858	11.392 »		1895	13.917 »
1859—1860	10.172 »		1896	14.165 »
1860—1861	10.777 »		1897	13.671 »
1861—1862	11.502 »		1898	13.233 »
1863—1864	10.876 »		1899	13.034 »
1891	12.823 »		1900	12.568 »

1917-1918

12.909 REZES

Destas 12.909 rêzes, remetidas para a capital, no exercicio findo, ainda se exportaram 284 para o Pará.

Deprehende-se dos numeros acima expostos que a população da capital do Maranhão se conserva estacionária no seu desenvolvimento, ou então adoptou o sistema vegetariano

Se assim acontece com a capital do estado, é possível que o estacionamento de consumo de gado bovino tenha tambem occorrido nos municipios do interior. Em todo o caso, não trepidâmos em avançar que a cifra redonda da produção do gado bovino e dos seus derivados, neste estado, no periodo financeiro de 1917, 1918, não foi inferior a 10 MIL CONTOS DE RÉIS.

E como se vê, uma das principaes riquezas do Maranhão, para a qual devemos voltar as nossas vistas, procurando melhorar as raças beneficiar, os campos de criar e educar a maioria dos nossos criadores, que é rotineira e atrasada.

A exportação do gado

O Maranhão, pôde-se affirmar, não exporta gado bovino, á excepção de um pequeno numero de cabeças para alguns es-

tados proximos. No exercicio findo, exportaram-se 1.785 rézes, no valor de rs. 105:083\$000, sendo 284 rézes por este porto de S. Luiz e 1.501 pelos municipios do interior.

Os couros de gado bovino

Desenvolveu-se bastante a exportação de couros de gado bovino, como uma resultante do grande incremento que obteve, no paiz, a industria pastoril.

Além da grande exportação de couros, feita agora pelo Brasil, não pequeno numero delles são beneficiados dentro do paiz pela industria de cortumes e calçados, que tambem vae avultando.

A exportação conhecida de couros, em toda a republica, tem sido a seguinte :

<u>ANNOS</u>	<u>TONEIADAS</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1914	31.442	28 455 contos de réis
1915	38.324	57.296 » » »
1916	53.505	87 755 » » »
1917	32.497	60 724 » » »

Os couros do Maranhão

Constitue a produçção dos couros de gado bovino, neste estado, uma das mais importantes, como se observará no quadro abaixo, relativamente aos tres ultimos exercicios :

PRODUCCÃO:

1915—1916	128 738 unds	1.756:119\$700
1916—1917		1.784:073\$003
1917—1918	140.857 »	3.465:104\$820

Já houve aqui, em tempos idos, fabricas para o cortume e preparo dos couros, que, segundo Cesar Marques, existiram na actual praça do Mercado e no sitio denominado Fisico, á margem direita do rio Bacanga. Hoje, não existe dellas a minima recordação. Ainda encontrámos, no entanto, os seguintes dados sobre a exportação dèsses couros preparados:—1856-1857, 4.470 couros; 1857-1858, 7.029 couros; 1858-1859, 7.650 couros.

O proprio cortume, feito com muita imperfeição, na Chapa e Barra do Corda, tambem já desapareceu, ou, se algum existe, é de tão pequena relevancia que passa despercebido.

A titulo de curiosidade e de registo, consignâmos aqui alguns

informes sobre a produção e exportação dos couros do nosso estado:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>Produção entrada na capital</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>
1852—1853	25 931	37.440
1853—1854	29.241	
1854—1855	33.668	
1855—1856	34.699	52.767
1856—1857	31.277	49.891
1857—1858	30.984	38.512
1858—1859	39.172	43.083
1859—1860	26.704	43.353
1860—1861	24.960	
1861—1862	27 113	
1862—1863	38.226	46.224
1871—1872	30.089	44.506
1872—1873	23.012	34.914
1891	17.227	
1892	31 586	
1893	20.614	
1894	26.821	
1895	20.537	
1896	32.544	
1897	47.436	67.673
1898	42.795	113.385
1899	33.096	61.261
1900	36.267	50.932
1901	67.680	54.638
1902	50 307	139.923
1903	55.376	89.657

A exportação

Nos quatro exercicios preteritos, conforme os quadros já publicados, a exportação de couros de gado vaccum foi esta :

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1914—1915	86.962 unds.	1.152:311\$600
1915—1916	204.690 >	3.465:516\$180
1916—1917	184 509 >	3 963:533\$680
1917—1918	140.699 >	3.281:710\$820

No exercicio findo, a exportação realisou-se pelos seguintes pontos:

Pelo porto de S. Luiz.....	55.959 couros
Pelos municipios do interior	84.898 »

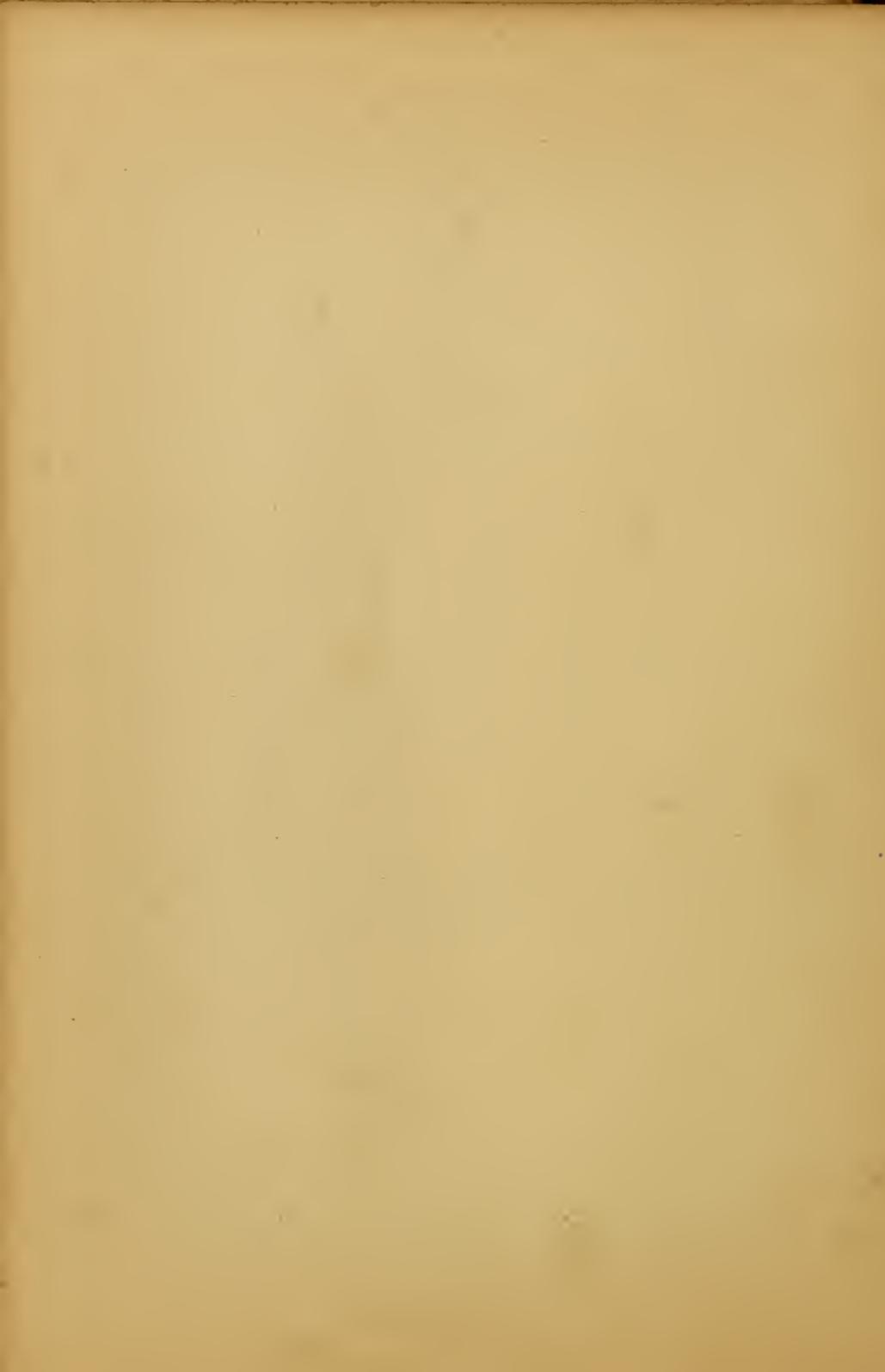
Tendo este detsino:

Para o estrangeiro.....	53.965 couros
Para os outros estados.....	86.734 »

Movimentou-se, durante alguns annos, dentro das fronteiras maranhenses, a exportação de sola, segundo se nota no quadro a seguir:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>
1855—1856	15.432 meios
1856—1857	19.871 »
1857—1858	58.915 »
1858—1859	22.883 »
1859—1860	57.787 »
1870—1871	3.286 »
1871—1872	6.319 »
1873—1874	8.919 »
1877—1878	1.418 »
1879—1880	1.618 »
1880—1881	1.289 »

Inferese dos algarismos acima expostos que este ramo da industria maranhense, do anno de 1860 para 1870, soffreu um declinio extraordinario, e que em 1881 estava quasi extincto, que mais tarde, de facto, se effectivou, pois neste momento não exportâmos sola de especie nenhuma.



O ARROZ

A lavoura desta preciosa gramínea, no sul do paiz, vae-se aperfeiçoando cada vez mais, de fórma a constituir, nos ultimos annos, sobretudo nos estados de S. Paulo e Rio Grande do Sul, um cultivo racional, usando-se de maquinismos modernos. O Rio de Janeiro e Minas, por seu turno, cuidam seriamente desta cultura.

Até ao anno de 1905, pouco se cultivava o arroz no sul do Brasil. Nessa epoca, um deputado federal pelo Maranhão, afim de proteger a lavoura dêsse cereal, que não podia prosperar, devido á importação do arroz da India, o qual se espalhava por todo o paiz, em proporções extraordinarias e por diminuto preço, conseguiu o imposto quasi prohibitivo de 160 réis por kilo, para aquelle producto estrangeiro.

Aproveitaram-se dessa medida os lavradores sulistas, e o Rio Grande, que até então não plantava uma semente de arroz, organizou empresas especiaes, que se dedicaram exclusivamente a tal cultura, bastando lembrar que, em 1906, no municipio de Cachoeira, um lavrador, na primeira safra, alcançou 5.200 saccos. Dahi para cá o numero de agricultores augmentou extraordinariamente, de modo que, em 1912, aquelle municipio já dispunha de 67 lavradores de arroz, encelleirando-se 400.000 saccos dêste genero.

S. Paulo, onde pouco se plantava o arroz, e que no anno de 1895 só produziu 78.780 saccos dêsse producto, aproveitando a tarifa protecionista, principiou a desenvolver a cultura e já no anno de 1905 colhia 1.014.248 saccos, e 1.742.130 saccos, em 1910, no valor de 20 mil contos de réis.

De então em diante, o progresso dessa cultura tem sido contínuo, quer no Rio Grande do Sul, quer em S. Paulo. Aquelle exportou, em 1914, 3.590:706\$000 e em 1915—5.621:317\$000. Em 1916, a sua produção total de arroz attingiu 108 mil toneladas, no valor de 31.860:000\$000. Em S. Paulo, nos annos de 1912 a

1914, a colheita restringiu-se para um milhão a 1.500.000 saccas de arroz, por via das sêccas. Mas em 1916 a sua safra elevou-se a 1.943.989 saccas, no valor de 22.355:873\$000, tendo sido exportados **4.668:345\$760.**

Do boletim da Directoria da Estatistica Commercial, extraímos estes numeros comparativos, entre a importação e a exportação do arroz, feitas no Brasil :

	<u>IMPORTAÇÃO</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>
1910	17.320 437 kls.	51.623 kls
1911	16.432.262 »	51.956 »
1912	10 226 264 »	37.233 »
1913	7 777.361 »	49 222 »
1914	6 535 033 »	2.905 »
1915	6.947.602 »	2 565 »
1916	714.353 »	1 315.372 »
1917	35.412 »	42.589.529 »

Essas quantias tiveram os seguintes valores officiaes:

1910	3.400:960\$000	19:726\$000
1911	3.747:284\$000	24:497\$000
1912	2.901:652\$000	19:755\$000
1913	2.299:493\$000	23:594\$000
1914	1.760:673\$000	1:223\$000
1915	2.145:219\$000	1:268\$000
1915	421:377\$000	565:479\$000
1917	57:190\$000	22.924:882\$000

O arroz do Maranhão

Esta zona foi a primeira onde se fez o cultivo do arroz, trazido ao Brasil pelos ilheus dos Açôres. Daqui, estendeu-se aos demais logares do paiz. O arroz semeado, até ao anno de 1766, era o *arroz da terra*, de côr vermelha, conhecido tambem pelo nome de *arroz de Veneza*.

Depois que se criou, em Portugal, a Companhia de Comercio do Grão-Pará e Maranhão, introduziram o arroz branco da Carolina.

Estabeleceu-se então, no povoado Anil, uma fabrica de soque de arroz, tendo-se iniciado, em 1767, as exportações deste cereal, que desta data até 1771 montaram, termo médio, a 887 arrôbas annuaes. Dahi por diante o augmento de exportação intensificou-se tanto que chegou, no decennio de 1780-1789, a 200.000 arrôbas: no de 1800 a 1809, a mais de 300:000 arrôbas; no de 1810 a 1819, a mais de 360 000 arrôbas.

Vem de 1820 o início da decadência da cultura do arroz no Maranhão. As remessas declinaram apressadamente, e tanto que passámos a importar avultadas quantidades de arroz da Índia, para o consumo dêste estado.

Decretada a lei que criou o imposto de 160 réis por kilo de arroz estrangeiro, voltou este estado a produzir aquelle cereal de maneira a fazer, nos ultimos annos, uma regular exportação dêsse producto Não constitue, porém, a situação actual, uma garantia da continuação da cultura e consequente exportação do arroz.

Não quiz até hoje o Maranhão aproveitar-se das condições especiaes por que se tem mantido o preço de tal genero, para a montagem sequer de uma pequena empreza, visando o cultivo mecanico dessa utilissima gramínea. Continúa a sua cultura a ser feita por pequenos lavradores, por meios antiquados e pouco proveitosos

Emquanto os estados do sul desenvolvem a cultura scientifica e racional dêste cereal, quasi maranhense pela sua origem, nós dormimos o somno da indifferença, sem nos apercebermos de que, num futuro proximo, não poderemos competir com aquelles estados, nas exportações de arroz. E, mais do que isso, talvez devido ao custo da cultura, tenhamos em breve de importar esse artigo, não da Índia, como ha alguns annos aconteceu, mas de S. Paulo e do Rio Grande do Sul, senão tambem do Pará.

O Maranhão é, todavia, a terra do arroz. As suas várzeas uberrimas e os seus fertes campos do Cafundóca, no Pinheiro e Perizes, em S. Bento, prestam-se admiravelmente para esse plantio. Os campos da California, nos Estados Unidos, não são melhores, nem mais aptos para esse cultivo. Mais:—O arroz do Maranhão reproduz-se na proporção de 1 para 200 e no sul não vae além de 120. Aqui só temos uma praga, facil de extinguir, o be-souro; no sul, ha a geada e outras.

Porque não tentaremos o aperfeiçoamento dessa cultura? Por falta de capitaes? Porque o capitalismo entre nós se manifesta receoso de qualquer tentativa e vive accumulando os lucros que obtem em titulos publicos? Não; porque, no Rio Grande do Sul, existem emprezas desde 10 contos de capital até 200 e 300 contos de réis, o que está ao alcance de muitos dos nossos lavradores, e todas ellas trabalham com arados, grades, semeadeiras, trilha-deiras, ceifadeiras e bombas de irrigação.

O que falta é iniciativa, previsão do futuro e nítido conhecimento do nosso atrazo, perante o progresso dos estados merionais e as necessidades dos consumidores.

A produção

A producção do arroz em casca, conhecida pelo fisco, nos

tres ultimos exercicios, dos quaes ha mappas de producção, foi esta:

<u>EXERCICIO</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1915—1916	14 351.217 kls.	3 477:457\$159
1916—1917	13 260.468 »	2 411:023\$837
1917—1918	11 098.074 »	2 438:380\$749

A exportação

A exportação dêste cereal, já pilado, no derradeiro quadriennio, demonstra-se assim:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1914—1915	6.418.954 kls.	1 891:976\$656
1915—1916	6 978.186 »	3 116:866\$100
1916—1917	6.193 770 »	2 251:562\$375
1917—1918	5.736.750 »	2 496:385\$988

A exportação de exercicio findo teve o seguinte destino :

Para o estrangeiro.....	199:021\$207
» outros estados.....	2 297:354\$788
	<u>2 496:385\$988</u>

e realizou-se pelos seguintes portos:

Por S. Luiz.....	2 441:226\$550
Pelos municipios do interior..	55:159\$438
	<u>2 496:385\$988</u>

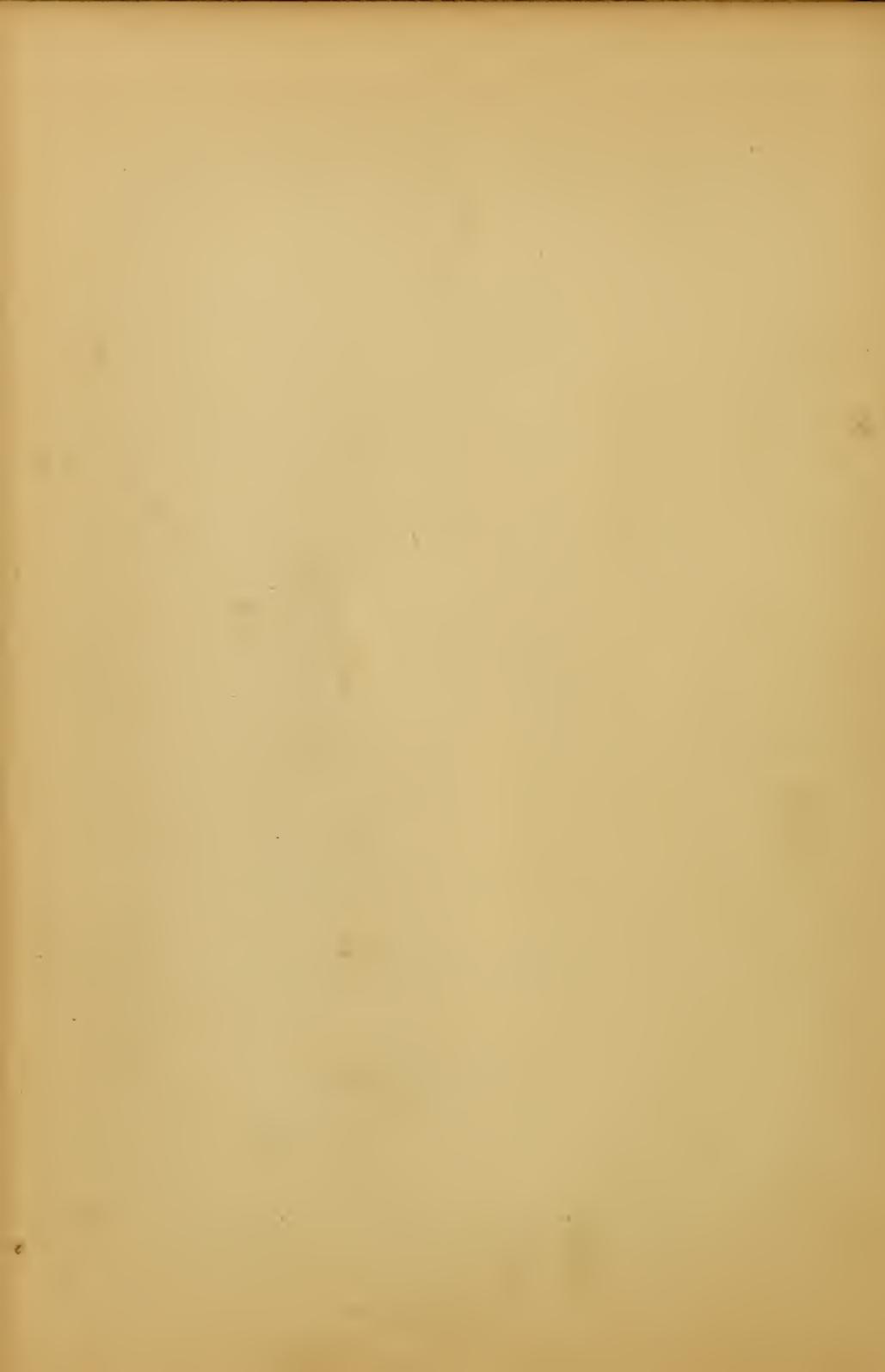
A producção e a exportação do arroz, feita antigamente, e actualmente, de accôrdo com os dados conhecidos, foi a seguinte:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>ANTIGAMENTE</u>		<u>EXPORTAÇÃO</u>
	<u>Producção entrada na capital</u>		
1852—1853	131.978	alqueires	33.187 saccas
1853—1854	104.672	»	
1854—1855	86.670	»	
1855—1856	87.868	»	77.552 arrôbas
1856—1857	75.204	»	56.066 »
1857—1858	52.472	»	58.955 »

1858—1859	63.199	alqueires	22.883	arrôbas
1859—1860	53.701	»	29.936	»
1860—1861	53.239	»	43.172	»
1861—1862	51.594	»	31.584	»
1862—1863	59.204	»	36.084	»
1863—1864	78.343	»	35.232	»
1864—1865	43.359	»	23.039	»
1865—1866	70.963	»	32.138	»
1866—1867	55.739	»	37.194	»
1867—1868	58.073	»	28.826	»
1868—1869	86.734	»	33.723	»
1869—1870	57.214	»	53.440	»
1870—1871	60.668	»	2.329	»
1871—1872	66.216	»	2.528	»
1872—1873	43.030	»	2.649	»
1873—1874	30.364	»	1.175	»
1874—1875	38.986	»	212	»
1875—1876	57.030	»	1.856	»
1876—1877	44.816	»	5.782	»
1877—1878	33.472	»	2.087	»
1878—1879	48.142	»	5.850	»
1879—1880	72.866	»	6.968	»
1880—1881	57.270	»	7.134	»
1881—1882	38.448	»	3.386	»
1891	53.633	»		
1892	77.921	»		
1893	87.498	»		
1894	77.083	»		
1895	91.057	»		
1896	85.487	»		
1897	80.743	»	6.034	saccas
1898	59.761	»	10.201	»
1899	95.717	»	3.477	»
1900	23.945	»	4.125	»
1901	26.042	»	464	»
1902	34.868	»	538	»
1903	34.330	»	1.124	»

ACTUALMENTE

1915—1916	478.373	alqueires	116.003	saccas
1916—1917	442.012	»	103.229	»
1917—1918	369.936	»	95.612	»



O CÔCO BABASSÚ

Producto ha poucos annos explorado, commercialmente, constitue, na actualidade, pela saida que já grangeou, talvez o terceiro artigo da producção maranhense.

De longo tempo era conhecido o valor oleaginoso das suas amendoas. Mas, devido á rijeza da noz do côco, que dificultava a extracção das mesmas, e principalmente á falta de iniciativas de vulto, esse producto da flora maranhense jazia abandonado e apodrecendo nas matas, em milhares de toneladas, sem proveito diverso do que lhe davam os animaes selvagens e os poucos habitantes que delle extraíam uma farinha, verdadeira especiaria, empregando-a como alimento de sustancia dos enfermos

Eduardo Olimpio Machado, no seu relatorio de 1854, referindo-se aos nossos artigos negociaveis, exarava:—«Côco silvestre—A maior parte dos terrenos da província que se acham incultos, estão cobertos de palmeiras que produzem o côco em grande quantidade: delle se extrae um oleo mui fino, que poderia ter muitas e variadas applicações. Para que o fabrico dêste genero se faça em grande escala, resta apenas descobrir uma máquina, para quebrar com facilidade o ouriço do côco, que é mui rijo. Para a augmento dêste ramo de industria, valia a pena que se desse um premio a quem a inventasse».

Foi o que aconteceu em 1914. Depois de muitas tentativas frustradas, os srs Marcelino Gomes de Almeida & Comp. conseguiram, na Inglaterra, o projecto de uma máquina. Juntando fotografias e offerecendo algumas vantagens, requereram ao congresso favores para a exploração dessa mercadoria.

O corpo legislativo do estado concedeu-lhes o abatimento da metade do imposto de 10 %, *ad-valorem*, criado para a exportação das amendoas do côco babassú, desde que se incumbissem da distribuição gratuita, pelos lavradores maranhenses, de 100 máquinas apropriadas á quebra do ouriço do côco. Aquelles negociantes firmaram contracto com o estado para executarem o compromisso tomado e data d'ahi o incremento havido no commercio dêsse producto oleaginoso.

Ha quem pense ter o estado feito um máu negocio em virtude de se acharem paralisadas as máquinas distribuidas. Estas, apesar de poderem ser tangidas á mão, só provam uma certa effieciencia movidas a vapor, força esta de que nem todos os nossos agricultores dispõem.

Beneficiando ou não o estado, conforme as opiniões. divergentes neste sentido. o facto é que esse contracto despertou a attenção dos habitantes do interior para esse objecto da riqueza maranhense, que encontrou nos srs. Marcelino Gomes de Almeida & Comp, e noutros negociantes, francos compradores para qualquer quantidade,

Hoje, quebrado á maquina ou manualmente, por diversos processos engenhosos, affluem as amendoas do côco babassú a praça de S Luiz, em grande abundancia.

A produção

A sua produção, nos tres ultimos exercicios, especifica-se desta maneira :

EM AMENDOAS

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFICIAL</u>
1915—1916	1.607.530 kls.	558:396\$000
1916—1917	1.677.480 »	747.537\$540
1917—1918	5.781.253 »	2.998:764\$150

EM CASCA PARA COMBUSTIVEL

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFICIAL</u>
1916—1917	5.179.672 kls.	143:764\$900
1917—1918	4.336.152 »	187:416\$644

A exportação

A exportação do côco babassú, nos quatro derradeiros exercicios, foi esta:

<u>EXERCICIO</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1914—1915	1.774 374 kls.	429:177\$310
1915.—1916	2.462.894 >	690:384\$400
1916—1917	2.163.052 >	853:307\$680
1917—1918	5.553.718 >	2.848:080\$450

A exportação do exercicio de 1917 a 1918 operou-se pelos seguintes portos :

Pelo porto de S. Luiz.....	4.538 270 kls
Pelos municipios do interior	1 015.448 >
	<u>5 553 718 kls.</u>

e teve o seguinte destino :

Para o estrangeiro.....	1 234.500 kls.
Para os outros estados.....	4.329.218 >
	<u>5 553.718 kls</u>

A exportação total, desde o inicio da sua exploração, que se deu no anno de 1915, até esta data, tem sido esta:

Volumes.....	196 395
Kilos.....	11.351,700
Impostos pagos.....	459:784\$975
Valor official.....	5.689:329\$140

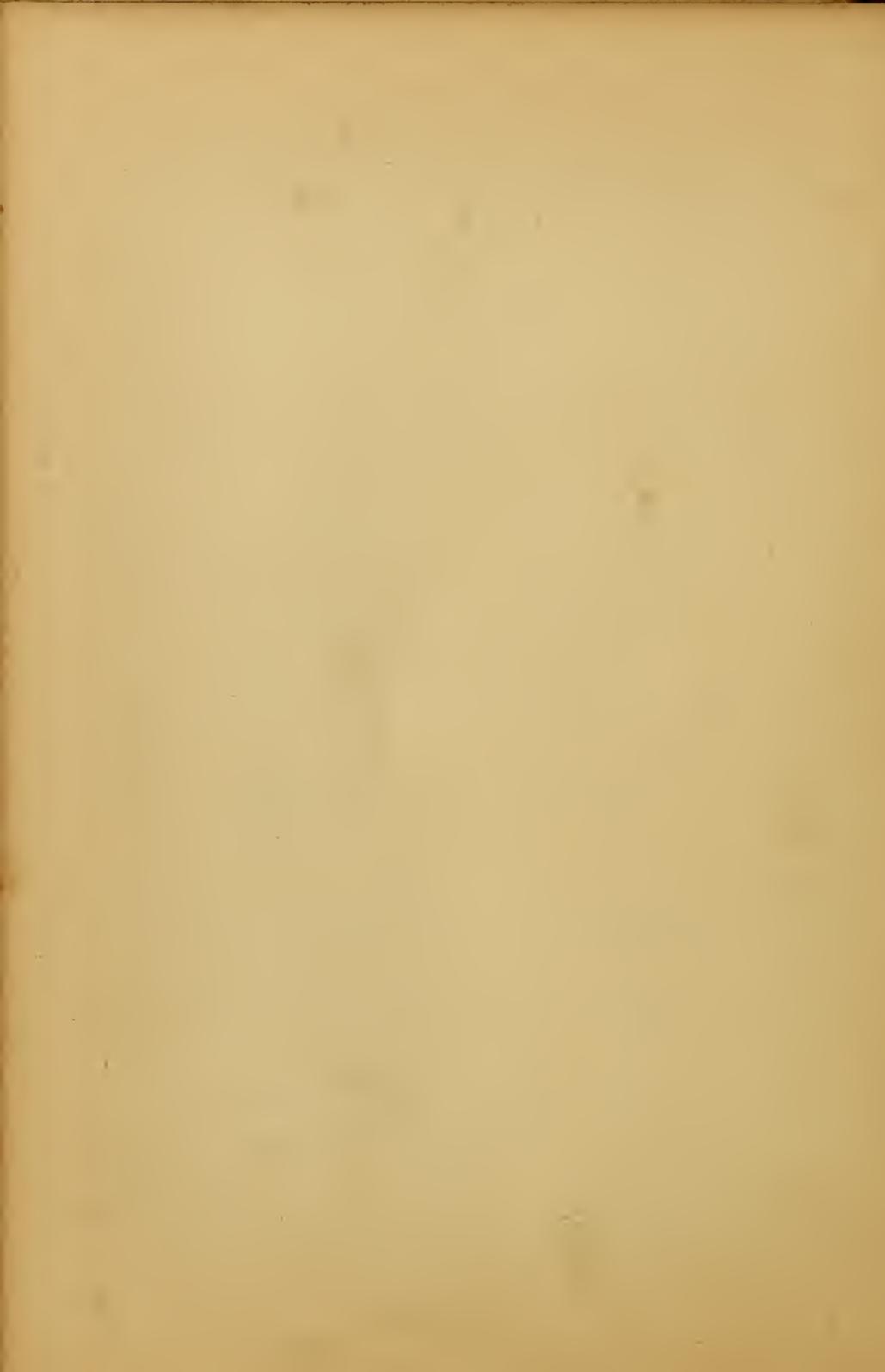
ANALISES

Os srs. Marcellino Gomes de Almeida & Cia. mandaram proceder, na Gran-Bretanha, ao exame completo do côco babassú, que deu este resultado :

AMENDOAS DE BABASSU:—Humidade, 4.21; oleo, 66.12; albuminoides, 7.18; carbonidratos digestiveis, 14.47; fibra lenhosa, 5.99; materia mineral (cinzas), 2.03.

OLEO:—Ponto de ebulição, fusão incipiente, 72 F; fusão completa, 79 F; ponto de solidificação, 72 8 F; valor de saponificação, 247.7; valor ester, 242.9; valor iodino, 16.83; acido gorduroso, livre, 1.98 %; index refractivo (escala Zeiss, a 40.° c), 36.9; glicerina (calculada), 13.2 %; valor Reichert Meissl, 6 2; valor Polensk, 11.3; valor Kierschner, 1.3.

BOLOS DE OLEO:—Humidade, 11.59; oleo, 6.50; albuminoides, 19.81; carbonidratos digestivos, 40.00; fibra lenhosa, 16 50; materia mineral (cinzas), 5.60.



A MANDIÓCA

A mandiôca, planta oriunda da America do Sul, era desde ha muito cultivada pelos indigenas, quando foi descoberta esta parte do mundo. Espalhada por todo o Brasil, é talvez, entre todas as culturas nacionaes, aquella de que maior proveito se pode tirar. Dos seus tuberculos, extraem-se differentes productos. Os principaes são as farinhas e os polvilhos ou tapiócas de varias qualidades.

No Maranhão, a mandiôca foi sempre muito cuidada e tempos tem havido em que ella, pelos seus productos farinaceos, tem constituido uma grande fonte de renda para o estado.

No exercicio findo de 1917 a 1918, a mandiôca cooperou, pelos seus derivados, para a producção do Maranhão, com a respeitavel quota de rs. 3.938:922\$437, a saber :

Farinhas de mandiôca.....	9.073.241 kls.	1.717:614\$875
Tapiócas diversas.....	3.624 764 »	2 211:270\$432
Aguardente de mandiôca (tiquira)	13 407 lts.	10:037\$130
		<u>3.938:922\$437</u>

A FARINHA DE MANDIÓCA

Quer a farinha denominada sêcca, quer a tambem chamada de agua, formam, com o arroz, a principal alimentação da população maranhense.

A exportação da farinha de agua, realizou-se, por longos annos, para o Pará e o Amazonas, chegando a sua cotação ao preço exagerado de 1\$000 por kilo. A farinha sêcca tambem se exportava para Portugal, com destino, segundo consta, á fabri-

cação de álcool. Ha muito tempo, porém, que a farinha de mandioca era exclusivamente fabricada para o consumo interno do estado. Depois da guerra européa, passou-se a fazer novamente a exportação da farinha de mandioca da qualidade sêcca, para a Inglaterra, tendo sido, porventura, o Maranhão o primeiro estado a exportar esse artigo.

Essa exportação, para todo o paiz, foi a seguinte, nos dois annos de 1916 e 1917:

<u>ANNOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1916	5.369.922 kls.	1 351:736\$000
1917	18.498.436 »	5 192.053\$000

A produção

A produção conhecida do referido cereal, neste estado, durante o derradeiro triennio, foi a seguinte:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1915—1916	9 738 785 kls.	1.811:978\$000
1916—1917	11.536.149 »	1.752:287\$385
1917—1918	9 073.241 »	1.717:614\$875

A exportação

A exportação da farinha sêcca, feita nos quatro ultimos exercicios, foi esta:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1914—1915	1.384 025 kls.	186:216\$790
1915—1916	6.335 561 »	1.188:445\$100
1916—1917	4.712 953 »	756:233\$420
1917—1918	6.375 340 »	908:360\$215

A exportação do exercicio de 1917 a 1918 operou-se pelos seguintes portos:

Pelo porto de S. Luiz.....	2.900:814 kls.
Pelos municipios do interior..	3.474:526 »

A produção e a exportação conhecidas dêste cereal, no Ma-

ranhão, antiga e actualmente, calculada por alqueire de 30 kilos, discrimina-se assim :

ANTIGAMENTE		
EXERCÍCIOS	PRODUÇÃO CONHECIDA	EXPORTAÇÃO
1852—1853	72.454 alqueires de 30 kls.	
1853—1854	88.768 » » » »	
1854—1855	113.100 » » » »	
1855—1856	125.096 » » » »	13.809 alqueires
1856—1857	120.307 » » » »	6.257 »
1857—1858	116.783 » » » »	53.274 »
1858—1859	136.000 » » » »	87.800 »
1859—1860	136.552 » » » »	70.711 »
1860—1861	114.123 » » » »	
1861—1862	114.081 » » » »	
1862—1863	111.766 » » » »	14.875 »
1891	526.777 alqueires	
1892	321.048 »	
1893	300.568 »	
1894	277.041 »	
1895	213.532 »	
1896	312.576 »	
1897	204.001 »	73.325 saccas
1898	556.792 »	210.426 »
1899	344.959 »	172.752 »
1900	239.433 »	73.866 »
1901	117.342 »	17.076 »
ACTUALMENTE		
1915—1916	324.626 alqueires de 30 kls.	105.592 saccas
1915—1917	384.538 » » » »	78.549 »
1917—1918	302.408 » » » »	106.285 »

A farinha de mandioca, afóra outras épocas de animação, teve aqui o seu periodo aureo nos annos de 1890 a 1900. A exportação fez-se para o Amazonas em grande escala, conforme os poucos dados acima expostos, colhidos do então Serviço Geral de Estatística do Estado.

A TAPIÓCA

Genero derivado da mandioca, tem tido, recentemente, uma grande saída para o estrangeiro, manifestamente a do tipo denominado «tapióca do Pará», a que se deve chamar «tapióca do Maranhão», por ser produzida aqui.

A tapióca do Pará ou do Maranhão será, no futuro, um optimo artigo do commercio exportador desta região, porque, uma vez conhecida, como foi, dos mercados europêus, e reco-

A produção

nhecida a sua utilidade e excellencia para a alimentação, tornar-se-á, de ora avante, um dos artigos de franca exportação.

A produção conhecida, em tapióca de varias especies, nos tres ultimos exercicios, foi a seguinte:

<u>EXERCICIO</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1915—1916	156.437 kls.	45:815\$011
1916—1917	651.615 »	238:578\$371
1917—1918	3 624.764 »	2 211:270\$432

Segundo se verifica destes dados, bem grande tem sido o incremento da produção deste genero, no nosso estado.

A exportação

A exportação da tapióca denominada do Pará, nestes quatro exercicios, foi esta:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1914—1915	46 574 kls.	8:715\$560
1915—1916	26 676 »	7:334\$200
1916—1917	415 712 »	153:652\$890
1917—1918	2.201 990 »	1.816:275\$980

Além dessa especie, no exercicio de 1917 a 1918, exportaram-se outras, na seguinte quantidade:

A TAPIÓCA DE FORNO

20.680 kls , no valor de 13:607\$900

A TAPIÓCA DE GOMMA

190 691 kls., no valor de 100:839\$650

Essa exportação levou este rumo:

PARA O ESTRANGEIRO:

Tapióca do Pará.....	194.310 kls.	119:398\$700
Tapióca de gomma.....	183.194 »	96:405\$650

PARA OS OUTROS ESTADOS:

Tapióca do Pará.....	2.007.680 kls.	1.696 877\$280
Tapióca de gomma.....	7.497 »	3:964\$000

O MILHO

O milho representa, hoje em dia, uma das maiores produções do Brazil, tal tem sido a marcha da sua cultura, em especial no sul. Concorreu para esse avanço o trabalho energico e efficaz da Sociedade Nacional de Agricultura e de varias revistas agricolas, que conseguiram a fundação de clubes do milho e a realização de quatro exposições desse producto.

Até ha pouco tempo, o paiz não produzia o milho necessario para o seu consumo, sendo preciso importar alguns milhares de toneladas da Argentina, do Uruguai, dos Estados Unidos e outras nações.

O milho é originario da America, onde os íncolas já o cultivavam na época do descobrimento, havendo Colombo aludido, em cartas a Fernando e Izabel, da Espanha, ás vastas plantações que encontrou, ao chegar a esta parte do mundo.

No inquerito a que procedeu a Directoria de Estatistica do Ministerio de Agricultura, apurou-se que o Brasil colhe, annualmente, 64 537 000 hectolitros de milho, devendo considerar-se o segundo productor dêste cereal. Cabe o primeiro logar aos Estados Unidos, que produzem mais de dois terços de toda a produção do globo.

Trasladâmos do boletim da Directoria de Estatistica Commercial alguns dados comparativos, entre a importação e a exportação do milho, feitas pelo Brasil, no período abaixo:

<u>ANNOS</u>	<u>IMPORTAÇÃO</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>
1910	2.996.609 kls.	1.152 kls.
1911	4.274.167 »	475.991 »
1912	6.269.418 »	7.314 »
1913	8.893.159 »	1.200 »
1914	1.121.987 »	3.100 »
1915	2.066.733 »	.
1916	1.281.934 »	4.932.952 »
1917	187.142 »	24.047.463 »

Essas quantidades tiveram os seguintes valores :

<u>ANNOS</u>	<u>IMPORTAÇÃO</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>
1910	304:193\$000	178\$000
1911	446:620\$000	52:350\$000
1912	611:098\$000	2:063\$000
1913	895:319\$000	260\$000
1914	135:231\$000	513\$000
1915	256:451\$000	\$
1916	171:362\$000	812:329\$000
1917	40:854\$000	3 925 633\$000

Os Estados Unidos exportaram milho, em 1917-1918, no valor de 72.497 240 dollares, cêrca de 280 mil contos da nossa moeda. O Brasil só começou a exporta-lo em fins de 1916. Os portos brasileiros, que mais exportaram esse producto, fôram estes:

	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Maranhão	5.072.289 kls.	986:111\$000
Santos	4.974.852 »	847:034\$000
Rio de Janeiro	4.685.667 »	743:015\$000
Recife	2.504.120 »	297:211\$000
Fortaleza	2.334.437 »	315:318\$000
Belém do Pará	1.787.080 »	379:119\$000
Maceió	1.648.099 »	174:933\$000
Ilha do Cajueiro	972.049 »	173:699\$000

Os paizes que mais importaram, em 1917, milho do Brasil, foram :

	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
Gran-Bretanha	14.328 574 kls.	2 327:814\$000
França	4.452 379 »	773:733\$000
Italia	3.183.840 »	499:399\$000
Estados Unidos	1.971.800 »	309:124\$000

Durante o primeiro semestre de 1918, a exportação conhecida do milho resume-se assim:

Belém do Pará	610.140 kls.	188.955\$000
Maranhão	1.187.527 »	370:028\$000
Ilha do Cajueiro	514.037 »	159:351\$000
Fortaleza	1.881.800 »	396:990\$000
Pernambuco	123.000 »	16:728\$000
Santos	3.720.000 »	714:240\$000
Bagé	300 »	60\$000
Jaguarão	60 »	12\$000
Porto Xavier	1.260 »	126\$000
Uruguaiana	100 »	20\$000
Total	8.038.224 kls.	1.846:510\$000

Destinos :

Argentina.....	1.260	kls	126\$000
França.....	3.720.000	>	714:240\$000
Gran-Bretanha.....	4.274.024	>	1.123:672\$000
Guiana Franceza.....	42.480	>	8:380\$000
Uruguai.....	460	>	92\$000
Total.....	8.038.224	kls.	1.846:510\$000

O milho no Maranhão

O milho do Maranhão tem sido preferido na Inglaterra pela quantidade de amido que contém, apesar de possuir um grão pequeno e decôr amarella. Mas é superior ao milho graúdo, cujo grão pouco mais apresenta do que a casca. Desta ultima qualidade, exportaram-se algumas toneladas pelo nosso porto, vindas do Camocim e outros pontos do Ceará.

A produção

A produção do milho, em todo o estado, nos tres ultimos exercicios, tem sido a seguinte:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1915—1916	6.489.274 kls.	706:924\$563
1916—1917	7.361.160 >	881:264\$250
1917—1918	4.453.682 >	696:328\$786

A exportação

A exportação do milho, feita pelo Maranhão, nestes quatro exercicios, foi esta:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1914—1915	2.263.194 kls.	216:794\$690
1915—1916	5.198.686 >	479:362\$325
1916—1917	5.971.626 >	718:542\$874
1917—1918	3.046.562 >	451:329\$498

A exportação do exercicio findo teve este destino:

Para o estrangeiro.....	2.553.450 kls.	395:785\$740
Para os outros estados.....	493.112 >	55:543\$758

A produção e a exportação do milho, neste estado, antigamente e actualmente, calculada por alqueire de 40 kls., foi esta:

ANTIGAMENTE		
<u>EXERCICIOS</u>	<u>PRODUÇÃO CONHECIDA</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>
1852—1853	13.616 alqueires	
1853—1854	18.209 »	
1854—1855	23.371 »	
1855—1856	31.019 »	7.829 alqueires
1856—1857	20.682 »	2.875 »
1857—1858	15.406 »	5.758 »
1858—1859	16.240 »	18.933 »
1859—1860	18.575 »	5.084 »
1860—1861	31.958 »	
1861—1862	25.093 »	
1862—1863	18.160 »	3.497 »

ACTUALMENTE		
1915—1916	152.232 alqueires	129.967 alqueires
1916—1917	184.029 »	149.290 »
1917—1918	111.142 »	76.164 »

AS MADEIRAS

Repetindo aqui o que disse o nosso illustre antecessor, no seu relatório do exercício anterior, deduz-se do mappa da produção geral do estado que o Maranhão dispõe de uma variedade extraordinaria de madeiras de lei, proprias para construcção. Verifica-se, porém, do mesmo mappa, que a produção de cada uma das especies é deveras insignificante. Assim acontece, de facto, pois o valor de todas as madeiras produzidas e entradas, nos armazens do estado, não foi além de réis 158:771\$979.

Luctâmos com a falta de serrarias apetrechadas para o preparo de madeiras, pelo que os constructores desta cidade preferem importar as de que necessitam, devidamente apparelhadas, das serrarias estabelecidas em Belém do Pará

No anno passado, o congresso votou uma concessão ao sr. Abelardo Ribeiro para a montagem de duas serrarias no interior do estado. E' possível que, com esta concessão e com a exploração que está fazendo, no municipio de Turiassú, a Oversea of Company, Ltd., possa a industria das madeiras prosperar neste estado, como é de esperar da larga exuberancia das nossas florestas.

OUTROS PRODUCTOS

A mamona ou carrapato

Esta semente oleaginosa foi já colhida, no Maranhão, em quantidade muito regular, calculando Cruz Machado a sua produção em oleo, no triennio de 1852 a 1855 em 280.881 frascos, no valor de réis 155:029\$500. Eduardo Olimpio Machado, em relatório precedente, computára a produção dêsse oleo em 400 pipas annuaes, todo empregado na illuminação publica e particular da cidade.

Ha muitos annos que esta cultura desaparecêra do nosso estado. Ultimamente, em vista do optimo preço por que se tem cotado o kilo das sementes de mamona, houve como que um reerguimento na sua producção, ainda que sem a animação que era para desejar.

O total desta producção, no exercicio findo, attingiu a quantidade de 356 638 kilos, no valor de rs. 159:022\$560.

O assucar

Já representou, neste estado, o papel de um dos seus mais importantes productos. Hoje contâmos apenas duas uzinas productoras de assucar, não passando os demais estabelecimentos de pequenos engenhos, alguns a vapor, poucos a agua, e a maioria de força animal.

O anno de 1846 marcou o início do movimento havido, no Maranhão, em prol da lavoura de canna. No triennio de 1852 a 1855, entraram em S. Luiz 28.876 barricas de assucar, no valor de réis 569.528\$000. Durante alguns annos, a média das entradas na capital regulava de 8 a 10 mil barricas, no valor de 200 a 300 contos de réis.

Recentemente, a producção vinda para S. Luiz não chega a mais duns 800 mil kilos de assucar, sendo uns 250.000 kilos das melhores qualidades e 550.000 kilos de assucar inferior, tudo no valor de 400 contos de réis.

A exportação do assucar dêste estado já foi tão prospera que basta, para se fazer uma idéa, citar as dos annos de 1872 a 1881.

1872	5.072.385 kilos	1877	10.207.385 kilos
1873	5.091.534 »	1878	5.239.083 »
1874	6.828.531 »	1879	7.086.271 »
1875	6.993.826 »	1880	9.565.307 »
1876	10.990.324 »	1881	13.501.428 »

A aguardente de canna

Producto que acompanha a evolução do fabrico do assucar, está hoje em grande declínio.

A sua entrada, na capital do estado, já registou a média de 2 a 3.000 pipas annuaes, chegando até a exportar para os estados visinhos 200 a 600 pipas por anno. No exercicio findo, a producção em S. Luiz não foi a mais de 98.615 litros, no valor de 54:771\$470.

O oleo de andiroba

A andirobeira ou andiróba é uma planta pertencente á fa-

milia das meliáceas—*carapa guyanensis*—e vegeta espontaneamente em extensos terrenos á margem do rio Monim. Dá castanhas que se aproveitam para fabricar o conhecido oleo de andiróba.

No municipio do Axixá, em cujo territorio esta planta prolifera com extraordinaria abundancia, a fabricação de oleo constitue uma florescente e grande industria.

O fabrico do oleo obtem-se por um processo rudimentar, ainda que simples e facil. Fervidas as amendoas ou castanhas, deixam-as fermentar á sombra, durante um mez, seguidamente. Depois extraem-lhe a polpa, que deitam, amassada, numa calha exposta ao sol. Assim é escurrido o precioso liquido. Alguns, após esse processo, espremem a massa num tipiti, para maior aproveitamento. Este trabalho é todo feito por mulheres e crianças.

O alqueire de castanhas vende-se, no Axixá, ao preço de 1\$200 cada um. São precisos 10 alqueires, para produzir 3 latas de 16 litros, que geralmente se vendem pelo preço de 15\$000 cada uma.

O oleo, numa grande proporção, emprega-se no preparo de excellente sabão, labor a que se dedicam umas 7 ou 8 pequenas fabricas, existentes no Axixá.

O sabão de andiróba é preferido pelas lavadarias, visto a sua boa qualidade. Esta industria dará um bello resultado, a quem a trabalhar por meios mechanicos.

O governo já criou o imposto prohibitivo de 25\$000 por duzia de táboas de andiróba, que é uma esplendida madeira de lei, afim de evitar a derruba das andirobeiras.

Além do grande consumo dêste oleo, pelas fabricas locaes de sabão, vieram delle para a capital, no ultimo exercicio, 18.186 litros, no valor de 22:853\$800.

O algarismo acima indica uma pequenina parte da produção do oleo ou do azeite de andiróba.

O gado suino

Ainda está em grande atrazo a criação de porcos no Maranhão, não só por se fazer á matrôca, como pela má qualidade da raça indígena.

Torna-se necessario o desenvolvimento da criação do gado suino entre nós, para o que se precisa de importar diversos reprodutores das raças *Poland-Chine Berkshire*, *Large Black* e *Duroc Jersey*, as quaes dariam um resultado seguro entre nós.

De 1852 a 1854, a entrada de porcos, na capital, foi a seguinte:

1852	1.704 cabeças	34:080\$000
1853	1.386 »	24:948\$900
1854	1.485 »	26:730\$000

Como se deprehende, era muito exíguo, naquelle tempo, o consumo da carne de porco, estando provado que havia grande prevenção contra esta carne, cujo uso não era commum

No exercicio findo, entraram aqui 6.093 porcos, no valor de 208:590\$000, e foram consumidos no interior, de accôrdo com a cobrança de imposto de abatição, 4.153 porcos, no valor de 113:166\$000.

O consumo de suínos, no interior do estado, a meu ver, não está representado nos algarismos citados, nem sequer numa vigesima parte do mesmo. A grande matança dos porcos effectua-se a occultas do fisco, havendo, da parte dos exactores fiscaes, uma certa complacencia para com o infractor, á vista do exagero do imposto, que é de 2\$000 e \$800, respectivamente, por cada porco ou leitão.

No projecto de orçamento, remetido pelo governo ao congresso, reduziram-se esses impostos para 1\$000 e \$500. Estamos convencidos de que, reduzidos a metade, a renda estadual será maior.

Ainda assim, a producção dos suínos e seus derivados, entre nós, proporcionou, no exercicio findo, o seguinte resultado:

6 093 porcos abatidos na capital.....	208:590\$000
4.153 porcos abatidos no interior.....	113:166\$000
45.068 kls. de banha de porco entr. na capital..	76:229\$900
57.589 kls carne de porco salg. entr. na capital.	55:714\$200
290 leitões entrados na capital.....	1:143\$000
8.920 kls. de toucinho entrados na capital.....	14:465\$600
	<hr/>
	469:308\$700

A tiquira

E' uma aguardente saborosa, que se fabrica dos tubérculos ou raizes da mandiôca. Affirmam que o seu fabrico constitue uma industria exclusiva dêste estado, sendo apreciadissima na Europa, apezar de nunca ter havido uma exportação regular.

O municipio do Icatú produziu-a em grande escala, achando-se hoje a sua fabricação num sensível declive, devido em parte ao imposto de consumo, cobrado pelo governo federal, cujos agentes chegaram a classificá-la como rhum, genebra, etc., para o pagamento de 360 rs. por litro. Agora, felizmente, classificam-a como aguardente de mandiôca, pagando só \$080.

A producção da tiquira, no exercicio findo, entrada na capital, foi apenas de 13.407 litros, no valor de 10:037\$130.

O gergelim

Este pequeno arbusto foi sempre muito maltratado no Ma-

ranhão, embora possa plantar-se em terrenos de inferior qualidade. A sua cultura não se deve fazer em commum com outras plantações, pelo prejuizo que lhes causa.

O oleo de gergelim é muito procurado, como condimento culinario Conferem-lhe ainda outras applicações.

Recentemente, com o magnifico preço atingido, tem-se desenvolvido mais o seu cultivo neste estado. A sua produção conhecida, nos ultimos exercicios, foi a seguinte:

<u>EXERCICIOS</u>	<u>QUANTIDADE</u>	<u>VALOR OFFICIAL</u>
1915—1916	72.110 kls.	18:623\$725
1916—1917	133.385 »	35:067\$700
1917—1918	117.347 »	92:071\$450

Afóra os productos aludidos, outros existem, que merecem especial attenção, e que, para se criarem vantajosamente, só aguardam iniciativas de alguma perseverança.

Entre elles, cumpre-nos destacar o oleo de copahiba, a cêra de carnaúba, fibras de diversas qualidades, oleos de peixe, favas de cumarú, diversos caroços oleaginosos, como os de piqui, bacuri e muitos outros, cuja cultura ou extracção dariam invejaveis lucros.

A industria fabril

Verifica-se, pela estatística geral dos impostos de consumo, em 1916, ultimo relatorio publicado pela Directoria da Receita Publica do Thesouro Nacional, que se registaram, no Maranhão, 597 estabelecimentos fabris, incluindo-se neste numero as pequenas fabricas e os fabricos gratuitos, assim discriminados:

TECIDOS:—10 fabricas, produzindo 11 795.167 metros de tecidos de algodão e 995.297 metros de tecidos de juta. Com excepção de 4 fabricas do interior do estado, que não ministraram informações, as demais movimentam-se com o capital de 6.300 contos de réis, 2.450 operarios, 1.596 teares, 67.340 fusos e a força de 1.510 cavallos.

CHAPÉUS DE SOL:—3 fabricas, produzindo 3.200 chapéus.

VÉLAS:—2 fabricas, produzindo 1.027 kilos.

VINAGRE:—6 fabricas, produzindo 42.938 litros.

CONSERVAS:—11 fabricas, produzindo 4.135 kilos de doces e 2.750 kilos de bolachas e biscoitos.

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS: — 20 fabricas, produzindo 260.842 duzias.

PERFUMARIAS:—2 fabricas, produzindo 38.000 duzias.

CALÇADOS:—84 fabricas, produzindo 2.407 pares de botinas e sapatos, 43.105 pares de chinellos e sandálias.

BEBIDAS:—108 fabricas, produzindo 14.164 litros de vermouths, cognacs, etc.; 3.124 litros de licôres; 18.753 litros de vinhos de fruta; 292.579 litros de aguardente decanna.

FUMO:—77 fabricas, produzindo 114.480 milheiros de charutos até \$007 de selo e 2.654.578 maços de cigarros.

SAL:—274 fabricas ou salinas, produzindo 11.012.926 kilos de sal grosso.



CAPITULO IV

O NOSSO DESENVOLVIMENTO

Terminando esta segunda parte, destinada á produçãõ do estado, desejavamos inserir aqui algumas notas sobre o desenvolvimento que tem tido o Maranhão, nos diversos aspectos da sua vida economica. Só nos foi possível, porém, levar por diante esse nosso intuito, numa pequena parcella do que constituia o nosso programma.

Causas multiplas e independentes da nossa vontade contribuíram para essa falha. A principal dellas foi, como já dissemos neste relatorio, a falta de estatísticas nas differentes publicações officiaes do estado, feitas ha annos. Outras deverão levar-se á conta da má vontade e da indifferença daquelles de quem solicitámos informes para o nosso trabalho. Era nosso proposito tratarmos agora do movimento bancario, nacional e estrangeiro, entre nós, das entradas e saidas de numerario nesta praça, da navegação maritima e fluvial, pelos portos de destino e origem, dos contractos sociaes e seus capitaes registados, dos seguros terrestres e maritimos, pelos seus valores, e de outros factores determinantes do nosso desenvolvimento.

Na impossibilidade, porém, de assim proceder, limitar-nos-hemos a falar aqui somente da marcha da nossa exportação, produçãõ, serviços postaes e telegraficos.

A exportação

Principiaremos, pois, por um quadro do total da exportação maranhense, em várias épocas:

viço de estatística então criado, passámos a conhecer a produção do interior, isto é, aquella que os municipios exportam e cobram como consumo dos mesmos.

O serviço postal

Constituindo o serviço postal de qualquer localidade um dos termómetros mais fieis, para se aquilatar o seu gráu de desenvolvimento, damos abaixo, graças á obsequiosidade do digno sr. Arthur de Oliveira Almeida, competente e zeloso administrador dos correios dêste estado, alguns quadros elucidativos do progresso dêste serviço entre nós:

CORRESPONDENCIA EXPEDIDA

ANNOS	SIMPLES	
	NUMERO DE MALAS	NUMERO DE CARTAS
1908	14.325	572.210
1909	13.411	601.478
1910	12.961	492.862
1911	14.462	608.489
1912	17.908	620.383
1913	16.040	712.556
1914	17.233	604.336
1915	18.974	694.325
1916	23.040	823.502
1917	21.423	866.291
1918	23.352	898.221

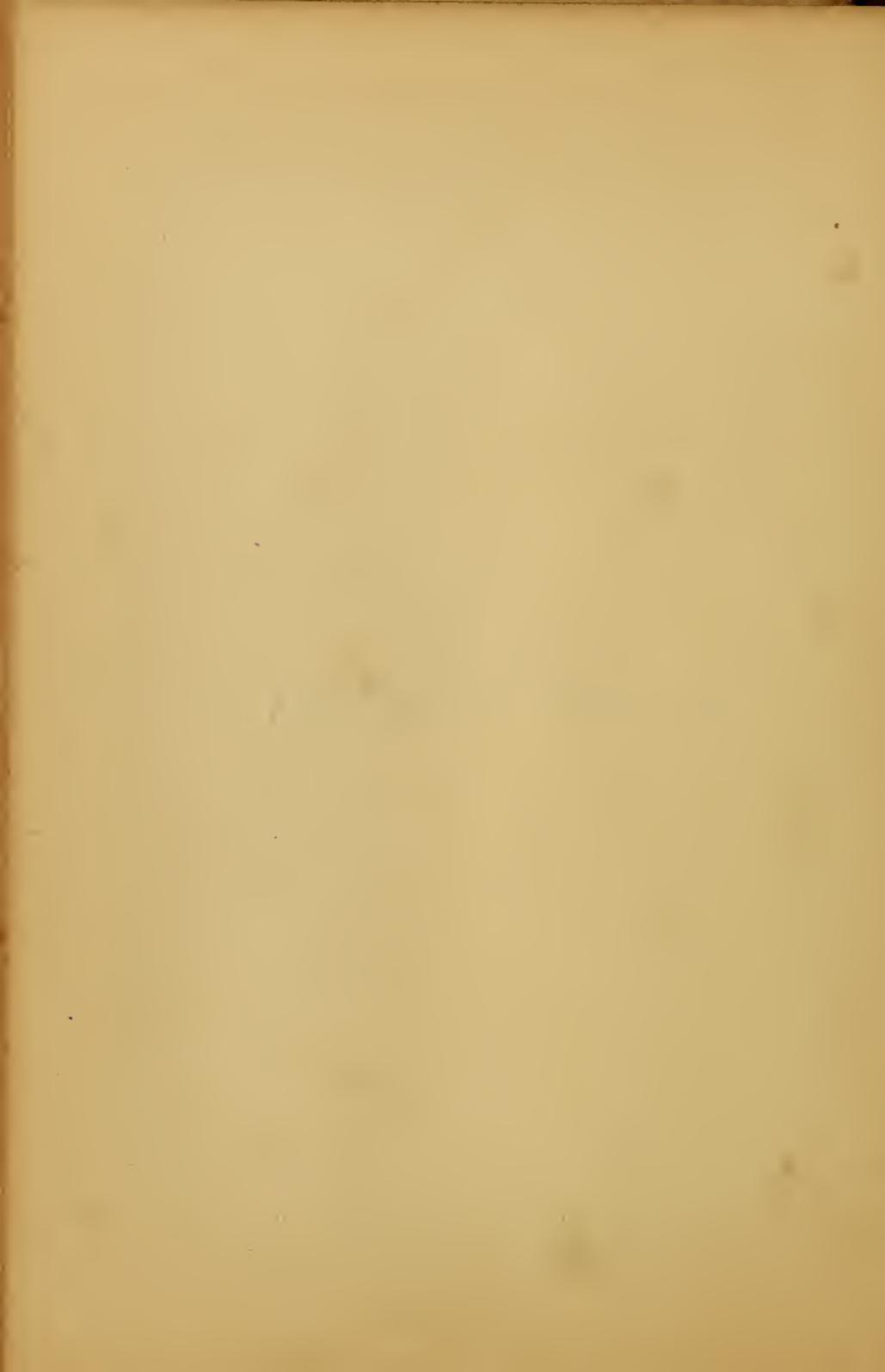
ANNOS	COM VALOR DECLARADO	
	NUMERO DE CARTAS	VALOR
1908	4.944	70:195\$000
1909	2.292	183:650\$250
1910	5.559	412:289\$290
1911	4.103	984:861\$711
1912	4.776	533:740\$240
1913	8.315	969:956\$180
1914	9.951	1.769:461\$000
1915	8.798	1.308:921\$910
1916	9.735	1.450:808\$730
1917	11.702	1.370:419\$630
1918	6.782	1.389:067\$840

O serviço telegrafico

Da mesma fôrma que o serviço postal, o telegrafico demonstra a prosperidade ou o retrocêso do lugar onde funciona.

Inserimos abaixo um quadro do movimento de telegrammas dêste districto, nos quatro ultimos annos, que a gentileza do operoso e intelligente chefe da estação de S. Luiz, o sr. José F. de Araujo Souza, nos forneceu:

ANNOS	FRANSMITTIDOS		RECEBIDOS	
	Telegrammas	PALAVRAS	Telegrammas	PALAVRAS
1915	85.583	1.629.154	96.853	1.248.104
1916	130.288	1.571.590	95.007	1.537.581
1917	112.925	1.703.386	118.132	2.217.446
1918	134.239	2.151.985	132.011	2.740.664



Revelaram-se francamente folgadas, nos ultimos três annos, as circumstancias financeiras do Maranhão. Nem de outro modo poderia deixar de acontecer, dada a correlação existente, entre as finanças do estado e a sua situação economica, que se vinha mantendo inteiramente prospera.

Consequencia uma das condições em que se encontra a outra, as finanças maranhenses, se não nos asseguram um futuro certo e tranquillo, são de tal fórma lisonjeiras que poderemos assentar nellas o principio basico do progresso desta terra.

Basta, para isso, que continuemos a praticar a politica economica em 1914 adoptada pelo dr. Urbano Santos e que se nos permita incrementar as fontes productoras do estado, estudando e resolvendo, com criterio, os importantes problemas de que já tratámos no começo dèste relatorio.

Precisâmos de evitar o decrescimo das rendas estaduaes, sem contudo estabelecer novos impostos. Essa diminuição de rendas dar-se-á, infallivelmente, nestes primeiros momentos, após o término da guerra, se é que já se não está dando, com o recuo do commercio, que se acha na expectativa.

Durante o periodo da conflagração européa, trazida pela escassez de transportes, tememos uma crise de sobreprodução. Para felicidade da lavoura e do commercio maranhense, esta não se realisou, ainda que para isso concorressem causas talvez mais desastrosas que a propria crise da abundancia que chegámos a recear.

As causas que determinaram a pequena expansão da nossa produção fôram—as enchentes dos rios, inundando os mais activos nucleos de lavoura o impaludismo, que dizimou, após as cheias, as nossas populações ruraes, a gripe, flagello universal, que nos tocou em dose bem consideravel, e por fim o sêcco inicio de inverno que se nos desvendou.

Escapámos, não ha duvida, de um grande mal. Outro, porém, se apresenta ameaçador. E' o da sufficiencia de productos, de modo a podermos garantir o desenvolvimento do nosso commercio interestadual e externo e portanto o crescendo das nos-

sas rendas, obstando, ao mesmo tempo, ao prolongamento da carestia.

Mas não succederá assim; pelo menos, nestes mezes mais proximos.

Teremos de ceder a uma destas contingencias: ou continuar com os portos abertos para exportação dos nossos artigos, deixando que cada um soffra as consequencias das proprias condições com que se descarna a vida nestas occasiões anormaes, promotoras de estranhos fenomenos sociaes, ou então restringir a exportação, cerceando os lucros possiveis do nosso commercio e contribuindo, directamente, para o descenso das rendas publicas, alcançando, entretanto, como compensação de todos estes sacrificios, o barateamento dos generos indispensaveis, dentro dos limites do estado.

E' o maior problema desta hora. Devemos resolvê-lo, poupando-nos ao extremo de qualquer das duas contingencias.

Para isso, é necessario todo o esforço, toda a energia, afim de incrementarmos a nossa lavoura e as nossas industrias, para que o governo arrecade a receita de que carece para custear os serviços do estado, as classes conservadoras adquiram os lucros legítimos que lhes pertencem e as proletarias possam viver com conforto e sem vexames, cooperando todos para o mesmo fim: o progresso maranhense.



CAPITULO I

A RECEITA E A DESPEZA

Encetaremos este capitulo com o balanço da receita e despesa do exercicio findo em 30 de junho de 1918.

Pela primeira vez publicado, em obediencia á nova organização que se imprimiu á contabilidade da pagadoria da secretaria da fazenda, este balanço demonstra, na simplicidade das suas linhas, e na exactidão dos seus algarismos, o resultado daquelle exercicio, de maneira a comprehender-se num simples relance.

De facto, verifica-se nelle, rapidamente, qual foi o total liquido da receita, que attingiu rs. 5 569:870\$371, e a somma da despesa, que subiu a rs. 4.591:436\$547, registando-se um saldo, a favor do exercicio, de rs. 1 075:977\$680

Chega-se mais á evidencia de que o exercicio de 1917 a 1918 recebeu do periodo anterior o satisfatorio saldo, em dinheiro, de rs. 1.314:100\$908, e transportou para o vigente o de réis 1.791:991\$455, havendo-se dispendido 600:200\$000, com a amortização de apolices.

Dêsse balanço claro e preciso, apesar de sintético, apura-se ainda que o ultimo periodo administrativo resultou excelente para as finanças do estado, o qual viu os seus saldos em deposito accrescidos duma boa quantia, além da diminuição da sua dívida interna.

Quem quizer descer ás minudencias da receita obtida para cada verba orçamentaria, e da despesa realizada por cada rubrica ordinaria, supplementar ou extraordinaria, encontrará, nas paginas seguintes, as demonstrações minuciosas de cada uma dellas.

O sistema anterior, em que tudo se consignava no proprio balanço, tinha a desvantagem de prolongar por demais este. Longo e fastidioso, difficultava qualquer exame dos consulentes, se não fossem conhecedores do assunto

NO EXERCICIO DE 1917 A 1918

DESPEZA

Despeza orçamentaria		
Governo do estado.....	83:060\$068	
Secretaria da fazenda	832:048\$209	
Secretaria do interior.....	1.141:154\$935	
Congresso do estado.....	72:359\$631	
Secretaria da justiça.....	1.107:293\$556	
Juros emprestimo do externo.....	627:606\$170	
Juros do emprestimo interno.....	156:501\$500	4.020:024\$069
Despeza extraordinaria		
Importancia paga, em virtude de creditos extraordinarios e supplementares, conforme demonstração em separado.....	434:465\$775	
Idem, idem, pelo titulo «Credores do Estado».....	113:130\$154	
Idem, pelo titulo «Subvenção á navegação do rio Balsas».....	20:000\$000	
Idem, pelo titulo «Dívida Flutuante»	3:816\$549	571:412\$478
Despeza especial		
Contribuição das companhias de seguros, entregue á Secretaria de Justiça.....		4:500\$000
Expediente de diversas repartições a pagar		
Pelos fornecimentos ainda não pagos.....		29:975\$100
Município de Cajapió		
Importancia de s/debito.....		53\$000
Amortização de apolices		
Valor das resgatadas n/exercicio..		600:200\$000
Estações fiscaes		
Saldo em poder dos exactores....		18:089\$972
Saldos para o exercicio de 1918 a 1919		
No London and River Plate Bank..	500:000\$000	
» Banco do Brasil.....	1.019:366\$000	
» London Brazilian Bank.....	2:104\$210	
» Caixa Geral.....	268:478\$208	
» Caixa de Reservas Especiaes..	2:043\$037	1.791:991\$455
		7.036:246\$074

DA RECEITA

Em consequencia do progresso economico do estado, nos recentes exercicios, as rendas publicas conseguiram, no ultimo periodo financeiro, um bem impressionante impulso.

Conforme se vê no balanço publicado, pagaram-se todas as despesas com a maxima pontualidade, havendo, como dissemos, a transferencia de um saldo de réis 1.791:991\$455 para o exercicio em curso.

O quadro infra, pelos seus algarismos, acentua com maior clareza a alta que tiveram as diversas verbas da receita.

DEMONSTRAÇÃO da receita do estado do Maranhão, no exercicio de 1917 a 1918

TITULOS DA RECEITA	RECEITA		ARRECAÇÃO	
	ORÇADA	ARRECADADA	MAIOR	MEHOR
RECEITA ORDINARIA				
Industria e profissão	500:000\$000	595:035\$466	95:035\$466	
Patentes para vender bebidas	40:000\$000	50:709\$210	10:709\$210	
Produção do estado	680:000\$000	1.409:566\$585	729:566\$585	
Exportação	250:000\$000	683:004\$799	433:004\$799	
Estatística	4:000\$000	4:966\$610	966\$610	
Emolumentos	30:000\$000	24:887\$513		5:112\$487
Heranças e legados	70:000\$000	56:660\$442		13:339\$558
Transmissão de propriedade	90:000\$000	112:001\$256	22:001\$256	
Dívida activa	60:000\$000	57:563\$205		2:436\$795
Sellos	110:000\$000	110:315\$022	315\$022	
Imposto de consumo	(480:000\$000	816:863\$809	378:700\$616	
Imposto de caridade	(480:000\$000	41:836\$807		
Criação de gado	100:000\$000	97:400\$797		2:569\$670
Imposto predial	50:000\$000	63:400\$797	13:400\$797	
Taxa de expediente	24:000\$000	10:421\$000		13:579\$000
Diversos, incl. multas, etc.	56:000\$000	24:531\$890		31:465\$110
Armazenagem	150:000\$000	180:464\$880	50:464\$880	
Capatazias	110:000\$000	135:428\$317	25:428\$317	
Renda da Imprensa Official	30:000\$000	9:879\$460		20:120\$531
Juros de empréstimos	18:262\$682	\$		18:262\$682
Imposto sobre vencimentos	100:000\$000	57:553\$013		42:446\$987
Adicionaes	517:500\$000	908:115\$804	390:615\$804	
	3.449:762\$682	5.450:609\$224	2.150:209\$362	149:362\$820
RECEITA ESPECIAL				
Contrib. das comp. de seg.	2:000\$000	4:500\$000	2:500\$000	
Imposto territorial	25:000\$000	28:993\$285	3:993\$285	
Renda do deposito de algodão	20:000\$000	71:120\$757	51:120\$757	
Dita da Comp. de Vapores	30:000\$000	\$		30:000\$000
	77:000\$000	104:614\$042	57:614\$042	30:000\$000
RECEITA EXTRAORDINARIA				
Renda de proprios do estado		16:129\$000		
Juros de dinheiro em deposito		34:098\$210		
Rendas de exercicios anteriores		57:932\$371		
Rendas não classificadas		2:137\$380		
Indemnização de pensionistas		1:894\$000		
		112:190\$961		
RESUMO:				
Receita ordinaria	3.449:762\$682	5.450:609\$224		
" especial	77:000\$000	104:614\$042		
" extraordinaria	\$	112:190\$961		
	3.526:762\$682	5.667:414\$227		

Documenta-se, pelo mappa exposto, que a receita total do Maranhão attingiu, no ultimo exercicio, a somma de rs. 5.667:414\$227. No balanço, porém, só figura a quantia de rs. 5 569:870\$371, porque ali, como de direito, só deve constar a receita liquida, deduzida a despeza das verbas Armazenagens e Capatazias, feita com os serviços dos armazens da recebedoria, na importancia de 103.543\$856.

A receita do exercicio de 1916 a 1917, até então a maior obtida pelo estado, e que montou a rs. 4 895:837\$028, foi inferior á do exercicio findo em rs. 717:577\$499.

Melhor do que qualquer commentario, elucida este assunto quadro seguinte :

MAPPA da receita do estado do Maranhão, desde 1890 a 1918

EXERCICIOS	RECEITA		DIFFERENÇA	
	ORÇADA	ARRECADADA	PARA MAIS	PARA MENOS
1890	852:665\$400			
1891	852:665\$400			
1892	852:665\$400	613:780\$082	\$	238:885\$318
1893	1.517:774\$730	1.384:875\$376	\$	186:899\$354
1894	1.911:061\$262	1.573:891\$035	\$	337:170\$227
1895	1.904:360\$430	1.525:786\$294	\$	378:574\$136
1896	1.682:264\$730	1.467:378\$805	\$	214:885\$925
1897	1.735:264\$730	1.660:654\$764	\$	74:609\$966
1898	1.321:364\$730	2.129:496\$360	808:131\$630	\$
1899	1.468:600\$000	2.308:436\$846	839:836\$846	\$
1900	2.011:600\$000	2.814:364\$883	802:764\$883	\$
1901	1.975:500\$000	2.133:743\$197	158:243\$197	\$
1902	2.437.900\$000	2.230:665\$562	\$	207:234\$438
1903	2.353:429\$800	2.463:736\$723	110:306\$923	\$
1904	2.526:291\$150	2.767:207\$982	240:916\$832	\$
1905	2.701:453\$750	2.722:681\$767	21:228\$017	\$
1906	2.942:900\$000	2.259:547\$416	\$	683:352\$584
1907	1.322:525\$000	1.329:167\$059	6:642\$059	\$
(*) 1907-1908	2.655:150\$000	2.727:887\$666	72:737\$666	\$
1908—1909	2.630:150\$000	2.504.051\$237	\$	126:098\$763
1909—1910	2.616:650\$000		\$	\$
1910—1911	2.483:600\$000	2.481:153\$223	\$	2:446\$777
1911—1912	2.748:200\$000	2.305:567\$554	\$	442:732\$446
1912—1913	3.323:063\$362	3.067:363\$690	\$	255:699\$672
1913—1914	3.291:665\$145	2.994:320\$466	\$	297:344\$679
1914—1915	3.331:500\$000	3.163:912\$400	\$	167:587\$600
1915—1916	3.172:000\$000	4.210:047\$376	1.038:047\$376	\$
1916—1917	3.307:792\$682	4.895:837\$028	1.588:044\$346	\$
1917—1918	3.526:762\$682	5.667:414\$227	2.140:651\$545	\$

(*) Somente o primeiro semestre.

Dêste cômputo, sem nenhum sofisma, infere-se que, ao ultimo exercicio, entre todos os decorridos desde 1890, poderemos denominá-lo a fase aurea da vida economico-financeira do Maranhão.

Não é que descreâmós de que, no futuro, possâmos vir a obter uma receita igual. Não. Ella virá infallivelmente, sob de pena nos considerarmos um estado em liquidação. Mas não devemos esperar algarismos tão elevados, nestes annos,

Entre as verbas da receita, que mais avultaram, destacam-se estas do quadro acima:

Produção do estado.....	1.409:566\$585
Addicionaes.....	908:115\$804
Consumo.....	816:863\$809
Exportação.....	683:004\$799
Industrias e profissões.....	595:035\$466

Em outra parte dêste relatório, trataremos especialmente da arrecadação dos impostos, apontando os augmentos e os decrescimos havidos, nas diversas verbas da receita, e quais as razões determinantes de taes factos.

A receita por estações fiscaes

No exercicio de 1917 a 1918, a capital, pela recebedoria e pagadoria, entrou para a receita com a quota de réis 4.108:096\$368 e as estações fiscaes do interior do estado com a importancia de réis 1.559:317\$859, conforme se elucida no quadro abaixo:

MAPPA COMPARATIVO do rendimento das ESTAÇÕES FISCAES DO ESTADO, nos exercicios de 1916/1917 e 1917/1918

COLLECTORIAS	1917/1918	1916/1917	Diff. a mais	Diff. a menos
Caxias	177:487\$530	193:054\$530		15:567\$000
Codó	64:048\$870	50:319\$367	13:729\$503	\$
Crajalú	60:459\$198	52:208\$484	8:250\$714	\$
Araioses	59:968\$752	47:525\$343	12:443\$409	\$
Brejo	50:601\$345	51:207\$010	\$	605\$665
Flôres	48:651\$609	27:710\$889	20:940\$710	\$
Tutoia	39:008\$629	26:035\$921	12:972\$708	\$
Pinheiro	38:844\$717	62:819\$781	\$	23:975\$064
Rosario	38:146\$579	45:342\$527	\$	7:195\$948
Vianna	36:453\$848	38:203\$134	\$	1:749\$286
S. Francisco	34:185\$014	19:893\$321	14:291\$693	\$
Guimarães	33:082\$398	29:117\$634	3:965\$764	\$
Curralinho	32:390\$676	31:148\$231	1:242\$445	\$

COLLECTORIAS	1917/1918	1916/1917	Diff. a mais	Diff. a menos
Cururupú	30.261\$422	29.129\$459	1:131\$963	\$
Alcantara	27.964\$409	63.699\$830	\$	35:735\$421
Turiassú	26.290\$600	24.006\$602	2:283\$998	\$
Pedreiras	25:232\$941	15.537\$142	9:695\$799	\$
Carolina	25:146\$021	27.446\$260	\$	2:300\$239
Arari	24:952\$749	24.381\$783	570\$966	\$
S. Bernardo	24:611\$703	15.612\$963	8:998\$740	\$
Sto. Antonio de Balsas	24:368\$400	36.161\$890	\$	11:793\$400
Barão de Grajahú	24:144\$963	20.937\$531	3:207\$432	\$
S. Bento	23:742\$769	24.175\$402	\$	432\$633
Barra do Corda	22:326\$218	18.951\$994	3:374\$224	\$
S. João de Patos	21:077\$863	25.270\$031	\$	4:192\$168
Buriti	20:412\$304	17.283\$511	3:126\$793	\$
Itapecurú	19.817\$065	18.767\$787	1:049\$278	\$
Corôa da Onça (agencia).	19:495\$088	\$	19:495\$088	\$
Picos	18:875\$413	16.704\$731	2:170\$682	\$
S. José dos Matões	18:122\$468	12.454\$223	5.668\$245	\$
Anajatúba	17.306\$222	14.002\$217	3:304\$005	\$
Coroatã	17:093\$602	15.243\$562	1:852\$040	\$
S. Vicente Ferrer	17:025\$824	18.386\$642	\$	1:360\$818
Sta. Quitéria	16:230\$130	13.901\$125	2.329\$005	\$
S. Luiz Gonzaga	16:109\$493	17.893\$977	\$	1:784\$454
Herculanopolis (agencia)	15:657\$712	17.010\$257	\$	1:352\$545
Miritiba	14:847\$190	11.933\$466	2:913\$724	\$
Pastos Bons	14:808\$460	8.790\$668	6:017\$792	\$
Icatú	14:692\$822	25.195\$381	\$	10:502\$559
Nova-York	14:630\$985	12.976\$505	1:654\$480	\$
Vargem Grande	14.241\$581	10.204\$834	4:036\$747	\$
Barreirinhas	13.947\$973	10.447\$102	3:500\$871	\$
Imperatriz	13.375\$418	14.849\$342	\$	1:473\$924
Morros	12.969\$667	12.622\$792	346\$875	\$
Mearim	12.780\$489	13.510\$031	\$	729\$542
S. Miguel (agencia).	12.470\$657	4.681\$181	7:789\$476	\$
Guajerutua	12.165\$023	13.560\$436	\$	1:395\$413
Mirador	12.071\$217	8.281\$239	3:789\$978	\$
Penalva	11.994\$292	10.927\$799	1:066\$493	\$
Lorêto	11.600\$004	8.127\$701	3:472\$303	\$
Axixá	10.596\$908	\$	10:596\$908	\$
Alto Parnahiba	10.034\$241	7.455\$472	2:578\$769	\$
Engenho Central (agencia)	9.984\$212	8.806\$826	1:177\$386	\$
Monção	9.879\$619	10.502\$379	\$	622\$760
Carutapera	8:369\$004	7.815\$016	553\$988	\$
Tapera (agencia)	8.306\$457	6:547\$598	1:758\$859	\$
Riachão	7.797\$904	10:228\$514	\$	2:430\$610
Cajapió	7.612\$455	11:322\$006	\$	3:709\$551
Sta. Helena	7.411\$554	7:312\$906	98\$648	\$
Passagem Franca	7.280\$599	7:476\$003	\$	195\$404
Sto. Antonio e Almas	7.242\$836	7:191\$414	51\$422	\$
Primeira Cruz (agencia)	7.000\$349	7:028\$113	\$	27\$764
Bacabal (agencia).	6.941\$995	\$	6:941\$995	\$
Redondo (agencia)	6.759\$914	1:692\$467	5:067\$447	\$
S. José de Ribamar	6.214\$528	5:222\$349	992\$179	\$
Monte Alegre (agencia)	4.962\$431	5:472\$434	\$	510\$053

DEMONSTRAÇÃO da receita e despesa do estado, no exercício de 1917 a 1918:

TÍTULOS DA DESPEZA	FIXADA	Supplementar	REALIZADA
Tabella n. 1			
Governo do estado.....	54:260\$000	31:500\$000	83:060\$068
Tabellas ns. 2, 3 e 4			
Secretaria da fazenda....	1.442:400\$000	17:000\$000	1.616:155\$879
Tabellas ns. 5, 7, 8 e 9			
Secretaria do interior....	778:020\$000	425:020\$183	1.141:154\$935
Tabellas ns. 10 a 16			
Secretaria da justiça e segurança.....	1.097:900\$000	32:340\$666	1.107:293\$556
Tabella n. 6			
Congresso do estado....	67:600\$000	8	71:359\$631
	3.440:180\$000	505:868\$849	4.020.024\$069

Nas despesas das tabellas da secretaria da fazenda, incluíram-se as quantias de 627:606\$170 e 156:501\$500, dispendidas, respectivamente, com os juros do EMPRESTIMO EXTERNO e da DIVIDA INTERNA.

Essas quantias estão, para maior clareza, escripturadas no balanço da receita e despesa, separadas das referidas tabellas.

RESUMO da despesa realizada, ordinaria e extraordinaria:

Despesa ordinaria, realizada.....	4.020:024\$069
Creditos extraordinarios, pagos conforme a demonstração á parte...	547:595\$929

Despeza extraordinaria com a subvenção da navegação do rio Balsas, feita sob titulo especial.....	20:000\$000
Despeza extraordinaria, anterior a 1914, que excedeu a excriptura-da sob o titulo «Dívida flutuante»	3:816\$549
	<u>4.591:436\$547</u>

O excesso da despeza, além do orçado, teve a seguinte origem:

Creditos supplementares, pagos.....	505:868\$849
Creditos extraordinarios, pagos.....	547:595\$929
Outras despezas extraordinarias, com subvenções, prorrogação do congresso e differença de cambio, no pagamento dos juros do emprestimo externo....	97:791\$769
	<u>1.151:256\$547</u>

Segue-se a demonstração pormenorizada da despeza total e da ordinaria pelas differentes verbas, assim como dos creditos supplementares e extraordinarios:

DEMONSTRAÇÃO da DESPEZA total do ESTADO

TABELLAS	Titulos de despesas	CREDITOS		
		VOTADOS	Supplementares	Extraordinarios
N.º 1	Governo do estado.....	54.260\$000	31 500\$000	\$
» 2	Secretaria da fazenda...	991:000\$000	17 000\$000	\$
» 3	Recebedoria.....	185:400\$000	\$	\$
» 4	Classes inactivas.....	266:000\$000	\$	\$
» 5	Secretaria do interior...	300:900\$000	416 458\$183	\$
» 6	Secretaria do congresso	67:600\$000	\$	\$
» 7	Instrução publica.....	413:780\$000	8 562\$000	\$
» 8	Biblioteca Publica.....	8:300\$000	\$	\$
» 9	Imprensa Official.....	55:040\$000	\$	\$
» 10	Secretaria da justiça e segurança.....	191:900\$000	31 402\$000	\$
» 11	Segurança publica da ca- pital.....	21:120\$000	946\$666	\$
» 12	Penitenciaria.....	12:160\$000	\$	\$
» 13	Magistratura.....	468:211\$000	\$	\$
» 14	Junta commercial.....	6:340\$000	\$	\$
» 15	Registo civil.....	9 800\$000	\$	\$
» 16	Força publica.....	388 369\$000	\$	\$
Credito extraordinario				
	Diversos abertos, confor- me a demonstração á parte.....			704:175\$250
Despesas extraordinarias				
	Com a navegação do rio Balsas.....			
	Com a dívida flutuante..			
		3.440:180\$000	505:868\$849	704:175\$250

MARANHÃO, no EXERCÍCIO de 1917 a 1918

Total dos creditos	Despeza paga	EXCESSO	
		DE CREDITO	DE DESPEZA
85:760\$000	83:060\$068	2:060\$068	\$
1.008.000\$000	1.194.652\$941	\$	186.652\$941
185:400\$000	169:642\$431	15:757\$569	\$
266:000\$000	251:860\$507	14:139\$493	\$
717:358\$183	668:589\$434	48:768\$183	\$
67:600\$000	72:359\$631	\$	4.759\$631
422:342\$000	410.042\$632	12:299\$368	\$
8:300\$000	8:108\$938	191\$062	\$
55:040\$000	54:413\$931	626\$069	\$
223:302\$000	248:351\$138	\$	25:049\$138
22:066\$666	20:895\$707	1:170\$959	\$
12:160\$000	11:339\$797	820\$203	\$
468:211\$000	420:033\$293	48:177\$707	\$
6:340\$000	6:334\$996	5\$004	\$
9:800\$000	12:299\$992	\$	1:499\$992
388:369\$000	389:038\$633	\$	669\$633
704:175\$256	547:595\$929	156:579\$327	
	20:000\$000		20:000\$000
	3:816\$549		3:816\$549
650:224\$105	4.591:436\$047	300:595\$012	242:447\$883

QUADRO demonstrativo da despesa ordinaria, no exercicio de 1917 a 1918, pelas differentes verbas das tabellas orçamentarias

TABELLA N. 1

Governador do estado.....	24:000\$000	
Pessoal do gabinete.....	14:994\$998	
Despesa de palacio e telegrammas...	43:426\$570	
Expediente de palacio.....	<u>638\$500</u>	83:060\$068

TABELLA N. 2

Pessoal da secretaria da fazenda....	14:503\$205	
Expediente da secretaria da fazenda.	25:143\$562	
Eventuaes da secretaria da fazenda.	4:000\$000	
Aluguel de armazens.....	15:000\$000	
Reparo e accessorios para escaleres..	2:999\$220	
Pessoal da pagadoria.....	68:363\$482	
Percentagens aos agentes fiscaes....	253:622\$718	
Custas com causas da fazenda.....	2:350\$005	
Inspeção ás collectorias.....	14:089\$279	
Ajudas de custo aos inspeccionadores	<u>10:473\$800</u>	410 545\$271

TABELLA N. 3

Pessoal da recebedoria.....	74:738\$777	
Pessoal dos escaleres.....	16:873\$744	
Gratificação ao lançador	700\$000	
Pessoal dos armazens.....	32:329\$910	
Serviço de capatazias (extraordinario)	<u>45:000\$000</u>	169.642\$431

TABELLA N. 4

Pessoal inactivo e juizes em disponi- bilidade.....	244.480\$507	
Pensões.....	<u>7.380\$000</u>	251 860\$507

TABELLA N. 5

Pessoal da secretaria do interior....	38 709\$835
Expediente da secretaria do interior.	2.000\$000
Fornecimento de agua.....	14 400\$000
Obras publicas.....	383.383\$833
Livros e encadernação.....	1.000\$000

Material para a Imprensa Official....	28.180\$000	
Serviço Sanitario.....	62.180\$681	
Iluminação dos edificios publicos....	6.000\$000	
Eventuaes da secretaría do interior..	11.000\$000	
Expediente e material escolar.....	20.932\$000	
Ajudas de custo a professores.....	1.028\$700	
Aluguel de predios para escolas....	18.336\$287	
Subvenção á Santa Casa.....	42.000\$000	
Instituto de Assistencia á Infancia...	6.000\$000	
Serviço telefonico.....	1.267\$200	
Limpeza do teatro S. Luiz.....	1.999\$992	
Aprendizado Cristino Cruz.....	<u>30.170\$906</u>	668.589\$434

TABELLA N. 6

Subsídio a deputados.....	40.613\$800	
Ajudas de custo a deputados.....	4.225\$200	
Pessoal da secretaría do congresso...	25.120\$631	
Expediente do congresso.....	<u>2.400\$000</u>	72.359\$631

TABELLA N. 7

Pessoal do Liceu.....	125.912\$600	
Escola Modelo.....	28.548\$965	
Escolas primarias.....	<u>255.581\$067</u>	410.042\$632

TABELLA N. 8

Pessoal da Biblioteca Publica.....		8:108\$938
------------------------------------	--	------------

TABELLA N. 9

Pessoal da Imprensa Official.....		54.413\$931
-----------------------------------	--	-------------

TABELLA N. 10

Pessoal da secretaría de justiça e se- gurança.....	35:072\$382	
Expediente da secretaría da justiça e segurança.....	3:352\$475	
Deligencias policiaes.....	8:757\$530	
Eventuaes da secretaría da justiça e segurança.....	11:480\$600	
Tratamento de feridos.....	2:810\$800	
Luzes e alugueis de cadeias.....	14:531\$917	
Alimentação e vestuario de presos...	72:340\$198	
Expediente da sala de audiencias ...	400\$000	
Expediente do Registro Civil.....	170\$000	

Ajudas de custo a magistrados removi- vidos.....	3:874\$498	
Aluguel para o forum.....	5:300\$000	
Ajuda de custo e transporte de offi- ciaes e praças.....	8:710\$350	
Fardamento e equipamento.....	34:234\$790	
Forragem e ferragem.....	12:230\$516	
Trafameuto e enterramento de praças	8:751\$520	
Remontes e arreios.....	2:000\$000	
Arranchamento de praças.....	2:276\$904	
Expediente do Corpo Militar.....	1:000\$000	
Roupa para a guarda civil.....	10:500\$000	
Expediente da delegacia de Caxias...	1:216\$658	
Exames medico-legaes.....	4:840\$000	
Para as officinas do Corpo Militar...	800\$000	
Serviço eleitoral.....	3:600\$000	248:351\$138

TABELLA N. 11

Delegados da capital.....	19:095\$707	
Escrivão da delegacia de Codó.....	600\$000	
Escrivão da delegacia de Caxias.....	600\$000	
Sub-delegads e escrivão do Anil.....	600\$000	29:895\$707

TABELLA N. 12

Penitenciaria e cadeias.....	11:339\$797	11:330\$797
------------------------------	-------------	-------------

TABELLA N. 13

Pessoal do Superior Tribunal.....	76:565\$388	
Pessoal da secretaria do Tribunal...	18:506\$902	
Magistratura do estado.....	321:741\$003	
Expediente da secretaria do Superior Tribunal.....	1:000\$000	
Archivo e livros.....	1:500\$000	
Servente da sala das audiencias.....	720\$000	420:033\$293

TABELLA N. 14

Pessoal da Junta Commercial.....	6:039\$996	
Expediente da Junta Commercial...	295\$000	6:334\$996

TABELLA N. 15

Pessoal do registo civil.....		11:299\$992
-------------------------------	--	-------------

TABELLA N. 16

Pessoal da força publica e guarda civil		389:038\$633
---	--	--------------

DEMONSTRAÇÃO dos creditos supplementares, abertos pelo governo do estado, no exercicio de 1917 a 1918, ás diversas rubricas do orçamento :

TABELLAS	RUBRICAS	CREDITOS	TOTAL
Governo do estado . (Tab. n. 1)	Despezas de palacio e telegrammas officiaes	31:500\$000	31:500\$000
Secretaria da fazenda . (Tab. n. 2)	Ajuda de custo a inspecionadores	5:000\$000	
	Expediente da secretaria da fazenda	12:000\$000	17:000\$000
Secretaria do interior . (Tabs. n. 5 e 7)	Eventuaes da secretaria do interior	6:000\$000	
	Material para a Imprensa Official	15:000\$000	
	Material escolar.	8:562\$000	
	Aprendizado agricola.	1:074\$850	
	Pessoal da Imprensa Official	1:233\$333	
	Serviço sanitario	2:150\$000	
	Obras publicas	391:000\$000	425:020\$183
Secretaria da justiça e seg. (Tabs. 10 e 11)	Diligencias policiaes	1:000\$000	
	Eventuaes da secretaria da justiça	6:000\$000	
	Ajudas de custo a officiaes.	5:000\$000	
	Forragem e ferragem.	2:500\$000	
	Alimentação e vestuario de presos	15:650\$000	
	Tratamento de feridos.	1:252\$000	
	Delegado auxiliar da capital	946\$666	32:348\$666
		Rs...	505:868\$849

RESUMO dos creditos supplementares que se abriam:

Governo do estado.....	31:500\$000
Secretaria da fazenda.....	17:000\$000
Secretaria do interior.....	425:020\$183
Secretaria da justiça e segurança	32:348\$666
	Rs. 505:868\$849

DEMONSTRAÇÃO dos creditos extraordinarios, abertos pelo governo do estado, no exercicio de 1917 a 1918:

CREDITOS	Creditos abertos	Despeza paga	EXCESSO	
			do credito	de despeza
Secretaria da fazenda				
1917				
Credito de 1 de agosto, para pagamento dos vencimentos dos funcionarios do armazem n. 5 (Prensa de algodão)	12:000\$000	9:598\$327	2:401\$673	\$
Idem, de 5 de outubro, para pagamento de pensões a Antonio M. Araujo Lima, ex-collector do Brejo	1:200\$000	\$	1:200\$000	\$
Idem, de 16 de outubro e 20 de maio de 1918, para pagamento de credores do estado	111:799\$118	113:130\$154	\$	1:331\$036
Idem, de 26 de novembro, para pagamento de vencimentos do fiel do tesoureiro da pagadoria	1:606\$451	1:606\$451	\$	\$
Idem, de 27 de novembro, para pagamento de aluguel de uma canôa, para a collectoria de Guajerutiua	448\$000	448\$000	\$	\$
Idem, de 30 de novembro, para pagamento de vencimentos de funcionarios da estatistica	4:720\$000	4:719\$993	\$002	\$
Idem, de 1 de dezembro, para fundo do Montepio dos serventurarios do estado	3:000\$000	\$	3:000\$000	\$
Idem, de 6 de dezembro, para a intendencia da capital	20:000\$000	20:000\$000	\$	\$
Idem, de 15 de dezembro, para o deposito de algodão	26:215\$000	26:215\$000	\$	\$
Idem, de 17 de dezembro, para pagamento de mercadorias avariadas nos armazens da recebedoria	1:800\$000	1:486\$170	313\$830	\$
Idem, de 31 de dezembro, para pagamento de vencimentos a Joaquim S. Martins, funcionario de estatistica	948\$000	948\$387	\$	\$387
1918				
Idem, de 2 de janeiro, para serviço de prensagem de algodão	14:303\$000	14:303\$000	\$	\$
Idem, de 22 de janeiro, para a aquisição duma caldeira para o armazem n. 5 (prensa de algodão)	5:350\$000	5:350\$000	\$	\$
Idem, de 27 de abril, para pagamento de vencimentos a Raimundo P. Guterres	5:472\$741	5:452\$741	20\$000	\$

CREDITOS	Creditos abertos	Despeza paga	EXCESSO	
			de credito	de despeza
Idem, de 30 de maio, para pagamento de premios de seguros dos proprios do estado . . .	15:622\$950 224:485\$260	15:622\$950 218:881\$178	\$ 6:935\$505	\$ 1:331\$423
Secretaria do interior				
1917				
Idem, de 22 de agosto, para socorros a flagellados . . .	125:000\$000	139:674\$500	\$	14:674\$500
Idem, de 6 de setembro, para a estrada de rodagem da Barra do Corda ao Grajahú . . .	500\$000	500\$000	\$	\$
Idem, de 13 de setembro, para a estrada de rodagem da Barra do Corda ao Grajahú . . .	50:000\$000	42:296\$220	7:703\$780	\$
Idem, de 22 de novembro, para a subvenção da navegação do rio Mearim . . .	9:000\$000	9:000\$000	\$	\$
1918				
Idem, de 16 de janeiro, para o pagamento do fiscal junto ao Liceu Maranhense . . .	3:600\$000	3:600\$000	\$	\$
Idem, de 21 de janeiro, para a construção de um pavilhão na Santa Casa . . .	20:000\$000	20:000\$000	\$	\$
Idem, de 23 de janeiro, para a limpeza do rio Itapecurú . . .	20:000\$000	20:000\$000	\$	\$
Idem, de 2 de fevereiro, para ocorrer ás despesas com o recenseamento . . .	12:500\$000	12:500\$000	\$	\$
Idem, 15 de abril, para auxilio ao Azilo Santa Thereza . . .	2:400\$000	2:400\$000	\$	\$
Idem, de 25 de abril, para pagamento de pensões ao esculptor Celso Antonio de Menezes	1:000\$000	1:000\$000	\$	\$
Idem, de 29 de abril, subvenção a navegação à vela da capital a Alcantara . . .	600\$000	500\$000	100\$000	\$
Idem, de 30 de abril, para as despesas com o Instituto João Lisboa em Caxias . . .	5:000\$000	4:848\$621	151\$379	\$
Idem, de 1 maio, aquisição de um linotipo para a Imprensa Official . . .	15:000\$000	15:000\$000	\$	\$
Idem, de 16 de maio, para o serviço de combate à lagarta rosada . . .	6:000\$000	4:921\$912	1:078\$088	\$
Idem, de 17 de maio, para pagamento de vencimentos ao dr. A. B. Barboza de Godois .	3:950\$000	2:950\$000	1:000\$000	\$
Idem, de 20 maio, para pagamento de fretes de maquinismos enviados para o Bacabal	705\$000	705\$000	\$	\$

CREDITOS	Creditos abertos	Despeza paga	EXCESSO	
			de credito	de despeza
Idem, de 31 de maio, para pagamento de vencimentos ao director geral da instrucção publica	1:237\$096	1:237\$096	\$	\$
Idem, de 8 de junho, para pagamento de pensões ao pintor R. P. de Moraes	340\$000	340\$000	\$	\$
Idem, de 10 de julho, para o pagamento de despezas com o canal de Gerijó.	1:503\$500	1:745\$500	\$	242\$000
	<u>278:335\$596</u>	<u>272:366\$749</u>	<u>10:033\$247</u>	<u>4:064\$400</u>
Secretaria da justiça e segurança				
1917				
Idem, de 4 de agosto, para auxiliar a guarda nocturna	1:800\$000	1:800\$000	\$	\$
Idem, de 13 de setembro, para o pagamento do depositario geral.	1:200\$000	1:089\$891	110\$109	\$
Idem, de 20 de outubro, para as despezas com tratamento e enterramento de praças na Santa Casa.	5:154\$400	5:154\$400	\$	\$
Idem, de 18 dezembro, para pagamento de vencimentos ao desembargador Antonio José Pereira, junior	35:700\$000	30:000\$000	5:700\$000	\$
1918				
Idem, de 7 de maio, para pagamento de agentes policiaes	500\$000	451\$611	48\$389	\$
Idem, de 28 de junho, para aquisição de armamento e munição para o corpo militar estado	150:000\$000	\$	150:000\$000	\$
Idem, de 30 de maio, para a aquisição de um predio, para cadeia no Brejo.	7:000\$000	7:000\$000	\$	\$
	<u>201:358\$400</u>	<u>45:495\$902</u>	<u>155:858\$498</u>	<u>\$</u>
Resumo dos creditos				
Secretaria da fazenda.	224:485\$260	218:881\$178	6:935\$505	1:331\$423
» do interior.	278:335\$596	283:218\$849	10:033\$247	14:916\$500
» da justiça	201:354\$400	45:495\$902	155:858\$498	\$
	<u>704:175\$256</u>	<u>547:595\$929</u>	<u>172:827\$250</u>	<u>16:247\$923</u>

RESUMO FINAL — Creditos abertos. 703:175\$256
 » pagos. 547:595\$929
 Imp. que se deixou de pagar 156:579\$327
 Sendo: — Excesso de credito.. 172:827\$250
 menos.
 16:247\$923
 » de despeza 156:579\$327

CAPITULO II

ACTIVO E PASSIVO

Da mesma fórma que o capitulo I, onde publicámos, pela primeira vez, um balanço da "Receita e Despeza", daremos principio a este, estampando um balanço do «Activo e Passivo», por onde facilmente se verificara os valores e direitos que assistem ao estado e os encargos que pezam sobre as suas finanças.

Confrontando o resultado dos titulos do activo com os do passivo, encontra-se um passivo líquido, contra o patrimonio do estado, de 6.516:620\$732. Resulta esse algarismo, contra as finanças estaduaes, da falta de uma exacta execução da lei que reformou a contabilidade publica, a qual, entre outras providencias, mandou levantar a conta patrimonial, isto é, o tomo dos valores que cabem ao estado

Effectuaram-o incompletamente, pois os seus organizadores se limitaram a fazer o inventario dos predios e moveis pertencentes ao governo.

Falta incluir, no activo, diversos bens do estado, entre os quaes sobressaem o material bellico, a rêde de esgotos, ínterminada, mas em todo o caso representando o valor de quase dois mil contos de réis e, por ultimo, as terras devolutas, que uma grande somma concretisam.

Realisada esta inclusão, o que pretendemos levar a cabo no vigente exercicio, cremos que o saldo, no balanço geral, será a favor do estado, como activo líquido.

No passivo, tambem deixaram de ser incluídas tres contas que representam obrigações ou debitos do estado para com terceiros, que são as do hospital dos lazarus, hospital de alienados e liceu de artes e officios.

Estes debitos teem origem em impostos e addicionaes, cobrados com fim especial, como demonstram os titulos dessas arrecadações. Os saldos dessas contas estão discriminados adiante, onde trataremos especialmente do passivo.

BALANÇO DO ACTIVO E PASSIVO DO

ACTIVO

Bens de raiz e moveis	
Valor dos escriturados até ao encerramento do exercicio.....	2.096:486\$271
Comp. de Navegação a Vapor do Maranhão	
Imp. de s/debito, nesta data.....	2.153:444\$345
Emprestimo á Usina Joaquim Antonio	
Imp. de s/debito, nesta data.....	417:731\$704
Diversos responsaveis	
Saldo desta conta.....	190:692\$547
Divida activa	
Saldo da escriturada até ao encerramento do exercicio... ..	159:995\$907
Titulos depositados e caucionados	
Pelos existentes nesta data.....	107:800\$000
Valores do estado	
Importancia em debentures.....	2:518\$000
Estampilhas a emittir	
Pelas que existem em poder do thesoureiro.....	2.019:116\$100
Caixa de montepio	
Saldo em dinheiro.. ..	5:464\$403
Municipio de Cajapió	
S/debito nesta data.....	53\$000
Saldos para o exercicio de 1918 a 1919	
London and River Plate Bank....	500:000\$000
Banco do Brasil.....	1.019:366\$000
London and Brazilian Bank.....	2:104\$210
Caixa de reservas especiaes.....	268:478\$208
Caixa geral.....	2:043\$037
Em poder de exactores.....	18:089\$972
	1 810:081\$427
Patrimonio	
Passivo líquido, ao encerrar-se o exercicio.....	6.516:620\$732
	15.480:004\$436

DO ACTIVO

Os valores activos, que representam os direitos que assistem ao estado, constantes do balanço encerrado em 30 de junho de 1918, discriminam-se assim:

Bens de raiz e moveis

Importancia dos predios existentes na capital e interior da ilha, inclusive terrenos, moveis, etc., conforme a relação em livro especial		2.040:627\$021
--	--	----------------

Idem, dõs predios e terrenos situados no interior do estado, a saber:

BARRA DO CORDA

1 casa que serve de cadeia e quartel	15:000\$000	
1 dita onde funciona um externato	<u>4:000\$000</u>	19:000\$000

BAIXO MEARIM

1 terreno á praça Rio Branco....	300\$000	
1 varão e 4 grades de ferro.....	<u>100\$000</u>	400\$000

ROSARIO

1 predio á rua Affonço Penna, onde funciona a camara municipal...	4:000\$000	
1 dito á mesma rua que serve de cadeia.....	3:000\$000	
1 dito que serve para a escola do sexo masculino.....	<u>1:000\$000</u>	8:000\$000

ITAPECURÚ-MIRIM

1 casa á rua Grande, que serve de cadeia.....	6:000\$000	
1 dita á mesma rua, onde funciona a camara municipal.....	<u>2:000\$000</u>	8:000\$000

S. BENTO

1 predio á rua Cel. Luiz Reis, que serve de quartel e cadeia.....	5:000\$000	5:000\$000
---	------------	------------

GRAJAHÚ

1 casa em ruínas, á praça dr. Prudente de Moraes.....	200\$000
---	----------

TURIASSÚ

1 casa á rua Luiz Domingues.....	1:800\$000
----------------------------------	------------

COROATÁ

1 casa em ruína á praça Affonso Penna, que serve de cadeia.....	300\$000
---	----------

S. LUIZ GONZAGA

1 casa em mau estado, servindo de cadeia.....	1:000\$000
---	------------

S. BERNARDO

1 casa onde funciona a camara municipal.....	500\$000	
1 dita em mau estado, que serve de cadeia.....	<u>200\$000</u>	700\$000

PICOS

Terras do estado.....	2:000\$000
-----------------------	------------

Importancia dos moveis e utensilios existentes nas diversas escolas do interior do estado.....	<u>9:459\$250</u>
	2 096:486\$271

Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão

O debito desta companhia representa-se assim:

DEVE

Importancia do emprestimo feito pelo estado, sujeito a juros de 5 %.....	1.463:414\$000
Adiantamentos feitos em diversas datas, sujeitos aos mesmos juros.....	301:039\$105
Adiantamentos feitos á mesma companhia, de 13 de março de 1914 em diante, sem juros.....	434:239\$420
Juros capitalizados, de dezembro de 1912 a junho de 1918.....	<u>727:566\$912</u>
	2.926:259\$437

HAVER

Importancia recebida de subvenções, arrendamentos e venda de valores, fundição, materiaes e adjudicação de predios pelo governo.....	772:815\$092
Saldo a favor do estado, em 30 junho de 1918.....	2.926:259\$437

No primeiro semestre do exercicio vigente, acresceram as seguintes parcelas. que elevaram essa conta ao valor de réis 2.210:904\$195, a saber :

DEVE

Juros contados de 1 de julho a 31 de dezembro de 1918 sobre réis 2 492:020\$017, total do emprestimo, abonos e juros accumulados.....	62:812\$550
	<u>2.216:256\$895</u>

HAVER

Importancia recolhida por Newton Passos, proveniente do arrendamento dos vapores costeiros, até outubro de 1918, saldo liquido.....	5:352\$700
Saldo a favor do estado, até 31 de dezembro de 1918.....	Rs. 2.210:904\$195

Emprestimo á Uzina Joaquim Antonio

A situação desta conta demonstra-se da seguinte maneira:

Importancia do empréstimo feito, conforme escritura de 30 de agosto de 1911.....	365:853\$658
Juros em atrazo até 30 de junho de 1918, que foram incorporados ao capital, de accôrdo com a lei n.º 802, de 22 de abril de 1918, e o contracto de innovação, lavrado em 27 de julho de 1918.....	51:878\$046
Valor do empréstimo, em 30 de junho de 1918	Rs. 417:731\$704

Sobre este capital de rs. 417:731\$704, já entraram os responsaveis pelo empréstimo com os juros de rs. 10:443\$292, vencidos em 31 de dezembro ultimo.

Diversos responsaveis

Representa este titulo os saldos, em dinheiro, de que diversos ex-exactores fiscaes, e demais responsaveis, são devedores ao estado. Esta conta ainda não foi revista depois de reformada a escrituração, o que pretendemos fazer, para a devida conferencia e acerto do saldo, que, pelos lançamentos existentes, importa em.....

190:692\$547

Divida activa

Encontrâmos a escrituração desta conta, no livro que a demonstra, em grande atrazo e ainda não está de todo em dia, apesar da designação de um funcionario para esse fim.

A cobrança executiva na capital é feita com a maxima presteza. A do interior do estado, porém, mostra-se irregular, devido á falta do cumprimento de deveres por parte, ora de certos promotores ou seus adjuntos, que não promovem a sua execução, ora de alguns juizes, que deixam de dar cumprimento aos requerimentos executivos dos promotores.

O valor desta conta, escriturado até ao encerramento do exercicio, é de.....

159:995\$907

Titulos depositados e cauconados

Esta conta demonstra o valor total das aplices estaduaes, federaes e cadernetas da Caixa Economica, cauconadas como fiança para garantia do exercicio de diversos exactores fiscaes e de diversas outras cauções, no valor total de.....

107:800\$000

Valores do estado

Este titulo foi criado ultimamente na escrita, para se registarem nelle os papeis, titulos ou outros

valores pertencentes ao estado, que não podiam continuar como até então, englobados com titulos ou outros valores pertencentes a terceiros

Por enquanto, só constam deste titulo algumas debentures, como da relação seguinte:

167 Debentures da Comp. Manufactureira e Agricola do Maranhão, no valor de 5\$000 cada uma	835\$000	
22 Idem, idem, no valor de 5\$000 cada uma.....	1:100\$000	
14 Idem, da Comp. Industrial Maranhense, no valor de 2\$000 cada uma	28\$000	
111 Idem, idem, no valor de 5\$000 cada uma.....	<u>555\$000</u>	2:518\$000

Estampilhas a emitir

As existentes em poder do thesoureiro em 30 de junho de 1918, ao encerrar-se o exercicio, eram dos seguintes valores:

1.695	de	\$100	169\$500	
492.338	>	\$200	98:467\$600	
242.729	>	\$400	97:091\$600	
320.234	>	\$600	192:140\$400	
226.969	>	1\$000	226:969\$000	
138.284	>	2\$000	276:568\$000	
68.850	>	5\$000	344:250\$000	
28.288	>	10\$000	282:880\$000	
18.098	>	20\$000	361:960\$000	
138.620	taxas de exp. de	1\$000	<u>138:620\$000</u>	2.019:116\$100

Caixa do mantepio

O saldo dêste titulo é oriundo da arrecadação de joias e contribuições do Montepio dos Serventuarios do Estado, feita na ultima quinzena de junho, e ainda não entregue, até áquella data, ao thesoureiro do mantepio, o que se costuma fazer quinzenalmente.....

5:464\$403

Município de Cajapió

O débito desta conta tem origem na restituição do imposto de gado bovino, cobrado em virtude de contracto existente entre aquelle município e o estado.....

53\$000

Saldo para o exercício de 1918 a 1919

Este titulo representa o resultado obtido a favor do estado, entre a receita e a despesa do exercício de 1917-1918, pelos saldos em dinheiro que passaram para o exercício vigente, assim depositados:

London and River Plate Bank	500:000\$000	
Banco do Brasil.....	1.019:366\$000	
London and Brazilian Bank.....	2:104\$210	
Caixa de reservas especiaes.....	268:478\$208	
Caixa geral.....	2:043\$037	
Em poder de exactores.....	<u>18:089\$972</u>	1.810:081\$427

Estes saldos, no fim do primeiro semestre deste exercício, isto é, em 31 de dezembro de 1918, tiveram as seguintes alterações:

London and River Plate Bank....	500:000\$000	
Banco do Brasil.....	1.253:696\$900	
London Brazilian Bank..	2:104\$200	
Caixa de reservas especiaes.....	7:000\$000	
Caixa geral.....	<u>366:366\$060</u>	2.129:167\$160

Patrimonio do estado

Conforme já foi explicado, este titulo consta do activo, em consequencia de não ter sido feito integralmente o tombo dos bens pertencentes ao estado. Logo que se tome essa providencia, passará esta conta a representar-se no passivo como activo liquido.

Saldo desta conta, ao encerrar-se o exercício de 1917 a 1918.....

6.516:620\$732

DEMONSTRAÇÃO da conta PATRIMONIO DO ESTADO,
no exercicio de 1917 a 1918

Débito	Crédito
Divida activa	Bens de raiz e moveis
Amortisação desta conta neste exercicio, em vista de diversos recebimentos de devedores do estado.. 25:741\$183	Valor dos bens incorporados neste exercicio 23:847\$071
Diversos responsaveis	Divida interna fundada
Idem, idem, idem 4:485\$011	Amortisação feita pelo estado neste exercicio. 600:200\$000
Comp. de Navegação a Vapor	Saldo do exercicio
Diferença, para menos, nesta conta, do exercicio de 1916-1917 para o de 1917-1918, em virtude de amortisação 8:527\$271	Excesso da receita sobre a despesa..... 973:933\$824
38:753\$465	Emprestimo á Uzina Joaquim Antonio
Patrimonio	Patrimonio
Passivo liquido no encerramento do exercicio de 1916 a 1917..... 8.094:140\$844	Juros desta conta, capitalizados neste exercicio.. 18:292\$682
8 132:894\$309	1.616:273\$577
	Passivo liquido, no encerramento do exercicio de 1917 a 1918 6.516:620\$732
	8.132:894\$309

TITULOS que devem ser incluidos no activo da conta patrimonial do estado:

Terras devolutas

Valor minimo das terras pertencentes ao estado 20.000:000\$000

Rede de esgotos

Valor do material existente para este serviço 2.000:000\$000

Material bellico

Valor do armamento e equipamento do corpo militar do estado..... 150:000\$000

DO PASSIVO

As obrigações que peçam sobre as finanças do estado, constantes do balanço fechado a 30 de junho de 1918, estão assim demonstradas:

Divida interna fundada

Esta divida, que era, no encerramento do exercicio de 1916 a 1917, de 3.067:400\$000, foi amortizada, no periodo de 1917 a 1918, de 600:200\$000, ficando, em 30 de junho de 1918, reduzida a 2.467:200\$000, conforme a discriminação a seguir:

Apolices

ULTIMA EMISSÃO

251	Apolices nominativas de 100\$000 juro de 5 %	25:100\$000
2.229	» » » 200\$000 » » 5 %	445:800\$000
2.321	» » » 200\$000 » » 6 %	464:200\$000

PENULTIMA EMISSÃO

1.326	Apolices nominativas de 100\$000 juro de 6 %	132:600\$000
3.206	» » » 200\$000 » » 6 %	641:200\$000
393	» » » 500\$000 » » 6 %	196:500\$000

NOVA EMISSÃO

767	Apolices nominativas de 100\$000 juro de 5 %	76:600\$000
833	» » » 200\$000 » » 5 %	166:600\$000
2.760	» ao portador » 100\$000 » » 5 %	276:000\$000
213	» » » 200\$000 » » 5 %	42:600\$000
		<u>2.467:200\$000</u>

Os juros desta divida têm sido pagos pontualmente, tendo sido despendida, no exercicio findo, com esse pagamento, a quantia de 156:501\$500.

Divida externa fundada

Continúa a ser a mesma de frs. 18.000.000, que, escriturada no balanço, ao cambio de 16^d, representa, em moeda brasileira

10.728:000\$000

Os juros desta divida estão pagos em dia, tendo-se despendido, com esse serviço, no ultimo exercicio, a quantia de 627:606\$170.

Fianças e cações

Este titulo demonstra-se assim:

Importancia recolhida em dinheiro, para garantia das fianças de va- rios exactores fiscaes....	28:370\$000	
Idem, idem, em apolices, conforme o historico do activo.....	<u>107:800\$000</u>	136:170\$000

Depositos

Importancia recolhida, em 31 de maio de 1916, pelo escrivão do commercio Adolfo Paraiso, produto da venda do engenho central «S. Pedro».....		96:300\$000
---	--	-------------

Espolios

Importancia dos recolhidos nesta repartição
e nas estações fiscaes, conforme a se-
guinte relação:

De Benedito e Abel Silva.....	1:569\$285	
De Jardelina Rodrigues.....	588\$245	
De Carlos de Oliveira Pontes....	2:899\$599	
Do chinez San-Bru-Keni.....	15:799\$098	
Saldo recolhido por diversas esta- ções fiscaes.....	<u>2:186\$500</u>	23:042\$727

Estampilhas em deposito

Este titulo é compensador do escriturado no activo, sob a epígrafe «Estampilhas a emitir», onde se acham, discriminadas por valores, no total de....		2.019:116\$100
---	--	----------------

Fundo de montepio

Esta conta é tambem compensadora da cons- tante do activo, sob o titulo «Caixa do Montepio», no valor de.....		5:464\$403
---	--	------------

Rendas de diversos municipios

Representa esta conta passiva os saldos de diversas arrecadações, ainda não entregues, de impostos municipaes, feitas por força de contracto existente entre os seguintes municipios e o estado:

Do municipio do Icatú.....	21\$750	
Do municipio da Miritiba.....	382\$312	
Do municipio de S. Luiz Gonzaga	1:236\$840	
Do municipio de Carutapéra.....	1:680\$517	
Do municipio de Monção.....	48\$561	
Do municipio do Turiassú.....	<u>1:341\$226</u>	4:711\$206

TITULOS que devem fazer parte do passivo da conta patrimonial do estado.

Hospital de lazarus

Addicionaes cobrados pelo estado, com fim especial, do anno de 1901 a 1908.....	259:858\$840	
Quotas recebidas da União, desde 1909 a 1918.....	<u>26:118\$637</u>	
	285:977\$477	

menos

Quotas entregues á Santa Casa de Misericordia, de 1913 a 1918....	<u>20:060\$388</u>	265:917\$089
---	--------------------	--------------

Hospital de alienados

Addicionaes cobrados pelo estado do anno de 1904 a 1908.....		27:103\$916
--	--	-------------

Liceu de artes e officios

Quotas recebidas da União, de 1906 a 1918		28:033\$032
---	--	-------------

CAPITULO III

OS COMPROMISSOS ESTADUAES

O nosso estado não tem, agora, dívida fluctuante ou, mais claramente, dívida administrativa, oriunda da differença entre a receita e a despeza. Aquella tem sido sempre superior a esta, dando azo á obtenção de saldos orçamentarios.

Se nos podemos expressar assim, quanto á folga que tem fruido o Maranhão, da necessidade de prover momentaneos obstaculos financeiros, não nos podemos, porém, externar da mesma maneira, quanto aos encargos de uma vultuosa dívida fundada, que absorve uma grande parte das nossas rendas.

A divida interna

A nossa dívida interna, que se elevava, em 1914, a 4.769:868\$577, acha-se hoje reduzida a 2.467:200\$000, segundo a demonstração constante do passivo do balanço geral do estado.

Esta dívida amortizou-se, em diversos exercicios, pelo seguinte modo:

Dívida interna, geral, em 1914.... 4.769:868\$577

AMORTIZAÇÃO

Paga em dinheiro..... 558:168\$577

Consolidada em apolices..... 4.211:700\$000

Apolices resgatadas, no quadrien-
nio de 1914 a 1918..... 1.744:500\$000

Dívida actual, consolidada..... 2.467:200\$000

A dívida externa

Constituiu-se esta dívida pelo contracto de 2 de novembro de 1910, no total de £ 800,0,0 ou 20 milhões de francos, ao cambio de 25 francos a libra, tipo 82 ‰, em 40 000 obrigações de £ 20 ou frs. 500, emitidas por intermédio da Banque Argentine et Française, ao juro de 5 ‰ ao anno, amortisavel em 36 annos.

Dêsse empréstimo, apenas se emitiram 36.000 obrigações, ou sejam 18 milhões de francos, ao cambio de \$600 o franco, formando a actual dívida externa do Maranhão.

Em 1916, lavrou-se um contracto adicional ao de 1910, pelo qual o estado conseguiu, depois de pagos todos os juros em atrazo, o adiamento do começo da amortisação, que principiará a fazer-se em 1928.

O pagamento dos juros desta dívida está em dia, como conta das demonstrações de despeza já publicadas, tendo-se pago, até 31 de dezembro de 1918, sem incluir os juros antecipados de 1910, o total de 7.200 000 francos, em prestações semestraes de 450.000 francos, além da commissão de 1/2 ‰, ou sejam 2.250 francos á Banque Argentine et Française, pelo serviço de resgate de *coupons*, em cada semestre.

Total da dívida

Dívida interna, fundada.....	2.467:200\$000
Dívida externa, fundada, 18 000.000 de frs., ao cambio de 596.....	<u>10.728:000\$000</u>
TOTAL.....	13.195:200\$000

CAPITULO IV

A ARRECADAÇÃO DOS IMPOSTOS

O sistema tributario do Maranhão assenta em bases pouco firmes, visto que os seus principaes impostos incidem sobre a produção, a qual varia de anno para anno, de acôrdo com as condições climatericas e com as leis economicas da procura e da offerta.

Precisâmos de imprimir uma nova feição á rêde dos nossos impostos, os quaes devem de preferencia recair sobre a propriedade immovel, de sorte que as rendas publicas offereçam maior estabilidade e um aumento progressivo, determinado pela crescente valorisação daquella.

Lançou-se, ha três annos, uma bôa semente no campo do nosso regimen tributario. Mas, sem o cuidado preciso e sem as normas necessarias e racionaes, a que devia obedecer, os seus proveitos resultaram insignificantes

Falâmos do imposto territorial, estabelecido pela lei n. 657, de 27 de abril de 1914. Cumpre nos tratar delle mais seriamente, dando-lhe outra directriz, para que possâmos transformá-lo, pouco a pouco, na primeira fonte das nossas rendas.

Para isso, necessitâmos de criar um commissariado geral de divisão e demarcação de terras, que, com o produto do imposto até hoje auferido, e com uma razoavel quota, cobrada de cada proprietario de terras, a justo titulo, ou invadida a *bona-fide*, possa demarcá-las, conhecendo dos direitos de posse e dominio dos seus detentores, delimitando as terras devolutas e legitimando as propriedades, o que redundará no levantamento da carta cadastral do estado

O imposto territorial constitue hoje, para o Rio Grande do Sul, a sua principal receita. Reconhecendo o seu acrescimo, a assembléa legislativa daquelle estado vai diminuindo as taxas do anti economico imposto de exportação, que representa um grande entrave á expansão commercial

No Maranhão, o imposto de exportação é muito módico, não indo além de 2,1/2% (dois e meio por cento) a média da arrecadação dos impostos, sobre o valor total dos produtos exportados. Ainda assim, artigos existem, dos quaes falaremos depois, que devem ser menos onerados

Obedecendo-se ao criterio de taxar de preferencia a propriedade immovel e as rendas acumuladas, que se conservarem inertes, alliviando ao mesmo tempo, quanto possivel, de impostos as actividades produtivas teremos conseguido uma receita equitativa e deveras estavel

Vamos agora demonstrar a escala ascendente que alcançou a arrecadação das principaes verbas da receita estadual, nestes cinco ultimos exercicios financeiros, em cujo numero, cremos, o período findo, aqui relatado, ficará como o ponto culminante das rendas obtidas, até hoje, pelo estado, por um espaço não pequeno.

O imposto de produção do estado

Concretiza esta verba orçamentaria o imposto mais importante do nosso organismo tributario. Cobra-se, na capital, á bôca do cofre, e á vista das entradas nos armazens da recebedoria. No interior, poucas são as estações fiscaes que o arrecadam desta fórmula, devido á difficuldade para determinar quaes os produtos destinados ao consumo local, pois os que se destinam á capital só os cobra a recebedoria. A maioria das collectorias fazem a sua arrecadação por meio de lançamentos, arbitrando para cada casa de negocio a quantidade que poderá vender, a dentro do exercicio.

As suas taxas são módicas e razoaveis. O imposto dos produtos mais importantes, como o assucar, a mamona, a farinha, o milho, cobra-se «ad-valorem», com percentagens maximas de 4%, á excepção do arroz, que paga 6%. Tal taxa, pensâmos, conviria baixá-la, atendendo a que é um dos nossos mais relevantes artigos de lavoura.

A sua arrecadação tem sido a seguinte:

1913—1914.....	679.345\$102
1914—1915.....	702.494\$886
1915—1916.....	929.581\$905
1916—1917.....	1.192.846\$287
1917—1918.....	1.409.566\$585

O imposto de consumo

Este imposto incide sobre diversos produtos, depois de in-

corporados ao commercio do contribuinte, salvo quando o mesmo, por sua livre vontade, prefere pagá-lo á bôca do cofre.

Tem sido esta a sua arrecadação:

1913—1914.....	367:047\$488
1914—1915.....	378:135\$441
1915—1916.....	665:663\$403
1916—1917.....	720:405\$554
1917—1918.....	816:863\$809

O imposto de industria e profissão

E' uma das fontes mais seguras e normaes. O seu desenvolvimento não obedeceu á proporção do crescendo obtido nos outros impostos, o que demonstra não ter o fisco agravado a sua taxaçaõ, apezar do grande aumento de commercio, havido em todo o estado.

Foi esta a sua arrecadação:

1913 - 1914.....	538:233\$310
1914—1915.....	526:849\$099
1915 - 1916.....	511:252\$524
1916 - 1917.....	541:716\$195
1917—1918.....	595:035\$466

O imposto de exportação

Como já affirmámos, o nosso imposto de exportação é, acertadamente muito justiceiro e não recae sobre todos os generos exportados.

Grande numero delles, e dos principaes, são livres de onus na sua saida, como o arroz pilado, o algodão hidrófilo e o em pluma, quando de preço inferior a 1\$000 o kilo, as carnes, o peixe, o sabão, os tecidos e outros.

Pagam imposto, ao ser exportados, o algodão em pluma, desde que exceda o preço de 1\$000, 2^o%, ad-valorem; tapiócas, mamona, farinhas, milho, feijão, favas e gergelim pagam 4^o%. Outros productos, como couros, gado e cêra pagam razoaveis taxas fixas. Ha dois artigos que pagam, a nosso ver, taxas onerosas e que precisam de ser immediatamente reduzidas, — as amendoas de côco babassú, 10^o%, e as aparas de mandioca, 8^o%. Esses tributos devem modificar-se, respectivamente, para 5^o% e 2^o%.

A arrecadação dêste imposto tem sido esta:

1913—1914.....	177:465\$460
1914—1915.....	188:065\$725
1915—1916.....	329:072\$187
1916—1917.....	457:693\$794
1917—1918.....	683:004\$799

O imposto de criação de gado

E' um imposto que convinha abolir do nosso orçamento. Sobrecarrega uma industria que carece de grande protecção dos poderes publicos. Demais, o livre arbitrio do exactor é que o lança, possuindo, para se orientar, apenas o livro de ferra do criador, que, ou o não tem, ou o sonega, na esperança de obter um lançamento inferior.

Verifica-se que se trata de um tributo anti-economico e pouco equitativo e, como tal, condemnado a desaparecer ou a ser substituido.

Têm sido arrecadadas as seguintes quantias:

1913—1914.....	98:764\$177
1914—1915.....	97:508\$410
1915—1916.....	95:582\$600
1916—1917.....	99:302\$650
1917—1918.....	97:400\$330

O imposto predial

Pertence hoje aos agentes estaduaes a cobrança da décima predial dos municipios do interior, em virtude de um contrato, autorisado em lei, feito entre as municipalidades e o estado, pelo qual aquellas cederam a arrecadação dêste imposto, em troca do serviço de segurança publica, que passaram a effectuar, por destacamentos policiaes, quando anteriormente o era á custa das communas, por meio de guardas municipaes

Reputâmos este contrato lesivo para o estado, o qual, devido á escassa e defeituosa construção das localidades do interior, não arrecada um terço do que dispende com o serviço de segurança dos municipios.

EmS. Luiz, o imposto predial cabe á municipalidade.

A taxa referida tem produzido a seguinte renda:

1913—1914 ...	49:539\$682
1914—1915.....	55:516\$650
1915—1916.....	59 459\$907
1916—1917....	62 801\$663
1917—1918.....	63:400\$797

A transmissão de propriedade

A collecta d'este variavel imposto demonstra-se no seu movimento, entre nós, durante os ultimos exercicios:

1913—1914.....	65:374\$573
1914—1915.....	53:221\$691
1915—1916.....	114:524\$090
1916—1917.....	147:490\$925
1917—1918.....	112:001\$256

Heranças e legados

E' tambem muito variavel este imposto. A sua arrecadação tem sido a seguinte:

1913—1914	45:308\$144
1914—1915.....	33:952\$023
1915—1916.....	77:031\$751
1916—1917.....	69:265\$725
1917—1918.....	56:660\$442

Sello e taxa de expediente

O desenvolvimento da arrecadação d'estes dois impostos tem sido :

	<u>SELLOS</u>	<u>TAXAS</u>
1913—1914	61:443\$071	13:531\$000
1914—1915	107:668\$164	12:405\$000
1915—1916	104:600\$366	11:358\$000
1916—1917	107:905\$251	10:863\$000
1917—1918	110:315\$022	10:421\$000

Seria vantajoso e bastante commodo introduzir, nos costumes burocraticos do estado, o papel sellado.

Patente para vender bebidas

Imposto estabelecido ha pouco tempo, obteve um regular incremento. Mas ainda o não executam com o rigor que se deve exigir, dada a sua natureza de tributo sobre a exploração de um vicio.

Tem sido esta a sua arrecadação:

1913—1914.....	\$
1914—1915.....	30:020\$000
1915—1916.....	41:059\$500
1916—1917.....	46:197\$500
1917—1918.....	50:709\$210

Os emolumentos

As taxas atingidas têm sido estas:

1913—1914.....	27:710\$085
1914—1915.....	30:869\$911
1915—1916.....	21:408\$704
1916—1917.....	23:350\$520
1917—1918.....	24:887\$513

O imposto territorial

Conforme dissemos no começo dêste capítulo, este imposto precisa de receber uma nova regulamentação, por fôrma a constituir, no futuro, a principal fonte das nossas rendas. Para isso, é necessario reformar a taxa vigorante, que deverá passar a ser a seguinte: \$050 por hectare de terras demarcadas, \$100 por hectare de terras indivisas e uns tantos por cento sobre o valor venal das propriedades, á maneira do que se pratica no Rio Grande do Sul.

Feita esta reforma, preciso se torna, porém, que o governo emprenda a demarcação e divisão immediata das terras, criando um commissariado, de acôrdo com as idéas que já expendemos.

A renda dêste imposto tem sido:

1915—1916.....	16:801\$208
1916—1917.....	27:708\$499
1917—1918.....	28:993\$285

O imposto de caridade

Estabeleceu-se este imposto no ultimo exercicio, com applicação especial. O seu produto destina-se a auxiliar a Santa Casa de Misericórdia, o Instituto de Assistencia á Infancia, o Asilo de Mendicidade e o Asilo de Sta. Tereza

As suas taxas recaem sobre cada litro de bebidas alcoolicas, kilo de fumo, cento de charutos e valor de perfumarias, de qualquer procedencia, que entram para o consumo do estado

A arrecadação, no ultimo anno economico, foi de 41:836\$807.

Os adicionais

São cobrados sobre os impostos de industria e profissão, produção do estado, exportação, heranças e legados, transmissão de propriedade e consumo. Esta arrecadação, que é uma consequencia da dos impostos em que incide, prova-se assim:

1913—1914.....	461:586\$195
1914—1915.....	460:783\$841
1915—1916.....	666:593\$291
1916—1917.....	767:448\$724
1917—1918.....	908:115\$804

OUTRAS RENDAS

A divida activa

A cobrança de-ta dívida, que se realiza com grande irregularidade, no interior, segundo já se explicou, tem sido:

1913—1914.....	81:026\$483
1914—1915.....	100:529\$292
1915—1916.....	90:761\$544
1916—1917.....	70:726\$088
1917—1918.....	57:563\$205

As multas

Operou-se esta arrecadação:

1913—1914.....	13:204\$523
1914—1915.....	13:784\$111
1915—1916.....	14:424\$693
1916—1917.....	15:536\$566
1917—1918.....	24:134\$890

Armazenagem

O produto liquido de semelhante renda teve uma optima expansão, nestes ultimos exercicios, paralela ao desenvolvimnento da produção e da exportação estaduaes:

1913—1914.....	110:066\$697
1914—1915.....	122:606\$219
1915—1916.....	175:354\$723
1916—1917.....	236:095\$807
1917—1918.....	227:361\$541

Além destas rendas, existem outras de somenos importancia, mais ou menos todas com um sofrivel movimento—as dos proprios do estado, exercicios anteriores, Imprensa Oficial, etc.

QUARTA PARTE

PROVIDENCIAS ADMINISTRATIVAS

CAPITULO I

A REFORMA DA CONTABILIDADE

Dos actos de uma administração, os mais importantes são aquelles que se referem ás finanças publicas. Estas, consubstanciando, no seu conjunto, a somma dos onus exigidos ao povo, em prol do estado, precisam de ser escrituradas conforme a successão dos factos administrativos, os quaes se registam de acôrdo com os principios da contabilidade

A contabilidade, que é, segundo a sua melhor definição, um dos ramos da sciencia administrativa e tem por objecto comprovar os movimentos e o estado economico da fortuna publica ou particular, sóbe da sua já grande relevancia, quando se trata de uma administração vasta e complicada, como a de um estado. E' sobretudo nestas circumstancias que se deve exigir uma escrituração metódica, feita com simplicidade, ordem, clareza e precisão.

Falando da contabilidade da pagadoria da secretaría da fazenda, no balanço que publicámos, á guiza de introdução a este relatorio, tivemos ensejo de dizer que, ao assumir a direcção dêste complexo departamento, nos impressionára mal a falta da devida clareza em tal serviço, ainda que já melhorado, em parte pela applicação da reforma da lei, de que fomos autor, no congresso estadual

Antes desta reforma, justiça seja feita, já o antigo tesouro do Maranhão adótara o sistema de escrita por partidas dobradas, no que talvez fesse o primeiro a tomar essa iniciativa, entre os estabelecimentos de finanças do Brazil. Estranha-se, todavia, que a escrituração continuasse restrita a grafar o movimento do exercicio orçamentario começando-se e encerrando-se e em cada anno, sem a passagem dos saldos das contasgeraes.

A escrituração, por este modo, não representava, segundo se requer em serviço de tal natureza, a demonstração integral dos factos administrativos, porque, como se comprende, uma simples

conta orçamentaria ou balanço de exercício não nos esclarece a respeito de coisas alheias ao orçamento, como sejam o total da emissão de títulos e dos empréstimos contraídos no período financeiro em que se realizaram. Esses débitos do estado não passavam, em registo, para os seguintes exercícios, onde apenas se mencionavam os pagamentos por amortização ou juros desses encargos.

Além disso, ficavam ignorados, por não constarem da escrituração, os valores do activo do estado, para que se pudessem balancear ou confrontar com as obrigações que a este cabiam.

Convencidos da necessidade premente da reforma da nossa contabilidade, a qual, conquanto devesse apresentar-se una e indivisível, precisava de abranger dois ramos distintos, mas organizados ambos paralelamente um ao outro, isto é, o orçamentario, nascendo e desaparecendo com o exercício a que pertencia, e o geral, continuando sempre com a passagem dos saldos das contas principaes de um período financeiro para o outro, foi que, em 1916, apresentámos ao congresso o projecto que se transformou em lei reformadora da escrituração da pagadoria. Prevendo, porém, os embaraços da sua applicação, fizemos constar da lei um artigo com esta disposição:—«Art. 11.º—Fica o governo autorisado a nomear uma comissão da sua confiança, composta de funcionarios publicos e guarda-livros competentes, para organizar as bases da escrituração projectada».

Mas este artigo não se cumpriu e o resultado foi que a reforma só se executou em parte e isso mesmo graças aos esforços de alguns funcionarios da pagadoria e do seu proficiente director, o sr. João dos Santos Lima, que tiveram de arcar com innumerados obstaculos, oriundos da simultaneidade dos serviços que lhes competiam, por fôrça dos lugares que occupavam.

Por esses e outros motivos, é que, ao assumirmos a direcção da secretaria da fazenda, acompanhando de perto o serviço de escrituração, verificámos ser indispensavel prosseguir a reforma empreendida, que não satisfazia, como ainda não satisfaz, as necessidades de exactidão e clareza impreteriveis.

O cargo de secretário, com os seus muitos e complexos afazeres, ainda nos não permitiu suspender o tempo preciso, para que se consignem, num livro proprio, as bases e normas completas do plano de escrituração a que aludimos. Pretendemos nomear uma comissão, composta de funcionarios da pagadoria e recebedoria, para terminar a reforma do trabalho que encetámos. Ainda assim, já têm sido postas em pratica estas modificações:

1º — Levantamento, em balanços distintos, do «Activo e Passivo», concretizando o ramo geral e permanente da escrituração e demonstrando os encargos e direitos que assistem ao

estado, e a da «Receita e Despesa», registando a aplicação dos dinheiros arrecadados e o resultado do exercício orçamentario.

2º — Partida inicial do Diario pelas verbas votadas pelo congresso do estado, o que, em vez de se grafarem, como manda a lei, no seu art. 3º, sob o titulo «Exercício», fizemos sob os dois seguintes titulos: «Receita e Despesa», para melhor destringa.

3º — Criação e extinção dos seguintes livros auxiliares:— «Conta corrente das estações fiscaes». Criámos este livro, onde é classificada mensalmente, pelas verbas competentes, a receita e a despesa de cada uma das colectorias e agencias fiscaes. Tal serviço fazia-se apenas no fim de cada exercício, em peza-dos livros, que eliminámos, por não prestarem a immediata e pronta informação que se espera dessas contas. Outro fim util tem esta modificação: o levantamento mensal, ou pelo menos trimestral, de um mapa do movimento das estações fiscaes, para ser logo lançado na escrita, em vez de se continuar na má pratica de se efectuarem os lançamentos só no encerramento de cada periodo financeiro.

Já se lançou o primeiro trimestre dêste exercício e está sendo levantado o mapa do segundo trimestre. Não tem este serviço dado o completo resultado que delle se devia aguardar e que deverá dar infalivelmente, devido ao desleixo de alguns collectores, os quais, appezar das constantes portarias, recomendando a remessa dos balancetes até ao dia 5 de cada mez, só os enviam com grande atrazo, mandando, ás vezes, dois e tres balancetes juntos.

«Reservas especiaes». Assim que assumimos a secretaria, criámos este caixa, para evitar que continuassem a ser grafadas no de «Cauções e Depositos», que só devia registrar valores de terceiros, as quantias que o governo de então resolvia retirar do «Caixa Geral», com o fim de applicá-las, posteriormente, em certos serviços, ou reservava para alguns compromissos. E', como se vê, um livro quasi inutil, criado para servir o pensamento daquelle governo, visto que, segundo as boas normas duma escrituração, só deve existir um livro caixa, lavrando-se todas as incidencias em titulos da escrita.

«Cauções e Depositos». Extinguimos, ulteriormente, este livro caixa, cujo saldo, em jogo compensador, com o titulo «Depositos de diversas origens», representou sempre um enigma indecifrável, sendo a sua escrituração um perfeito cáos. Fizemos grafar na escrita, sob os titulos «Depositos», «Espolios» e «Cauções», os valores caucionados e depositados em poder do estado, compensando a importancia dos papeis pela conta «Titulos depositados e cancionados» e passando para o «Caixa Geral» as quantias em dinheiro.

Para facilitar a conferencia, em qualquer tempo, criámos dois «Registos».—um para os títulos e outro para as importancias em dinheiro, de que deverá constar a origem dos depositos e cauções, com uma columna especial para as baixas, no momento das retiradas e descauções.

«Estampilhas». Criámos tambem um registo para as estampilhas em poder do tesoureiro, conforme os seus valores. visto que da escrituração, até então, apenas constava o total da quantia em poder do mesmo. Igualmente criámos um, para as estampilhas remetidas aos exactores fiscaes do interior, de que só se registava a importancia total.

Afóra estas reformas, concluíram-se outras de menor tômo, entre as quaes citaremos:

«Fórmulas impressas do pedido de objectos para o expediente», com lugar proprio para a assinatura de quem os recebe.

«Guias impressas para o recolhimento dos saldos dos exactores fiscaes e das portarias aos mesmos expedidas», providenciando para melhoria do serviço das colectorias. O diminuto caso de alguns exactores, e a falta de conhecimento de outros, constituem um dos travões á boa ordem da escrita da pagadoria

Pensámos que, de futuro, estas pequenas irregularidades desaparecerão. por fórma a podermos ter um sistema de contabilidade modelar, como já o possuem os estados de S. Paulo, que comissionou empregados para irem á Italia estudar a contabilidade publica, do Rio Grande do Sul. de Minas Geraes e outros.

Para que a reforma se torne efectiva, e os seus corolários se não desprezem depois, necessario se torna que se estabeleça, para os funcionarios da secretaria da fazenda, o regimen dos concursos, nos quaes se compreenda a escrituração mercantil. Se assim não se proceder, chegar-se-á a não haver, dentro de pouco tempo, na pagadoria do estado, quem possa fazer os lançamentos dos seus livros basicos.

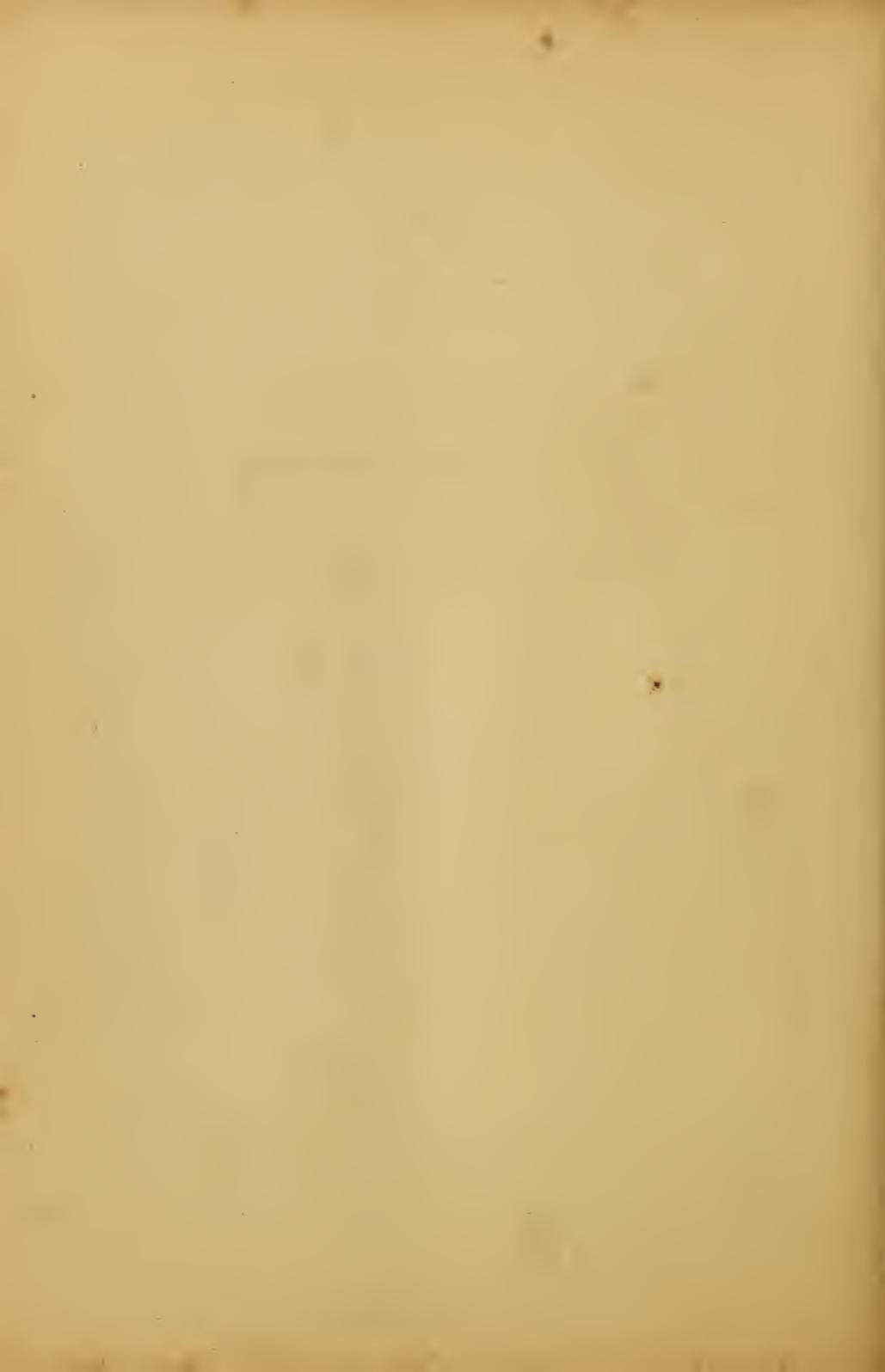
Em todo o quadro desta repartição, cremos não existirem mais de quatro funcionarios conhecedores do sistema de escrituração por partidas dobradas, e esses são os da velha guarda, que enrraram, no antigo tesouro do estado, pela porta do concurso.

Na secretaria da fazenda, além dos antigos funcionarios, ha outros que, apesar de novos, não deixam de merecer encómi-os, pois se revelam activos, zelosos e capazes, no desempenho dos seus cargos. Mas, ao virem para a repartição, não lhes exigiram a prova de conhecimentos especiaes, como os de escrituração mercantil. E a consequencia é não se poder incumbi-los do serviço dos livros geraes da escrituração, na falta ou impedimento dos poucos empregados que o conhecem, e algumas

vezes até com dificuldades no lançamento de simples livros auxiliares.

De justiça é que, antes de concluirmos este capítulo, salientemos os bons serviços que teem prestado á reforma da contabilidade desta secretaría, com o digno director da pagadoria, sr. João dos Santos Lima, os srs. escripturarios Joaquim Francisco Rodrigues e Raimundo Joaquim Carneiro Maia e o conferente da recebedoria, sr. Cipriano de Almeida Chaves, o qual se desobriga, com solícitude e competencia, da espinhosa comissão, em que o investimos, de organisar a escrita da pagadoria.





Bl. 10000
Julho de 1900

CAPITULO II

OUTRAS PROVIDENCIAS

Os armazens

Diversas foram as reformas introduzidas nestes departamentos da recebedoria. Dellas, podemos referir as seguintes:

CABOTAGEM

Tivemos de terminar a adaptação dos antigos armazens da Companhia de Navegação a Vapor, que dispõem, agora, de pavimentos em dois planos, em que passou a fazer-se o serviço de descarga das mercadorias vindas dos outros estados.

Instalou-se, na ponte d'este armazem, um guindaste a vapor, o que muito facilita a descarga dos volumes que entram no pavimento inferior, onde se armazenam os barris de oleo, aguardente, alcool e outros volumes pezados.

Um guindaste e um elevador manual dão acesso á carga destinada aos armazens superiores, dos quaes têm saída pela frente do predio, sito á rua da Estrella. Ordenámos que todos os volumes entrassem nestes armazens, para a verificação de faltas, a separação dos mesmos em lotes por vapores e quanto possivel, por marcas e a preferencia na descarga e desembaraço das cargas sujeitas a facil deterioração

PRENSA DE ALGODÃO

Neste departamento, hoje pertencente ao estado, realizou-se a montagem de duas prensas provisórias de madeira, conforme já relatámos na parte da produção, ao tratar do algodão.

O governo providenciá sobre a aquisição de novas prensas e dum aparelho de limpar e beneficiar fibras, de que tambem já falámos neste relatório, na parte acima citada.

CAPATAZIA

Este serviço, que nunca recebêra organização de especie nenhuma, está hoje organizado e regulamentado.

Os trabalhadores eram admitidos por um simples capataz, que tinha o titulo de capitão, sendo, por sua vez, despedidos á vontade, sem a menor inquirição de faltas. Os seus nomes não se registavam, entregando-se os seus salarios, mediante uma simples folha, ao capitão aludido, que procedia ao pagamento, nos sabados á noite, em casa particular, alugada para esse fim, á custa dos ditos trabalhadores.

Assumindo a secretaria, fizemos abrir um livro de registo para os trabalhadores efectivos e suplentes, e tambem outro para o ponto dos mesmos. Os salarios passaram a ser pagos pelo tesoureiro ou o seu fiel, em folha conferida, com a assistencia de um empregado da pagadoria, ás 16 horas, no ultimo dia da semana.

Estabelecemos o regimen de licença, com toda a diaria, para os que adoecem no trabalho e com a metade para os demais doentes.

Na regulamentação dêste serviço, foram previstas as garantias de efectividade a esses carregadores, os casos de suspensão e demissão dos mesmos, além de outras providencias.

A secção de estatística

Instalou-se, em setembro de 1918, a secção de estatística, anexa á secretaria da fazenda, criada pela lei n. 796, de 20 de abril de 1918, e regulamentada pelo decreto n. 71, de 18 de julho dêsse anno.

Antes de se criar esta secção, o serviço de estatística era feito por quatro escripturarios da recebedoria e pagadoria do estado.

Apezar de recente, esta secção produz regulares trabalhos. Prepararam-se diversos mapas, alguns já saídos e outros prontos, na Imprensa Oficial, á espera de publicação.

Grandes têm sido os embaraços encontrados para o bom desempenho das atribuições impostas pela estatística. Custa crer, mas é verdade, que poucos são aquelles que têm a noção exacta da utilidade dêste serviço. Ha como que um verdadeiro descaso e uma ausencia de perfeita compreensão da grande soma de ensinamentos e dos resultados proveitosos, conseguidos por meio de taes mapas, para norma de todos os ramos da vida economica e financeira de um povo.

Essa falta atinge os proprios funcionarios publicos, que são, por dever dos seus cargos, obrigados a fornecer notas e infor-

mações á repartição de estatística, e sempre o fazem de má cara ou sem cuidado.

O actual serviço de estatística não peza no orçamento estadual, pois está sendo mantido com o produto de uma taxa leve sobre os volumes que entram e saem do estado. E, quando venha a custar alguma coisa aos cofres publicos, não será vultuosa, de modo a não poder conservar-se tão util ramo do serviço publico. O estado gastava mais de 10 contos de réis annuaes, com os funcionarios avulsos, encarregados da pequena estatística então existente.

A prova exuberante do grande prestimo dêsses quadros está na abundancia de informes constantes dêste relatorio, cujos mapas foram por nós organizados, mas obtidos, em todo o caso, pelos resumos da estatística.

No semestre de junho a dezembro de 1918, a renda da taxa de estatística alcançou a quantia de 13:390\$528, o que dá, para todo o exercicio, 26:781\$156, contra uma despeza orçada no total de 39:740\$000, incluindo a secção annexa á secretaría do interior.

O sistema administrativo

Quando se transformou, em 1914, o nosso sistema administrativo, isto é, quando se criaram as tres secretarias do estado, e a da fazenda veio substituir a antiga inspectoría do tesouro, com o ampliamento das funções que cabiam a esta, decretou-se a extinção do tesouro publico, estadual, estabelecendo-se duas repartições distintas: a recebedoria e a pagadoria, ambas submetidas á secretaría da fazenda.

A pagadoria ficou superintendida directamente pelo secretario da fazenda, ao passo que a recebedoria recebeu uma organização quasi autonoma, tendo a sua orbita restrita ao municipio da capital.

Essa reforma, ainda que vantajosa em parte, parece-nos que se levou a cabo sem um prévio e acurado estudo, taes são as anomalias que se nos deparam na sua estrutura. Apontaremos, entre outras, o facto da arrecadação de certas rendas continuar a fazer-se pela pagadoria.

Somos partidarios da descentralisação do sistema administrativo pelas diversas secretarias. A da fazenda tem prestado reaes serviços ao estado, pela melhor fiscalisação que exerce sobre as rendas e despezas publicas, deficientemente exercida pela então inspectoría do tesouro. Datam da criação daquelle departamento as minuciosas informações sobre a vida economica e financeira do Maranhão, constantes dos relatorios dos diversos secretarios.

Conserve-se, pois, a secretaría da fazenda, como departa-

mento chefe das finanças publicas, mas restabeleça-se o antigo tesouro publico do estado, como repartição subordinada áquella, que passará a ser dirigida, como se praticou em S. Paulo, pelo secretário da fazenda e do tesouro do estado Restabelecida a denominação de tesouro, este poderá confiar-se a um director geral, immediatamente sujeito ao secretário da fazenda, ou directamente a este ultimo

O que, porém, se torna de imprescindivel necessidade, quanto antes, é a divisão do serviço dêste departamento do estado por tres directorias—a da receita, a da despeza e a da contabilidade. Essas criações efectuar-se-iam sem quasi aumento de despeza, distribuindo-se pelas três secções o pessoal existente na recebedoria e pagadoria. Dar-se-á só o acrescimo de um director de contabilidade, que exercerá as funções inerentes a um contador, de maneira que se arquivem nesta directoria todos os documentos publicos Implantar-se-á, assim, o *contrôle* de todas as operações e a fiscalização dos pagamentos.

O mecanismo fiscal

O estado possui 63 colectorias, 21 agencias fiscaes, independentes, e 121 agencias fiscaes, subordinadas ás colectorias. O serviço destas estações deixa muito a desejar, salvo poucas excepções. Têm sido constantes as portarias-circulares, baixadas aos colectores, determinando a remessa de balancetes, dentro dos primeiros cinco dias de cada mez, afim de facilitar a escrituração da pagadoria; entradas de saldos, dentro dos prazos prescritos em lei; correcção do sistema de escrita e outras providencias.

Adotou-se o criterio de não nomear exactores pessoas domiciliadas nas localidades das estações fiscaes onde vão servir, o que reputamos uma optima medida, em pról da arrecadação das rendas, visto que poderão exercer as suas funções com maior imparcialidade.

Entre as diversas medidas a tomar, em beneficio da arrecadação das rendas estaduaes, supomos inadiaveis as seguintes:— Criação de uma meza de rendas no municipio da Tutoia, porto por onde se faz a entrada e a saída de numerosos volumes destinados aos municipios maranhenses, ribeirinhos do Parnaíba, além dos que se destinam ao Piauí; estabelecimento de um armazem na cidade de Caxias, para deposito do algodão e couros entrados nesse municipio, para que se possa fazer a cobrança do imposto de produção do algodão, de acôrdo com a saída daquelle que se destinar ao consumo das fabricas locais, visto que a cobrança por meio de arbitramento, como se realisa, é lesiva aos interesses do fisco.

Sobre as condições de arrecadação, maior ou menor de

cada estação fiscal, melhor elucidarão os relatórios dos inspecionadores das diversas zonas do estado, insertos no final d'este trabalho.

Montepio dos serventurios do estado

Esta instituição, embora inteiramente autonoma, tem a sua vida por tal fórma ligada á secretaría da fazenda que julgámos necessario dizer algo sobre ella.

O secretario da fazenda é, por lei, o presidente do montepio, assim como o director da pagadoría é o seu secretario. Completam a sua directoría, que se compõe de quatro membros. o dr. procurador geral do estado e um funcionario de nomeação do governo, que exerce as funções de tesoureiro.

Até ha pouco tempo, occupou este lugar, com real solicitude, o 1.º escriptorio da recebedoria, sr Emilio Parga Rodrigues. Tendo este funcionario pedido demissão. por motivo de molestia, foi nomeado, para o substituir, o 1.º escriptorio da pagadoría, sr Leví Damasceno Ferreira, que desempenha, com bastante zelo e competencia, esse encargo.

O montepio, até 31 de dezembro de 1918, obtivera a renda total de 90:359\$101.

A sua receita tem-se applicado em apolices da dívida publica da União e da dívida interna do estado. Além dessas applicações, fizeram-se depositos na Caixa Economica e na agencia do Banco do Brasil, por praso fixo e ao juro de 5,5%.

As suas despesas, por agora, são muito pequenas, circumscrevendo-se ao ordenado de um escriptorio e á aquisição de alguns livros.

Melhor do que qualquer comentario. falará das condições financeiras do montepio o balanço a seguir:

DEMONSTRAÇÃO do movimento de julho de 1917 a dezembro de 1918

<u>RECEITA</u>		
Recebido de contribuição.....	61:249\$751	
Idem, de joia.....	<u>22:013\$949</u>	83:253\$700
Idem, de juros da Caixa Economica, apolices e emprestimos feitos.....		1:076\$403
Idem, de contribuições de emprestimos a diversos		28\$998
Idem, de annuidades do governo....		<u>6:000\$000</u>
		90:359\$101

APLICAÇÃO DA RECEITA

Import. depotada na Caixa Economica	20:937\$903	
Idem, restituida por falecimento.....	453\$070	
Idem, empregada em apolices do estado	21:853\$200	
Idein, id., id., apolices federaes.....	36:046\$430	
Idem, dispendida com o escurituario, moveis, expediente, etc.....	2:240\$322	
Idem, de emprestimos feitos.....	244\$000	
Idem, depositada no Banco do Brasil	7:793\$500	
Saldo, para janeiro de 1919	<u>790\$676</u>	<u>90:359\$101</u>

QUADRO dos funcionarios da secretaria da fazenda
e repartições subordinadas

SECRETARIA DA FAZENDA

CARGOS	FUNCIONARIOS
Secretaria da fazenda....	José Carneiro de Freitas
Official de gabinete.....	José Lucas da Costa Araujo
Datilógrafo	José Carneiro Vieira

PAGADORIA

Director.....	João dos Santos Lima
1º escurituario.....	Joaquim Francisco Rodrigues
« «	Raimundo Joaquim Carneiro Maia
« «	Levi Damasceno Ferreira
« «	Raimundo Serra Lima de Azevedo
2º «	Artur Vieira dos Reis
« «	Marçal Dunkerque Bilio
« «	José Maria Carneiro Maia
« «	Manoel Ferreira Viana
« «	Germano da Rocha Pinto
3º «	Paulo Vieira dos Reis
« «	Ismael Pessoa de Holanda
« «	Raimundo F. de Paula Sales (Em co- missão na Barra do Corda)
Inspeccionador	Herculano Anfiloquio Parga
«	Alziro da Rocha Santos (Em comissão na colectoria do Rosario, substituindo este empregado o colector)

«	Othon Sá
«	José Bitencourt
«	Silvino Martins Moreira
Tesoureiro	Amaranto Bessa
Fiel	Alvaro Valadão
Cartorario	Amancio Clementino Saraiva
Praticante	José Silva
«	Antonio de Lima Pires
«	Manoel Antonio Pinho
«	Antonio Augusto Gomes de Castro
Porteiro	Eugenio Napoleão Gomes da Costa
Contínuo	Nestor da Silva Braga
Servente	Heraclito Capromino Penha (Em comissão em Bacurituba)
Escriturario do montepio	Benjamin Burgos Xavier

ADIDOS

3º escriturario	Tancredo Ferreira Parga
Praticante	Paulo Antonio Ribeiro

RECEBEDORIA

Director	Crispim Antunes Martins
1º escriturario	Raimundo de Castro Menezes
«	«	Emilio Parga Rodrigues
2º	«	Higino Honorato Bilio (servindo de conferente)
«	«	Alvaro Izidoro da Costa (Em comissão no Codó)
«	«	Carlos Lobato Martins (servindo de conferente)
3º	«	Raimundo Nonato Meireles da Silva
«	«	Francisco de Castro Menezes
«	«	Eurides Amaral (Em comissão em S. Francisco)
Conferente	Cipriano de Almeida Chaves (Comissionado no serviço de contabilidade)
«	Raimundo Cunha Marques (Comissionado em Caxias)
Guardas	Cândido Aleixo Ferreira
«	Djalma João de Oliveira
«	Solon Nelson Soeiro (Comissionado na vila do Paço do Lumiar)
«	Lourenço Freitas
«	Alexandre Raposo
«	Alvaro da Costa Guimarães
«	Fausto Augusto Magalhães

Guardas	Rafael H. Ferreira
«	João de Carvalho Santos
«	Simão Antonio dos Santos
«	Franciseo Marques de Figueiredo
«	José Teófilo de Amorim Neves
«	Mario Vieira da Mota (Em comissão em Barão de Grajahú)
«	Antonio Ramos de Araujo
«	Benevenuto A. G. Garcez (Interino)
«	Eider Nina de Carvalho (Interino)
«	Agripino Ferreira Goiabeira (Interino)
«	João Gonçalves Machado (Interino)
Tesoureiro.....	Enéas Mendes dos Reis Neto
Servente.....	José de Brito

ADIDOS

1º escriptorario....	Teodoro Pires dos Reis
3º "	Antonio Nunes Gomes
Guarda.....	Custodio Emidio da Fonseca

SECÇÃO DE ESTATISTICA

1º escriptorario e chefe...	Raimundo Vieira Nina
2º "	Raimundo Francisco Vêras (Em comissão na Carolina)
«	Abdegard Brasil Corrêa
«	Joaquim de Souza Martins
«	Cipriano Marques da Silva (Em comissão no Anil)
Praticante-datilógrafo ...	Cassio Reis Costa
Praticante	Cipriano Cornelio Gomes dos Santos
«	José de Ribamar Pinheiro
Estafêta.....	Angelo Rocha da Silva

COLECTORIAS

Alcantara	Minervino Abreu
Arari	Belisario Fernandes
Anajatuba	Alberto Rodrigues
Araiozes	Pedro José Pinto
Alto Parnahiba	Luiz Antonio Lustosa do Amaral
Axixá	João de Deus Saraiva Maia
Anil	Cipriano Marques da Silva (Em comissão)
Barreirinhas.....	Durval Alvares dos Prazeres
Barra do Corda	Raimundo F. de Paula Sales (Em comissão)

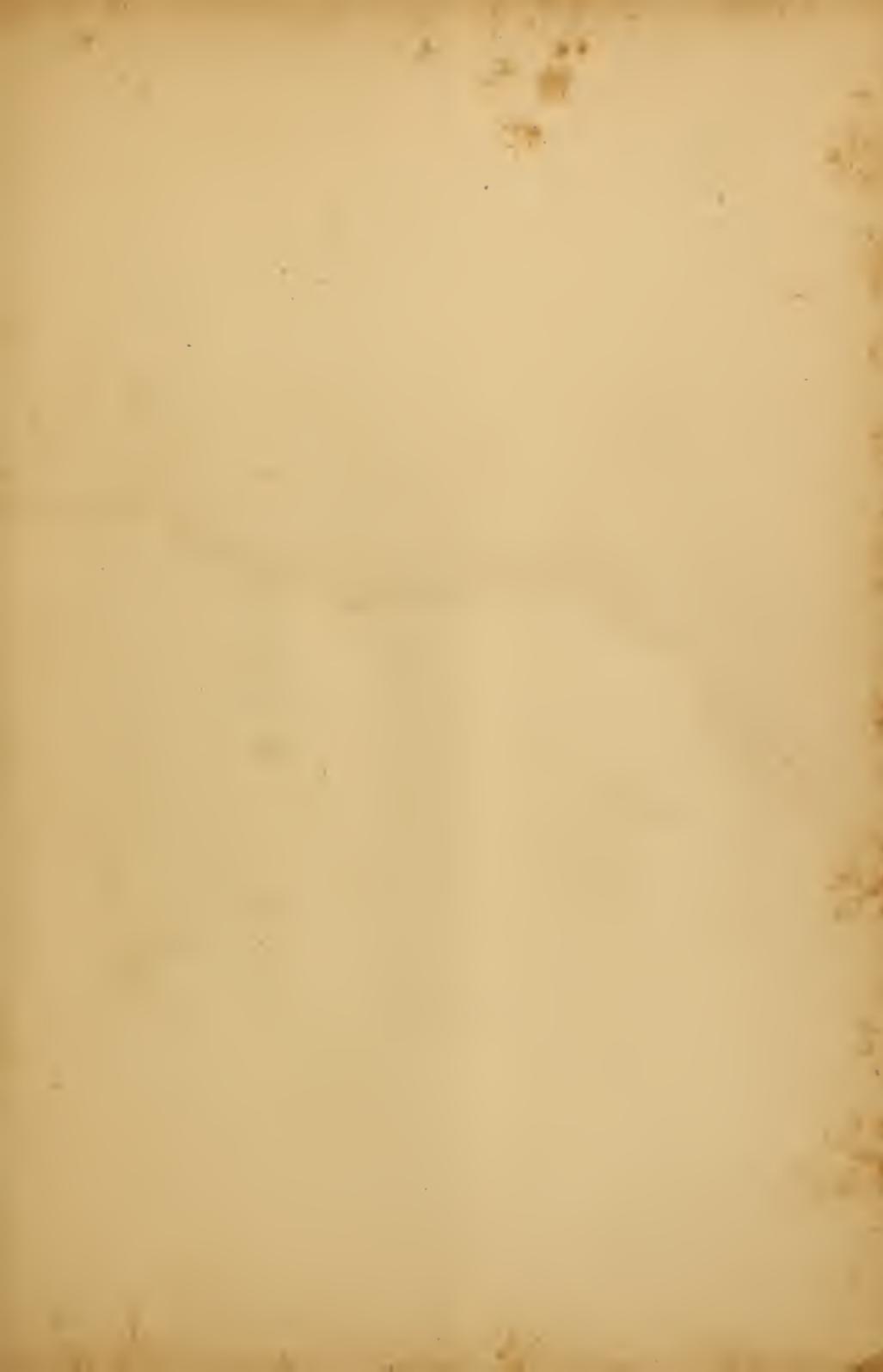
Brejo	Hugo Cordeiro
Buriti.	Frederico de Moraes Martins
Barão de Grajahú	Mario Vieira da Mota
Bacanga	Nuno Guedes Alcoforado
Curuçáua	Raimundo Pereira Guterres
Coroatá.	João da Silva Serra
Chapadinha.	Epaminondas B de Carvalho
Codó.	Alvaro Izidoro da Costa
Curralinho	Maximo Martins Ferreira, sobrinho
Carutapêrá.	Maximiliano Gonçalves Teixeira
Cajapió	Joaquim Baptista de Araujo
Caxias.	Raimundo Canha Marques
Cururupú.	Bernardo Marques Vieira
Carolina	Raimundo Francisco Vêras
Fóz do Balsas.	Hilario Lopes de Souza
Flôres.	Octavio de Moura Costa
Guimarães	Emilio Habibe
Guajerutíua	Manoel Tiburcio de Sá Nunes
Grajahú.	Juvenal Serra Lima de Azevedo
Imperatriz	Taurino Lobão Lemos
Icatú.	João Candido Pinto de Castro
Itapecurú	José Lobato Martins
Loreto	Antonio Benigno Machado
Mirador.	Antonio da Rocha e Silva
Morros.	Benedito Coqueiro Cantanhede
Miritiba.	Adolfo Torres de Souza Lima
Monção.	Pedro de Alcantara Trindade
Victoria do Mearim	Raimundo da Rocha Pinto
Nova-York	Antonio Augusto de Neiva
Penalva	Raimundo da Silva Araujo
Picos	João Brasil
Passagem Franca.	Eduardo José do Vale
Pinheiro.	Antonio Abrahão Soares
Pedreiras.	José Carlos de Almeida Saldanha
Pastos Bons.	Leocadio Zotico de Abreu
Paço do Lumiar.	Solon Nelson Soeiro
Rosario.	Alziro Rocha Santos (Em comissão)
Riachão.	Joaquim Noleto
Sta Helena.	Custodio Lopes de Souza
S Vicente Ferrer.	Mariano Faustino Arouche
S. José dos Matões	Antonio José de Assunção Neto
S. Bento.	José Adriano da Costa
Sto. Antonio e Almas. . . .	José Mariano Melo Bastos
S. Bernardo.	Abilio de Brito Pereira
Sta. Quitéria.	Joaquim de Souza Bezerra
S Luiz Gonzaga	José de Souza Belo
S. Francisco.	Eurides Amaral (Em comissão)

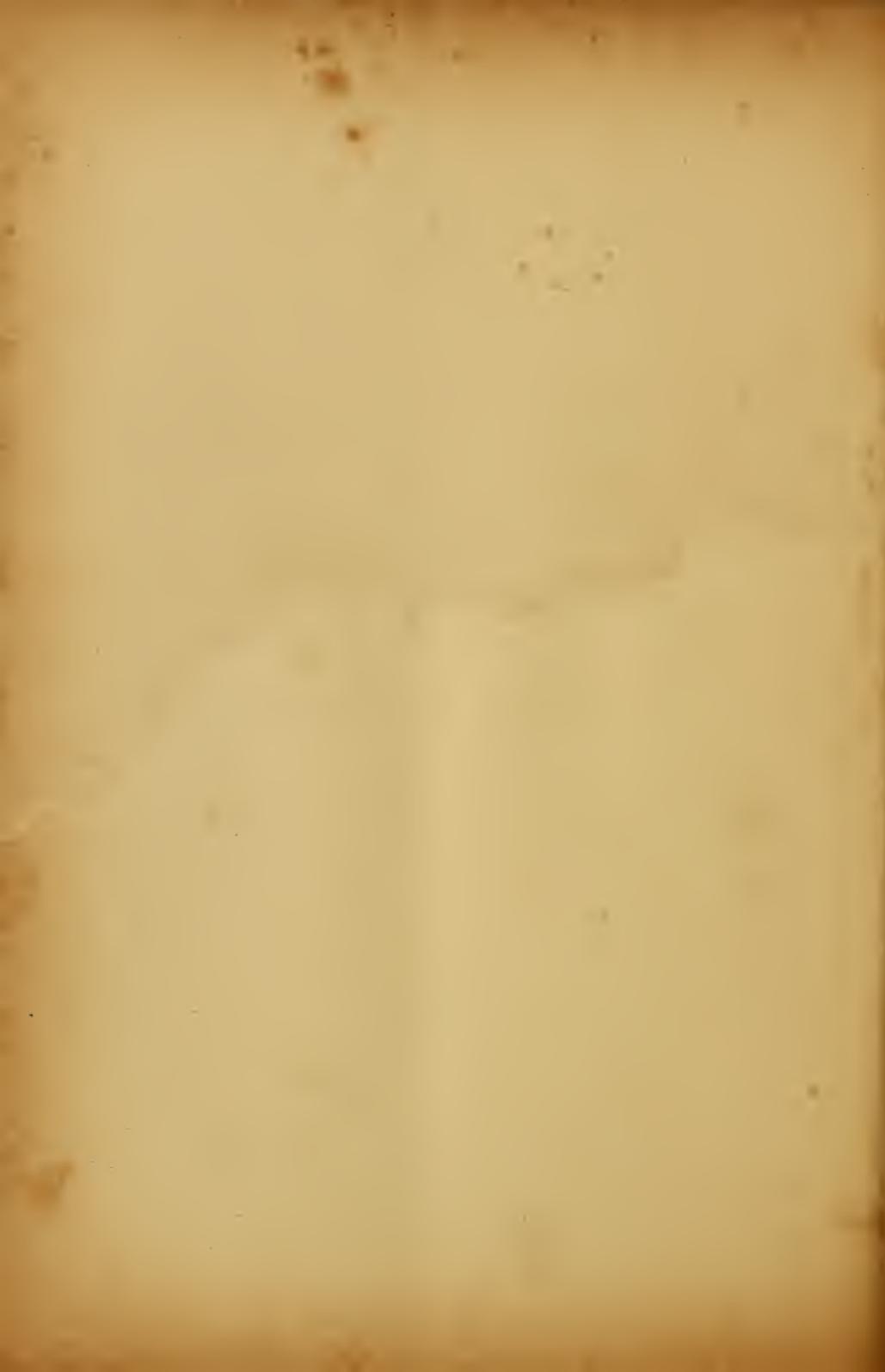
S. José de Ribamar.....	Joaquim Augusto Santiago
S. João dos Patos.....	Antonio Gonçalves da Rocha Santos
Sto. Antonio de Balsas..	Antonio Pereira da Silva
Tutoia.....	Jaime Antonio da Silva Guimarães
Turiassú.....	Humberto Borgneth
Vargem Grande.....	Epifânio Mendes dos Santos
Viana.....	Raimundo Marcelino Campelo

AGENCIAS INDEPENDENTES

Hereulanopolis.....	Americo Rodrigues de Carvalho
Engenho Central.....	Aureliano Manoel Rodrigues
Primeira Cruz.....	Joaquim Corrêa Lobão
Tapêra.....	Pascoal P. de Moraes
Monte Alegre.....	Tiago Duarte Soeiro
S Miguel.....	Estevão Santana
Macapá.....	Manoel Sebastião Rodrigues Botão
Ponte Nova.....	Valdemiro Nunes Andrade
Redondo.....	Juvenal R. Gonçalves Teixeira
Burití Bravo.....	Acelino Portela Nunes
Porto Formoso.....	Eurico A. Garcia
Piquí.....	Lourenço C. de Oliveira
Pacas.....	Elpidio Estrela
Bacabal.....	Antonio Aquino
Corôa da Onça.....	José Luiz Camelo
Pirapemas.....	Laurindo Vital Brandão Parga
Sto Antonio.....	Cicero Alves de Carvalho
Bôa Vista.....	Florencio Antonio de Almeida
S Benedito.....	Filomeno Moniz de Vasconcelos
Cajú.....	Manoel Boaventura B. Mendes
Desterro.....	Virginio das Virgens Vasconcelos.







ANNEXOS
(DIVERSOS RELATORIOS)



Exmo. Sr. Coronel Secretario da Fazenda

Depois de onze mezes de ausencia, motivada por sofrimentos pertinazes, que me obrigaram a guardar o leito, reassumi o exercicio do cargo de director da pagadoria da secretaria da fazenda, a 1 de novembro do anno proximo passado. Procurei, desde logo, examinar o estado dos diversos serviços affectos a departamento publico. E, sendo meu dever apresentar-vos os dados precisos ao relatorio, que tendes de apresentar ao exmo. sr. dr. governador do estado, procurei dirigir este trabalho de modo que possais encontrar algum elemento que sirva, estou certo, para exprimir com clareza, criterio e illustração a vossa competencia em materia de finanças. No meu ultimo relatorio, tratando da situação financeira do estado, disse que a marcha ascendente das nossas rendas era um facto incontestavel. embora a causa primordial dêsse facto repousasse em dados pouco seguros. O meu ponto de vista actual é optimista, justificando esse modo de ver a progressão constante das rendas arrecadadas. A fazenda continúa a pagar em dia as suas obrigações e compromissos.

Se não tivéssemos sofrido duas calamidades publicas, — a cheia dos nossos rios e a gripe, que absorveram não pequena quantia, o estado se acharia em condições invejaveis.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

No exercicio de 1916 a 1917, a receita elevou-se a 4.895:837\$028, tendo sido orçada em 3.307:792\$682; no exercicio de 1917 a 1918, a renda arrecadada foi de 5.667:414\$227 ou sejam 717.577\$499 mais do que no exercicio anterior.

O balanço da pagadoria demonstra de maneira explicita e positiva quaes as rendas que tiveram mais desenvolvimento. A despesa ordinaria e extraordinaria acha-se toda especificada nesse documento.

ESTAÇÕES FISCAES

Existem no estado, actualmente, 63 colectorias, 21 agencias independentes e 121 agencias subordinadas ás colectorias.

Em cumprimento ao que dispõe a lei, a pagadoria procedeu á nova lotação de fianças a que estão sujeitos os exactores e ao cálculo para a percepção das suas percentagens. Annexos, encontrareis os quadros demonstrativos desses serviços, já aprovados por vós. Nem todos os exactores do estado são afiançados, pois somente 34 cumpriram esse preceito legal e deveras moralizador.

Cabe-me aqui deixar consignado que, entre o pessoal das colectorias, alguns desempenharam satisfatoriamente as funções do seu cargo.

Disse já, em relatorio anterior, que considero a tomada de contas dos responsaveis para com a fazenda um dos mais importantes serviços da pagadoria; muito deixa a desejar, entretanto, por isso que numerosos colectores estão em atraso de contas, por falta de andamento dêsse serviço. Tenho procurado no intuito de obviar a esse inconveniente, dar certo impulso a tal ramo do serviço publico, quer para acautelar os interesses da fazenda, quer ainda os dos colectores.

CARTORIO

Funciona regularmente, depois da reorganização por que passou, preenchendo mais ou menos os fins a que se destina.

DIVIDA EXTERNA, FUNDADA

Vereis do balanço o seu estado, que continúa a ser de frs. 18.000.000 ou 10 728:000\$000

DIVIDA PUBLICA, INTERNA, CONSOLIDADA

O valor desta dívida é de 2.467.200\$000

DIVIDA ACTIVA

Continúa com algum atraso este serviço, a que tenho procurado dar o devido andamento, tornando-se mister que se dêem providencias urgentes, para que os colectores remetam, com regularidade, a relação dos devedores que tenham solvido os debitos.

PATRIMONIO

Esta conta, criada pela lei n. 700, de 13 de março de 1916, está no balanço representada, pelos bens pertencentes ao estado, em rs. 7:041.199\$726.

Pode-se, porém, avaliar em maior quantia o valor do nosso patrimonio, atendendo a que falta reunir a essa conta, não só diversos bens, que não foram ainda avaliados, mas o vasto territorio do estado, que é do seu patrimonio, isto é, terras publicas, que chegariam, se fossem cultivadas, ou lhes extraissem as riquezas, para fazer subir a producção estadual, contribuindo, dest'arte, para um brilhante surto economico, que levantaria as energias vitaes do estado Assim, uma demarcação de terras traria ao Maranhão uma marcha ascendente na sua producção, tanto pelo rendimento de fóros, como porque colocaria o estado num plano fascinador.

ESCRITURAÇÃO GERAL

A pagadoria, no desempenho da sua obrigação, cumpre o dever de consignar aqui algumas considerações, objectivando o seu modo de pensar.

Uma lei ordinaria obrigou á reforma da escrituração da secretaría da fazenda, determinando que se realizasse por partidas dobradas, sistema geralmente seguido nas repartições publicas dos paizes mais adiantados da Europa e, no Brasil, pela maioria dos estados. A pagadoria reformou a sua escrituração, adaptando-a ao sistema mercantil por partidas dobradas, e criando os livros auxiliares que julgou convenientes ao seu serviço. Mas, infelizmente, tem verificado, devido á falta de instrução da maioria dos seus cooperadores, em materia de escrituração, ser muito difficil fazer um serviço regular. E confia que os poderes publicos, no intuito de levantar o nivel intelectual do funcionalismo da fazenda publica do estado, restabeleça, para as nomeações de cargos de primeira entrancia, o concurso publico, onde os candidatos se mostrem habilitados em portuguez, aritmetica, até proporções, e escrituração mercantil por partidas dobradas, e ainda corografia do Brasil, especialmente do Maranhão, fazendo, assim, desaparecer esse inconveniente, que acabrunha e diminue o nosso moral.

Felizmente, para honra do funcionalismo da fazenda, ha alguns funcionarios, na pagadoria, de comprovada competencia em materia de escrituração, e esses poucos entraram para o quadro por meio do concurso.

Procurei, sr. secretario, expôr com franqueza, de maneira precisa e clara, a situação d'este departamento Finalizando, agradeço as provas de consideração que me têm dispensado.

Saúde e fraternidade

João dos Santos Lima,

director da pagadoria.

MAPA demonstrativo das percentagens que os agentes fiscaes do estado teem de retirar mensalmente

Alcântara.....	246\$500
Arari.....	263\$500
Anajatuba.....	204\$000
Araioses.....	433\$500
Alto Parnahiba.....	143\$200
Barreirinhas.....	170\$000
Barra do Corda.....	246\$500
Brejo.....	416\$500
Buriti.....	225\$250
Barão de Grajahú.....	250\$250
Bacanga.....	25\$500
Curucáua.....	34\$000
Coroatá.....	204\$000
Chapadinha.....	85\$000
Codó.....	442\$000
Currálinho.....	306\$000
Curutapéra.....	127\$500
Cajapió.....	144\$000
Caxias.....	1:020\$000
Cururupú.....	297\$500
Carolina.....	272\$000
Fóz do Balsas.....	68\$000
Flôres.....	360\$000
Guimarães.....	306\$000
Guajuritiua.....	170\$000
Grajahú.....	434\$500
Imperatriz.....	187\$000
Icatú.....	233\$750
Itapecurú-mirim.....	229\$500
Lorêto.....	148\$750
Morros.....	170\$000
Mirador.....	153\$000
Miritiba.....	178\$500
Monção.....	153\$000
Meirim.....	178\$500
Nova-York.....	187\$000
Penalva.....	161\$500
Picos.....	221\$000
Passagem Franca.....	119\$000
Pedreiras.....	138\$000
Pinheiro.....	348\$000
Pastos-Bons.....	161\$500

Paço de Lumiar.....	68\$000
Rosario.....	365\$500
Riachão.....	136\$000
Sta. Helena.....	119\$000
S. Vicente de Ferrer.....	221\$000
S. José dos Matões.....	195\$500
S. Bento.....	255\$000
Sto. Antonio e Almas.....	119\$000
S. Bernardo.....	238\$000
Sta. Quitéria.....	195\$500
S. Luiz Gonzaga.....	204\$000
S. Francisco.....	238\$000
S. José de Ribamar.....	93\$500
S. João dos Patos.....	255\$000
Sto. Antonio de Balsas.....	297\$500
Tutoia.....	306\$000
Turiassú.....	263\$500
Vargem-Grande.....	170\$000
Viana.....	360\$000
Axixá, colectoría instalada em setembro de 1917.....	
Anil.....	124\$000

AGENCIAS:

Desterro.....	297\$500
Cajú.....	212\$500

Pagadoría do estado, 22 de janeiro de 1910.

O inspeccionador em comissão,

Manoel X. Moniz.

MAPA demonstaativo das fianças a que estão sujeitos os
 exactores do estado

Alcantara	2.360\$000
Arari	2.400\$000
Anajatuba	1.500\$000
Araioses	5.000\$000
Alto Parnahiba	810\$000
Barreirinhas	1.100\$000
Barra do Corda	2.070\$000
Brejo	4.600\$000
Buriti	1.700\$000
Barão de Grajahú	2.100\$000
Bacanga	150\$000
Curucáua	220\$000
Coroatá	1.700\$000
Chapadinha	500\$000
Codó	5.750\$000
Currálinho	2.750\$000
Carutapéra	780\$000
Cajapió	900\$000
Caxias	18.200\$000
Cururupú	3.000\$000
Carolina	2.400\$000
Fóz de Balsas	500\$000
Flôres	3.500\$000
Guimarães	3.000\$000
Guajerutíua	1.270\$000
Grajahú	5.650\$000
Imperatriz	1.450\$000
Lorêto	940\$000
Mirador	1.790\$000
Morros	1.260\$000
Miritiba	1.200\$000
Monção	980\$000
Meaíim	1.250\$000
Nova-York	1.240\$000
Penalva	1.100\$000
Picos	1.800\$000
Passagem Franca	700\$000
Pinheiro	2.600\$000
Pedreiras	3.100\$000
Pastos-Bons	1.050\$000
Paço de Lumiar	410\$000
Rosario	4.270\$000

Riachão.....	820\$000
Sta. Helena	700\$000
S. Vicente de Ferrer.....	1:750\$000
S. José dos Matões.....	1:400\$000
S. Bento.....	2:500\$000
Sto. Antonio e Almas.....	710\$000
S. Bernardo	1:880\$000
Sta. Quitéria	1:470\$000
S. Luiz Gonzaga	1:550\$000
S. Francisco.....	2:000\$000
S. José de Ribamar.....	560\$000
S. João dos Patos.....	2:000\$000
Sto. Antonio de Balsas.....	3:100\$000
Tutoia	3:000\$000
Turiassú.....	2:650\$000
Vargem-Grande	1:100\$000
Icatú.....	2:100\$000
Itapecurú-mirim	2:150\$000
Viana.....	3:700\$000

AGENCIAS:

Anil.....	530\$000
Desterro	2:600\$000
Cajú	1:260\$000

Pagadoría do estado, 22 de janeiro de 1919.

O inspeccionador em comissão,

Manoel H. Moniz.

Recebedoria do Maranhão, 31 de dezembro de 1918

Illmo. Sr. coronel José Carneiro de Freitas, muito digno secretário da fazenda

Em virtude da determinação contida no § 24 do art 22 do regulamento da recebedoria, expedido pelo decreto n. 12, de setembro de 1914, cumpre a esta directoria dar conta a v. s. dos trabalhos executados durante o anno hoje findo, nos diversos departamentos que lhe são subordinados.

Os serviços de fiscalisação e arrecadação das rendas, lançamentos e demais ramos do serviço publico, a cargo desta repartição, têm sido executados com a necessaria regularidade e precisão, de acôrdo com as leis e regulamentos fiscaes e os elementos de que dispõem os funcionarios incumbidos desses trabalhos. Ufana-se esta directoria da cooperação de alguns dëlles

O que foi a arrecadação efectuada directamente pela recebedoria e as suas agencias ve-lo-á v. s. nas cifras a seguir, pois estas se elevaram, no exercicio de 1917 a 1918, á consideravel somma de réis 3 885:784\$291, contra a importancia de réis 3 258:096\$068, arrecadada no exercicio anterior, de 1916 a 1917, demonstrando assim um aumento de renda, só na capital, no valor de rs. 627:688\$223, conforme podeis verificar das demonstrações a este annexas.

Acresce ainda que o orçamento votado para esse exercicio, em todo o estado, cuja receita se calculou na importancia de rs. 3.526:792\$682, inclusive as rendas do imposto predial (decima urbana) e criação de gado, que somente se arrecadam no interior, imposto sobre vencimentos, renda da Companhia de Vapores e grande parte dos emolumentos e selos, cuja cobrança é realizada pela pagadoria.—tudo no valor aproximado de 400:000\$000, fica reduzido a TRES MIL CENTO E POUCOS CONTOS DE RÉIS, quando esta recebedoria, por si só, arrecadou, para mais dessa importancia, quantia superior a rs. 780 000\$000.

Não se podem positivar as razões dêsse grande aumento nas rendas do estado, por divergirem as opiniões; uns querem que tenha sido causa eficiente—a guerra européa, flagelo pavoroso, que assoberbou as nações, ceifou milhões de vidas, paralisou a navegação e o commercio estrangeiro, desenvolvendo, consequentemente, a nossa industria e valorisando os nossos produtos; outros porém atribuem-as, como esta directoria, ao valor dos generos de produção do estado, que muito se elevou, exactamente quando mais produziamos, e á alta da importação e da exportação.

A renda do semestre de julho a dezembro, hoje findo, atingiu

a importancia de rs. 1 635.581\$012, contra a do anno passado, que ascendeu á importancia de rs. 1 924.628\$360, verificando-se assim uma differença para menos, na dêste exercicio, de réis 289.047\$348.

O serviço de estatística, com que era sobrecarregada esta repartição, passou para a secção criada pela lei n. 796, de 20 de abril dêste anno, e que se acha funcionando desde o mez de setembro ultimo, tendo já feito os mapas de exportação livre e onerada, o de consumo até junho e o de produção do estado até dezembro do anno passado, que foram organizados por funcionarios desta recebedoria e daquela repartição. Já lhe foram enviados para os necessarios estudos, afim de que v. s. possa redigir o relatorio, para apresentar ao exmo. sr. dr. governador do estado.

O serviço dos armazens em que se depositam os generos de produção do estado, e os oriundos de outros estados da União, continúa a ser feito sob a administração do competente e zeloso funcionario Raimundo Pedro de Jesus, excepto o de n. 5, a cargo do sr. Alfredo Baptista Nogueira.

No armazem n. 5, que se destina ao deposito e pesagem de algodão, funciona tambem o serviço de prensagem dêsse genero com bom resultado, depois de devidamente concertada a antiga prensa que nele existia e estava como inutilizada, ha muitos annos.

O armazem, o escritorio e o predio junto a este, que pertenciam á antiga Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão, hoje do estado, transformou-se num grande e espaçoso armazem, que tomou o n. 6, com diversos compartimentos e todos com communicações, servido na ponte com um possante guindaste a vapor e, para os compartimentos de cima, por um elevador e outro guindaste manual. Este armazem, onde se recebem e depositam as mercadorias de outros estados, poderá tambem receber, para exportação, muitos generos. Já se depositaram nelle algumas mercadorias, podendo receber toda a carga para que se destina, afim de ser desocupado o de propriedade particular, alugado pelo estado, para deposito das referidas mercadorias, vindas de outros estados.

As pontes dos armazens da rua Portugal carecem de urgentes concertos, pois se acham em pessimas condições, conforme v. s. teve occasião de verificar.

O pessoal desta repartição compõe-se de um director, dois primeiros escripturarios, tres segundos e tres terceiros, dois conferentes, tendo um dêstes sido criado pelo decreto n. 94, de 19 de novembro ultimo, um tesoureiro, catorze guardas, um servente,

dois patrões e doze remeiros para as embarcações. Nos armazens, funcionam dois administradores, sendo um especialmente para o de n. 5, dois auxiliares, um pesador, um maquinista e um foguista dêste, tres fieis, oito vigias, um maquinista e um foguista, que pertencem aos outros armazens.

Funcionam tambem, nesta repartição, os inspeccionadores Silvino Moreira, José de Bitencourt e Herculano Anfilóquio Parga, designados por v. s., em caracter provisorio, os quais desempenham os diversos trabalhos que se lhes distribuiram, com a necessaria competencia e as habilitações de que dispõem

O posto fiscal da rampa de Campos Melo, nos fundos do armazem n. 4, onde os guardas fazem as rondas diurnas e noturnas, oferece um pessimo agasalho a esses funcionarios, que ficam expostos aos miasmas e exalações putridas que se desprendem dêsse albergue infecto e das suas visinhanças, concorrendo, assim, para o mau estado de saúde que se nota em quase todos esses guardas.

Conforme já manifestei a v. s., urge que se transfira dêsse lugar ou se adapte outro a quartel, onde possam, com conforto, permanecer os guardas e marinheiros encarregados dó serviço da fiscalisação.

Presentemente, esta repartição possui apenas um escaler e uma chalana, desconcertados, sem poderem, por isso, prestar o serviço que lhes é proprio, especialmente o primeiro.

Ainda que estivessem em boas condições, essas embarcações são insuficientes para o serviço da fiscalisação, tornando-se preciso, com urgencia, adquirir uma lancha automovel, por ser isto de imprescindivel necessidade e já se achar o governo autorisado a obtê-la.

São estas, sr. secretario, as informações que vos posso ministrar a respeito dos trabalhos e estado da repartição que dirijo. Mas, se de outras mais carecer, estou pronto a da-las.

Aproveito o ensejo para apresentar a v. s. as minhas

Saudações.

Crispim A. Martins,

director.

Recebedoria do estado do Maranhão

MAPA ESTATISTICO da arrecadação de diversos impostos, efectuada por esta repartição, durante o semestre de julho a dezembro do anno de 1918. comparada com a do semestre de 1917

NATUREZA DOS IMPOSTOS	1917	1918
Industria e profissão	151:308\$634	146:833\$931
Patente para venda de bebidas	9:540\$000	8:120\$000
Produção do estado.....	502:874\$714	388:376\$227
Exportação.....	246:533\$677	200:754\$510
Taxa de estatística.....	\$	13:390\$528
Emolumentos	3:380\$500	4:231\$300
Heranças e legados	7:619\$272	19:535\$648
Transmissão de propriedade....	35:446\$477	32:025\$555
Divida activa.....	18:857\$000	36:236\$578
Selo de verba.....	865\$000	1:420\$000
Selo de estampilha	40\$000	\$
Consumo.....	389:434\$871	296:684\$026
Auxilio ás instituições pias....	21:686\$767	7:114\$930
Renda da Imprensa Oficial....	\$	2\$000
Multas.....	2:866\$685	2:139\$416
Renda dos proprios do estado..	4:836\$000	\$
Armazenagem dos armazens ns. 1, 2, 3 e 4.....	88:493\$466	89:933\$071
Renda do deposito de algodão	35:861\$970	19:982\$077
Capatazia	68:935\$734	73:544\$615
Renda do exercicio anterior....	3:130\$826	1:711\$077
Adicional.....	329:094\$467	267:142\$463
Imposto territorial	322\$300	8\$400
Contribuições das companhias de seguros	3:500\$000	3:500\$000
Prensagem no armazem n. 5...	\$	22:894\$660
Soma.....	1.924:628\$360	1.635:581\$012

Recebedoria do estado do Maranhão, em 31 de dezembro de 1918.

CONFORME.

Crispim Martiņs,

director.

O CONFERENTE,

Xigino Bilio.

MAPA ESTATISTICO da arrecadação de diversos impostos, effectuada

Natureza dos impostos

Industria e profissão.....	
Patente para a venda de bebidas.....	
Produção do estado	
Exportação.....	
Emolumentos.....	
Heranças e legados.....	
Transmissão de propriedade.....	
Divida activa.....	
Selo de verba.....	
Selo de estampilha.....	
Consumo.....	
Auxilio á Santa Casa de Misericordia.....	
Renda da Imprensa Official.....	
Taxa de estatistica.....	
Rendas não classificadas.....	
Multas por infracções.....	
Rendas dos proprios do estado.....	
Armazenagens dos armazens ns. 1, 2, 3 e 4.....	
Armazenagens do armazem n. 5 (antiga Companhia Alliance	
Capatazia.....	
Rendas do exercicio anterior.....	
Adicional.....	
Imposto territorial.....	
Contribuições das companhias de seguros.....	
Somma.....	

Recebedoria do estado do Maranhão

CONFORME.

Crispim Martins,

DIRECTOR.

esta repartição, durante os annos de 1917 a 1918 e 1916 a 1917

1916 a 1917	1917 a 1918	1917 a 1918	
		Diferença a menos	Diferença a mais
288:035\$834	306:330\$179	\$	18:294\$345
11:410\$000	10:435\$000	975\$000	\$
871:781\$653	1.076:167\$436	\$	204:385\$783
280:332\$172	435:427\$478	\$	155:095\$306
6:955\$980	8:887\$980	\$	1:932\$000
14:522\$105	29:589\$597	\$	15:067\$492
108:897\$554	75:023\$677	33:873\$877	\$
28:721\$538	25:391\$484	3:330\$054	\$
1:051\$400	1:249\$500	\$	198\$100
\$	40\$000	\$	40\$000
666:942\$934	787.737\$172	\$	120:794\$238
37:528\$207	41:836\$807	\$	4:308\$600
2\$000	3\$000	\$	1\$000
108\$480	\$	108\$480	\$
20\$000	\$	20\$000	\$
3:467\$549	7:264\$228	\$	3:796\$979
\$	15:996\$000	\$	15:996\$000
179:429\$045	180:442\$870	\$	1:013\$825
56:649\$102	71:120\$757	\$	14:471\$655
146:382\$342	135:428\$317	10:954\$025	\$
967\$520	3:130\$826	\$	2:163\$306
551:933\$605	669:293\$983	\$	117:360\$378
373\$715	488\$000	\$	114\$285
2:533\$333	4:500\$000	\$	1:916\$667
582:096\$068	3.885:784\$291	49:261\$436	676:949\$659

31 de dezembro de 1918.

O CONFERENTE,

Higino Bilio.

MAPA ESTATISTICO da arrecadação de diversos impostos, efectuada

Natureza dos impostos

Industria e profissão.....	
Patente para a venda de bebidas.....	
Produção do estado	
Exportação.....	
Emolumentos.....	
Heranças e legados.....	
Transmissão de propriedade.....	
Divida activa.....	
Selo de verba.....	
Selo de estampilha.....	
Consumo.....	
Auxilio á Santa Casa de Misericordia.....	
Renda da Imprensa Official.....	
Taxa de estatistica.....	
Rendas não classificadas.....	
Multas por infracções.....	
Rendas dos proprios do estado.....	
Armazenagens dos armazens ns. 1, 2, 3 e 4.....	
Armazenagens do armazem n. 5 (antiga Companhia Alliança	
Capatazia.....	
Rendas do exercicio anterior.....	
Adicional.....	
Imposto territorial.....	
Contribuições das companhias de seguros.....	
Somma.....	

Recebedoria do estado do Maranhão

CONFORME.

Crispim Martins,

DIRECTOR.

a repartição, durante os annos de 1917 a 1918 e 1916 a 1917

1916 a 1917	1917 a 1918	1917 a 1918	
		Diferença a menos	Diferença a mais
288:035\$834	306:330\$179	\$	18:294\$345
11:410\$000	10:435\$000	975\$000	\$
871:781\$653	1.076:167\$436	\$	204:385\$783
280:332\$172	435:427\$478	\$	155:095\$306
6:955\$980	8:887\$980	\$	1:932\$000
14:522\$105	29:589\$597	\$	15:067\$492
108:897\$554	75:023\$677	33:873\$877	\$
28:721\$538	25:391\$484	3:330\$054	\$
1:051\$400	1.249\$500	\$	198\$100
\$	40\$000	\$	40\$000
666:942\$934	787.737\$172.	\$	120:794\$238
37:528\$207	41:836\$807	\$	4:308\$600
2\$000	3\$000	\$	1\$000
108\$480	\$	108\$480	\$
20\$000	\$	20\$000	\$
3:467\$549	7:264\$228	\$	3:796\$979
\$	15:996\$000	\$	15:996\$000
179:429\$045	180:442\$870	\$	1:013\$825
56:649\$102	71:120\$757	\$	14:471\$655
146.382\$342	135:428\$317	10:954\$025	\$
967\$520	3:130\$826	\$	2:163\$306
551:933\$605	669:293\$983	\$	117:360\$378
373\$715	488\$000	\$	114\$285
2:583\$333	4:500\$000	\$	1:916\$667
582:096\$068	3.885:784\$291	49:261\$436	676:949\$659

1 de dezembro de 1918.

O CONFERRENTE,

Higino Bilio.

S. Luiz, 31 de dezembro de 1918.

Exmo. sr. secretário da fazenda

Na qualidade de administrador do armazem n.º 5, da recebedoria do estado, venho apresentar-vos a demonstração do movimento do algodão, durante o anno de 1918.

Antes, porém, devo salientar os melhoramentos por v. exc. mandados executar neste armazem, os quaes têm sido de grande aproveitamento para o seu serviço. Entre elles, destaco a transformação por que passaram as prensas hydraulicas, que vão preenchendo os fins ha muito almejados pelos exportadores de algodão.

Como sabeis, a exportação é toda feita sem o algodão enfiado, o que faz penosos os embarques. pelo excessivo peso das sacas tornando-se assim de grande necessidade a colocação de um guindaste no caes onde se procede áquelle serviço. Nenhuma occorrença de maior se verificou, durante o anno, neste armazem, sendo os seus trabalhos executados a contento.

Pelos mapas que adiante se encontram, verá v. exc. o movimento do algodão, no anno de 1918.

Devido á baixa sensível, que o algodão sofreu, e á paralisação das fabricas e da exportação, as entradas têm sido quase nulas, nos mezes de novembro e dezembro, quando geralmente se dá o contrario, por ser o começo da safra

Julgo que este facto desaparecerá, logo que as fabricas reencetein a sua vida normal e o nosso porto seja visitado constantemente por vapores.

Eis o que me ocorre levar ao vosso conhecimento, estando pronto a dar a v. exc. mais quaesquer esclarecimentos sobre o movimento deste armazem.

Aproveito o ensejo para apresentar a v. exc. os meus protestos de elevada estima e muita consideração.

Alfredo B. Nogueira,

administrador.

MAPA das entradas, nos dois ultimos annos:

		1917	1918
Janeiro	sacas	5.432	5.132
Fevereiro	«	3.571	3.461
Março	«	5.671	3.259
Abril	«	4.223	3.899

Maio	sacas	3 826	3 524
Junho	«	2.427	895
Julho	«	1.916	338
Agosto	«	1.914	506
Setembro	«	1.881	853
Outubro	«	1.936	956
Novembro	«	2.917	1.077
Dezembro	«	3.587	665
		<u>39 301</u>	<u>24.565</u>

Diferença, para menos, no anno, de 1918, 14 736 sacas.

MAPA do movimento do algodão, durante o anno de 1918

Saldo, que passou de 1917, sacas... . 3.806

Entraram:

Janeiro	sacas	5.132	
Fevereiro	«	3.461	
Março	«	3.259	
Abril	«	3.899	
Maio	«	3 524	
Junho	«	895	
Julho	«	338	
Agosto	«	506	
Setembro	«	853	
Outubro	«	956	
Novembro	«	1.077	
Dezembro	«	665	24.565
			<u>28 371</u>

Sairam:

Janeiro	sacas	2.495	
Fevereiro	«	1.127	
Março	»	2.217	
Abril	»	2.112	
Maio	»	1.707	
Junho	»	1.232	
Julho	»	4.242	
Agosto	»	2.086	
Setembro	»	1.340	
Outubro	»	1.076	
Novembro	»	515	
Dezembro	»	371	20 520
			<u>7.851</u>

Saldo para 1919

7.851

S. Luiz, 16 de dezembro de 1918

Exmo. sr coronel secretário da fazenda

Em obediencia ao art 68 do regulamento das colectorias dêste estado, tenho a honra de apresentar a v. s. o presente relatório, referente ao serviço de inspecção fiscal que fiz nas diversas repartições para as quaes fui honrosamente designado

Foram ellas—S Bento, S. Vicente Ferrer, Pinheiro, Sta. Helena, Turiassú, Guajerutua, Cururupú, Guimarães, Alcantara, Sto. Antonio e Almas Brejo e as agencias Redondo, Tapêra, Pacas, Macapá e Hereulanopolis.

Parceladamente, fui enviando á secretaría que, com zelo e proficiencia, é dirigida por v. s os devidos relatórios, acompanhados dos lançamentos respectivos, que, sob a minha direcção, se iam realisando nas diversas colectorias, acima discriminadas, conforme determina a letra x do art 64 do precitado regulamento

S. BENTO

Esta colectoria continúa sem alteração de maior nas suas rendas, a cargo do sr José Adriano da Costa. No exercicio findo a sua arrecadação subiu a rs. 23 742\$769.

S VICENTE FERRER

Esta colectoria está presentemente occupada pelo cidadão Mariano Faustino de Arôcha, que della esteve afastado alguns mezes, sendo novamente aproveitado, visto ser um funcionario honesto e zelozo, cujas qualidades muito contribuem para o bom desempenho do cargo.

A sua renda, no exercicio findo, foi de rs.17:025\$824.

PINHEIRO

A repartição fiscal desta localidade está em exelente condição, por isso que este municipio é um dos mais criadores do litoral e, incontestavelmente, um dos mais prosperos e ricos do estado, pela sua avantajada produção agricola e intensa vida comercial.

Dirige a colectoria o sr. Antonio Abrahão Soares, com o tino e a solicitude que lhe são proprios, tendo sabido, assim, guiar-se com aprazimento de todos.

A sua arrecadação, no ultimo exercicio, foi de rs 38:844\$717.

SANTA HELENA

Esta localidade encontra-se em franca decadencia, quanto á sua produção agricola e ao seu comércio, quase extinto.

A repartição fiscal é superintendida pelo sr Raimundo Ribeiro dos Santos, que vai desempenhando convenientemente as funções inherentes ao cargo que o governo lhe confiou.

Foi de rs 6:411\$554 a sua renda, no exercicio passado.

TURIASSÚ

E' um municipio regular, em produção agricola

Dirige a sua colectoria o sr. Humberto Borghnet, funcionario zeloso. Apesar da criação da agencia independente do Redondo, aquella repartição rendeu rs 26:290\$600, no exercicio findo.

GUAJERUTIUA

Já achei preparados os lançamentos da respectiva colectoria, o que me não privou de removê-los, como me faculta a alínea c do art. 64 do regulamento.

Nada se me deparou que merecesse a mais leve observação.

E' chefe da colectoria o sr. Manoel Tiburcio de Sá Nunes, que prima pela sua fiscalisação, aliás bem difficil, devido á conformação topografica da localidade

Rendeu, no exercicio findo, rs. 12:165\$023.

CURURUPÚ

Esta colectoria é zelosamente dirigida pelo sr Bernardo Marques Vieira, homem circumspecto no cumprimento dos seus deveres e de honradez mais que comprovada, pelo que nada de anormal vi, no exame minucioso, a que me entreguei.

Este municipio rivalisa com o do Pinheiro, oferecendo o transporte melhores comodidades ao commercio, em geral.

Rendeu, no ultimo exercicio rs 30:261\$422.

GUIMARÃES

Esta vila tem a sua repartição fiscal metodicamente organizada. A sua direcção está sob a responsabilidade do colector Emilio Habibe, funcionario expedito.

Neste municipio, ha a citar o engenho Joaquim Antonio, que dista daquella vila 42 kilometros. As referencias a fazer dêsse estabelecimento são as mais lisonjeiras, pois a vida agricola tem nelle um agente produtivo de força animadora. para os habitan-

tes do municipio. A sua produção bem demonstra a veracidade do que acabo de referir

As rendas desta colectoría foram, no exercicio passado, de rs. 33:082\$398.

ALCANTARA

A colectoría desta cidade é dirigida pelo sr. Minervino Abreu, que tem sabido orientá-la com zelosa dedicação.

Nada encontrei digno de nota, tendo havido a renda, no exercicio ultimo, de rs. 27:964\$409.

Sto. ANTONIO E ALMAS

E' o sr. José Mariano Mello Bastos quem presentemente dirige a colectoría. Não obstante a sua pouca pratica, desempenhará a contento o seu cargo, com as minuciosas explicações que lhe ministrei.

De algumas irregularidades, não era elle inteiramente o culpado, embora prosseguisse no mesmo erro do seu antecessor, o principal responsavel. Entre essas irregularidades, uma, a mais grave, era cobrar-se o imposto territorial na razão de 6 %, quando a lei claramente manda fazê-lo na de 3 % ou seja a metade do que até então se arrecadava.

A sua renda, no exercicio findo, foi de rs. 7.042\$830.

BREJO

Esta futura cidade tem a ventura de ter como colector estadual o sr. Hugo Cordeiro, o qual, devido á sua competencia de funcionario intelligente e honesto, tem sabido conduzir o seu serviço de uma fórma airosa, como bem se demonstra no facto de haverem as rendas subido.

E' um municipio de amplo desenvolvimento, na lavoura e no comercio, cufivando se ahí, com abundancia, a cana de assucar, produzindo em quantidade extraordinaria a aguardente e a rapadura. O arroz, o algodão e o milho são tambem produtos fartos da terra uberrima.

Os lançamentos desta repartição fôram organizados pelo proprio exactor, em virtude da minha tardia ida ali, motivada por outras occupações. Na revisão que fiz, cheguei todavia á conclusão de que os mesmos se realizaram com asseio, clareza, justiça e honestidade.

Rendeu, no exercicio findo, rs. 50.601\$345.

Agencias independentes

REDONDO

Povoação á margem do rio Maracassumé, pertencente ao municipio do Turiassú. O governo mantem lá uma agencia, que

se podia transformar em colectoria, pois que de uma certa época para cá, o commercio tomou proporções avultadas. recebendo a sua lavoura, igualmente, um incremento por demais animador. Tive occasião de verificar *de visu* os inumeros predios em construção, podendo afirmar a v. s. que para isso tem concorrido poderosamente a companhia norueguesa Oversea, a qual desde a sua instalação, no objectivo de explorar todas essas paragens, até então quase incultas, de acôrdo com a concessão do governo estadual, tem feito uma completa mudança, trazida pela actividade dos seus directores e pela natureza da sua util exploração.

E' de prever, por consequente, um futuro prospero e grandioso a essa agencia, que em breve, com certeza, se converterá numa colectoria.

Rendeu, no exercicio passado rs. 6:759\$914.

TAPÉRA

E' uma pequena povoação do municipio de Cururupú.

O governo mantem ahi agencia presentemente dirigida pelo sr. Antonio Alves, funcionario que ha pouco exercia igual cargo na agencia de Pacas, municipio do Pinheiro.

Aquella povoação produz, em pequena escala, a cana de assucar e a mandioca.

O seu maior commercio opera-se com o visinho estado do Pará, para onde são remetidos os peixes e camarões que ali abundam, por isso que tem excellentes pontos piscosos.

Convém consignar, neste relatorio, as ilegalidades cometidas sem o menor escrupulo e bom senso, pelo sr. Manoel Saboia, antecessor do actual agente. Essas ilegalidades consistem, além do crime de peculato, conhecido pela repartição, em reclamações que me foram apresentadas por diversos contribuintes, indevidamente colectados por essa agencia. Desta maneira, e da boa vontade que encontrei no actual agente, procurei atender com urbanidade essas justas reclamações.

No ultimo exercicio, rendeu rs. 8:306\$457.

PACAS

Esta agencia, que fica no municipio do Pinheiro, criou-a, no exercicio passado, o então secretario, sr. dr. Odilo Costa, estando sob a direcção do sr. Elpidio Estrella, que desempenha regularmente as funções do seu cargo.

Tem proporções para uma renda de sete contos de réis, mais ou menos.

MACAPA'

A agencia desta localidade é dirigida pelo sr. Manoel Sebastião Rodrigues Botão

Não trepido em afirmar que é uma das agencias que melhor têm correspondido ao fim a que se destinam, não obstante a pouca pratica do funcionario, cujo esforço é bem patente, revelando-se um auxiliar zeloso.

Rendeu esta agencia, no exercicio findo, rs. 4:287\$807.

HERCULANOPOLIS

Esta agencia, que foi a ultima da minha inspecção, fez-me conceber uma idéa pouco lisonjeira da integridade moral do funcionario que a dirige. De facto, essa agencia podia mostrar um bom coeficiente de impostos. Mas a sua administração não tem correspondido ao que se esperava

Pelo que fica exposto, não hesito em dizer que deve ser annexada á colectoria do Brejo, afim de evitarem as lesões do fisco, ou então cumpre substituir o actual funcionario Barnabé Lopes da Silva, por quem procure zelar os interesses da fazenda.

As suas rendas, no exercicio findo, fôram de rs. 15:657\$712.

Apresentando a v. s. a exposição dos meus trabalhos, como auxiliar da pagadoria da secretaria da fazenda, afirmo ter empregado toda a minha actividade e zelo, para tentar merecer de v. s. o conceito que me tem dispensado

Sirvo-me do ensejo para testemunhar o v. s. os meus protestos das mais altas consideração e estima.

Orion Sá,
inspectorador.

S. Luiz, 18 de dezembro de 1918

Exm^o. sr. coronel secretário da fazenda

Dando cumprimento ao determinado no art. 68 do regulamento das colectorias, apresento a v. s. o relatório geral da inspecção que me foi confiada, pela portaria n. 25, de 3 de agosto d'êste anno, em virtude da qual inspecionei as colectorias de Flôres, Caxias, Codó, Coroatá, Itapecurú, Rozario, Chapadinha, Vargem Grande e as agencias independentes de Piqui, Monte Alegre, Pirapemas, Sto. Antonio e S. Miguel.

FLORES

Coisa nênhuma posso dizer mais a respeito desta colectoria, cujo encarregado, o sr. André Martins Ferreira, não está bem a par das leis que regulam as cobranças dos impostos dos generos

taxados pelo estado, do que já expuz a v. s., em meu relatório anterior.

Este município, cuja renda, no exercício passado, foi de rs. 48.651\$607, fica á margem do rio Parnabiba. Limita-se com os municípios de S. José dos Matões e Caxias, ligando-se a esses municípios pela estrada de ferro de Caxias a Cajazeiras, com um percurso de 14 leguas.

O seu commercio é acanhado e sem vida, devido a ser esta vila fronteira á cidade de Terezina, capital do visinho estado do Piauli, onde os seus habitantes fazem os suprimentos, não só dos objectos de luxo como dos de primeira necessidade.

A extracção do côco babassú é regular, sendo a colheita do algodão calculada na terça parte da do anno anterior, vistos os estragos produzidos pela lagarta rosea.

CAXIAS

Como era de esperar, encontrei o serviço desta colectoria regularmente feito, tendo sido os lançamentos organizados pelo respectivo colector em comissão e 1º escriptorio Raimundo de Castro Mcnezes, e feitos com equidade, já tendo sido aprovados por v. s.

Como informei essa secretaría, em relatório anterior, o imposto dos generos da tabela B vaee dando um resultado satisfatorio, devendo ter havido arrecadação maior, devido á alta dos preços dos respectivos generos, o que decerto contribuiu para o aumento da renda da referida estação fiscal.

Como tive occasião de dizer a v. s., torna-se muitissimo necessaria uma providencia a respeito da cobrança da divida activa, que, acumulada como se acha, causa um grande prejuizo ao fisco.

Esta colectoria rendeu, no exercício passado, rs. 177.487\$530.

CODÓ

Ao chegar a este município, verifiquei e aprovei lançamentos feitos, depois de fazer as alterações que julguei convenientes.

Como cientifiquei a v. s., não houve acrescimo nos lançamentos de produção, visto ter ficado quase extinta a colheita, principalmente do algodão, arroz e milho, a ponto de ser preciso importar o arroz.

Fica esta cidade situada á margem do Itapecurú, distante de Caxias 18 leguas. Possui boas casas de commercio, uma fabrica de tecidos de algodão, produzindo o seu solo os mesmos generos que Caxias, com excepção de aguardente e assucar, sendo muito pequena a sua criação de gado. Foi um dos muni-

cipios de menor colheita este anno, tanto que o arroz consumido ali foi importado de outros municipios, especialmente do Itapecurú.

A collectoria dêste municipio, a cargo do sr. Manoel Ferreira Baima, rendeu rs. 64:048\$870, no exercicio passado.

COROATÁ

Encontrei alteração no commercio dêste municipio, o qual me pareceu melhor, motivo por que consegui uma alta no lançamento de industria e profissão, assim como nós demais, não obstante haver o commercio sofrido os efeitos da situação anormal ha pouco originada pela cheia, achando-se, entretanto, em melhores condições do que muitos outros.

Este municipio fica situado entre o Codó e o Itapecurú-mirim, sendo uma vila de boa lavoura e commercio. Tem a mesma produção que aquelle, donde dista 12 leguas.

A colectoría, que está sob a direcção do sr. João da Silva Serra, rendeu, no exercicio passado, rs. 17:095\$602

ITAPECURÚ-MIRIM

Nada de anormal deparei neste municipio, a não ser o que já referi a v s., no meu relatorio anterior.

E' uma cidade estacionaria. Conta muitos comerciantes, mas pouco movimento comercial, sendo a sua principal produção o arroz, côco babassú, a farinha, o milho e o algodão. Tem alguma lavoura de canna e foi um dos lugares que pouco padeciu com a falta de colheita, pois está sendo o celeiro da cidade do Codó. O seu commercio faz-se todo pelo rio Itapecurú.

Dirige a colectoría o sr. João P. Pereira.

A renda, no exercicio passado, foi de rs 19:817\$067.

ROSARIO

No meu relatorio anterior, tive occasião de scientificar v. s. do estado em que encontrei esta colectoría, a cargo do sr. Manoel Hermenegildo Moniz, cujo serviço é feito com regularidade e competencia.

Distancia esta cidade do Itapecurú-mirim 12 leguas, por terra. Tem um commercio regular. Produz, em grande escala, obras ceramicas, farinha, canna, pouco algodão, tendo bons engenhos de canna, como sejam os de Sta. Filomena, Recurso, Vale Quem Tem e Primavera, movimentados a vapor.

A renda da colectoría, no exercicio passado, foi de réis 38:146\$579.

CHAPADINHA

Ao chegar a esta localidade, achei os lançamentos aprovados pela portaria n. 32, de 18 de setembro deste anno.

Esta vila fica encravada entre o Currealinho, a Vargem Grande e Morros, distando da segunda 16 leguas. Efectua o seu commercio com a cidade do Brejo e com esta capital, pela Manga, podendo fazer-se, no inverno, pelo rio Monim até uma legua perto desta vila.

Devido a ser central e de difficil comunicação, não se desenvolve, apesar de ter boa criação de gado, produzir arroz, farinha, milho, algodão, aguardente e rapadura, em pequena escala.

Exerce as funções de colector o sr. Epaminondas Barboza de Carvalho

A sua renda, no exercicio findo, foi de rs. 4.364\$002

VARGEM GRANDE

Tambem encontrei aprovados os lançamentos desta colectoria, pela portaria n. 203, de 24 de agosto deste anno, tendendo já realizado a respectiva cobrança

Como já tive ensejo de levar ao conhecimento de v. s., a escripta dessa repartição estava atrasada. Chamei a atenção do colector para tão grande irregularidade e recomendei-lhe que não mais procedesse de tal modo

Ao examinar os lançamentos feitos pelo referido colector, verifiquei a sua má classificação e alterei, conforme levei ao conhecimento de v. s., no meu relatório parcial, os de algumas casas commerciaes.

Esta vila estacionou, não obstante ser grande a sua área. O seu commercio é bom, produzindo o solo muito arroz e algodão, considerados os melhores do estado; exporta côco babassú, farinha e tem boa criação de gado.

As comunicações fazem-se pelo rio Monim até ao povoado Manga, em qualquer tempo, por pequenas embarcações, podendo, porém fazer-se em vapores até essa povoação ou então até muito proximo da vila pelo rio Iguará onde antes chegavam os vapores—e em costas de animaes pela cidade de Itapecurú, distante 14 leguas, e tambem por Pirapemas, que fica a 7 leguas.

Esta colectoria, dirigida pelo sr. Cezar de Abreu Viana, rendeu no exercicio passado, rs. 14.241\$581.

Agencias independentes

PIQUI

O serviço desta agencia, a cargo do sr. Lourenço Carneiro de Oliveira, é bastante irregular, devido naturalmente á falta de pratica do serviço. Ministrei-lhe as precisas instruções

É um pequeno povoado pertencente ao Coroatá, compreendendo a sua circunscrição parte do município de Itapecurú e parte daquelle.

Possue bom commercio, feira de gado todos os annos e fica situado entre os rios Itapecurú e Mearim; dista da Lage do Curral 5 leguas e de Cantanhede 7, enviando os seus productos para o Mearim. Tem uma regular criação de gado, produzindo arroz, algodão, milho. A farinha dá só para o consumo local. Rendeu, no exercicio findo, rs. 1 393\$073.

MONTE ALEGRE

Muito embora a situação do commercio dêste lugar seja igual á de outros que inspecionei, devido á falta dos principaes productos da lavoura, houve pequeno augmento nos lançamentos a que procedi, pois a inundaçãõ do anno passado causou alguns prejuizos a esta povoaçãõ.

Fica situada á margem do Itapecurú, pertence á comarca do Codó, de que dista 5 leguas, tem bom commercio e estaria desenvolvida, se não fôra a inundaçãõ a que me referi, a qual arruinou muitos predios e ocasionou estragos na lavoura.

Produz bastante arroz, algodão, côco, babassú e milho, tendo os seus algodoaes sido grandemente damnificados.

É agente o sr. Aristides Ximenes de Souza.

Rendeu, no exercicio passado, rs. 4:962\$431.

PIRAPEMAS

Nada de mais verifiquei, ao inspecionar esta agencia, a não ser um pouco de falta de pratica do agente, sr. Laurindo Vital Brandão Parga, a quem dei instruções, para o auxiliar na fiscalisação.

1583 Este povoado fica á margem do Itapecurú, pertence ao município do Coroatá, de que dista 12 leguas, por terra. Tem algum commercio e as mesmas produções do município de que faz parte.

A sua renda, no exercicio passado, foi de rs. 2:603\$305.

Sto. ANTONIO

Dando cumprimento á determinação constante do telegrama de v. s., de 23 de agosto dêste anno, inspecionei esta agencia, que é dirigida pelo sr. Cicero Alves de Carvalho, sendo o serviço feito com asseio.

Este povoado pertence ao município de Flôres. Fica a 10 leguas da vila dêsse nome, estando á margem do rio Parnaíba. É um agrupamento de casas de palha e acha-se em declinio,

por se estar mudando para Varjota, duas leguas acima, o seu commercio, o qual se realisa pelas mesmas vias de comunicação de que se serve Flôres, sendo as suas produções as mesmas que as dêste municipio.

A sua renda, no exercicio passado, deixa de ser especificada, visto que a agencia se criou neste exercicio.

S MIGUEL

Em obediencia á ordem de v. s., contida em telegrama de 23 de setembro dêste anno, inspecionei esta agencia, a cargo do sr. Estevão Santana, que fez uma regular arrecadação Poderia ser melhor, se puzessem á disposição do referido agente uma praça para o ajudar.

Fica este povoado á margem do rio Parnahiba, defronte da União. Não tem produção, nem commercio, limitando-se exclusivamente a fazer a cobrança do imposto de exportação dos generos que escapam de Caxias, a que pertence, e de que dista 12 leguas, e de outros municipios.

A sua renda, no ultimo exercicio, foi de rs. 12:470\$657.

Afim de que os inspecionadores possam lançar os impostos com tempo sufficiente para a aprovação dessa secretaría, iniciando-se a cobrança no tempo oportuno, lembro a v. s. a conveniencia de se mudar para o mez de outubro em vez de setembro, a cobrança do 1.º semestre dos impostos do interior do estado.

Torna-se tambem de necessidade a apresentação, por parte dos comandantes ou mestres de embarcações, nas estações fiscaes dos pontos de escala, de uma relação dos generos que conduzem dos pontos intermediarios ao da capital, para se conhecer o movimento commercial de cada negociante, fazer-se, com mais justiça, os lançamentos e mesmo efectuar a cobrança, á boca do cofre, dos generos da tabela B, que não paguem por meio de lançamento.

Na inspecção a que acabo de proceder, verifiquei que ainda empregam o sistema primitivo no cultivo da terra e na criação do gado, excepto no Engenho d'Agua, em Caxias, onde tudo se obtem por melhores processos.

Saude e fraternidade.

Merculano A. Parga,

inspecionador.

S. Luiz, 17 de dezembro de 1918.

Exmo. sr. coronel secretario da fazenda

No cumprimento do art. 68 da lei sobre inspecções ás collectorías, levo á presença de v. s. o presente relatorio.

Tendo inspecionado as collectorías de Carolina, Riachão, Balsas, Loreto, Pastos Bons, Nova York, S. João dos Patos, Passagem Franca, Picos, Mirador, Barão de Grajahú, e as agencias independentes de Bacuri Bravo e Foz de Balsas, cumpre-me informar o que vi em todas essas estações fiscaes.

Os meus relatorios parciaes, feitos de cada uma dessas repartições, proporcionalmente, são um trabalho preciso, para demonstrar o grau de progresso ou atrazo da zona a meu cargo. Reuni-os, pois, é facil, constituindo apenas um resumo do que disse, ao tratar das collectorias supra mencionadas.

Tendo sido chamado a serviço, deixei de inspecionar este anno as collectorias de S. Francisco, S. José dos Matões e Vitoria do Alto Parnahiba, mas penso que os lançamentos correspondem ás necessidades do respectivo trabalho.

A collectoría de S. Francisco foi, até ha pouco tempo, administrada pelo sr. Paula Sales, funcionario dessa secretaria, o qual antes de se retirar dali, procedeu aos lançamentos respectivos. Para S. José dos Matões, dei instruções sobre os lançamentos a organizar pelo sr. collector Antonio de Assumpção Neto, que é um funcionario cumpridor dos seus deveres. A collectoria da Vitoria do Alto Parnahiba foi por mim inspecionada e reorganizada, no anno findo. E' seu collector o sr. Luiz Lustoza do Amaral Brito, pessoa competente e responsavel, o que se verificou pelo aumento das rendas que aquella repartição apresenta.

CAROLINA

Tem prosperado e as suas rendas já atingem quantia superior a vinte e cinco contos de réis.

O seu collector era o sr. Manoel Aires, um moço honrado, mas que ha muito dezejava deixar o cargo, para ocupar-se exclusivamente do seu commercio.

Foi nomeado, para substitui-lo, o funcionario da estatistica, sr. Raimundo Vêras.

RIACHÃO

Este anno foi substituido o collector que exercia esse cargo. Ao entender-me com o recém-nomeado, providenciei para serem cobrados os impostos de gado, o que representa ali um atrazo, na dívida activa, superior a dezoito contos de réis. Sómente por duas vezes inspecionei aquella collectoría, e em dois relatorios circunstanciados expuz á secretaria as razões que determinam essa tão grande soma de execuções a fazer naquella vila.

BALSAS

Ha dois annos que esta colectoria vem declinando consideravelmente. De quarenta contos, que rendia, acha-se reduzida a vinte e seis contos. Explica-se tal declinio por já se não fazerem ali os muitos despachos de couros e demais generos de procedencia do estado de Goiás, que actualmente se encaminham para o Grajahú e a Barra do Corda, devido á prosperidade commercial destas comarcas e aos grandes depositos de sal que lá se encontram, aviando-se este produto mais barato e a contento do sertanejo.

Balsas não tem vida propria, não tem lavoura e a sua criação pastoril é insignificante, relativamente aos demais municipios

LORETO

Exerce as funções de colector, naquelle termo, o sr. Antonio Benigno, homem inteligente e activo. Loreto quase não possui commercio. E' todavia, um dos municipios mais criadores do alto sertão.

PASTOS BONS

Vae prospera esta colectoria; acha-se na zona algodoeira; é um municipio criador, produzindo muitos cereaes.

NOVA YORK

Fica á margem do rio Parnahiba, sendo o principal porto fluvial, para importar e exportar as muitas mercadorias que se destinam ou se originam a meio do sertão

Esta colectoria tem aumentado sempre. As suas rendas são as anteriormente citadas.

S. JOÃO DOS PATOS

Está a meio de uma zona agricola e produz muito algodão e cereaes, justificando-se, por isso, a relativa prosperidade da sua colectoria.

PASSAGEM FRANCA

Tambem fica numa zona algodoeira; cria muito gado, produz assucar, cereaes. Está a 15 leguas á margem do rio Itapecurú e 12 á margem do Parnahiba.

PICOS

E' uma das ricas cidades do alto sertão, servida por uma regular navegação fluvial. Cultiva algodão, cereaes e canna de assucar.

A sua criação pastoril foi este anno atacada pela peste de berne e outras moléstias não conhecidas, que deram grande prejuizo aos criadores.

A colectoria produz quase trinta contos de réis, mesmo depois da criação da agencia independente de Bacuri Bravo. Esta agencia promete muito, por ser o porto intermediario de Caxias a Picos; produz tambem algodão, cereaes, canna de assucar, cria gado e fica a quatro leguas do rio Itapecurú, por onde faz as suas tranzacções

MIRADOR

Fica a oito leguas acima da cidade de Picos, á margem direita do rio Itapecurú, transportando por este rio para Caxias, os seus productos.

A desobstrução por que passou ultimamente esta arteria fluvial foi de efeitos contraproducentes.

Mirador possui o solo mais fertil de todo o estado, constando mais de quarenta estabelecimentos de canna, mas primitivos e quase sem valor

Ha cinco mezes. o dr. Reverêdo, engenheiro encarregado de levar o telegrafo a Pastos Bons e a outros pontos, inaugurou ali uma estação telefónica.

Este municipio cultiva algodão. canna de assucar, cria gado e produz cereaes.

A sua colectoria deixa, aproximadamente, oito contos de réis, mas produziria dôze a treze, com uma fiscalização equitativa e regular

BARÃO DE GRAJAHÚ

Esta colectoria dá uns vinte e poucos contos de réis, e tem prosperado sempre

O comercio desta localidade é razoavel. Compra muito algodão e dedica-se ao seu plantio, para o que acaba de adquirir aparelhos aperfeiçoados, afim de beneficiar esse artigo.

O referido municipio fica defronte da cidade de Floriano, do visinho estado do Piauí, com a qual efectua um bom comercio, comprando e vendendo os seus productos e os que recebe dos municipios mais centraes.

S. FRANCISCO

Fica a 16 leguas abaixo de Barão de Grajahú, tem um regular comercio de algodão, couro, gado e cereaes.

A sua colectoria tem aumentado muito. E' actualmente seu colector o sr. Eurides Amaral, funcionário dessa secretaria.

Ultimamente, faleceu ali o coronel João Afonso da Fonseca,

legando a sua espoza uma fortuna superior a seiscentos contos de réis. Porque não tinha ascendentes, nem descendentes essa herança pagou ao estado a subida soma de cincoenta e seis contos de réis.

S. JOSÉ DOS MATÕES

Este municipio é rico em lavoura; cria gado. produz algodão, côco babassú, sendo apreciavel o seu comercio.

A colectoria rende perto de dôze contos de réis. Se mais não arrecadá, atribuímo-lo á impossibilidade de uma rigorosa fiscalisação das agencias que ficam á margem do rio Parnahiba. por onde se escapam muitos generos sujeitos a imposto.

FOZ DO BALSAS

Povoado maranhense, defronte da vila de Urussuhi. Se bem que o seu progresso comercial e agricola tenha marchado lentamente, promete bastante, pela importancia do seu solo fertil e facilidade de transporte.

A sua agencia produz pouco, mas vae em aumento.

O plantio do algodão vae-se fazendo com vantagem e lucros immediatos.

Estradas e communições

As nossas estradas são as peores de todos os estados do norte e a nossa navegação fluvial mostra-se de tal ordem insufficiente que é preferivel tirar-se grandes distancias a cavalo a servirmo-nos dos poucos vapores que existem e que, inavisadamente. navegam os rios Balsas Mearim, Grajahú e Itapecurú.

Acertado seria, pois que as inspecções, mesmo accumulando mais serviço. fossem autorisadas pelo governo a inspecionar tambem as estradas publicas visto que ninguem melhor do que os inspecionadores, viajando todos os annos. percorrendo as estradas geraes podia com mais resultado fazer este serviço de que tanto carece a nossa população.

Da mesma fórma que se incumbiu o serviço do registo de terras aos colectores e inspecionadores da secretaria da fazenda, assim podiam encarregá-los das estradas publicas, a exemplo do que se pratica em Pernambuco, Bahia e outros estados.

Esse ramo de administração publica compete ás municipalidades. Mas essas nada teem feito. E quem poderá contestar que, tratando-se da legislação de terras, este serviço não pertença mais aos estados que aos municipios ?

O poder que obrigou o possuidor de terras ao registo das mesmas tambem pode legislar sobre a limpeza, o asseio e a conservação das estradas publicas.

Delegacias fiscaes

Uma delegacia fiscal, instalada no meio de cada uma das zonas do alto sertão, facilitaria imenso a arrecadação das rendas.

A comarca de Pastos Bons que recebe agora o fio telegrafico, prestava-se a ser um dos pontos escolhidos para esse utilissimo fim.

A's colectorias do alto sertão só muito demoradamente chegam talões, livros, instruções, falta que prejudica muitissimo o bom funcionamento das estações fiscaes.

Essas delegacias, em comunicação com a secretaría da fazenda, transmitiriam ordens ás colectorias, as quaes, por intermedio daquella, enviariam os saldos correspondentes e tudo mais, conseguindo-se assim presteza e regularidade em todos os trabalhos. Com resultado satisfatorio, já tivemos uma delegacia na cidade da Barra do Corda.

A medida que apresento é adoptada na Bahia, em toda a zona marginal do rio S Francisco sendo este serviço o melhor dos que se conhecem no genero. Ali, as mezas de rendas do estado, com essas faculdades, são administradas pelos inspecionadores, funcionarios do tesouro e pelos colectores, que se revesam, conforme as necessidades.

Lançamentos e época

Devido ás difficuldades com que lutam as inspecções do alto sertão, para percorrer grandes distancias, lembro que se façam os lançamentos de maio a agosto, e que a cobrança se execute nos mezes de outubro a abril, afim de dar tempo a que os mesmos sejam organizados pelos inspecionadores e aprovados pela secretaría da fazenda

Nem sempre as irregularidades do inverno, arranjo de condução e demoras imprevistas nos permitem chegar a tempo de acompanhar o preparo dos lançamentos, originando-se dêsse atrazo alguns abusos de colectores, sempre que se trata do compadrio amigo.

Terminando, cumpre-me pedir-vos desculpas das imperfeições que este obscuro trabalho encerra, atendendo-se a que essas faltas derivam mais das muitas poucas habilitações do que dos conhecimentos praticos que tenho da zona a meu cargo.

Sertanejo, filho de paragens quase ignotas dêste estado, devoto-me ás grandezas que occultam essas regiões da fertilissima terra maranhense, infelizmente pouquissimo conhecida pelos que nasceram no litoral.

Afectuosas saudações.

Silvino Martins Moreira,
inspecionador

S. Luiz. 31 de dezembro de 1918.

Exmo. sr. coronel secretario da fazenda

De acôrdo com o art. 68 do regulamento que baixou com o decreto n. 11, de 1 de dezembro de 1911, venho prestar-vos conta da comissão que me foi confiada pela portaria n. 389, de 5 de junho do corrente anno.

Pelos relatorios parciaes, referentes ás inspecções feitas nas colectorias de Morros Axixá, Icatú, Miritiba, Tutoia, Araiozes, S. Bernardo, Santa Quiteria, Buriti, Curralinho, e ás agencias independentes da Primeira Cruz. Corôa da Onça, Porto Formoso e Ponte Nova, facil vos terá sido reconhecer as necessidades que reclamam um volver de vistas, por parte do departamento sob a vossa digna direcção. Não obstante as circunstancias já por mim apresentadas, nos aludidos relatorios, passo a dar-vos outros esclarecimentos, com relação ás mesmas estações fiscaes.

MORROS

Tem esta colectoria á frente da sua administração o sr. Benedito Coqueiro Cantanhede um dos funcionarios que mais se distinguem no cumprimento dos seus deveres. Efectuaram-se os lançamentos determinados pela lei de orçamento em vigor, que foram elevados á somma de rs. 6:250\$235; os do exercicio passado ficaram rs. 5:949\$130. Apesar da situação financeira da vila e da sua decadencia comercial, esta colectoria ainda conseguiu arrecadar, no exercicio de 1917 a 1618, a importância de rs. 12:969\$667 tendo sido a sua renda no exercicio anterior, de rs. 12:622\$792.

AXIXÁ

Serve como colector nesta estação fiscal o sr. João de Deus Saraiva Maia, funcionario que vem mostrando o seu valor desde S. Luiz Gonzaga, onde serviu por longo tempo. Esta colectoria instalou-se em outubro de 1917 depois da criação do municipio, e por esse motivo não podemos comparar os seus lançamentos, nem arrecadações. Posso afirmar, entretanto que é uma das estações fiscaes que póde oferecer ao estado grandes lucros, porque o seu territorio é fertil e de muita produção, precisando, porém, de que v. exc. preste o maior auxilio ao funcionario que estiver á frente da sua administração afim de melhor poder desempenhar-se da sua missão.

A arrecadação, de outubro de 1917 a junho de 1918 atingiu 10:596\$908, o que faz prevêr um resultado maior, de futuro. Os

lançamentos dêste exercicio sommam rs. 7:974\$925. Não tem criação de gado nem imposto predial, porque o numero de casas de telha é insignificante

ICATÚ

Esta colectoria é dirigida pelo sr. João Candido Pinto Castro, funcionario que se recomenda, desde que serviu como adjunto de promotor na mesma localidade.

Com a desanexação do municipio do Axixá, sofreu esta estação fiscal um sensivel decrescimo nas suas rendas pois o seu territorio, apesar de extenso, não possui lavoura, nem industria, produzindo somente farinha, que é sempre exportada para a capital, onde paga os respectivos impostos. A sua arrecadação foi, no exercicio de 1916 a 1917, de rês. 25:195\$381 e de 1917 a 1918 de rs. 14:692\$822, ficando justificada a sua diminuição pelas razões acima apresentadas. Para o exercicio corrente, tivemos um lançamento de rs 7:111\$105

As colectorias que acabo de enumerar pedem as atenções de v. exc, no que diz respeito á cobrança do imposto de produção de tiquira, que organizei por lançamento, e que deve ser observado como o de fabrica de sabão. O oleo de andiróba transita dentro daquelles municipios, sem que os cofres publicos percebam o lucro do imposto que é taxado por lei.

MIRITIBA

Quando passei por esta colectoria, em 15 de julho do corrente anno, dirigia a o sr. Flavio de Mello Pires, que, conquanto seja um novo funcionario, já revela aptidão e interesse pela boa marcha do serviço publico. Os lançamentos desta colectoria atingiram a somma de rs 8:744\$525 superior á do exercicio passado. A sua arrecadação foi, no exercicio de 1916 a 1917, de rs. 11.933\$466 e no de 1917 a 1918 a de rs. 14:847\$190, havendo, portanto, um aumento de rs. 2:913\$724.

PRIMEIRA CRUZ

Agencia independente, faz parte do municipio da Miritiba e é um ponto de melhor fiscalisação. Era dirigida pelo sr. Damaso Alves de Azevedo, que de muito tempo vinha exercendo o espinhoso cargo, e prestando ao governo os melhores serviços. A sua arrecadação é inferior á de Miritiba, pelo facto de ser pequena a sua circunscrição, alem de não ter lançamento predial, pelo diminuto numero de casas de telha. A sua arrecadação, entretanto, no exercicio de 1916 a 1917, foi de rs. 7:028\$113 e no

de 1917 a 1918 de rs 7:000\$349 Os lançamentos, organisados por mim, para o exercicio corrente, somam rs 3:846\$750

Com relação a estas duas ultimas estações fiscaes, cumpre-me ponderar a v. exc. que a saída livre do sal quando destinado á capital, dá origem a que sejam prejudicadas as vendas das aludidas colectorias, porquanto muitas vezes esse genero despachado em taes condições, e com guia para a capital, podem ser vendidos em pontos intermediarios. E' certo que, se fossem tomadas medidas praticas e eficazes, se evitariam esses desvios de venda. Não ha dificuldade nenhuma para se lezar o fisco, uma vez que o sal despachado com guia para a capital, sem pagar o imposto nas respectivas estações fiscaes pode francamente negociar-se em lugares de salga, por preço muito inferior ao por que pode ficar, quando tributado á saída, e dahi vem a franca practica do contrabando, sem que o exactor possa prohibi-lo.

BARREIRINHAS

Esta colectoria, que fica á margem do rio Praguieça, e distante de Miritiba 20 a 30 leguas, é servida pelo competente funcionario Durval Alves dos Prazeres Arrecadou no exercicio de 1916 a 1917, a importancia de 10:447\$102, e no de 1917 a 1918 a de 13:947\$973; os lançamentos, que se fizeram com o maximo cuidado e criterio, registam a somma de 8:356\$914, ficando superiores ao do passado em 2:906\$325, aumento este que deve considerar-se real, porque os contribuintes nenhuma reclamação apresentaram.

TUTOIA

Fica distante das Barreirinhas umas 16 leguas e tem mostrado grande acrescimo nas suas rendas, sobretudo tendo-se em vista o rendimento do ultimo exercicio, perante o de 1917 a 1918, que foi de 39:008\$629.

Os lançamentos para este anno financeiro, demonstram uma subida de rs. 2:312\$210. Esta circumstancia deve-se á actividade do sr. Jaime Antonio da Silva Guimarães, que exerce o cargo de colector, e que com o maior interesse, administra esta colectoria. E' um dos melhores pontos de fiscalisação Mas a falta absoluta de garantias, para melhor desempenhar a comissão em que o governo o investiu, coloca-o na impossibilidade de melhor arrecadação.

ARAIOSES

Colectoria que, no exercicio de 1914 a 1915, arrecadou rs. 31:092\$703, vem progredindo sempre, desde a administração do sr. Mariano Augusto Serrão Chagas.

Rendeu, no exercicio passado, a importancia de 59:968\$752, quando, no de 1915 a 1916, teve 44:763\$352 e 47:825\$353, no de 1916 a 1917.

Os lançamentos mostram um aumento de 5:965\$517, o qual se pôde considerar a realidade de uma arrecadação incontestavel, atendendo-se ao diminuto numero de reclamações.

S. BERNARDO

Fica distante de Araiozes umas 30 leguas. E' servida pelo sr. Godofredo Corrêa Lima, que, sendo funcionario novo, tem mostrado competencia e actividade, tanto assim que, no exercicio de 1917 a 1918, a sua arrecadação foi de 24:671\$703 Comparando-a á do exercicio de 1916 a 1917, no total de 15:612\$963, apresenta um aumento de 8:998\$740 Os lançamentos para este exercicio atingiram a somma de 5:001\$980, com uma superioridade sobre o outro exercicio de 1:609\$200.

PORTO FORMOSO

E' uma agencia independente. Pertence ao municipio de S. Bernardo, que poucos resultados tem demonstrado, apesar de ficar á margem do rio Parnahiba, por onde se faz uma grande passagem de generos de exportação para o visinho estado do Piauí Está como agente o sr. Eurico de Almeida Garcia. A arrecadação do exercicio de 1916 a 1917 foi 2:059\$487 limitando-a 1:407\$340 a de 1917 a 1918 O decrescimento é justificavel, não obstante haver paralisado, algum tempo, o seu movimento, por falta de nomeação do respectivo funcionario

SANTA QUITERIA

Que fica igualmente á margem do rio Parnahiba, dista de S. Bernardo umas 8 leguas é dirigida pelo sr. Joaquim de Souza Bezerra, funcionario que já demonstrou a sua aptidão, quando serviu na colectoria de Santa Helena.

Os lançamentos, por mim fiscalizados atingiram a somma de 5:176\$260. Não obstante a decadencia do commercio, em virtude da ultima inundação do Parnahiba, ainda assim os lançamentos tiveram um aumento de 1:754\$340. As arrecadações do exercicio de 1916 a 1917 atingiram a somma de 13:991\$125 e a de 16:230\$130, no de 1917 a 1918

BURITI

Com a competencia e criterio de um funcionario exemplar, serve nesta colectoria o sr. José Lobato Martins Os lançamentos,

para o exercicio corrente, foram organizados debaixo da minha fiscalisação e importaram em 7:912\$155, superior ao do passado, que foi de 7:513\$494. A arrecadação do exercicio de 1916 a 1917 importou em 17:285\$511 e a de 1917 a 1918 em 20:412\$304

COROA DA ONÇA

E' uma agencia independente da colectoria do Curralinho, sendo seu agente o sr. José Luiz Camello, que, como os outros funcionarios, cumpre a rigor o seu dever. Foi criada pela portaria n. 125. de 17 de abril de 1917, e desde essa época que vem mostrando a vantagem da sua desanexação da colectoria a que pertencia. O rendimento, no exercicio de 1917 a 1918, elevou-se a 19:495\$088; os lançamentos para 1918 a 1919 subiram a 2.539\$750, sendo superior ao passado em 1:292\$785. Fica á margem do rio Parnahiba e dista do Curralinho umas 3 leguas, mais ou menos.

CURRALINHO

Era dirigida pelo sr. João Brazil. Para provar a dedicação dêste funcionario, basta que se realize um pequeno exame nas arrecadações feitas pelo seu antecessor, para se verificar a boa administração daquelle funcionario. Os lançamentos, para este exercicio, somaram 7:742\$570; a arrecadação do exercicio de 1916 a 1917 foi 31:148\$231 e a de 1917 a 1918 de 32:390\$676

Esta agencia fiscal está distante do Buriti umas 8 leguas.

PONTE NOVA

E' uma agencia independente da colectoria do Brejo, criada por proposta minha, no exercicio de 1915 a 1916, quando inspecionei aquella zona. Motivou-a o facto de achar-se distante 20 leguas do Brejo. Os lançamentos, para este exercicio somaram 2:729\$123, apresentando a diferença para mais de 530\$250. A sua arrecadação no exercicio de 1916 a 1917, elevou-se a rs. 1:584\$443 e no de 1917 a 1918 a 1:900\$395.

Pelas demonstrações feitas, podemos capacitar-nos de que todas as estações fiscaes deram proveito, aumentando consideravelmente as suas rendas, com excepção das do Icatú, Primeira Cruz e Porto Formoso.

As colectorias que acabo de inspecionar são servidas por diversas agencias, as quaes não evidenciam melhores frutos, pela falta de pessoas competentes na sua direcção. E' esta uma das questões que mais tenho estudado e em que, infelizmente, nada tenho conseguido. Penso ter desempenhado a comissão em que fui investido. Para tal, empreguei todos os meus esfor-

cos e boa vontade, na defeza dos interesse da fazenda estadual. Assim, espero que os meus actos niereçam a aprovação de v. exc.

Com o presente relatorio, procurei informar melhor v. exc. dos serviços realizados. Se, por ventura, v. exc. o julgar omisso, em alguns pontos, estou pronto a prestar todos os esclarecimentos que se tornem precisos.

Saúdo-vos.

José de Bittencourt,
inspeccionador



INDICE

Apresentação	Pg.	3
--------------------	-----	---

PRIMEIRA PARTE

A situação economica.....	Pg.	9
---------------------------	-----	---

CAPITULO I

Exportação.....	Pg.	13
-----------------	-----	----

CAPITULO II

Importação.....	Pg.	57
-----------------	-----	----

CAPITULO III

Confrontos entre a exp. e a imp.....	Pg.	67
--------------------------------------	-----	----

SEGUNDA PARTE

A produção do estado.....	Pg.	73
---------------------------	-----	----

CAPITULO I

A produção.....	Pg.	75
-----------------	-----	----

CAPITULO II

O valor e quantidade da produção.....	Pg.	83
---------------------------------------	-----	----

CAPITULO III

Os nossos principaes productos.....	Pg.	95
-------------------------------------	-----	----

CAPITULO IV

O nosso desenvolvimento.....	Pg.	143
------------------------------	-----	-----

TERCEIRA PARTE

A situação financeira.....	Pg.	149
----------------------------	-----	-----

CAPITULO I

A receita e a despesa.....	Pg.	153
----------------------------	-----	-----

CAPITULO II

Activo e passivo.....	Pg.	173
-----------------------	-----	-----

CAPITULO IV

A arrecadação de impostos.....	Pg.	189
--------------------------------	-----	-----

QUARTA PARTE

Providencias administrativas.....	Pg.	197
-----------------------------------	-----	-----

CAPITULO I

A reforma da contabilidade.....	Pg.	199
---------------------------------	-----	-----

CAPITULO II

Outras providencias.....	Pg.	205
--------------------------	-----	-----

Annexos.....	III
--------------	-----



M. FAZENDA
D.A - NRA - CB

20365

COM. INVEST. RIO
PORI. 114/73

Biblioteca do Ministério da Fazenda

5660-46

353.96121
R382

Maranhão, Secretaria da Fazenda

AUTOR

Relatório 1918

TÍTULO

Devolver em

NOME DO LEITOR

5660-46

353.96121
R 382

